



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANDRESSA ALVES DA SILVA

**O PROTAGONISMO TEXCOCANO NAS GUERRAS HISPANO-INDÍGENAS
ENTRE 1519-1521: AS REPRESENTAÇÕES DE IXTLILXOCHITL II EM TEXTOS
DOS SÉCULOS XVI E XVII NO VALE DO MÉXICO.**

SEROPÉDICA
2026





ANDRESSA ALVES DA SILVA

O PROTAGONISMO TEXCOCANO NAS GUERRAS HISPANO-INDÍGENAS ENTRE
1519-1521: AS REPRESENTAÇÕES DE IXTLILXOCHITL II EM TEXTOS DOS
SÉCULOS XVI E XVII NO VALE DO MÉXICO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, Área de concentração: Relações de Poder e Cultura.

Orientador(a): Dr. Luís Guilherme Assis Kalil.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central/Central de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
Com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S 586
p Silva, Andressa Alves da, 2000-
O protagonismo texcocano nas guerras hispano
indígenas entre 1519-1521: as representações de
Ixtlilxochitl II em textos dos séculos XVI e XVII no
Vale do México / Andressa Alves da Silva. -
Seropédica, 2026.
175 f.: il.

Orientador: Luis Guilherme Assis Kalil.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
História, 2026.

1. Texcoco. 2. Conquista do México. 3.
Protagonismo indígena. 4. História da América. I. Assis
Kalil, Luis Guilherme, 1984-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em História III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta TFC/Dissertação/Tese, desde que seja citada a
fonte

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANDRESSA ALVES DA SILVA

**O PROTAGONISMO TEXCOCANO NAS GUERRAS HISPANO-INDÍGENAS ENTRE
1519-1521: AS REPRESENTAÇÕES DE IXTLILXOCHITL II EM TEXTOS DOS
SÉCULOS XVI E XVII NO VALE DO MÉXICO.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 80 / 2026 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.007845/2026-04

Seropédica-RJ, 24 de fevereiro de 2026.

Nome do(a) discente: ANDRESSA ALVES DA SILVA

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM : 23 de fevereiro de 2026

Banca Examinadora:

Dr. EDUARDO NATALINO DOS SANTOS, USP Examinador Externo à Instituição
Dr. LUIZ ESTEVAM DE OLIVEIRA FERNANDES, UNICAMP Examinador Externo à Instituição
Dr. LUIS GUILHERME ASSIS KALIL, UFRRJ Presidente

(Assinado digitalmente em 24/02/2026 17:35)
LUIS GUILHERME ASSIS KALIL
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Depth/IM (12.28.01.00.00.88)
Matrícula: 2263727

(Assinado digitalmente em 02/03/2026 16:27)
LUIZ ESTEVAM DE OLIVEIRA FERNANDES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 198.144.808-00

(Assinado digitalmente em 24/02/2026 10:48)
EDUARDO NATALINO DOS SANTOS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 106.486.038-90

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **80**, ano: **2026**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **24/02/2026** e o código
de verificação: **a60711cba2**

Agradecimentos

Em primeiro lugar, assim como a Anitta, gostaria de agradecer a mim por nunca desistir. E foi nessa não desistência que consegui chegar até aqui, mesmo com muito, muito medo, pois, quando se é o primeiro da família a ingressar em uma universidade pública e obter um diploma, também se é o primeiro a abrir os caminhos desconhecidos (e isso é muito difícil).

Em segundo lugar, agradeço a todos os meus bons professores até aqui. Desde aqueles que me alfabetizaram até os que me mostraram o gosto de ensinar e aprender (Cíntia, Kelly, Fernanda, Ana Paula, Luene, D'assunção, Guedes, Kalil, Pedro, Tatiane...). Sem esses grandes profissionais, eu com certeza seria mais uma menina da periferia que entraria nas más estatísticas. Obrigada por sempre me incentivarem a ser melhor e mostrarem meus pontos positivos, mesmo quando eu não os enxergo.

Agradeço também aos amigos maravilhosos que fiz nessa jornada acadêmica, que sempre torceram com sinceridade pelas minhas conquistas e me ajudaram. Adrian, Paolo, Hugo, Juliana, Kelly, Daniel, Jordana, Felipe, Jenniffer e Paulo (meu amigo do ensino médio, mas que verdadeiramente é do ensino médio para a vida). Sem vocês, tudo seria tão sem graça e chato. Obrigada sempre pelas risadas, fofocas, passeios, visitas. Amo vocês imensamente, são meus irmãos de alma.

Não poderia deixar de dizer muito obrigada ao Kalil, que, embora saiba separar muito bem o profissional do pessoal, é não só um dos melhores professores que tive na vida, como um homem admirável. Obrigada por cada correção, incentivo, elogio e preocupação. Você tem uma grande parcela de responsabilidade na minha formação superior e eu nunca esquecerei. Que tudo o que você faz pelos seus alunos volte para você em dobro!

Já que falei do Kalil, também gostaria de mencionar o grupo de pesquisa de América Colonial do IM. Se eu passasse dois anos de mestrado sem nossas discussões, eu ficaria mais doida do que já sou. Muito obrigada, pessoal!

Terei eterna gratidão pelos professores Natalino e Estevam, por aceitarem julgar meu trabalho. Vocês são uma referência acadêmica para mim e fiquei tão feliz com todos os comentários e o tratamento gentil que tiveram comigo na qualificação — embora seja o básico, infelizmente, isso se tornou escasso na academia.

Também não poderia deixar de agradecer à professora Gláucia Montoro por ter me ajudado no momento de seleção de mestrado, quando eu não conseguia encontrar o bendito *Códice Ramírez* na internet. Obrigada, professora!

Por fim, mas não menos importante, agradeço à CAPES por financiar essa pesquisa. Se não fosse a universidade pública e os programas de bolsa, o que seria de mim? A CAPES faz parte da minha vida desde o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2020-2022), passando pelo Programa de Residência Pedagógica (2022-2023) e agora finalizando com o mestrado (2024-2026).

VIVA A UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA!

“Mas é mesmo irrelevante que a história da América esteja sendo escrita no mesmo mundo em que os meninos nunca querem ser índios?”

(Michel Rolph-Trouillot)

RESUMO

Silva, Andressa A. da. **O protagonismo texcocano nas guerras hispano-indígenas entre 1519-1521: as representações de Ixtlilxochitl II em textos dos séculos XVI e XVII no Vale do México.** 2026, 175p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2026.

A pesquisa tem como objetivo analisar as representações discursivas sobre don Hernando Ixtlilxochitl II e a cidade de Texcoco em cartas e crônicas escritas durante e após a conquista de México-Tenochtitlan, nos séculos XVI e XVII, na Nova Espanha. Diante destas obras, produzidas por diferentes atores sociais, encontramos relatos distintos sobre o mesmo episódio. Em alguns destes textos, considerados de tradição histórica texcocana, relata-se que Ixtlilxochitl II foi um dos grandes conquistadores indígenas e Texcoco, a principal cidade aliada dos espanhóis. Além disso, nestes mesmos textos, Texcoco é exaltada em comparação a Tlaxcala, cidade historicamente considerada a maior aliada dos espanhóis durante a conquista. A partir disso, utilizaremos a metodologia da análise do discurso para averiguar essas diferentes representações. Conjuntamente, teremos como base os debates acerca da noção de representação, presente em textos de Roger Chartier e François Hartog. Baseado nessas reflexões, nossa principal hipótese é a de que as tradições históricas hispânica e texcocana originaram múltiplos processos discursivos sobre os mesmos eventos. Dessa forma, observamos como os relatos constroem discursos com mais ou menos ênfase sobre grupos e indivíduos participantes das guerras de conquista durante os anos de 1519 a 1521. Além disso, essas disputas deixam claro o embate na época sobre quem deveria — ou não — ser considerado conquistador. Sendo assim, a pesquisa contribui para a Nova História da Conquista, ao analisar o protagonismo de um indígena em fontes já muito estudadas, mas que, até o momento, ainda é pouco conhecido no campo temático.

Palavras-chave: Conquista do México, Texcoco, protagonismo indígena.

ABSTRACT

Silva, Andressa A. da. **The protagonism of Texcoco in the Spanish-Indian wars between 1519-1521:** representations of Ixtlilxochitl II in 16th and 17th century texts in the Valley of Mexico. 2026, 175p. Dissertation (Master in History). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2026.

The research aims to analyze the discursive representations of Don Hernando Ixtlilxochitl II and the city of Texcoco in letters and chronicles written during and after the conquest of Mexico-Tenochtitlan in the 16th and 17th centuries in New Spain. In these works, produced by different social actors, we find distinct accounts of the same episode. In some of these texts, considered part of the Texcocan historical tradition, it is reported that Ixtlilxochitl II was one of the great indigenous conquerors and Texcoco the main allied city of the Spanish. Furthermore, in these same texts, Texcoco is exalted in comparison to Tlaxcala, a city historically considered the greatest ally of the Spaniards during the conquest. Based on this, we will use the methodology of discourse analysis to investigate these different representations. In addition, the study draws on debates surrounding the notion of representation, present in the texts of Roger Chartier and François Hartog. Based on these reflections, our main hypothesis is that different historical traditions (Hispanic and Texcocan) have given rise to multiple discursive processes regarding the same events. In this way, we observe how the accounts construct discourses with more or less emphasis on groups and individuals who participated in the wars of conquest during the years 1519 to 1521. Besides, these disputes clearly demonstrate the contemporary debate over who should — or should not — be considered the conqueror. Therefore, this research contributes to the New History of the Conquest by analyzing the leading role of an indigenous person in sources that have already been extensively studied but who, until now, is still little known in the thematic field.

Keywords: Conquest of Mexico, Texcoco, Indigenous protagonism.

LISTA DE FIGURAS E DIAGRAMAS

Figura 1 - Provável pintura de Ixtlilxochitl II em <i>Mexican Picture-Chronicle of Cempoallan and other States of the Empire of Aculhuacan</i>	22
Figura 2 - Suposto batismo de Ixtlilxochitl II.....	24
Figura 3 - Coroação de Ixtlilxochitl II e um brasão de armas em seu nome.....	26
Figura 4 - Primeiro tratado do <i>Códice Ramírez</i>	44
Figura 5 - Fragmento número 1 do <i>Códice Ramírez</i>	45
Figura 6 - Fragmento número 2 do <i>Códice Ramírez</i>	45
Figura 7 - <i>13 Relación</i> de Fernando de Alva.....	46
Figura 8 - Mapa do Vale do México por volta de 1519.....	51
Figura 9 - As seis “seções” de Texcoco, legendadas como “ <i>Parcialidad centera</i> ” na imagem... 54	
Figura 10 - Templo texcocano em chamas.....	58
Figura 11 - “ <i>Sometimiento militar</i> ”.....	63
Figura 12 - “ <i>Alianza subordinante</i> ”.....	63
Figura 13 - <i>Mapa Quinatzin</i>	67
Figura 14 - Monumento representando um coiole, animal que era o glifo de Nezahualcoyotl nos documentos pictográficos, e abaixo uma estátua do <i>tlatoani</i> na <i>Ciudad Nezahualcóyotl</i> ...69	
Figura 15 - 100 pesos mexicanos com o rosto de Nezahualcoyotl.....	69
Figura 16 - Possível representação da coroação de Cucuscasin e a prisão de Cacama.....	79
Figura 17 - Espanhóis e tlaxcaltecas chegam em Texcoco após a <i>Noche Triste</i>	82
Figura 18 - A construção dos bergantins.....	86
Figura 19 - <i>Genealogie von Tezcoco</i>	88
Figura 20 - Versão mais antiga do brasão de armas da cidade de Texcoco.....	95
Figura 21 - Região de Tlaxcala.....	104
Diagrama 1 - Representações de Texcoco.....	110
Diagrama 2 - Representações de Tlaxcala.....	111
Diagrama 3 - Representações de Ixtlilxochitl II.....	131

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cidades sujeitas a Texcoco segundo Motolinía, <i>Mapa Quinatzin</i> , <i>Anais de Cuauhtitlan</i> e Fernando de Alva.....	68
Tabela 2 - Cidades sujeitas a Texcoco segundo Torquemada e Fernando de Alva.....	68
Tabela 3 - “Critérios para sucessão ao cargo de <i>tlatoani</i> (governante) de Texcoco”	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I. BALANÇO HISTORIOGRÁFICO E FONTES.....	20
1.1 Balanço historiográfico.....	20
1.2 Fontes: tipologias textuais, autoria, contexto de produção e circulação.....	33
1.2.1. Tipologias textuais.....	33
1.2.2 <i>Cartas y relaciones</i> de Cortez.....	36
1.2.3 <i>Historia de las Indias de Nueva España e islas de Tierra Firme</i>	38
1.2.4 Fragmento número 2 do <i>Código Ramírez</i>	40
1.2.5 Obras Históricas.....	46
1.3 Síntese historiográfica e fundamentação das fontes.....	48
CAPÍTULO II. TEXCOCO: DA TRÍPLICE ALIANÇA À COLONIZAÇÃO ESPANHOLA (SÉCULOS XV-XVII).....	50
2.1 Texcoco na formação da Tríplice Aliança.....	50
2.1.1 O <i>altepetl</i> durante o domínio tepaneca.....	50
2.1.2 A Guerra Tepaneca.....	55
2.1.3 A formação e a política administrativa da Tríplice Aliança e o governo de Nezahualcoyotl.....	56
2.1.3.1 Organização tributária e política em Texcoco.....	65
2.2 A morte de Nezahualpilli e os conflitos entre irmãos.....	69
2.2.1 Nezahualpilli sucede Nezahualcoyotl.....	69
2.2.2 Morte de Nezahualpilli e o conflito sucessório.....	70
2.3 O <i>altepetl</i> dos bergantins.....	76
2.3.1 A chegada dos espanhóis ao Vale do México em 1519: alianças e oposições em Texcoco.....	76
2.4 Texcoco durante a colonização espanhola (XVI-XVII).....	87
2.4.1 Administração hispânica e a perda de poder da nobreza indígena.....	87
2.5 Conclusões: o estabelecimento e as transformações de Texcoco através dos séculos XV-XVII.....	101
CAPÍTULO III. OS INDÍGENAS NAS GUERRAS DE CONQUISTA: QUEM FORAM OS CONQUISTADORES?.....	103
3.1 Texcocanos e tlaxcaltecas: um conflito.....	103
3.1.1 Quem são os tlaxcaltecas?.....	103
3.1.2 Aliança entre tlaxcaltecas e espanhóis.....	105
3.1.3 Representações discursivas sobre o legado de protagonismo na conquista: Texcoco e Tlaxcala.....	109
3.1.3.1 Quem foi o principal <i>altepetl</i> aliado?.....	112
3.1.3.2 Crueldade X piedade.....	123
3.2 Conclusões: a disputa que se estende aos discursos.....	128
CAPÍTULO IV. PROTAGONISTA OU COADJUVANTE? REPRESENTAÇÕES DE	

IXTLILXOCHITL II NAS GUERRAS DE CONQUISTA.....	130
4.1 O protagonismo.....	132
4.1.1 Principal responsável pela tomada de México-Tenochtitlan.....	132
4.1.2 Protagonista indígena.....	136
4.2 A atuação nas guerras.....	142
4.3 Um combatente da idolatria?.....	146
4.4 A fidelidade aos espanhóis.....	154
4.5 Conclusões: os protagonismos de Ixtlilxochitl II.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS. ENUNCIACÕES E SILÊNCIOS: UM JOGO DE PODER	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	168

INTRODUÇÃO

Ao que diferentes relatos indicam, don Hernando Ixtlilxochitl II (ca. 1500-1531), também conhecido como Cortés Ixtlilxochitl (Lee; Brokaw, 2014, p. 11), se rebelou em 1516 quando seu irmão, Cacama, foi escolhido para substituir Nezahualpilli, seu pai e *tlatoani*¹ de Texcoco. Em seguida, o texcocano tomou a parte norte da província de Acolhuacan² para si e permaneceu em dissidência até a chegada dos espanhóis, quando se aliou a eles, tornando-se capitão dos acolhuas e, posteriormente, *tlatoani* de Texcoco (1526-1531). Em algumas narrativas sobre a participação da cidade de Texcoco nas guerras, outros irmãos de Ixtlilxochitl II também são descritos, seja como aliados (Cucuscasin e Tecocoltzin) ou opositores dos espanhóis (Cacama e Coanacoch). Com isso, Texcoco, que desde 1428 fazia parte da Tríplice Aliança, após a chegada dos espanhóis tornou-se uma das principais cidades que compuseram os exércitos indígenas contra os tenochcas entre 1519 e 1521, possibilitando aos estrangeiros atacarem México-Tenochtitlan a partir do Lago de Texcoco. Partindo deste contexto, a presente pesquisa tem como objeto analisar as representações, através de diferentes discursos, sobre Texcoco e Ixtlilxochitl II durante o período de guerra contra México-Tenochtitlan, em cartas de relação e crônicas produzidas entre os séculos XVI e XVII na Nova Espanha.

O interesse por pesquisar a participação da cidade e de Ixtlilxochitl II em obras coloniais surgiu após a leitura de um trecho do *Códice Ramírez*, presente no livro *Relatos astecas da conquista* (1999), de Georges Baudot e Tzvetan Todorov, lançado em 1983. Os autores transcreveram a parte final do Fragmento número 2 do *Códice*, o qual descreve Ixtlilxochitl II sendo líder da conquista³ e subindo o *Templo Mayor*⁴ dos mexicas. Tal relato nos chamou a atenção por citar um personagem indígena, praticamente desconhecido pela historiografia brasileira, como conquistador. Além disso, Ixtlilxochitl II foi um *pipiltin*⁵ de um

¹ *Tlatoani* era o título mais importante em um *altepetl*, pois era o governante, o líder político e militar desta região.

² Região na qual a cidade de Texcoco estava localizada.

³ Reconhecemos a problemática em torno da palavra “conquista” e na sua aplicação a esse contexto. Por conta disso, consideramos, no sentido teórico e epistemológico, que “guerra” contextualiza melhor o evento, principalmente “guerras hispano-indígenas”, como adotado por Matthew Restall (2019). No entanto, embora “conquista” seja um termo simplista e desconsidere as continuidades físicas e culturais dos indígenas após 1521, ainda é a expressão mais utilizada para esse marco histórico, além de servir, no âmbito textual, como um sinônimo para não repetirmos sempre “guerras hispano-indígenas”.

⁴ Templo religioso dos nahuas.

⁵ Termo que designa o nahua nobre. Somente indivíduos desse grupo podiam ser *tlatoque* (plural de *tlatoani*).

*altepetl*⁶ da Tríplice Aliança, não um rival, como Tlaxcala, por exemplo. Com isso, ao pesquisar mais sobre o personagem, descobrimos outras fontes que o representaram na tomada da capital mexicana e escolhemos quatro delas para analisar, utilizando dois critérios essenciais: 1. nomearem Ixtlilxochitl II e/ou 2. ressaltarem a participação dos texcocanos na conquista.

Seguindo em ordem cronológica, a primeira fonte é um conjunto de cartas, chamado *Cartas y relaciones de Hernan Cortés al emperador Carlos V* (1866) [1519-1526], que possui menos menções a Ixtlilxochitl II, sendo este nomeado somente duas vezes ao longo das cinco cartas, que contabilizam mais de 200 páginas. No entanto, em tal material encontramos muitas menções aos texcocanos e à cidade, principalmente após a expulsão dos espanhóis e seus aliados na *Noche Triste*⁷. Aqui, Ixtlilxochitl II é retratado como um entre vários irmãos, filhos do falecido *tlatoani* Nezahualpilli, que auxiliaram os espanhóis no cerco aos tenochcas. Segundo Cortez, a partir de 1520, Ixtlilxochitl II tornou-se capitão dos acolhuas, a mando de seu irmão Tecocoltzin, que estava como *tlatoani* de Texcoco por ter se aliado aos espanhóis.

A segunda obra é a *Historia de las Indias de Nueva España e Islas de Tierra Firme* (1867 e 1880) [1579], de Diego Durán. Embora escrita por um dominicano, ela fornece um relativo protagonismo a Ixtlilxochitl II — ainda que seja mencionado menos do que nas outras duas fontes —, relatando que este foi um fiel aliado de Cortez, muito importante para a conquista de México-Tenochtitlan e que dominou o *Templo Mayor* da cidade ao lado do espanhol.

Em terceiro lugar, elegemos o Fragmento número 2 do *Códice Ramírez* (1987) [158?]. Alguns estudos indicam que esse fragmento foi anexado ao *Códice* anos depois, sendo uma fonte totalmente distinta e com caligrafia diferente. Seguindo esta interpretação, enquanto o Fragmento provavelmente é um rascunho de uma das obras de Fernando de Alva, há um consenso de que Juan de Tovar escreveu o *Códice* no século XVI (Centeno; Zavala, 2024; Montoya, 2005)⁸. Embora a autoria seja indeterminada, o texto revela um favorecimento discursivo aos texcocanos, principalmente a Ixtlilxochitl II. Neste relato, o processo de conquista inicia-se com a chegada de Cortez em Texcoco e, ao longo da narrativa, Ixtlilxochitl II é o grande protagonista, superando Cortez e os espanhóis. Aqui, o nobre texcocano é apontado como o responsável por guiar os hispânicos nas batalhas e também por subir e

⁶ Segundo James Lockhart, *altepetl* tem um significado parecido com o que chamamos de cidade. No entanto, suas principais características eram ser um estado étnico e possuir um *tlatoani* (Lockhart, 1999, p. 27).

⁷ Evento no qual os espanhóis e seus aliados foram expulsos de México-Tenochtitlan pelos mexicas entre junho e julho de 1520.

⁸ A discussão mais aprofundada sobre o assunto está presente no Capítulo 1.

arrancar a cabeça de um monumento em homenagem a um deus no *Templo Mayor* de México-Tenochtitlan, relato parecido ao presente na obra de Durán.

Por último, temos as *Obras Históricas de Don Hernando Alva Ixtlilxochitl* (1891 e 1892) [ca. 1600-1611? e ca. 1610-1640?], escritas pelo trineto do personagem aliado de Cortez. Esta fonte pode ser considerada a mais descritiva sobre a participação de Texcoco e Ixtlilxochitl II na conquista de México-Tenochtitlan, indo até os anos de 1526, com a expedição para Honduras, que também contou com a participação do personagem. Nos dois tomos, temos extensas narrativas sobre a história e a dinastia texcocana, escritas de forma teleológica até a conquista, justificando a aliança com os espanhóis. O autor critica diversas vezes o silenciamento acerca da ajuda de seu antepassado na conquista. Segundo ele, os descendentes do conquistador se encontravam prejudicados social e economicamente pela falta de reconhecimento de seus feitos, além de terem perdido terras e prestígio para alguns *macehualtin*⁹. As obras do cronista tinham, obviamente, o intuito de exaltar sua linhagem, para que assim fosse provado o seu merecimento em cargos na burocracia hispânica.

Dessa forma, nos debruçaremos sobre essas fontes para observarmos as representações sobre a figura de Ixtlilxochitl II e Texcoco no processo de conquista de México-Tenochtitlan, buscando compreender como o personagem e a cidade são construídos em cada um destes discursos. Logo, nosso intuito com a pesquisa é analisar as tensões e semelhanças nas interpretações e propagações históricas em diferentes documentos dos séculos XVI e XVII sobre o protagonismo — ou não — do personagem e da cidade nas guerras. Para isso, utilizaremos a metodologia da análise de conteúdo juntamente com a análise do discurso, baseando-se nos livros *Análise de Conteúdo* de Laurence Bardin (2011) e *Análise de discurso: Princípios e procedimentos* de Eni Puccinelli Orlandi (2016).

Cientes do fato de que ambas as propostas possuem finalidades distintas, adaptamo-las à nossa demanda. Nesse caso, utilizamos a análise do discurso para compreender como o discurso funciona e como é construído nos textos, considerando o contexto histórico e o sujeito que escreve — diferentemente da AC¹⁰, que possui maior compromisso com a “verdade”, buscando o que o texto diz. No entanto, a AC, como descrita no livro de Bardin (2011), nos dá mais ferramentas para a organização do material de análise — embora haja semelhanças entre ambas. Com isso, utilizamos a AC na fase da pré-análise para separar, nas fontes escolhidas, as temáticas que serão analisadas. Logo, categorizamos as unidades de

⁹ Palavra em *nahuatl* usada para designar os grupos indígenas subordinados aos nobres, incluindo camponeses, comerciantes, entre outros.

¹⁰ Abreviação comumente usada para se referir à análise de conteúdo.

registros nos seguintes temas relacionados à conquista: 1. a agência de Ixtlilxochitl II, 2. o papel de Texcoco no processo, 3. os discursos sobre Tlaxcala e 4. a atuação de Cortez e/ou dos espanhóis. Após isso, empregamos a AD¹¹ para “de-superficializar” os textos, compreendendo-os para além do conteúdo, e assim podermos perceber os processos discursivos, isto é, como os discursos são construídos nas obras (Orlandi, 2016, p. 65).

Dito isso, nosso exercício de análise consistiu na leitura dos trechos escolhidos e na comparação entre seus conteúdos. Além disso, levamos em consideração o contexto de produção das obras em relação aos autores e período histórico, que sofreram influência não só das diferenças étnicas e sociais, mas também das notórias mudanças políticas e administrativas no território do Vale do México. Para isso, nos guiamos a partir das perguntas:

- De que forma Ixtlilxochitl II é representado em diferentes relatos coloniais?
- Texcoco é relevante no processo de conquista nesses relatos?
- Há diferenças representacionais sobre o protagonismo texcocano e tlaxcalteca? Em caso positivo, quais e como elas se apresentam?
- O contexto de produção das obras influenciou essas representações?

Posteriormente, construímos um dispositivo de investigação que consistiu na criação de categorias representacionais sobre Ixtlilxochitl II, Texcoco e Tlaxcala, cidade que aparece em alguns discursos como contraponto à representação positiva de Texcoco. Sobre Ixtlilxochitl II, direcionamos nossa atenção para o protagonismo na conquista, na atuação nas guerras, no âmbito do cristianismo e na fidelidade aos espanhóis. Em relação às cidades, nos concentramos nas representações de principal aliada ou não dos espanhóis e na atuação de ambas nas guerras.

Por fim, para fins didáticos, inserimos o esquema de representações dessas categorias em três diagramas de Venn, apresentados nos Capítulos 3 e 4, nos quais podemos enxergar, de forma mais objetiva, as divergências ou não da construção de discursos nas fontes sobre o objeto de pesquisa.

Para analisar o discurso das fontes escolhidas, também temos como aporte conceitual e teórico as discussões sobre representação presentes nas obras de Roger Chartier (1991; 2002) e François Hartog (1999). Como já apontado anteriormente, nosso objetivo principal consiste em identificar e analisar as representações sobre Ixtlilxochitl II e Texcoco. Contudo, também analisamos como essas fontes representam e/ou silenciam os tlaxcaltecas, já que percebemos

¹¹ Abreviação para a análise do discurso.

“lutas de representação” nesses discursos, que dão ênfase a alguns atores sociais em detrimento de outros. Sobre esse termo, Chartier nos diz que

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade. (Chartier, 1991, p. 183-184)

Dito isso, acreditamos que identificar e analisar essas representações também contribuirá para refletirmos sobre a participação de diferentes sujeitos na conquista de México-Tenochtitlan e nos relatos produzidos sobre ela.

A partir da noção¹² de representação, Chartier analisa como uma sociedade se autorrepresenta ou representa os outros. De acordo com o autor, a representação não se preocupa estritamente com o real — embora opere nele e o afete —, mas com aquilo que se constrói sobre o outro. Logo, falar de representação também é discutir alteridade, assunto abordado por Hartog (1999).

Enquanto Chartier estuda a sociedade francesa do Antigo Regime para discutir sobre representação e circulação de manuscritos, Hartog debate sobre representação e alteridade ao analisar Heródoto, historiador grego, que relatou em sua obra diversas sociedades da Antiguidade em contraste com a Grécia. Hartog percebe que, mais do que se preocupar com a veracidade ou não dos escritos de Heródoto, nós, historiadores, podemos lançar um olhar crítico sobre a sua obra, analisando a retórica da alteridade e as representações construídas pelo autor para fazer dessas sociedades algo apreensível para os leitores gregos. Ou seja, em seus discursos, havia aspectos de poder e de tradução de outras culturas, saberes e práticas. Desse modo, o historiador explora quais marcas de enunciação o grego deixou em seus discursos e quais estruturas narrativas foram escolhidas. Com isso, Hartog analisa o texto de Heródoto na tentativa de compreender como funcionam seus discursos. Segundo o autor,

Os efeitos que a obra produz, eu diria, atuam no imaginário, entendido como faculdade de representação. Que efeitos? Entenda-se bem: o texto é transmissor de conhecimentos, fornecendo explicitamente informações novas. Mas prender-se a esse efeito de conhecimento conduz a não levar-se em conta a organização do texto como narrativa, a deixar de considerá-la como narrativa [...] Mas o efeito que eu viso

¹² Concordamos com Ciro Flamarion Cardoso quando este argumentou que representação é mais uma noção do que um conceito, já que não há uma definição concreta do que ela é. Sendo assim, diversos autores utilizam o termo de forma diferente (Cardoso, 2000, p. 9-39). Para compreender melhor o que diferencia noção e conceito, ver Barros, 2022.

é o que se produz no nível da estrutura da narrativa, ou melhor, daquilo que estrutura a narrativa: o que permite ao narrador construí-la, bem como, ao destinatário, “lê-la”, calcular o sentido dos enunciados ou, ainda, os códigos implícitos que o organizam? (Hartog, 1999, p. 322)

Do mesmo modo, visamos compreender essas estruturas nos textos, identificando e analisando distintas enunciações e silenciamentos sobre a conquista, verificando como grupos distintos — sejam eles indígenas, mestiços, americanos ou espanhóis — constroem representações de si e do outro. Esse exercício nos dará a capacidade de apreender disputas narrativas sobre a conquista entre os próprios indígenas, reafirmando o protagonismo nativo tanto na conquista quanto na vida colonial da Nova Espanha.

Dito isto, a hipótese principal do trabalho é a de que as diferentes tradições históricas que compõem as fontes influenciaram os discursos e representações sobre Ixtlilxochitl II e os texcocanos. Enquanto os textos de Cortez projetam o capitão como o principal ator da conquista, o *Códice* e as *Obras*, baseados na tradição texcocana, classificam Ixtlilxochitl II como o verdadeiro conquistador de México-Tenochtitlan e Texcoco, a principal aliada dos espanhóis. Por outro lado, a obra de Durán, tendo influência tanto da tradição hispânica e cristã quanto da texcocana, não diminui a participação dos espanhóis; todavia, atribui um protagonismo significativo a Ixtlilxochitl II nas batalhas e na amizade com Cortez.

Em segundo lugar, também acreditamos que uma das estratégias discursivas do Fragmento número 2 do *Códice* e das *Obras* — provavelmente escritos pelo mesmo autor — foi deslegitimar Tlaxcala como a principal aliada dos espanhóis, aspecto consensual na historiografia desde a publicação das cartas de Cortez. Isto é, nestes dois textos de tradição histórica texcocana, foi construído um embate discursivo contra a memória que se tinha dos aliados indígenas, a fim de promover Texcoco como peça-chave na conquista.

Sendo assim, com base na Nova História da Conquista¹³, visamos contribuir para que personagens pouco conhecidos e pesquisados, como Ixtlilxochitl II, recebam mais notoriedade. Ademais, para que possamos observar e refletir sobre a multiplicidade de demandas e agências dos nahuas durante e após as guerras. Justamente por isso, também adotamos o termo “guerras hispano-indígenas”, defendido por Matthew Restall como a expressão que melhor se encaixa para o contexto, já que envolveu uma guerra total, com

¹³ Corrente historiográfica que, ao menos desde os anos de 1990, tem influenciado historiadores a revisitarem antigos documentos ou encontrarem novos com o intuito de estudar o protagonismo de indivíduos que, por muitos séculos, foram silenciados na historiografia da conquista, tais como as mulheres, negros e indígenas (Restall, 2012).

participação de diferentes povos, e não efetivou, de certa forma, a “conquista” dos mexicas, embora sejam inegáveis as mudanças realizadas pelo poder colonial hispânico (Restall, 2019).

Para a construção da dissertação, iniciamos com um capítulo que apresenta o debate historiográfico sobre a cidade de Texcoco e, especificamente, de Ixtlilxochitl II, no período pré-hispânico e colonial, além de contextualizar as fontes de análise. Nosso objetivo é discutir os principais pontos da historiografia sobre o tema e apresentar os diferentes tipos de fontes, seus autores e conteúdos, para que, durante a análise documental, os leitores compreendam como o contexto de produção foi importante para os discursos e representações sobre o personagem e a cidade.

O segundo capítulo possui um caráter mais descritivo, no qual fazemos um apanhado geral sobre a cidade e seus aspectos mais importantes durante a formação da Tríplice Aliança (1428) até o primeiro século do período colonial (XVII). Pelo fato de não haver trabalhos em língua portuguesa sobre a temática, julgamos importante essa contextualização, além de nos permitir compreender a aliança da cidade tanto com México-Tenochtitlan quanto com os espanhóis, e as consequências disto no período colonial.

Em seguida, os dois últimos capítulos introduzem as análises documentais. No terceiro, investigamos como o protagonismo de Texcoco é representado. Diante disto, percebemos que a cidade é protagonista no *Códice* e nas *Obras Históricas*, enquanto nas *Cartas y relaciones* e *Historia de las Indias* é uma das mais importantes, mas não a principal, sendo Tlaxcala considerada por Cortez como a grande aliada dos espanhóis. Entretanto, no *Códice* e nas *Obras*, o protagonismo de Texcoco é enfatizado, ao passo que Tlaxcala é renegada ao posto de coadjuvante.

Por fim, o último capítulo dedica-se à análise das representações de Ixtlilxochitl II através de diversas categorias relacionadas ao seu protagonismo. A partir disso, observamos que o personagem, assim como Texcoco, também é parte central dos textos do *Códice* e das *Obras*, os quais o representam como o verdadeiro conquistador de México-Tenochtitlan e principal aliado dos espanhóis. Ainda que com menos citações, a *Historia de las Indias*, escrita com base em alguns relatos texcocanos, apresenta Ixtlilxochitl II como um protagonista indígena das guerras. Em contraste, Cortez quase não menciona o texcocano e, ainda que o descreva como um grande capitão, direciona o protagonismo para si.

Dessa forma, a pesquisa pretende demonstrar como as tensões da “conquista” não se encerraram em 1521, mas continuaram por meio dos discursos propagados por diferentes tradições históricas, que incluíram uma gama de especificidades que superam a simples

dicotomia entre fontes espanholas e indígenas. Logo, através das análises, concluímos que existiram lutas de representações entre as tradições hispânica e texcocana, além da texcocana e tlaxcalteca, que divergiram em relação aos protagonistas da conquista.

CAPÍTULO I. BALANÇO HISTORIOGRÁFICO E FONTES

Neste capítulo introdutório, faremos um breve balanço historiográfico, a fim de analisarmos trabalhos relevantes produzidos sobre Texcoco e que abordam a figura de Ixtlilxochitl II, além de descrevermos aspectos essenciais das fontes selecionadas para a presente dissertação. Acreditamos que a descrição das fontes, a reflexão sobre seus autores, os contextos de produção e suas respectivas tipologias textuais são fulcrais para a compreensão da temática, dos objetivos, métodos, conceitos, hipótese e resultados da pesquisa.

1.1 Balanço historiográfico

De antemão, cabe salientar que, até o momento da realização desta pesquisa, tivemos acesso somente a um artigo acadêmico no qual Ixtlilxochitl II é, de certa forma, o tema principal. No entanto, vemos que o personagem é mencionado em textos sobre a conquista de México-Tenochtitlan ou estudos sobre as obras de Fernando de Alva Ixtlilxochitl¹⁴, seu trineteto. Contudo, na maioria das vezes, Ixtlilxochitl II ficou relegado a ser o homem no qual Fernando de Alva baseou-se para justificar o sangue nobre e o mérito para obter bens e boa posição social no século XVII. Obviamente, o fato de haver pouca menção a Ixtlilxochitl II na historiografia causa um vácuo de informações capazes de contribuir para um contexto maior sobre a sua vida nesta pesquisa. Além disso, faz com que o personagem seja pouco conhecido nos debates sobre a conquista de México-Tenochtitlan, se compararmos com outras personalidades indígenas, como Malinche, a tradutora dos espanhóis, ou Maxixcatzin e Xicotencatl, líderes tlaxcaltecas.

Ademais, em comparação com as investigações acerca de México-Tenochtitlan, Texcoco torna-se uma cidade menos abordada na historiografia, embora sua importância seja inegável para as mudanças políticas, econômicas e sociais no Vale do México durante o fim da década de 1510 e início dos anos de 1520.

O único trabalho que encontramos que possui Ixtlilxochitl II como personagem principal é o artigo *Ixtlilxochitl II e Cempoallan: A Preliminary Study of a Mexican Picture-Chronicle*, de H. S. Reed¹⁵. Neste pequeno estudo, o autor faz um breve apanhado de

¹⁴ Para evitar qualquer tipo de confusão entre o nome do cronista e de seu trisavô, Ixtlilxochitl II, optamos por, daqui em diante, mencionar o autor somente como “Fernando de Alva”.

¹⁵ Não há nenhuma informação sobre o autor no artigo, a não ser a assinatura “University of California, Berkeley” embaixo de seu nome, na última página. No entanto, ao fazer uma busca pelo seu nome, encontramos

uma crônica pictórica sobre Cempoala. Segundo ele, em 1890, Bernard Quaritch publicou um fac-símile do manuscrito, descoberto por volta de 1846 pelo padre francês Charles-Étienne Brasseur de Bourbourg. Reed diz que pouco se sabe sobre a origem do documento, mas que ele foi feito em folha de maguey e que a crônica dá destaque a Ixtlilxochitl II. De acordo com o autor, o manuscrito original foi provavelmente produzido por um texcocano sob a direção de um espanhol por volta de 1530¹⁶ (1938, p. 66) e oferecido a Ixtlilxochitl II para consolá-lo, já que, com o passar do tempo, ele perdeu seus principais pagadores de tributos:

The Spaniards proclaimed him king of Tezcuco in 1521, but it was an empty honor. The piece of picture-writing under consideration possibly may have been presented to Ixtlilxochitl to console him by delineating the nobility of his ancestry and recalling the list of former tribute-paying cities. (1938, p. 69)

O autor supõe isso, pois descreve que há, na primeira folha do manuscrito, uma ilustração do líder texcocano. Reed explica que Cempoala fazia parte das cidades tributárias de Acolhuacan, mas, anos antes da chegada de Cortez, foi tomada por Montezuma (1938, p. 69-70). Por fim, ao que parece, o intelectual se interessou pela obra principalmente porque ela destaca muitos magueys e mandiocas, o que, para ele, indica serem produtos tributados na época.

Após a leitura do artigo, buscamos pela publicação do fac-símile. Logo de início, Quaritch faz um estudo preliminar da obra e deixa uma nota explicando que a primeira pintura, de acordo com as anotações de Bourbourg, é de Ixtlilxochitl I. No entanto, segundo ele, trata-se de Ixtlilxochitl II, quando estava no norte de Acolhuacan em dissidência com seus parentes (Quaritch, 1890, p. 9).

um obituário na revista *Nature*, de 1950, anunciando o falecimento de um botânico, professor da University of California desde 1935, chamado Howard Sprague Reed. Segundo o texto, além da paixão pelas plantas, Reed era um interessado pela língua e cultura asteca: “*Always keenly interested in the classics, he had an avid interest also in ancient history and ancient cultures, especially in the Aztec language and culture.*”. Portanto, acreditamos que esse seja o autor do artigo. Ver em: Frederick Campion Steward e Jean Dufrenoy (1950, p. 586-587).

¹⁶ Porém, para Analú López, o códice é uma produção do início do século XVIII, cujo intuito era reclamar sobre territórios perdidos. Segundo López: “*Algunos académicos, como Stephanie Wood, han especulado que el documento, como otros de este tipo, fue diseñado para parecer más antiguo con el fin de validar aún más los reclamos de tierras establecidos desde hace mucho tiempo. Dado que no parece un códice típico, el Codex Zempoala a menudo se conoce como un “libro de tierras de aldea”.*”. (López, 2021).

Figura 1 - Provável pintura de Ixtlilxochitl II em *Mexican Picture-Chronicle of Cempoallan and other States of the Empire of Aculhuacan*.



Fonte: Quaritch, 1890, ilustração 139.

Dentre os poucos trabalhos que abordam a trajetória de Ixtlilxochitl II, podemos citar *Fernando de Alva Ixtlilxochitl's Texcocan Dynasty Nobility, Genealogy, and Historiography* (2014), de Pablo Loaeza; *The native conquistador: Alva Ixtlilxochitl's account of the conquest of New Spain* (2015), de Amber Brian, Bradley Benton e Pablo Loaeza; *Tezcoco en el proyecto lingüístico e histórico de los franciscanos y jesuitas e Cacicazgo, religión y sociedad mestiza de Tezcoco, 1600-1790*, de Javier Eduardo López (2017); e *Poder e adaptações culturais nas crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchtil: a legitimação social e política das elites indígenas de Texcoco (final do século XVI e início do XVII)* (2018), de Dayane Pereira. Já em anos recentes, destacam-se dois artigos de Clementina Battcock: *El protagonismo de Tetzco en la Conquista a través del lente de Fernando de Alva Ixtlilxóchtil*, com a coautoria de Sérgio Galicia (2022), e *Las disputas por las memorias de la conquista: la crónica de Fernando de Alva Ixtlilxóchtil* (2022), com a participação de Jhonnatan Alejandro Zavala López.

O artigo de Pablo Loaeza faz parte do livro *Texcoco: prehispanic and colonial perspectives* (2014), organizado por Jongsoo Lee e Galen Brokaw, obra muito importante para nossa pesquisa, por fazer um apanhado geral sobre a cidade antes e durante o período colonial. Neste texto, Loaeza identifica como Fernando de Alva configura e reivindica em

suas obras uma dinastia poderosa, com uma linhagem fundadora e longínqua, remetendo ao fundador Xolotl do século XIII. O literato mostra que, segundo o cronista, embora a conquista espanhola tenha interrompido um futuro grandioso para os descendentes de Xolotl, a nobreza de Texcoco foi importante para a instalação do cristianismo, evento que já havia sido previsto por Quetzalcoatl e depois concretizado por Ixtlilxochitl II (Loaeza, 2014, p. 226). Em meio a essa análise, o autor cita, brevemente, a importância de Ixtlilxochitl II na vida dos seus descendentes e que seu sobrenome se tornou um símbolo de poder. Contudo, seu objetivo não é se aprofundar no filho rebelde de Nezahualpilli:

After the conquest of Mexico, the name Ixtlilxochitl was kept by his descendants as proof of their identity and a guarantee of their inheritance rights. When, for reasons undetermined, Fernando de Alva Ixtlilxochitl changed his name from Hernando de Peraleda Ixtlilxochitl, he held on to the name that obviated his distinguished indigenous ascendancy. (Loaeza, 2014, p. 229)

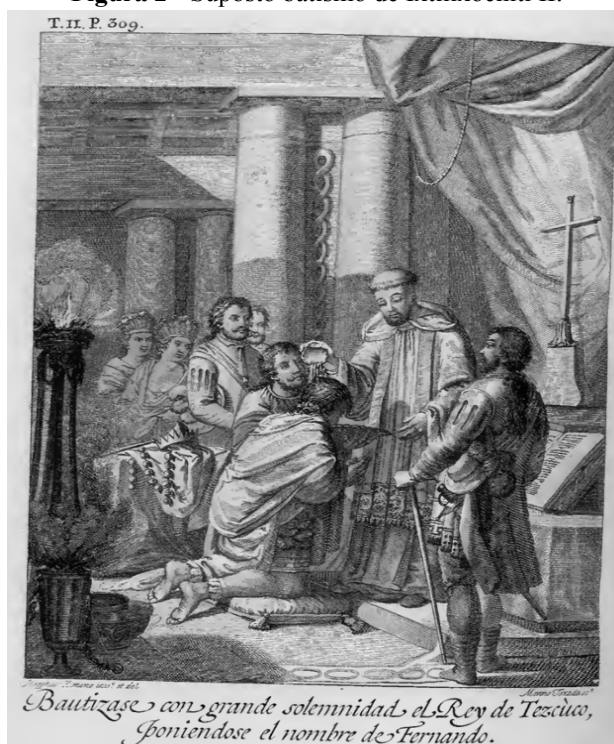
A obra de Amber Brian, Bradley Benton e Pablo Loaeza é uma tradução para o inglês da 13ª Relação da *Historia Chichimeca* de Fernando de Alva, na qual ele discorre sobre a chegada dos espanhóis, a conquista de México-Tenochtitlan até a expedição para Honduras. Logo, não se trata de um estudo analítico da obra. Contudo, os editores apresentam um panorama da crônica do escritor. Dessa forma, deixam claro quem é o personagem principal desse capítulo: Ixtlilxochitl II.

No epílogo, os autores fazem uma interessante reflexão sobre a falta de menção ao personagem nos estudos americanistas. Além disso, apontam que Ixtlilxochitl II foi considerado traidor da nação, durante o século XIX, por ter se aliado aos espanhóis durante a conquista. No entanto, não se aprofundam na questão:

Unfortunately, we know little of what happened to Ixtlilxochitl after the conquest. Alva Ixtlilxochitl's accounts do not go beyond the events described at the end of the "Thirteenth Relation," and Ixtlilxochitl does not figure prominently in very many archival documents or in any other postconquest histories. Ixtlilxochitl is also absent from Mexico's national pantheon of heroes because of his alliance with the Spaniards, which later generations of Mexican intellectuals came to regard as traitorous. For example, Carlos María de Bustamante, a foremost advocate of Mexican independence, scathingly condemns Ixtlilxochitl in the prologue to his 1829 edition of the "Thirteenth Relation." After detailing Ixtlilxochitl's perceived betrayals, Bustamante asked rhetorically, "Who then would not see in Ixtlilxochitl one of the greatest enemies of his country?" (xxi; our translation). Modern scholars have been a bit more generous in their appraisals of Ixtlilxochitl. Frederic Hicks cast Ixtlilxochitl as a pragmatist, noting that "loyal allies of a victorious lord could expect to be rewarded, with lands, vassals, and perhaps political posts, as well as material gifts, while defeated enemies would be lucky to escape with their lives" (1994, 236). (2016, p. 115-116)

Em 2017, Javier Eduardo López publicou dois artigos no livro *De Catemahco a Tezcoco: origen y desarrollo de una ciudad indígena*, coordenado por ele, no qual o autor faz algumas referências a Ixtlilxochitl II. No primeiro artigo, dedicado à atuação religiosa dos franciscanos e jesuítas em Texcoco, o historiador classifica o líder texcocano como o primeiro cristão da cidade, sendo batizado pelo fray Bartolomé de Olmedo. Neste texto, o autor reproduz uma pintura do batismo do personagem, originalmente incluída no livro *Historia de la Conquista de México, población y progresos de la América Septentrional, conocida por el nombre de Nueva España*, de Antonio de Solís¹⁷ (2017, p. 122). No entanto, ao lermos o capítulo do livro de Solís que antecede a imagem, percebemos que não há como comprovar se essa pintura representa Ixtlilxochitl II, já que tanto o texto quanto a legenda da figura descrevem um rei de Texcoco chamado “Fernando”. Isto se deve ao fato de que Tecocoltzin, irmão de Ixtlilxochitl II, tornou-se *tlatoani* em 1520 e também foi batizado como “Fernando Cortés”, segundo Benton (2017, p. 183). Mas, vale destacar que a descrição de Solís, ao falar que o rei aparentava ter entre 19 e 20 anos, se assemelha muito ao relato de Cortez acerca de Ixtlilxochitl II (Solís, 1784, p. 308; Cortés, 1866, p. 219).

Figura 2 - Suposto batismo de Ixtlilxochitl II.



Fonte: Solís, 1784, p. 309.

¹⁷ Antonio de Solís foi um historiador, dramaturgo e cronista real da Espanha, que viveu durante o século XVII. Sabe-se que, na década de 1670, o autor já estava produzindo a *Historia*, mas a obra só foi finalizada em 1682 e publicada em 1684 (Serralta, 1986; Fernández-Carrión, 2022).

No segundo artigo, no qual debate sobre o *cacicazgo*¹⁸, religião e mestiçagem em Texcoco no período colonial, o autor aponta como Ixtlilxochitl II foi um personagem importante, sendo retratado em imagens como a *Stammbaum des königlichen Geschlechtes von Tetzco* (ver Figura 19) e no livro de Diego García de Panes¹⁹, representando sua coroação (López, 2017, p. 225-231), provavelmente como líder de Texcoco.

¹⁸ *Cacicazgo* era uma espécie de conjunto de posses, títulos e tributos de uma família indígena considerada nobre. O termo, adotado pelos espanhóis, foi inspirado no sistema hispânico de *mayorazgo*, que possuía uma dinâmica parecida de posses e herança entre familiares (Bornemann, 2005).

¹⁹ Diego García de Panes foi um militar e engenheiro espanhol que atuou na Nova Espanha durante os séculos XVIII e XIX. Durante sua vida, sempre nutriu uma paixão pela história do território e decidiu, por conta própria, escrever o *Theatro de la Nueva España*. Através da sua aproximação com autoridades do Vice-Reino, conseguiu ter acesso a diferentes documentos, utilizados para “mostrar gráficamente la historia mexicana, desde su antigüedad hasta su día.” (Villar, 2000, p. 85).

Figura 3 - Coroação de Ixtlilxochitl II e um brasão de armas em seu nome.²⁰



Fonte: Panes, 1877, f. 109r.

Em 2018, Dayane Pereira defendeu uma dissertação sobre a legitimação da nobreza texcocana nas crônicas de Fernando de Alva. A autora realizou uma pesquisa inédita em língua portuguesa, embora o assunto seja bastante estudado no México e nos Estados Unidos. Pereira retoma argumentos já elaborados por outros estudos, que demonstram as intenções do cronista de se destacar em uma sociedade na qual os nobres indígenas perdiam prestígio. Nesse ínterim, Fernando de Alva auxiliou seus pais na recuperação do *cacicazgo* de Teotihuacan, herdado por sua mãe, processo no qual, em poucos anos, obtiveram êxito. Nessa análise, a autora destaca o protagonismo que o cronista atribuiu a Ixtlilxochitl II no *Compendio Histórico del Reino de Texcoco*. Segundo ela:

²⁰ Embora, até o momento, não tenhamos encontrado nenhuma pesquisa que afirme que Ixtlilxochitl II recebeu um brasão de armas, Fernando Horcasitas publicou um artigo em 1978 divulgando dez documentos do *cacicazgo* texcocano durante os séculos XVI ao XIX. O quarto documento, denominado *Concesión real de privilégios a don Fernando Ixtlilxóchitl*, datado de 1551, sugere que foi concedido a vários filhos de Nezahualpilli, incluindo o líder texcocano, o direito de usar “armas” (brasão de armas). No entanto, o autor esclarece que esse texto é falsificado e possui muitos indícios de ter sido produzido no século XVIII, além de estar escrito ou copiado em papel carimbado de 1808-1809 (Horcasitas, 1978, p. 12-14). Destaca-se também que Ixtlilxochitl II faleceu em 1531, ou seja, não faria sentido receber privilégios 20 anos após a sua morte. Sendo assim, não tendo outros indícios sobre algum brasão de armas em nome do personagem, suponho que essa pintura possa ter sido cópia de um brasão falsificado, que dava respaldo ao documento que Horcasitas cita em seu artigo. Em relação à representação de Ixtlilxochitl II sendo coroado, a imagem se assemelha bastante à pintura de Juan e Miguel González (ver Figura 16).

O personagem Ixtlilxóchitl II era um dos principais membros das elites indígenas de Texcoco durante o período da conquista, e foi descrito pelo autor como aquele que visualizou os espanhóis como amigos, os quais teriam a força necessária para causar a ruína das etnias inimigas de Texcoco. (Pereira, 2018, p. 65)

Quatro anos depois, Clementina Battcock, em colaboração com outros autores, publicou dois artigos com o mesmo objeto de análise e basicamente a mesma estrutura textual e metodológica. Em ambos os textos, os autores analisam a *13ª Relacion do Compendio histórico de los reyes de Tetzcoco*, chegando à conclusão de que Fernando de Alva usou recursos discursivos que permitiram exaltar exageradamente seus antepassados, com o intuito de assegurar sua posição social como um *pilli*²¹ na Nova Espanha do século XVII. Os autores demonstraram como o escritor produziu o seu discurso, percebendo a alteridade (embora esse conceito não seja utilizado) entre a representação dos texcocanos em relação aos tenochcas e tlaxcaltecas. Para analisar essa obra e identificar os recursos discursivos, Battcock e Galicia remetem à 41ª pintura do *Lienzo de Tlaxcala*, que retrata Ixtlilxochitl II recebendo Cortez, o sacrifício de um cavalo no *Templo Mayor* e o enfrentamento bélico entre indígenas e espanhóis em Texcoco (2022, p. 172). Na pintura está escrito “*“Tetzcoco yauani (yauh ni) xyxtlilxochitzin”, que quiere decir “Ixtlilxochitzin fue — o los llevó — a Tetzcoco.”*” (2022, p. 171). Desta forma, os autores mostram que a fonte tlaxcalteca põe em xeque o argumento de Fernando de Alva sobre o encontro pacífico entre texcocanos e espanhóis. Além disso, mencionam que a comparação de fontes pode indicar um cenário diferente do que o cronista relatou:

de acuerdo con Jongsoo Lee, en esta parte del proceso Ixtlilxóchitl no era el protagonista, como lo pinta Alva, pues estaba bajo el mando de Tecocoltzin, hijo de Nezahualpilli al que Cortés reconociera como chichimecatecuhtli. En este sentido, la ipntención de Alva fue minimizar a Tecocoltzin para ponderar a su antepasado. (Battcock; Galicia, 2022, p. 172)

Como veremos ao longo do trabalho, Tecocoltzin foi nomeado líder político e militar da cidade quando Cortez entrou em Texcoco após a *Noche Triste*. Com as ordens de Tecocoltzin, Ixtlilxochitl II tornou-se capitão dos acolhuas. Para os autores, é possível existir um fundo de verdade na ajuda militar que Ixtlilxochitl II ofereceu a Cortez, já que ele recebeu algumas recompensas pelos seus feitos, registrados no códice *Mexicanus* e na *Tira de*

²¹ Singular de *pipiltin*.

Tepechpan. Porém, para eles, são inegáveis os exageros que o cronista produziu ao mencionar as ações de seu trisavô (Battcock; Galicia, 2022, p. 176).

Em outro artigo escrito por Battcock, em parceria com López, os autores fazem uma importante reflexão sobre o conquistador texcocano e sua representação na obra de Fernando de Alva. Segundo eles, Ixtlilxochitl II foi descrito como uma liderança que rompeu com os parentes tenochcas (já que Fernando de Alva indica que a mãe deste era uma nobre de México-Tenochtitlan) e com seus irmãos Cacama e Coanacoch. Conforme a crônica, isso aconteceu por conta da traição de Montezuma ao escolher Cacama como sucessor, que, segundo o escritor, era filho ilegítimo (filho de uma concubina, não da esposa principal, a nobre tenochca²² mãe de Ixtlilxochitl II e outros filhos de Nezahualpilli):

La construcción de Ixtlilxuchitl como gobernante legítimo, que se presta decididamente a acompañar a Cortés en sus hazañas, resulta en visibilizarlo como un estratega decisivo que rompe con las disposiciones del poder político tenochca y desplaza todos los recursos de Tetzco en favor de Cortés que, a decir del discurso del cronista, no son pocos.

Sin embargo, un esquema a evidenciar es que dicha ruptura no sólo implicó la toma de una decisión emancipadora de lo que el cronista tachó como una soberbia intromisión tenochca en Tetzco sino que, además, sostuvo un dramático quiebre con el parentesco que había procurado la estabilidad de dicho sistema político pues en Tlatelolco, último reducto de la resistencia mexicana, se mantenía Cohuanacoxtzin, hermano de Ixtlilxuchitl, quien, parafraseando al propio Alva Ixtlilxóchitl, ya sólo entre los tenochca conservaba el título de señor de Tetzco

[...]

Es decir, Ixtlilxuchitl está construido dentro de una discursividad en la que el propósito determinante es romper con el esquema social que lo había formado culturalmente y con el deseo de asumir la imperiosa tarea de la destrucción de un centro que no reconocía como propio, y cuya misión estaba fundada en su propia legitimidad como gobernante a pesar de las injurias dirigidas por quienes, en algún momento, reconoció como parientes. (2022, p. 60-61)

Além dos citados acima, outros estudos mencionam Ixtlilxochitl II ao analisar Texcoco ou a conquista, como, por exemplo, *Tetzcuco: Un siglo de vida novohispana* (1974), de Glorinela Franco; *Los aztecas bajo el dominio español (1519-1810)* (1983), de Charles Gibson; *Law and Politics in Aztec Texcoco* (1983), de Jerome Offner; *Texcoco: Prehispanic and colonial perspectives* (2014), organizado por Jongsoo Lee e Galen Brokaw; *“For So Long the Memories of Men Cannot Contradict It”: Nahua Patrimonial Restorationism and the Law in Early New Spain* (2016), de Peter Villella; *The Lords of Tetzco: The*

²² Estudos apontam que o sistema de sucessão da liderança política dos *altepeme* considerava aptos a ocupar o cargo os filhos de esposas legítimas. Esposas essas que eram nobres, principalmente tenochcas, já que México-Tenochtitlan era o *altepetl* dominante da Tríplice Aliança. Logo, a sucessão não era sob o sistema de primogenitura e a linhagem era escolhida a partir da mãe. Ao longo do trabalho, discutiremos melhor essa questão.

Transformation of Indigenous Rule in Postconquest Central Mexico (2017), de Bradley Benton; *Cuando Moctezuma conoció a Cortés: La verdad del encuentro que cambió la historia* (2019), de Matthew Restall; e *El quinto sol: una historia diferente de los aztecas* (2021), de Camila Townsend. Vale destacar que, com exceção do texto de Glorinela, todos os demais foram publicados originalmente em inglês.

O trabalho final de licenciatura em História de Glorinela Franco (1974) traz um breve panorama de Texcoco entre os séculos XIII e XVII, focando mais nos últimos duzentos anos. O estudo aborda desde os aspectos territoriais da cidade até as questões econômicas, sociais, burocráticas e religiosas. Nesse ínterim, a historiadora descreve o conflito sucessório após a morte de Nezahualpilli e a aliança de Ixtlilxochitl II com os espanhóis. Segundo ela, o rebelde texcocano sucedeu seu irmão Tecocoltzin em 1521, depois que este morreu após a conquista de México-Tenochtitlan. A autora destaca que Ixtlilxochitl II foi um dos amigos inseparáveis de Cortez e o acompanhou até depois da captura de Cuauhtémoc (1974, p. 25). Ao abordar a chegada dos franciscanos em Texcoco, a autora afirma que Ixtlilxochitl II recebeu os três primeiros religiosos na cidade, em 1523, abrigando-os no palácio de Nezahualpilli (1974, p. 137-138).

Nove anos após o estudo de Glorinela, o antropólogo Jerome Offner (1983) ofereceu uma contribuição muito interessante e inédita sobre as leis e a política em Texcoco antes da chegada dos espanhóis. O autor analisou o *altepetl* desde o século XV até o governo de Nezahualpilli. Ao investigar a diplomacia da Tríplice Aliança enquanto Nezahualcoyotl — pai de Nezahualpilli e antigo *tlatoani* de Texcoco — ainda estava vivo, o autor percebe que, na segunda metade do século XV, México-Tenochtitlan se tornou a liderança política e militar da aliança. À medida que isso ocorreu, Texcoco e Tlacopan sofreram interferências em suas dinastias: os sucessores dos *tlatoque* tornaram-se os filhos das mães tenochcas casadas com texcocanos e tlacopanos. Offner afirma que Nezahualcoyotl tinha ciência do que acontecia e tentava manter seu poder em Acolhuacan, embora tenha falhado. Isso teria sido alcançado por seu neto, Ixtlilxochitl II, ao lutar contra Montezuma e reconquistar certa independência de Texcoco antes da conquista (Offner, 1983, p. 94-95). O autor também escreve um tópico dedicado à rebelião de Ixtlilxochitl II, identificando quais territórios ao norte de Acolhuacan o texcocano teria invadido e reivindicado seu poder, além de argumentar que esta revolta se devia à subjogação de Texcoco por Montezuma (1983, p. 239). Logo, embora não deixe explícito, Offner concorda com alguns argumentos de Fernando de Alva sobre uma certa tirania de Montezuma e a ira de Ixtlilxochitl II contra isso. Por fim, há uma observação

importante: o autor destaca uma passagem de Diego Durán que possui uma informação peculiar sobre a sucessão imediata de Nezahualpilli. Segundo o religioso, após a morte do *tlatoani*, outros filhos o sucederam antes de Cacama. Offner aponta que os nomes desses filhos não aparecem em fontes texcocanas — algo que também não identificamos no Fragmento número 2 do *Códice Ramírez*, fonte muito favorável aos texcocanos em sua narrativa. Sendo assim, ele chega à conclusão de que a revolta de Ixtlilxochitl II dificultou a instalação de Cacama no poder.

Ixtlilxochitl's incipient revolution appears to have delayed Cacama's installation as ruler of Texcoco for some time. Tenochcan sources (e.g., Duran 1967:II, 473-76) assert that a son of Nezahualpilli called "Quetzalacxoyatl" was made ruler of Texcoco and was followed by his brother "Tlauitoltzin"; these names are not mentioned by the Texcocan sources, and since neither ruler lasted for any length of time, they might have been "compromise" rulers who governed until Cacama could be firmly installed. (1983, p. 239-240)

Ainda em 1983, o livro de Charles Gibson, publicado pela primeira vez em 1964, foi traduzido para o espanhol. Nesta obra, o autor cita Ixtlilxochitl II em dois capítulos. A primeira citação ocorre no segundo capítulo, em que discute brevemente a história de cada etnia presente no Vale do México, chamada por ele de *tribus*. Diante disto, o historiador descreve a revolta do texcocano em relação à escolha de Montezuma para que Cacama se tornasse o *tlatoani* de Texcoco e defende que Ixtlilxochitl II era antimexica por ter se aliado aos espanhóis posteriormente (1983, p. 23). Gibson volta a citar o texcocano no capítulo sete, quando discorre sobre a administração política dos *pueblos*. O autor inicia o texto descrevendo e analisando o papel dos indígenas nesta administração, ressaltando que, após a chegada dos espanhóis, o *tlatoani* não necessariamente tornava-se governador do território que antes dominava. Logo, o historiador retoma a revolta de Ixtlilxochitl II e pontua que seus familiares continuaram a governar Texcoco até 1564 (1983, p. 172-173).

Outro livro tão importante quanto o de Offner sobre Texcoco é o organizado por Lee e Brokaw (2014). Ixtlilxochitl II é mencionado algumas vezes ao longo do livro, como, por exemplo, no primeiro capítulo em que Lee e Brokaw citam que o personagem aparece como a figura mais importante na história texcocana durante a conquista (2014, p. 2-3). Contudo, também apontam que não existe nenhuma investigação mais acurada sobre líderes coloniais texcocanos, tais como Ixtlilxochitl II e Carlos Ometochtzin (2014, p. 11), seu irmão, morto em 1539 pela Inquisição da Cidade do México.

No capítulo 4 desta obra, intitulado *Polygyny and the Divided Altepetl e Tetzcoacan Key to Pre-conquest Nahua Politics*, Camila Townsend faz uma pesquisa sobre a função dos casamentos e o caráter sucessório na sociedade asteca²³. Focando em Texcoco, a autora mostra como o fato de os governantes terem muitos filhos de diferentes casamentos foi algo propício a gerar conflitos internos nas dinastias, sendo a revolta do filho de Nezahualpilli um exemplo. Para Townsend, as evidências indicam que essa guerra não foi somente uma briga entre *altepeme* (Texcoco e México-Tenochtitlan), mas um ódio entre irmãos nascidos de mães diferentes — segundo ela, mães tenochcas (2014, p. 104 e 110). Dessa forma, a autora chega a uma conclusão totalmente diferente de Gibson e Offner. À exceção do artigo de Townsend, em todos os outros capítulos da coletânea Ixtlilxochitl II é citado apenas em passagens que indicam que, após a sua morte, sua linhagem continuou governando Texcoco por alguns anos (Medrano, 2014, p. 172); que ele faleceu em 1531 (Benton, 2014, p. 184); e o fato de o irmão de Fernando de Alva, Bartolomé de Alva, não ter adotado o sobrenome do trisavô (Brian, 2014, p. 205).

Expandindo as discussões acerca dos feitos de Ixtlilxochitl II, Peter Villella (2016) escreveu um artigo no qual analisa processos de restauração de terras que envolveram nobres indígenas e *encomenderos*. O autor argumenta que a justiça novo-hispana deu respaldo à história e ancestralidade indígena na recuperação de terras, demonstrando que ambas as sociedades se adaptaram aos novos modos de vida na Mesoamérica. Diante dessa análise, o autor discorre brevemente sobre conflitos de terra em Texcoco e mostra que muitos começaram com Ixtlilxochitl II.

Villella situa o governo do texcocano entre 1526-1531. Segundo ele, Cortez tinha *encomiendas* em Acolhuacan, porém se desinteressou pela região após 1530, dando margem para o conflito de Ixtlilxochitl II. De acordo com um relatório da audiência de 1531, com o apoio de Cortez, Ixtlilxochitl II assassinou rivais e deslocou líderes provinciais no território. Isso gerou uma revolta em outros senhores indígenas e *encomenderos*, que denunciaram aos ouvidores. Consequentemente, ele ficou em prisão domiciliar com frades franciscanos na Cidade do México, porém adoeceu e retornou a Texcoco, onde morreu. Essa atitude teria exercido influência em outras disputas posteriores na região (Villella, 2016, p. 707-708). A contribuição de Villella foi importante para mostrar um pouco dos feitos do personagem após a conquista e as circunstâncias de sua morte, algo que foi questionado por Brian, Benton e Loaeza (2015), por exemplo.

²³ Que posteriormente ela desenvolve melhor no livro *El quinto sol* (2021).

Um ano após o livro com Brian e Loaeza, Bradley Benton lançou mais uma obra que contribuiu para os estudos sobre Texcoco. Nesta pesquisa, o autor analisou as mudanças políticas na cidade durante o período pós-conquista, do século XVI ao XVII, embora faça menção ao período imediatamente anterior à conquista e ao século XIX. O autor discute como a organização espanhola impactou a vida dos texcocanos e como esses indígenas (especificamente os nobres) se adaptaram ao novo ambiente. Assim como outros autores, Benton descreve a revolta sucessória após a morte de Nezahualpilli e aponta que Ixtlilxochitl II era uma liderança política forte mesmo antes da aliança com Cortez. Segundo o historiador, a ascendência nobre da mãe do personagem teria dado a ele legitimidade nos territórios ao norte de Acolhuacan (2017, p. 35).

Por último, outros dois livros também citam Ixtlilxochitl II, embora ele não seja o eixo das pesquisas. O primeiro é a obra de Restall (2019), que visa, mais uma vez — assim como fez em *Los Siete Mitos de la Conquista Española* (2004) —, reinterpretar a conquista de México-Tenochtitlan, mostrando diferentes personagens e perspectivas além da espanhola. O autor destaca Ixtlilxochitl II como um dos importantes protagonistas desse evento, mas que continua esquecido pela historiografia:

El papel que tuvo Ixtlilxochitl en los sucesos de 1521 ha sido, me parece, completamente ignorado o minimizado. Esto no es sorprendente. La narrativa tradicional acepta sumisamente lo dicho por Cortés de que él, como hacedor de reyes, nombraba y controlaba a los señores “indios” como Ixtlilxochitl; la toma de Tetzaco y su uso como base para el asedio de Tenochtitlan se ha atribuido por cinco siglos al ingenio cortesiano, sin dar margen a una iniciativa indígena. (Restall, 2019, p. 307)

Camilla Townsend, por sua vez, tentou compreender os astecas a partir dos pressupostos próprios da sua cultura e sociedade. Isto posto, a autora retomou o debate sobre a poliginia no mundo nahua e citou Ixtlilxochitl II, envolvido na rebelião contra seu irmão. Para a autora, as tensões geradas pelo conflito entre irmãos aconteceram diversas vezes na sociedade asteca e isso teria levado Ixtlilxochitl II a se aliar a Cortez, tornando-se um guerreiro exitoso (2021, p. 172).

Dessa forma, diferentes textos, principalmente sobre Texcoco, mencionam Ixtlilxochitl II, mas nada tão diverso que possa contribuir com novas informações sobre ele. Além disso, não encontramos nenhuma pesquisa que analise narrativas acerca do texcocano, a não ser sobre alguns trechos das *Obras Históricas*, em especial da *Relación Decimatercera*, como os artigos de Clementina Battcock. Por outro lado, os trabalhos sobre a cidade de Texcoco e a

nobreza indígena local pré-hispânica e colonial têm crescido nas últimas décadas, tais como os livros de Offner (1983), Lee e Brokaw (2014), Benton (2017) e López (2017).

A partir disso, acreditamos que esta pesquisa contribui para a historiografia sobre Texcoco e a elite indígena comandante da era pré-hispânica e colonial, ao evidenciarmos a construção de discursos favoráveis à cidade e a Ixtlilxochitl II a partir da segunda metade do século XVI, momento no qual os *pipiltin* sofriam com as epidemias e perda de poder administrativo e político no Vale do México. Tais reflexões e análises demonstram que, a partir da tradição histórica texcocana, foram produzidos discursos conflitantes com a visão de que os espanhóis e os tlaxcaltecas foram os protagonistas das guerras hispano-indígenas, revelando a complexa relação entre a memória sobre as guerras e o poder da narrativa mesmo após mais de um século do ocorrido.

1.2 Fontes: tipologias textuais, autoria, contexto de produção e circulação

Como citado na introdução, para esta pesquisa foram escolhidas quatro fontes para analisarmos as representações do protagonismo de Ixtlilxochitl II e da cidade de Texcoco durante as guerras hispano-indígenas (1519-1521). Tais documentos foram escritos durante os séculos XVI e XVII, ou seja, nos primeiros 100 anos de colonização hispânica na região do México. Embora os quatro textos abordem assuntos semelhantes, seus autores possuem trajetórias distintas, que possibilitam diferentes versões da formação das alianças entre os nativos e os espanhóis e da tomada de México-Tenochtitlan.

Neste tópico, descreveremos os autores, o contexto de produção, os conteúdos abordados e as tipologias textuais de cada fonte. Isto permitirá uma maior clareza sobre as escolhas e os resultados da pesquisa.

1.2.1. Tipologias textuais

Antes de conhecermos detalhadamente cada fonte, gostaríamos de explicar com quais tipos de documentos históricos lidaremos. Embora tenhamos selecionado quatro textos, eles estão divididos basicamente em duas categorias: as **cartas relatórias**, nas quais se enquadram as *Cartas y relaciones*, e as **crônicas** ou **histórias**, englobando a *Historia de las Indias de Nueva España e islas de Tierra Firme*, o *Códice Ramírez* e as *Obras Históricas*.

Segundo Walter Mignolo, as cartas relatórias não são cartas convencionais, mas um tipo específico que existia durante o período colonial. De acordo com ele, essas cartas eram praticamente obrigatórias de serem redigidas pelos responsáveis por alguma expedição. Logo,

era necessário relatar aos seus superiores — capitão ou rei — os aspectos naturais, as riquezas e as características de povos antes desconhecidos, caso encontrasse. Por esta característica, ficaram conhecidas como relatórias (Mignolo, 1982, p. 59-69). Embora elas possuam um caráter majoritariamente descritivo, os autores desses documentos não deixaram de imprimir nos papéis sua visão de mundo. Alguns aspectos encontrados nesses textos são, por exemplo, aparições de santos, uma concepção teleológica e salvacionista da história, além do heroísmo e superioridade europeia.

Ademais, Restall afirma que as *Cartas y relaciones* também podem ser consideradas *probanzas de méritos*, já que, além da descrição de riquezas e da natureza do local a ser colonizado e o engrandecimento das ações dos espanhóis, os escritores desse gênero requeriam recompensas em forma de cargos e títulos aos reis. Segundo ele, era comum que cartas, *cartas de relación* e *relaciones* apresentassem características próprias das *probanzas* (Restall, 2004, p. 38-39). De acordo com o autor:

la probanza derivó con el tiempo en el género de la crónica, las probanzas se utilizaron como fundamento de las historias, y las obras históricas adoptaron las convenciones de la probanza. La convención más notable era el modo en que se trataba a los personajes individuales, sobre todo a los héroes a quienes se atribuía el mérito de la conquista. (2004, p. 40-41)

Restall argumenta que, no século XVI, Cortez se tornou um exemplo de agente da providência divina pelo tamanho e a complexidade do “império mexica”, pela rápida difusão de suas cartas ao rei e de como os franciscanos ajudaram a perpetuar a sua imagem como o grande conquistador, para, em troca, receberem apoio do marquês às obras da Ordem na Nova Espanha (2004, p. 41-42).

Portanto, os textos produzidos por Cortez fazem parte desses gêneros de escrita²⁴, nos quais o capitão escreveu tanto por obrigação quanto por seus interesses pessoais durante a sua conturbada expedição mexicana, que será melhor detalhada no tópico 1.2.2.

Em relação às cartas relatórias, trabalharemos somente com as *Cartas y relaciones*. Por outro lado, todas as outras fontes principais da pesquisa se concentram no grupo das crônicas e histórias. Embora os historiadores que pesquisam o período colonial sejam acostumados a nomear as diferentes obras produzidas durante essa época como “crônicas” —

²⁴ Embora as cartas de Cortez tenham sido publicadas posteriormente com o título *Cartas y relaciones*, Mignolo deixa claro que as *relaciones* eram outro tipo de gênero textual. Segundo o autor, as *relaciones* se caracterizavam por manuscritos feitos a partir de uma lista de perguntas prévias elaboradas pela Coroa Espanhola, a fim de conhecer melhor aspectos importantes de algum território nas colônias: “*En tanto que la carta por un lado y la historia por otro, tenían una tradición y los que emprendían esta tarea, directa o indirectamente la implicaban, las relaciones, por el contrario, se presentan como ajustadas a un modelo creado*” (1982, p. 73).

pois não existia uma formalização da ciência histórica até o século XIX e muitas obras eram nomeadas assim —, Mignolo faz uma importante reflexão ao mostrar que os escritores destes textos se identificavam como historiadores. Segundo ele, essas obras eram baseadas em referências anteriores e debatiam com a historiografia da época. Enquanto a história era considerada uma produção mais detalhada, a crônica poderia ser mais difusa. Todavia, ambas permitiam narrar acontecimentos históricos e eram vistas como sinônimas entre os séculos XVI e XVII, sendo diferenciadas a partir do século XVIII, quando intelectuais passaram a definir a História como uma narrativa mais fidedigna e a crônica como um gênero mais fantasioso (Mignolo, 1981; 1982, p. 75-98; Reis; Fernandes, 2006, p. 27).

Dessa forma, Mignolo aponta que esses autores coloniais escreviam livros baseando-se nas premissas historiográficas, relatando sobre suas fontes, os limites da verdade e os modos de escrever história. Ou seja, embora neste período os anais, relações e crônicas se misturassem ao conceito de história, muitas obras foram escritas sob os fundamentos historiográficos. De acordo com ele:

La formación discursiva historiográfica acepta por sinónimos, en el siglo XVI y XVII, los de historia, crónica, anales (y aun relación) para referirse al texto historiográfico. Por lo tanto, cuando los nombres empleados son crónica, anales o relación, encontramos al mismo tiempo claras referencias a los principios generales de la formación discursiva historiográfica. (1981, p. 380)

Sendo assim, é importante que, mesmo que classifiquemos tais escritores como cronistas, saibamos que suas concepções se aproximavam do que era considerado como história em períodos posteriores. Essas obras poderiam relatar sobre diferentes aspectos: religião, cultura, características naturais, linhagem, povoamento ou criação do mundo. Além disso, essa produção abrangia uma grande variedade de autores, podendo ser membros da Igreja Católica — de diferentes ordens —, conquistadores, colonizadores, indígenas, mestiços, *criollos*, entre outros. Ou seja, produções que contribuíram com diferentes olhares e objetivos, expandindo o universo de fontes e debates sobre a colonização.

Diante dessa categoria, escolhemos três obras diferentes: a *História*, escrita por um dominicano; o Fragmento número 2, com autoria anônima, anexado ao *Código Ramírez*, obra de um jesuíta; e as *Obras* por um *castizo*²⁵. O objetivo central do primeiro texto é facilitar o evangelismo na Nova Espanha, enquanto os dois últimos — provavelmente do mesmo autor

²⁵ *Castizo* era um dentre os diversos grupos sociais do universo hispânico. Neste período, *castizo* era um indivíduo com origem direta espanhola e mestiça.

—, embora também disponham de referências cristãs, têm em comum o enaltecimento de Ixtlilxochitl II e Texcoco.

1.2.2 *Cartas y relaciones de Cortez*

Hernán Cortez, nascido em 1485, na região de Estremadura, na Espanha, faleceu em 1547, em Sevilha. Desde o século XVI, o espanhol é conhecido por ser o grande capitão da conquista espanhola de México-Tenochtitlan, o “vencedor do império asteca”. Embora não se saiba muito sobre seus primeiros anos de vida através de documentos de arquivo, relatos, principalmente de Francisco López de Gómara, indicam que ele era um fidalgo que aprendeu sobre as leis e o latim na Universidade de Salamanca. No entanto, decidiu investir seu tempo e disposição em trabalhos administrativos e expedições de conquista e colonização junto à Coroa hispânica. Em 1504, viajou para a Ilha Hispaniola. Na década de 1510, participou da conquista e colonização de Cuba, sob o comando do então governador do território, Diego Velázquez. Contudo, o contexto que permitiu ao espanhol endereçar cinco cartas ao rei Carlos V (das quais a primeira foi perdida) foi a conhecida conquista de México-Tenochtitlan, iniciada no final da década de 1510.

As expedições de exploração do território mexicano começaram ainda em 1517, sob as ordens de Velázquez. Em 1518, a exploração foi repetida, na península de Yucatã, na qual os espanhóis tiveram notícias de terras muito ricas. Nesta última expedição, Velázquez enviou Juan de Grijalva para o território. Entretanto, a demora em retornar preocupou o governador, que autorizou Cortez a ir à região em busca de notícias. Cortez e cerca de 400 homens se organizavam para a viagem; porém, quando já estavam em Cuba, Grijalva retornou e Velázquez mandou avisar a Cortez que sua viagem estava cancelada. Cortez não aceitou as ordens e continuou seu empenho na expedição, fazendo com que o governador de Cuba mandasse prendê-lo, mas já era tarde demais.

Os espanhóis desautorizados por Velázquez chegaram a Yucatã no início de 1519 e, no final do mesmo ano, já estavam hospedados em México-Tenochtitlan. A partir daí, mesmo com as tentativas por parte de Velázquez de arruinar as ações de Cortez, o governador não obteve sucesso. México-Tenochtitlan foi sitiada em agosto de 1521 e, desde então, o capitão espanhol passou a dividir as terras do território e explorar a mão de obra indígena com os outros conquistadores no sistema de *encomienda*, mesmo sem a prévia autorização da Coroa. As constantes acusações entre Cortez e Velázquez perduraram até 1524, quando o último faleceu.

A partir de 1526, a sucessão de tantos conflitos teve resultado: o capitão passou a ser investigado pela monarquia e perdeu seu cargo de governador (conquistado após a tomada da capital mexicana). Cortez passou o restante de sua vida tentando justificar seus atos durante as guerras hispano-indígenas, além de ter perdido *encomiendas*, com a centralização maior do poder monárquico ao passar dos anos (Gayangos, 1866, p. V-LI; Restall, 2019). Segundo Matthew Restall (2019), uma das formas de o espanhol justificar suas ações foi através das cartas enviadas ao rei. Nelas, Cortez mostra a Carlos V que seus inimigos estavam tentando arruinar a conquista de um território que enriqueceria o império espanhol e que ele estava tendo coragem de continuar nesta empreitada. Além disso, o capitão defendia que todo ataque violento direcionado aos indígenas era uma reação de defesa por parte dos espanhóis.

Vale ressaltar que, em uma situação sem estes conflitos, Cortez enviaria as cartas a Velázquez, responsável por ordenar a viagem (lembrando que não havia autorização de exploração e muito menos de conquista). No entanto, com a tensão entre os dois, Cortez endereçou diretamente ao rei. A primeira carta, por exemplo, foi enviada junto a algumas riquezas da futura Nova Espanha, declarando o quinto ao tesouro real. A partir de então, passou a gerar discussões na Europa. Sabe-se que as quatro primeiras cartas foram publicadas entre 1522 e 1525. Entretanto, em 1527, a Coroa proibiu mais impressões dos escritos, percebendo que a fama do conquistador crescia rapidamente na Europa, revelando uma tensão nas relações políticas entre a Coroa e o capitão (Restall, 2019, p. 43). Até os dias atuais, as *Cartas y relaciones* continuam sendo fontes clássicas para o estudo da América Espanhola, ainda que estejam sendo mais criticadas e comparadas a outros relatos.

Para esta pesquisa, escolhemos analisar a segunda e a terceira carta. Escritas em 1520 e 1522, respectivamente, ambas relatam os processos que mais interessam para nosso estudo, ao descreverem desde a chegada à costa do México até a conquista. A segunda relata o percurso dos espanhóis de Veracruz até México-Tenochtitlan e se encerra com a *Noche Triste*, enquanto a terceira dá seguimento a esses eventos e se encerra com a estadia dos espanhóis em Coyoacan, pois México-Tenochtitlan estava passando por um processo de reconstrução.

A escolha dessas duas cartas se deve ao fato de o espanhol relatar o período de alianças com indígenas e os assaltos a México-Tenochtitlan. Logo, menciona-se Texcoco e seus combatentes como parte importante dos eventos, assim como os tlaxcaltecas. Vemos a troca de poder entre Cacama e Cuscasin, a aproximação de Cortez com Ixtlilxochitl II e Tecocoltzin, a construção dos 13 bergantins, a estadia de cinco meses em Texcoco, o planejamento e os assaltos aos *altepeme* ao redor do Lago de Texcoco, até a tomada de

México-Tenochtitlan. Ou seja, através das cartas, percebemos representações sobre a importância do auxílio da cidade para a tomada da capital mexicana.

Por fim, outro aspecto relevante que justifica a escolha dos escritos de Cortez é por ser um dos documentos mais influentes sobre as guerras hispano-indígenas. Os relatos de Cortez serviram como base para praticamente todos os textos posteriores escritos sobre o período, inclusive as demais fontes selecionadas para a dissertação, o que nos proporciona uma intertextualidade interessante entre as obras e permite uma análise de diferentes versões do ocorrido.

1.2.3 *Historia de las Indias de Nueva España e islas de Tierra Firme*

A obra *Historia de las Indias de Nueva España e islas de Tierra Firme* foi escrita pelo frei dominicano Diego Durán. O período mais aceito pelos historiadores sobre a produção do manuscrito é entre os anos de 1574 e 1576, mas sabe-se que ao menos dois tratados foram terminados em 1579 e 1581, já que o próprio autor explicita nos textos (Silva, 2014, p. 20-21). O livro é dividido em três tratados: *História*, concluída em 1581; *Libro de los ritos y ceremonias en las fiestas de los dioses y celebración de ellas* (conclusão não datada e desconhecida); e *Calendário antiguo*, datado como concluído em 1579 e que acompanha mais de 100 ilustrações. O primeiro tratado é o mais extenso e conta a história do povo mexicana; o segundo discorre sobre os principais deuses mesoamericanos, suas origens e ritos, e o terceiro explora o funcionamento do sistema calendário mesoamericano, além das festas, celebrações e ritos referentes aos deuses patronos dos dias do ano (Silva, 2014, p. 35-38).

Renato Denadai Silva afirma que, até a publicação de sua obra, no século XIX, intelectuais acreditavam que o lugar de nascimento do escritor era Texcoco. No entanto, o próprio dominicano escreve que não nasceu na cidade, mas que seus dentes caíram lá. Ou seja, ele foi para a Nova Espanha ainda muito jovem — ao que parece, entre 1537 (seu ano de nascimento) e 1550, pois o autor relata que viu a libertação de escravos durante o governo do vice-rei Antonio de Mendoza. Como Silva demonstra, não há informações de Durán antes de sua ordenação em 1556. Contudo, diversos autores especularam sobre sua vida e algumas informações podem ser melhor deduzidas, como o fato de ele próprio mencionar que seus parentes possuíam escravos indígenas na Cidade do México (2014, p. 22-26).

Assim como outros católicos que se deslocaram para o Novo Mundo em busca de evangelizar os nativos, Durán escreveu sua obra com o intuito de conhecer mais as práticas consideradas ritualísticas e demoníacas praticadas por esses povos, a fim de a evangelização

ter êxito e as idolatrias serem extirpadas. Para isso, precisou conviver com os indígenas e aproveitou desse contato para ter acesso às fontes mencionadas em seus textos. Em sua escrita, o frei relata ter visitado Acolman, Chiauhltla, Texcoco, Cidade do México, Coyoacan, Coatepec-Chalco, Cholula, Ocuituco, Chimalhuacan Atenco e Chicualoapan para falar com indígenas anciãos e consultar códices (Silva, 2014, p. 20-21).

Segundo Silva, Durán utilizou diferentes tipos de documentos para compor seu trabalho, como a história oral, os livros-calendários, as relações de histórias indígenas, os relatos de espanhóis e a Bíblia (2014, p. 80-121). No entanto, seus textos ficaram perdidos até o século XIX, sendo publicados integralmente pela primeira vez em 1880²⁶, com edição de José Fernando Ramírez (Silva, 2014, p. 14). De acordo com o historiador, isso se deve ao “sequestro da crônica”, quando, em 1577, o rei Felipe II proibiu a produção — e, consequentemente, a publicação — de obras acerca dos indígenas. Isso resultou no recolhimento de diversos manuscritos, inclusive o de Durán (2014, p. 1). O manuscrito de Durán possui muitas rasuras na parte em que ele relata a Conquista. Silva acredita que isso se deve, muito provavelmente, à censura determinada pela Coroa. Ele argumenta que “trechos inteiros foram rasurados, indicando um viés político na atuação do editor e não apenas uma tentativa de melhorar a clareza do texto” (2014, p. 41).

Para a nossa pesquisa, selecionamos trechos da *Historia* de Durán, presentes nas edições de 1867 e 1880, tomos I e II, feitas por José Fernando Ramírez e publicadas pela Imprenta Ignacio Escalante. Analisaremos os capítulos LXIV até o LXXVIII, que narram desde a morte de Nezahualpilli (pai de Ixtlilxochitl II) até a tomada de México-Tenochtitlan. A escolha se justifica, principalmente, por haver algumas menções ao líder texcocano. Ixtlilxochitl II é relatado como um grande amigo de Cortez e conquistador indígena.

O interesse por esta obra do dominicano surgiu ao pesquisarmos informações sobre a autoria e produção do *Códice Ramírez*. Durante essas leituras, repetidamente apareciam duas hipóteses: que o *Códice* foi copiado da obra de Durán ou a *Historia de las Indias* havia sido baseada no *Códice*. Como havíamos encontrado os primeiros relatos sobre o personagem no *Códice*, imaginamos, a partir destas hipóteses, que existiriam as mesmas narrativas na *Historia*. De fato, há menções a Ixtlilxochitl II, no entanto, com muitas diferenças, principalmente em relação ao personagem ser central na história do Fragmento número 2 do *Códice* e isso não ocorrer nos textos de Durán. Além de isso indicar que não houve uma cópia integral de um texto para o outro — pelo menos não nestes trechos —, as fontes expõem

²⁶ Em 1867, Ramírez publicou o primeiro tomo. Posteriormente, após seu falecimento em 1871, Alfredo Chavero ajudou a publicar o segundo e o terceiro tomos em 1880.

representações distintas e semelhantes, dependendo de qual categoria for escolhida para analisar, sobre o líder texcocano, contribuindo para o nosso debate.

1.2.4 Fragmento número 2 do *Códice Ramírez*

O livro é composto por dois tratados, intitulados *Relacion del origen de los indios que habitan esta Nueva-España, segun sus historias* e *Tratado de los ritos y ceremonias y dioses que en su gentilidad usaban los indios de esta Nueva-España*, dois fragmentos com os títulos *Noticias relativas al reinado de Motecuzoma Ilhuicamina* e *Noticias relativas á la conquista, desde la llegada de Cortés á Tezcuco, hasta la toma del templo mayor de México* e 32 imagens. O primeiro tratado narra a ascensão do governo mexica até a tomada de México-Tenochtitlan; já o segundo traz relatos sobre os deuses, suas origens e festividades e conclui com um resumo sobre o sistema de calendário nahua, com conteúdo muito semelhante ao de Durán (Couch, 1991, p. 109). Além disso, o primeiro fragmento narra os acontecimentos durante o governo de Montezuma I, enquanto o segundo aborda desde a chegada dos espanhóis até os ataques a México-Tenochtitlan em 1521, com ênfase para a cidade de Texcoco e o líder Ixtlilxochitl II. Por último, as imagens seguem as narrativas escritas nos dois tratados, relatando a imigração dos habitantes do Vale do México, alguns governantes mexicas, os deuses e a chegada dos espanhóis. Segundo Clementina Battcock e Paloma Vargas, provavelmente os textos são interpretações do que as imagens descrevem (2024, p. 44).

Como exposto brevemente acima, existe uma relação muito próxima entre o *Códice Ramírez* e a *Historia* de Diego Durán. Assim como a *Historia*, o *Códice* também só foi encontrado no século XIX e recebeu esse nome por conta de seu descobridor, José Fernando Ramírez, o mesmo intelectual mexicano que publicou a obra de Durán pela primeira vez no México. O manuscrito foi encontrado em 1856, de uma forma tão desorganizada que parecia mais um amontoado de textos, sendo organizado, posteriormente, por Ramírez, dando sentido à narrativa. No entanto, o livro só foi publicado em 1878, junto à *Cronica Mexicana* de Alvarado de Tezozomoc, com edição de José María Vigil (Silva, 2014, p. 163-164).

Ao descobrir o manuscrito e examiná-lo, Ramírez chegou à conclusão de que ele só poderia ter sido escrito por um “mexicano” — ou seja, um indígena —, pois fazia críticas aos espanhóis em geral — colonizadores e religiosos. Além disso, ele sugeriu que a obra é a tradução de um texto em *nahuatl*, pois a parte direita do manuscrito estava em branco e, segundo sua suposição, foi o local onde o escritor colocou o livro original para copiar em

espanhol no lado esquerdo. Outra conclusão do estudioso foi a de que Juan de Tovar²⁷ traduziu a obra para o espanhol, enquanto Durán e José de Acosta copiaram o *Códice* (Ramírez, 1860, apud Orozco y Berra, 1987, p. 9-18). Chavero acrescentou que a *Cronica Mexicana*, de Tezozomoc, também se assemelha muito aos textos dos autores supracitados e que essas quatro crônicas formam uma só (Chavero, 1876 apud Orozco y Berra, 1987, p. 167).

Posteriormente à publicação do *Códice*, surgiram diferentes estudos sobre a relação dessas crônicas, principalmente quando perceberam que, quatro anos após a descoberta de Ramírez, um manuscrito idêntico às primeiras 50 páginas do *Códice* foi publicado na Inglaterra, sob o título *Historia de la benida de los Yndios apoblar a Mexico de las partes remotas de occidente los sucessos y perigrinaçiones del camino su gouierno, ydolos y templos dellos ritos y cirimonias y sacrificios, y sacerdotes dellos fiestas, y bayles, y sus meses y calandarios de los tiempos, los reyes, y tuuieron hasta el postrero que fue Ynga, con otras cosas curiosas sacadas de los archiuos y tradicciones antiguas dellos hecha por el padre Juan de Touar de la Compañia de Iesus inuiada al Rey N[uest]ro S[eñ]or en este original de mano escrito*, conhecido hoje como *Manuscrito Tovar* ou *Códice Tovar*, por Thomas Phillips²⁸ (Leal, 1953, p. 12). A obra estava acompanhada de duas correspondências entre Tovar e Acosta, nas quais falavam sobre uma obra enviada do primeiro ao segundo para auxiliar a escrita da *História Natural y Moral de las Índias* (1590). Segundo Alejandra Dávila Montoya, essas cartas foram escritas entre 1586 e 1587 (2005, p. 45).

As conclusões sobre o *Códice* mudaram quando, em 1879, um ano depois da publicação no México, o antropólogo suíço Adolph Bandelier encontrou o manuscrito publicado por Phillips nos EUA e passou a divulgá-lo (Battcock; Vargas, 2024, p. 12 e 31-32). A partir daí, a semelhança entre a obra anônima e os textos de Tovar fez mais sentido e os estudiosos passaram, em sua maioria, a defender o jesuíta como escritor de ambas as obras. A explicação dada para essa teoria — e que particularmente concordamos — é a de que Tovar escreveu ao menos três versões de sua obra: a primeira se perdeu, a segunda foi enviada a Acosta — que provavelmente é a versão do *Manuscrito Tovar* —, enquanto a última ficou na Nova Espanha, sendo posteriormente nomeada como *Códice Ramírez* (Montoya, 2005; Battcock; Vargas, 2024; Silva, 2014).

²⁷ Juan de Tovar (1543-1626) foi um padre jesuíta mexicano — embora tenham existido teorias de que nascera em Texcoco, refutadas com o passar do tempo —, de origem abastada e conhecido por ter sido um grande estudioso do *nahuatl* e ter escrito a *Relación del origen de los indios que habitan en esta Nueva España segun sus historias* (Montoya, 2005).

²⁸ O documento se encontra disponível no site Library of Congress: <https://www.loc.gov/item/2007581897>.

Na carta enviada a Acosta, Tovar escreve que, entre 1576 e 1577, ele foi comissionado pelo vice-rei Martín Enríquez, através do provisor do arcebispado do México, Doctor Portillo, para elaborar uma relação histórica dos reinos do México, Acolhuacan e Tlacopan. Ou seja, da Tríplice Aliança. A primeira obra foi enviada para a Espanha, em 1578, por Doctor Portillo, sem deixar cópias no México. No entanto, ela nunca mais foi encontrada (Montoya, 2005, p. 35), sendo necessário que ele a refizesse. Para isso, ele diz que recorreu a uma obra de um “*deudo dominicano*” — identificado por grande parte dos estudiosos como sendo Diego Durán —, para compor o segundo manuscrito, enviado a Acosta.

Segundo Montoya, a produção da Segunda Relação de Tovar começou entre 1581 e 1586, pois ele recebeu uma petição de seus superiores para escrever novamente um texto. Acosta também fez esse pedido, pois queria escrever uma obra sobre a Nova Espanha, mas estava trabalhando no Peru. Ao que tudo indica, essa segunda versão foi escrita em dois exemplares: um para ficar na biblioteca da Companhia de Jesus, na Cidade do México, e outro para Acosta. A entrega para Acosta se deu entre 1586-1587, na mesma época do envio da carta deste a Tovar fazendo perguntas acerca da produção do manuscrito. Sabemos que Acosta utilizou a obra de Tovar, pois, quando seu livro foi publicado, em 1590, ele transcreveu parte da carta que enviou ao amigo no livro VII e a resposta de Tovar no livro VI, deixando claro que havia se baseado nele para relatar sobre a Nova Espanha.

Para Montoya, depois que Acosta morreu, em 1600, alguém colocou um título na Segunda Relação de Tovar. Enquanto isso, a versão que estava em posse dos jesuítas, na Cidade do México, foi parar nas mãos do franciscano Juan de Torquemada, em 1615. Segundo ela, sabe-se disso, pois Torquemada menciona na sua *Historia Indiana* (1615) que utilizou a mesma fonte da qual Acosta retirou as informações sobre os mexicanos para a *Historia natural y moral de las Indias* (Montoya, 2005, p. 44-47). Por outro lado, sabe-se que, em 1816, o *Manuscrito Tovar*, versão que estava com Acosta, se encontrava na Inglaterra. Depois, ela foi leiloadada e comprada por Sir Thomas Phillipps em 1836 (Montoya, 2005, p. 50):

Entre 1600 Y 1816, se desconoce que pasó con la versión de la Segunda Relación que tuvo en sus manos el padre Acosta, pero gracias a la investigación realizada en 1945 por el encargado del Departamento de Obras Raras de la Universidad de Harvard, William Jackson, por petición de Robert Barlow, y la reconstrucción que hacen George Kubler y Charles Gibson, de la historia del Calendario Tovar, obra que fue anexada a la Relación.. por Acosta, sabemos que para 1816 la versión de la Segunda Relación que habla pertenecido a Acosta ya se encontraba en Inglaterra, en manos de un señor llamado Stanley, quien la puso a la venta ese mismo año. (Montoya, 2005, p. 49)

Uma discussão iniciada no século XIX, mas melhor estabelecida a partir de 1945, com a publicação do artigo escrito por Robert Barlow, *La Crónica X, versiones coloniales de la historia de los mexica-tenochca*, defende que Tezozomoc, Durán e Tovar utilizaram a mesma fonte histórica, uma crônica indígena perdida, a *Cronica X* (Montoya, 2005, p. 55).

Em resumo, diferentes estudos, após a descoberta de ambos os manuscritos, concluíram que o autor das duas relações foi Tovar, baseado em Durán. O conteúdo das obras é o mesmo e as poucas diferenças são em relação às etimologias de palavras em *nahuatl*, mais detalhadas no *Códice* (Leal, 1953; Couch, 1991; Montoya, 2005; Battcock; Vargas, 2024), além de este conter três fragmentos anexos — dos quais Ramírez só manteve os dois primeiros (Ramírez, 1860, apud Orozco y Berra, 1987, p. 14)²⁹.

A escolha do *Códice* como fonte para o trabalho se deve à narrativa presente no Fragmento número 2, que representa Ixtlilxochitl II como o grande líder da tomada de México-Tenochtitlan em pouco mais de 10 páginas. No entanto, como já havia sido notado por Ramírez, o fragmento possui uma caligrafia muito diferente dos tratados e do primeiro fragmento do manuscrito. Segundo ele:

El fragmento núm. 2 es un original y de letra enteramente diversa. Las numerosas testaduras manifiestan claramente que era el borrador. Está distribuido en capítulos, habiendo quedado en blanco sus números ordinales. Relátanse en él compendiosamente los hechos de la conquista, desde la llegada de los españoles á Tezcuco, hasta los inmediatos á la rendicion de México. (Ramírez, 1860 apud Orozco y Berra, 1987, p. 14)

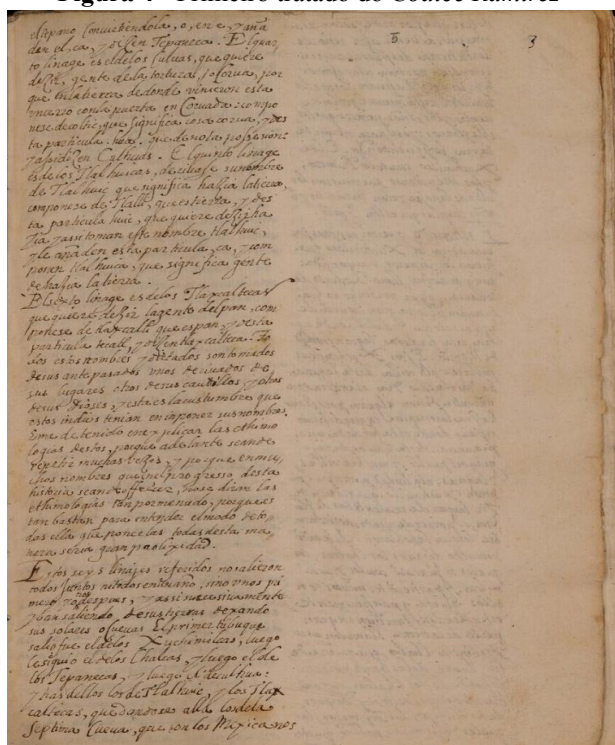
Apesar disso, Ramírez não se aprofundou sobre esta característica. Recentemente, em 2024, foi publicada uma nova edição do *Códice* por Battcock e Vargas, na qual foram incluídos estudos preliminares do documento. Um desses é um artigo escrito por Andrés Centeno e Jhonnatan Zavala, intitulado *Un atado de manuscritos: los fragmentos 1 y 2 del Códice Ramírez*. Nesse estudo, os autores afirmam que o texto é um rascunho da *Décimotercia relación* escrita por Fernando de Alva. A explicação para a anexação dele ao *Códice* é a hipótese de que Fernando de Alva e Torquemada mantiveram contato durante o período de produção do texto e que esse rascunho ficou com o franciscano, sendo guardado no convento de *San Francisco de la Ciudad de México*. Além disso, os autores notaram que,

²⁹ Segundo ele, “*El tercer fragmento incorporado en el antiguo volumen no tiene conexión alguna con su asunto. Contiene solamente tres fojas, letra del Siglo XVI con el siguiente título: “Chatecismo ó ynstruccion de ynfielos donde se da noticia de un solo dios verdadero, y de la falsedade de muchos dioses.” Atendida la incongruencia, se ha separado para unirlo á otros de su género.*” (Ramírez, 1860 apud Orozco y Berra, 1987, p. 14).

não obstante a caligrafia do fragmento e do *Códice* serem muito distintas, a letra presente nesse anexo se assemelha à do manuscrito original de Fernando de Alva, contido no *Códice Chimalpahin*³⁰, além do conteúdo praticamente igual entre os textos (Centeno; Zavala, 2024, p. 55-67).

A publicação dessa análise foi muito importante para os estudos de ambas as obras nesta pesquisa. As histórias de Fernando de Alva são extremamente conhecidas pelos relatos que colocam a cidade de Texcoco e seus ancestrais no centro da conquista. Dessa forma, ao ler os textos do autor e o fragmento do *Códice*, já havíamos notado muitas semelhanças, que serão analisadas ao longo do trabalho. No entanto, não encontramos em todo esse tempo nenhum estudo que interligasse os textos, o que para nós faz bastante sentido, embora ainda não consigamos analisar a caligrafia dos manuscritos para aprofundar esta questão.

Figura 4 - Primeiro tratado do *Códice Ramírez*³¹

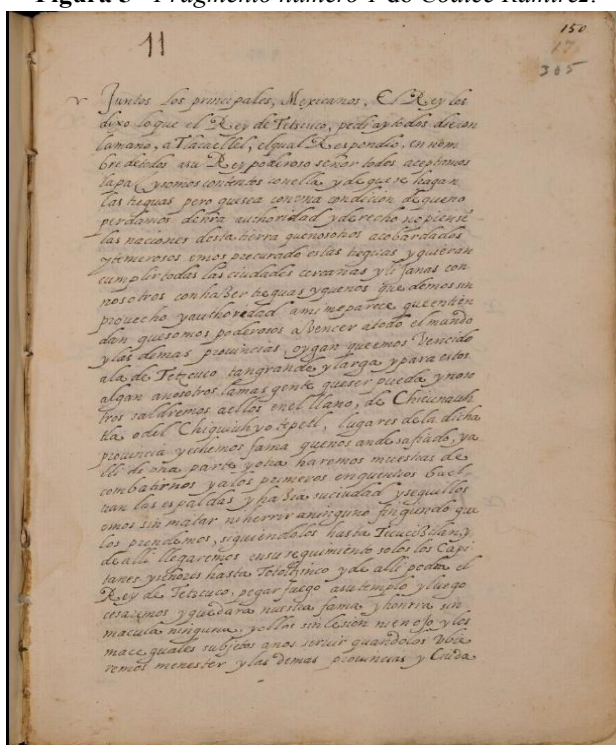


Fonte: Manuscrito original do *Códice Ramírez*, p. 3, imagem 216.

³⁰ O manuscrito original de Fernando de Alva está disponível no site <https://www.codicechimalpahin.inah.gob.mx/>, enquanto a versão do *Códice* encontrada por Ramírez está digitalizada no seguinte link <https://bibliotecadigital.inah.gob.mx/janium-bin/detalle.pl?Id=20251003115208>.

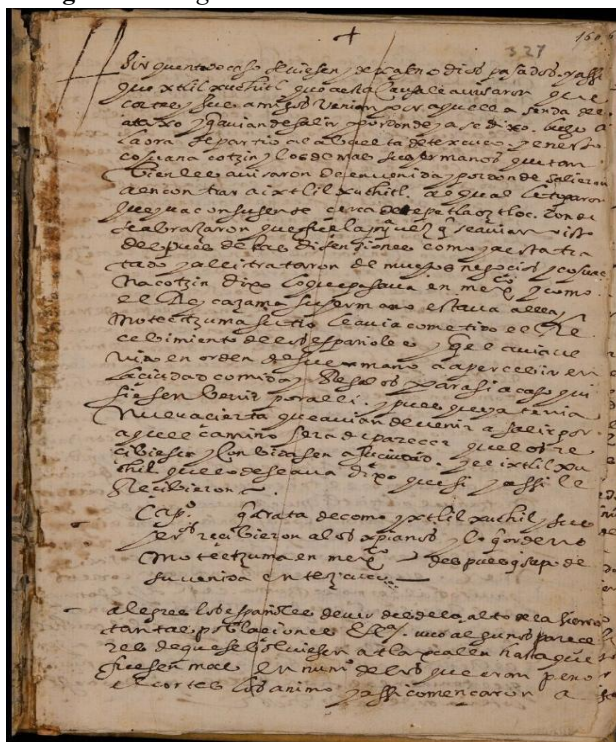
³¹ A reprodução dos manuscritos ajuda a observar as diferentes caligrafias e a possível semelhança entre as letras do *Fragmento número 2* do *Códice* e a *13 Relación* de Fernando de Alva.

Figura 5 - Fragmento número 1 do Códice Ramírez.



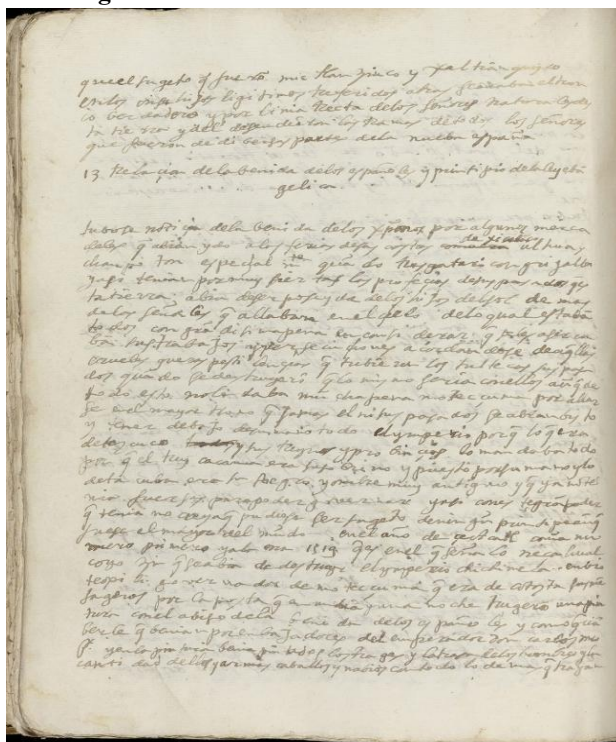
Fonte: Manuscrito original do **Códice Ramírez**, p. 305, imagem 367 do site.

Figura 6 - Fragmento número 2 do Códice Ramírez



Fonte: Manuscrito original do **Códice Ramírez**, p. 327, imagem 378 do site.

Figura 7 - 13 Relación de Fernando de Alva.



Fonte: 13 Relación. In: **Códice Chimalpahin**, volume II, f. 23v, imagem 342 do site.

Sendo assim, o trecho que escolhemos do *Códice* para analisar as representações sobre Ixtlilxochitl II e Texcoco na conquista foi, muito provavelmente, escrito também por Fernando de Alva, anexado ao manuscrito de um autor jesuíta com intenções diferentes do herdeiro texcocano. Trata-se de um documento com um percurso histórico complexo, mas que, independentemente de sua autoria, percebe-se uma clara associação à tradição histórica texcocana e se torna a fonte com mais ênfase em Ixtlilxochitl II como conquistador. Por fim, vale ressaltar que não selecionamos nenhum trecho dos tratados escritos por Tovar ou do Fragmento número 1, pois eles não possuem menções sobre o personagem em questão, muito provavelmente por terem como base principal fontes da tradição histórica mexicana, como apontado por Couch (1991), Montoya (2005) e Centeno e Zavala (2024).

1.2.5 Obras Históricas

Don Fernando de Alva Ixtlilxochitl foi trineto de Ixtlilxochitl II, personagem estudado nesta pesquisa. Embora até o momento não exista um documento que comprove sua origem de nascimento, provavelmente o famoso cronista nasceu na Cidade do México ou em Teotihuacan (Townsend, 2014, p. 2). A primeira região era onde os seus pais moravam, mas a última também é possível pela ligação familiar materna com o lugar. Especula-se que o autor nasceu entre 1568 e 1578 e faleceu em 1650.

Filho de Ana Cortés Ixtlilxochitl e Juan Pérez de Peralada, Fernando de Alva pode ser considerado um *castizo*, pois seu pai era espanhol e sua mãe mestiça. Além disso, o autor tinha ascendência nobre pela via materna em duas vertentes: sua bisavó era filha de Ixtlilxochitl II e se casou com um principal de Teotihuacan, herdando, após a morte do marido, o *cacicazgo* do território, herança passada para a mãe do cronista. Os primeiros anos de vida do autor são desconhecidos. Embora por muito tempo tenha havido especulações sobre a sua formação, não existem documentos que comprovem que ele frequentou o Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco. No entanto, obviamente o autor teve uma formação sólida, haja vista as referências culturais e intelectuais em suas obras (Townsend, 2014, p. 3, 4 e 15).

A trajetória de Fernando de Alva como escritor se iniciou provavelmente entre o final do século XVI e início do XVII, período no qual sua família começou uma disputa pela posse do *cacicazgo* de Teotihuacan. Em 1597, sua avó faleceu, passando o *cacicazgo* para a mãe do cronista. Não obstante, desde 1576, a administração espanhola havia expedido uma lei na qual somente os “indígenas puros” poderiam ser *caciques*. Logo, tanto Ana Cortés quanto os seus filhos não acessariam a herança familiar. Em 1610, a família entrou com uma petição ao vice-rei solicitando a reafirmação do direito da sua família à herança. Dois anos depois, foram respondidos positivamente: Ana teve o direito garantido e, além disso, Fernando de Alva foi nomeado pelo vice-rei como *juez gobernador* de Texcoco, cargo que manteve por volta de um mês, até 1613 (Townsend, 2014, p. 3 e 5; Benton, 2017, p. 130). Em anos posteriores, o cronista também foi governador de Tlalmanalco (1616-1618) e Chalco (1620-1622) (Añón; Battcock, 2023, p. 24; O’Gorman, 1985, p. 336-337; 344-345), além de intérprete no *Juzgado General de los Índios* na Cidade do México (1640?-até a morte?) (O’Gorman, 1975, p. 31)³².

Sabe-se que Fernando de Alva começou a escrever suas histórias em meio a essa luta judicial de sua família. Uma de suas obras, o *Compendio histórico de los reyes de Texcoco*, foi entregue ao cabildo de San Salvador Quatlacincó, na província de Otumba, em 1608, para que fosse legitimada. Ao todo, o escritor produziu cinco manuscritos. Embora os textos não sejam datados, Edmundo O’Gorman propõe a seguinte ordem cronológica de produção (1975, p. 229-233): *Sumaria relación de todas las cosas que han sucedido en esta Nueva España*, *Relación sucinta en forma de memorial*, *Compendio histórico de los reyes de Texcoco*, *Sumaria relación de la historia general* e *Historia de la nación chichimeca*. Enquanto a segunda e a quarta possuem dedicatórias endereçadas, aparentemente, a algum vice-rei da

³² Segundo Edmundo O’Gorman, em um documento de 1640, é descrito que Fernando de Alva era intérprete. No entanto, não há descrição de quando ele iniciou no cargo; também não há informações posteriores sobre até quando ele exerceu essa função, mas acredita-se que, provavelmente, até sua morte.

Nova Espanha, a terceira constitui-se como uma *probanza de méritos*, na qual o autor teve como objetivo provar a linhagem indígena e nobre que possuía de Texcoco. Em uma dessas dedicatórias, o autor escreve:

Sólo me resta ahora al amparo y protección de un príncipe tan grande como lo es V.S.I, debajo del cual saldrá a luz mi trabajo, a quien he querido ofrecer y dedicar esta relación sumaria de la historia general de esta Nueva España, como a quien le pertenece y viene de derecho. Y así por esto, como por la particular han dado ánimo para osar dedicarla a V.S.I. a quien suplico humildemente la reciba y ampare el deseo y voluntad con que se le ofrece, cuya vida guarde muchos años y estados acreciente, como sus criados deseamos y tenemos necesidad. (Ixtlilxochitl, 1892, p. 15)

Os conteúdos de todos os manuscritos são muito parecidos e, como dito acima, buscam provar a origem nobre do autor. Diante disto, ele escreve desde a migração chichimeca, ancestrais do povo texcocano, até as expedições à América Central durante os anos de 1524 e 1526, das quais seu trisavô participou. Ixtlilxochitl II é o personagem principal em todos os textos do autor que narram desde o início do século XVI até a década de 1520. Este fato nos impeliu a escolher alguns trechos das obras para análise. Desta feita, analisaremos partes da *Sumaria relación de todas las cosas*, do *Compendio* e da *Historia de la nación chichimeca* que citam o filho dissidente de Nezahualpilli, principalmente as passagens durante as guerras hispano-indígenas entre 1519 e 1521.

Suas obras também nos possibilitam, assim como no Fragmento número 2, perceber uma estratégia discursiva presente nos textos favoráveis à tradição histórica texcocana: o engajamento dos acolhuas em detrimento dos tlaxcaltecas. Assim como no Fragmento, Fernando de Alva não deixa de mencionar a importância dos tlaxcaltecas através de inúmeras citações acerca do número e da constante presença dos combatentes do *altepetl*. No entanto, fica nítido um debate historiográfico — se assim podemos dizer — com autores que não enfatizam a participação texcocana em favor dos espanhóis e antigos inimigos da Tríplice Aliança. Além disso, o posicionamento do escritor evidencia o ímpeto dos descendentes de indígenas para continuar fortalecendo a memória histórica sobre a importância dos nativos na construção do mundo colonial.

1.3 Síntese historiográfica e fundamentação das fontes

Neste capítulo introdutório, buscamos fazer uma breve discussão sobre alguns trabalhos acerca de Texcoco ou que mencionam de algum modo Ixtlilxochitl II. Percebemos que, em comparação a México-Tenochtitlan, Texcoco torna-se um foco secundário de

pesquisa, embora tenha sido a segunda cidade mais importante da Tríplice Aliança. Acreditamos que isso aconteça devido a uma visão construída ao longo dos séculos, na qual classifica a cidade como traidora do povo mexicano, embora esse povo homogêneo não existisse até a criação e consolidação dos estados nacionais durante o século XIX. Aliado a isso, vemos que a figura de Ixtlilxochitl II não recebeu tanta atenção da historiografia até o momento. Acreditamos que, ao analisar suas diferentes representações em textos do período colonial, novos questionamentos e interesses possam surgir sobre o personagem e as interpretações sobre a participação de Texcoco nas guerras hispano-indígenas.

Para isso, elencamos quatro fontes principais, descritas acima, nas quais é possível observar as nuances representacionais sobre Ixtlilxochitl II, Texcoco, os espanhóis e Tlaxcala. Vemos, nesses documentos, como diferentes vozes estão presentes nos textos, seja através das referências a outros autores ou mesmo pela percepção das tradições históricas que deram base aos escritos. Estes testemunhos complexos expõem a diversidade de versões do mesmo evento e nos fazem questionar: quem foram os conquistadores e por que essa questão continuou sendo tão importante mesmo após mais de um século da conquista?

CAPÍTULO II. TEXCOCO: DA TRÍPLICE ALIANÇA À COLONIZAÇÃO ESPANHOLA (SÉCULOS XV-XVII)

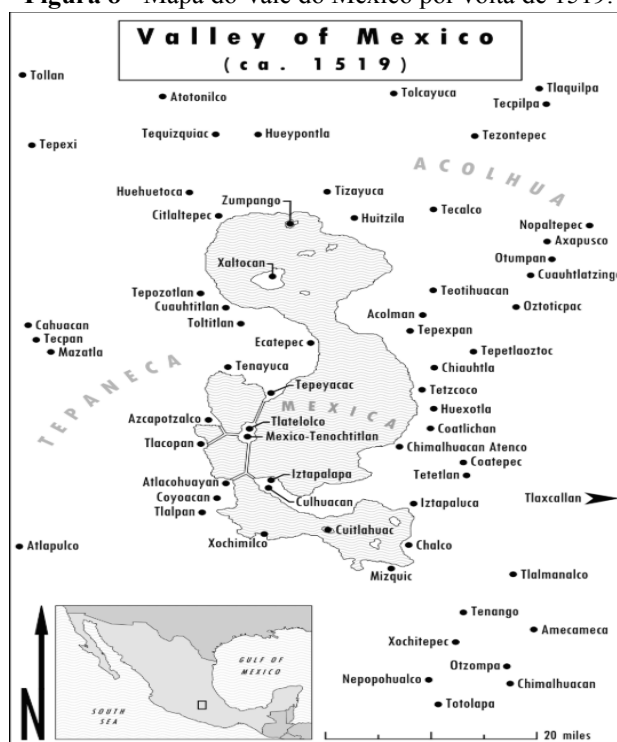
Após o balanço sobre a produção historiográfica em relação a Ixtlilxochitl II e Texcoco, além de debatermos sobre os autores, tipologias, contexto de produção e a justificativa das fontes utilizadas na pesquisa, neste segundo capítulo apresentaremos uma contextualização histórica, territorial e política da cidade. A partir dessa contextualização, que vai desde o início da proeminência de Texcoco na região do Vale do México, por volta do século XV, passando pela formação da Tríplice Aliança, pela guerra hispano-indígena e pelo primeiro século de colonização espanhola, será possível compreendermos de forma mais ampla a importância deste território e os cenários nos quais se encontravam Ixtlilxochitl II e seus familiares durante os séculos XVI até o XVII. Desta maneira, veremos o que a aliança entre texcocanos e espanhóis, nas guerras de conquista, proporcionou de mudanças para as elites texcocanas e como isso influenciou as representações sobre a cidade e o conquistador nativo nas narrativas analisadas nos próximos capítulos.

2.1 Texcoco na formação da Tríplice Aliança

2.1.1 O *altepetl* durante o domínio tepaneca

Texcoco encontrava-se a leste do Lago de Texcoco, no sentido oposto a México-Tenochtitlan (ver Figura 8). Ao que parece, Texcoco e as regiões próximas em Acolhuacan careciam de recursos exploráveis além dos produtos agrícolas comuns no Vale do México, como, por exemplo, o milho. Porém, a proximidade da cidade com o lago trouxe alguns benefícios, porque, além de proporcionar uma abundante e variada vida aquática, também fornecia sal, que era transformado em pães e comercializado. Além dos alimentos, o lago também era um canal de transporte para mercadorias entre as regiões do Vale (Offner, 1983, p. 1 e 8; Benton, 2017, p. 7-8).

Figura 8 - Mapa do Vale do México por volta de 1519.



Fonte: Loaeza. In: Brian; Benton; Loaeza, 2015, p. 16.

Segundo Frederic Hicks, Texcoco era o principal *altepetl* de Acolhuacan, região constituída por quatorze *altepeme* com seus próprios *tlatoque*, subordinados a Texcoco, considerada a capital da região (1982, p. 231). Já Bradley Benton afirma que sete *tlatoque* dos *altepeme* de Acolman, Coatlichan, Chiauhtla, Huexotla, Tepetlaoztoc, Texcoco e Tezoyucan, e não quatorze, governavam o território e prestavam homenagens ao *tlatoani* de Texcoco (2017, p. 4).

No entanto, há de se notar que existem debates acerca da extensão do poder de Texcoco até o governo de Nezahualcoyotl (Palerm; Wolf, 1954-1955, p. 338-339 *apud* Lee, 2014, p. 65). Segundo descreve Jongsoo Lee, “*The relatively late foundation of Texcoco compared with Coatlichan and Huexotla seems to have impeded its political and cultural development.*” (2014, p. 65). O autor argumenta que, provavelmente, Texcoco esteve, desde o início, subordinada política e culturalmente a Coatlichan e Huexotla. De acordo com ele, no *Códice Xolotl*³³ há referências de que, no século XIV, Coatlichan teria salvado Texcoco de invasores chichimecas (2014, p. 66). Ainda no mesmo livro, Lori Boornazian Diel mostra que, além da representação superior de Coatlichan e Huexotla no *Códice*, evidências

³³ Fonte histórica pictórica criada em meados do século XVI que retrata a história pré-hispânica de Texcoco, desde a entrada de Xolotl no Vale do México até a Guerra Tepaneca.

arqueológicas reforçam a importância de Coatlichan, Huexotla e Texcoco na época devido ao grande número populacional encontrado nelas em relação a outros territórios próximos (Diel, 2014, p. 129). Além de Lee, Glorinela Franco e Carlos Santamarina Novillo também afirmam a hegemonia de Coatlichan em Acolhuacan antes da Tríplice Aliança (Novillo, 2005, p. 227). Segundo Franco, “*durante el gobierno de Quinatzin, Tetzcuco no fué importante, sino que era como tantos otros pueblos sujetos a la autoridad del máximo señorío existente en aquel entonces, Coatlichan.*” (1974, p. 16). No entanto, conforme a autora, Coatlichan entrou em decadência a partir de 1375 por ter se envolvido em uma guerra com outro território da região (Franco, 1974, p. 16-17).

De acordo com Diel, uma das principais fontes históricas pictóricas de Huexotla é os *Primeros memoriales*, compilados por Bernardino de Sahagún, que inclui uma lista de governantes de Huexotla, México-Tenochtitlan e Texcoco. Essas imagens indicam uma relativa autonomia de Huexotla e sugerem que o *altepetl* tinha um status elevado em comparação a Texcoco e México-Tenochtitlan desde o século XIV, por ter sido aliado dos tepanecas. Para Diel, elas indicam que a partir do líder Yaotzin (séc. XIV), os governantes de Huexotla pararam de vestir peles de animais para se cobrirem com mantas de algodão — indicando um poderio maior —, enquanto em Texcoco isso só aconteceu com Nezahualcoyotl, no século XV (Diel, 2014, p. 130-133). Além disso, os informantes de Sahagún calcularam o reinado de Huexotla como sendo muito mais extenso do que o de Texcoco:

In fact, only three tlatoque preceded the reign of Nezahualcoyotl, while eight rulers preceded Tlazolyaotzin, his contemporary; Sahagún's informants calculated that Texcoco's rulers reigned for 384 years, whereas the antiquity of Huexotla was far greater: 562 years. The alphabetic annotations further state that the founders of Huexotla were the first arrivals in the area and that only during Tlazolyaotzin's reign were “the mat, the seat” — a metaphor for autonomous rule — set down in Texcoco (ibid.). [...] Thus the message sent here is that the rulers of Huexotla were autonomous leaders and not subject to Texcoco; indeed, they are shown as Texcoco's equals, if not its superiors. (Diel, 2014, p. 134)

Diferentemente de Diel (2014), para Jerome Offner — que considera ter existido um império texcocano —, Texcoco fazia parte de uma Tríplice Aliança com Huexotla e Coatlichan. Segundo o autor, no final do reinado de Quinatzin, Texcoco já tinha emergido como a principal cidade dessa aliança. Junto desses dois governantes, Quinatzin se envolveu em guerras que aumentaram sua reputação e domínio territorial (1983, p. 29), “*but before the*

death of Quinatzin, it had reaffirmed its power over certain groups to the east of the Valley of Mexico and imposed tribute on them.” (1983, p. 31).

Em relação à divisão territorial de Texcoco, Hicks afirma que o *altepetl* continha seis territórios centrais. Segundo o autor, “*Tetzcoco contained six major units that the Spanish sources sometimes call barrios or colaciones, but more often parcialidades.*” — que ele prefere chamar de “seções” para não haver confusão com os termos empregados pelos espanhóis. Tais seções eram Chimalpan, Tlailotlacan, Mexicapan, Colhuacan, Tepanecapan e Huitznahuac (ver Figura 9), nomes que derivam de seis grupos étnicos que chegaram a Acolhuacan antes da conquista tepaneca e que tinham seus próprios líderes. O autor diz que o cronista Fernando de Alva afirmou que Nezahualcoyotl foi o responsável por organizar esses seis grupos, mas que, na verdade, isso já teria acontecido com Quinatzin e Techotlalatzin. De acordo com Hicks, provavelmente o que Nezahualcoyotl fez foi atribuir a cada grupo um lugar para construir o seu próprio centro cerimonial e palácio-sede nas proximidades do centro político-religioso de Texcoco (1982, p. 236). Hicks considera que a função dessas seções era política e eram compostas basicamente por linhagens nobres potencialmente poderosas. Dessa forma, foram reestruturadas por Nezahualcoyotl a fim de que permanecessem leais ao poder de Texcoco:

I suggest that the function of the sections was primarily political. Basically, they were noble lineages which, because of their numbers and the size of their following, were potentially powerful. [...] What Nezahualcoyotl seems to have done in restructuring his kingdom was to organize the nobles of the sections, and their macehualli following, in such a way that they would be well served economically, would enjoy a measure of authority, and thus would be loyal to the king. But they were structured so that no single section would be paramount in any given region or sphere of activity, and thus their potential for power could not be realized. [...] Each of the sections also had its part to play in the ceremonial cycle of the city (Alva Ixtlilxochitl 1975-77, 1:380), and it is likely that authority was delegated to them evenly in other ways as well. (Hicks, 1982, p. 237)

Figura 9 - As seis “seções” de Texcoco, legendadas como “*Parcialidad centera*” na imagem.

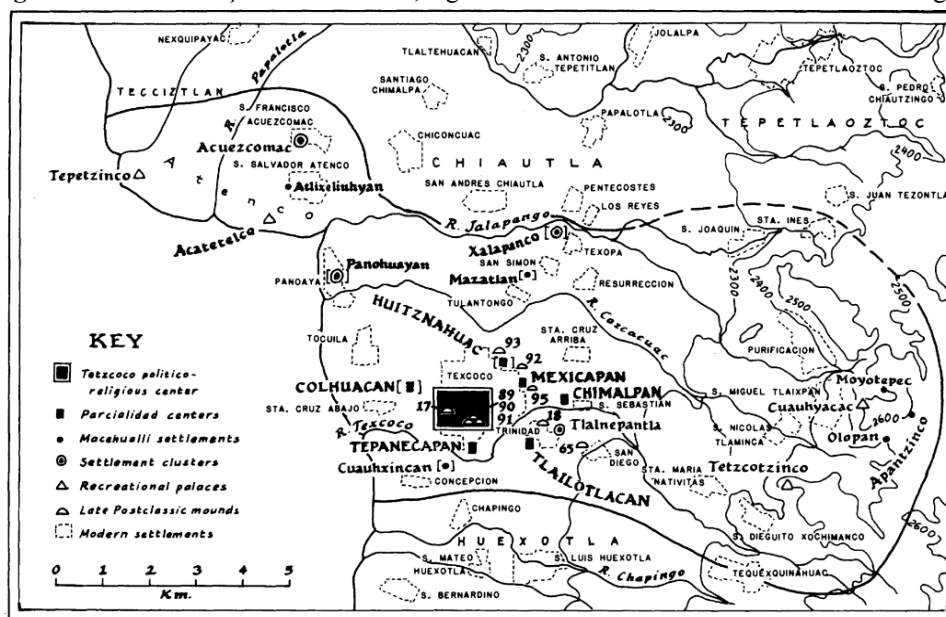


Figure 1. The city of Tetzoco at the time of Spanish contact. Localities within brackets are approximate locations, probably correct within 2 km; others are probably correct within 1 km. (Base maps: Secretaría de Programación y Presupuesto, Carta Topográfica 1:50,000, sheets 314B21 and E14B31, with lakeshore based on González Aparicio 1973.)

Fonte: Hicks, 1982, p. 232.

O que de fato é consensual na historiografia é que, até o início do século XV, Texcoco foi dominada pelo Império Tepaneca, que tinha como cidade mais poderosa Azcapotzalco, localizada ao norte de México-Tenochtitlan, na margem oeste do Lago de Texcoco. O Império Tepaneca dominou praticamente todo o Vale do México durante os anos de 1370 até 1428, quando a cidade e seu governante, Maxtla, foram derrotados pela chamada Tríplice Aliança, formada por México-Tenochtitlan, Texcoco e Tlacopan. Tal evento se deu pelos conflitos entre *altepeme*, começando por uma guerra entre Azcapotzalco e México-Tenochtitlan, mas que envolveu outros territórios, ficando conhecida como Guerra Tepaneca, ocorrida entre os anos de 1426 até 1428. Com o fim da guerra, Texcoco tornou-se uma das cidades mais poderosas do Vale do México.

2.1.2 A Guerra Tepaneca

Em 1426, o *huey tlatoani*³⁴ de Azcapotzalco, Tezozomoc, faleceu (Townsend, 2021, p. 70; Novillo, 2005, p. 367)³⁵ e o governo foi tomado por seu filho Maxtla, que se envolveu em conflitos com México-Tenochtitlan, Tlatelolco e Texcoco. Antes disso, entre 1418 e 1419, o *tlatoani* de Texcoco, Ixtlilxochitl I, foi morto a mando de Tezozomoc (Offner, 1983, p. 41-42; Lee, 2014, p. 65). Algumas bibliografias indicam que, insatisfeito com a dominação tepaneca, Ixtlilxochitl I decidiu que sua esposa tenochca seria a esposa principal; logo, os descendentes desse casamento seriam os herdeiros concorrentes para o cargo de *tlatoani* de Texcoco quando ele morresse. Isso desagradou Tezozomoc, já que as relações matrimoniais no mundo nahua envolviam dinâmicas políticas de aliança e domínio: normalmente, a filha do *huey tlatoani* casava-se com um *tlatoani*, sendo a esposa principal. Essa prática era uma confirmação de submissão, já que a sucessão ao cargo de líder político e militar de um *altepetl* estava ligada à linhagem da mãe. Os filhos que podiam suceder o pai eram os filhos de uma esposa nobre e principal, que na maioria das vezes era filha do *huey tlatoani* daquele período e território (Offner, 1983; Novillo, 2005; Townsend, 2021).

De acordo com Offner, baseando-se em Juan de Torquemada, no *Códice Xolotl* e em Fernando de Alva, no breve reinado de Ixtlilxochitl I, o *tlatoani* discordou de continuar fazendo mantas de algodão para Azcapotzalco, além de não aceitar a filha de Tezozomoc como esposa legítima, e sim uma tenochca. Em retaliação, em 1415, Azcapotzalco, Tlatelolco, Tlacopan, Coyoacan, Culhuacan, Xochimilco, Cuitlahuac, Mizquic, Iztapalapa, Mexicaltzinco e Huitzilopochco atacaram Ixtlilxochitl I. Segundo o antropólogo, ao que tudo indica, a guerra entre os *tlatoque* durou cerca de quatro anos, entre 1415 e 1419. Com o assassinato de Ixtlilxochitl I, os tepanecas tiveram controle sobre Texcoco e o filho deste *tlatoani*, Nezahualcoyotl, fugiu da cidade. Após a tomada de Acolhuacan, Tezozomoc passou a Chimalpopoca, *tlatoani* de México-Tenochtitlan, o poder sobre Texcoco em 1420, o que Offner considerou como um erro, “*for it seems to have fostered closer relationships between the ruling family of Tenochtitlan and the exiled Nezahualcoyotl.*” (1983, p. 40-43).

Sobre a fuga de Nezahualcoyotl e a sua relação posterior com México-Tenochtitlan, Camila Townsend menciona que:

³⁴ *Huey tlatoani* significa “o grande orador”, sendo mais importante e poderoso do que o *tlatoani*, pois esse estava acima de todos os *tlatoque* (Townsend, 2021, p. 12-13). Tal título era utilizado pelos líderes políticos de um *altepetl* complexo, dominante de outros *altepeme* e regiões, tais como México-Tenochtitlan, Texcoco e Tlaxcala.

³⁵ Camila Townsend considera a morte dele neste ano; no entanto, Jerome Offner cita que, segundo o *Códice Xolotl*, ele faleceu em 1427 (1983, p. 44). Contudo, como Townsend aponta que a maioria das fontes indica a morte do *tlatoani* em 1426, tomarei essa data como base para o trabalho.

Nezahualcōyotl huyó y se ocultó en Tlaxcala, un pueblo del oriente que no se encontraba bajo el dominio de Azcapotzalco; parece haber sido allí a donde los emisarios de Itzcóatl fueron a buscarlo años después, durante la gran crisis política. Los dos señores, Nezahualcōyotl e Itzcóatl, estaban emparentados por medio de Matlalcíhuatl, la madre mexicana de Nezahualcōyotl (2021, p. 76)

Com a sucessão de Tezozomoc, seu filho Maxtla assassinou Chimalpopoca e o *tlatoani* de Tlatelolco, em 1426 (Townsend, 2021, p. 103), causando a revolta de alguns integrantes desta cidade, principalmente de Itzcoatl, tio do líder tenochca assassinado. Após esse episódio, Itzcoatl uniu-se a Nezahualcoyotl, conseguindo derrotar Maxtla e o Império Tepaneca com a ajuda da cidade de Tlacopan em 1428 (Offner, 1983, p. 45; Townsend, 2021, p. 77). A partir daí, formou-se a conhecida Tríplice Aliança, ou Império Asteca, que perdurou até 1519, com a chegada dos espanhóis na Mesoamérica.

2.1.3 A formação e a política administrativa da Tríplice Aliança e o governo de Nezahualcoyotl

Com toda a revolta de México-Tenochtitlan — que fechou as fronteiras entre a cidade e Azcapotzalco após o assassinato de Chimalpopoca — e de Nezhualcoyotl, surgiu a oportunidade para que México-Tenochtitlan e Texcoco se aliassem contra Maxtla. Além da questão política que envolvia a guerra iniciada pelos tepanecas, Itzcoatl era tio-avô de Nezahualcoyotl, já que a esposa mexicana de Ixtlilxochitl I era irmã de Chimalpopoca (Offner, 1983, p. 41; Townsend, 2021, p. 72 e 74). Segundo Offner, foi Nezhualcoyotl quem tomou a iniciativa para a aliança ser feita. De acordo com o autor, o texcocano agiu como um intermediário entre o Vale do México e outras áreas, possibilitando a formação da aliança política. Para Offner, Texcoco, México-Tenochtitlan e Tlatelolco tiveram a ajuda de várias cidades, até mesmo de Tlaxcala, que nunca foi dominada pelos astecas, e assim conseguiram expulsar os tepanecas de Acolhuacan (1983, p. 42 e 44).

No entanto, em alguns momentos, acreditamos que o antropólogo acaba idealizando as fontes históricas que analisa, afirmando que Nezahualcoyotl, além de “dominar” México-Tenochtitlan durante a criação da Tríplice Aliança, possuía nessa época um império mais poderoso do que o mexicano; isto porque muitos documentos sobre a história de Texcoco foram produzidos no período colonial, servindo para reivindicação de domínio territorial e tributário por parte de líderes texcocanos (Benton, 2017, p. 60-63; Lesbre, 2013, p. 150-153; Spitler, 1998; Diel, 2014), algo que Offner ignora em sua análise. Segundo o autor:

Nezahualcoyotl needed to subdue the various factions within his own city and in the areas that his father and grandfather had previously controlled. In addition, he had to limit the power of Tenochtitlan, which threatened to become the foremost state of the valley with its powerful, experienced, and effective army. In a brilliant series of maneuvers, Nezahualcoyotl not only managed to forestall Tenochcan dominance for several decades, but also was granted the use of Tenochtitlan's military forces in recapturing the heartland of his empire. (1983, p. 45)

Contudo, ele mostra que Nezahualcoyotl precisou da ajuda de Itzcoatl para ser bem recebido em Texcoco. Ele diz que, em meio à Guerra Tepaneca, Huexotla tentou ser a principal cidade de Acolhuacan, mas Nezahualcoyotl conseguiu vencê-la com a ajuda de seu tio-avô. Segundo o autor, Nezahualcoyotl se tornou *tlatoani* de Texcoco em 1431, mas só transferiu sua “corte” de México-Tenochtitlan para lá em 1433 (1983, p. 87). Após isso, o autor cita que, embora as fontes cronísticas mostrem divergências entre si, o mais recorrente é ver que México-Tenochtitlan foi a liderança militar da Tríplice Aliança (1893, p. 90). Para ele, há muitas evidências nas fontes que sugerem que Texcoco nunca foi mais poderosa do que México-Tenochtitlan e que Itzcoatl controlava algumas áreas do “império texcocano”:

It is clear that Itzcoatl and/or Tenochtitlan had control over significant areas within the bounds of the early Texcocan empire. Torquemada (1975:I, 144) stresses the legitimacy of Itzcoatl's claims to the region of Acolhuacan, because not only had Tezozomoc given it to him to administer as part of the empire of Azcapotzalco, but he had also defeated Maxtla, the son of Tezozomoc, in a battle for this region. (Offner, 1983, p. 91)

Diferentemente de Offner, Townsend defende que foi Itzcoatl quem planejou a nova formação política asteca. De acordo com a autora,

Itzcóatl le explicó a Nezahualcóyotl que tenía en mente una triple alianza: si las familias texcocanas que eran leales a Nezahualcóyotl peleaban contra Maxtla de Azcapotzalco junto con los mexicas y el pueblo recientemente degradado de Tlacopan, probablemente podrían ganar. [...] Los días de Nezahualcóyotl como mendigo habrían terminado: se convertiría en el tlatoani reconocido de Texcoco, en lugar de ser el medio hermano ridiculizado del tlatoani en el poder. (2021, p. 76)

Ela segue descrevendo que México-Tenochtitlan, Texcoco e Tlacopan conquistaram diversos *altepeme*, formando um “triunvirato”, e que, mesmo que não tenha sido oficializado, foi reconhecido. A autora escreve que Itzcoatl tornou-se *tlatoani* dos mexicas e, consequentemente, *huey tlatoani* de todo o Vale. Enquanto isso, para tomar o poder em Texcoco, Itzcoatl e Nezahualcoyotl mataram todos os descendentes de Tezozomoc, incluindo “*todos los restantes medios hermanos azcapotzalcos de Nezahualcóyotl y a los esposos de sus medias hermanas azcapotzalcas.*”. Assim como afirmou Offner, a autora diz que os mexicas

obtiveram a maior proporção do trato, pois tinham uma população mais numerosa e participaram da parte mais importante da guerra (Townsend, 2021, p. 77).

Jongsoo Lee, ao discutir se a Tríplice Aliança existiu ou foi uma invenção dos povos astecas no período colonial, afirma que uma análise aprofundada mostra que, se considerarmos que ela existiu, isso ocorreu por conta das manobras políticas dos mexicas. Segundo ele, as fontes texcocanas e mexicas coincidem no quesito contextual político e histórico, e a grande divergência reside nas questões sobre a natureza da hierarquia política entre Texcoco e México-Tenochtitlan no começo da aliança. De acordo com o autor, enquanto Fernando de Alva diz que Nezahualcoyotl derrotou Itzcoatl e fez das três cidades as principais das suas terras, as fontes de tradição mexica — por exemplo, as crônicas de Tezozomoc e de Diego Durán — dizem que Nezahualcoyotl se submeteu voluntariamente a México-Tenochtitlan. Lee afirma que, segundo Tezozomoc e Durán, Tlacaelel (um nobre mexica) sugeriu que havia uma falsa guerra entre as cidades e, para provar a subordinação de Texcoco, Nezahualcoyotl queimou o templo do *altepetl* de forma simbólica. O autor diz que *“Considering that Nezahualcoyotl’s Texcoco was built by the Mexica, the Mexica version seems more probable.”* (2014, p. 69).

Novillo refere-se a essa mesma passagem das fontes de Durán e Fernando de Alva e afirma que teria se tratado de uma “guerra simbólica”. Além disso, o autor insere uma imagem do *Códice Mendoza* que descreve o templo texcocano em chamas durante o governo de Itzcoatl (ver Figura 10). Segundo o autor, isso demonstra não só uma ritualização da guerra na sociedade asteca, mas também uma das formas de dominação do Império (2005, p. 156-157; 233-234).

Figura 10 - Templo texcocano em chamas.



Fonte: Códice Mendoza, 1979, 5v *apud* Novillo, 2005, p. 157.

Segundo Novillo, México-Tenochtitlan constituiu-se como a cidade mais poderosa da aliança, seguida de Texcoco e Tlacopan, respectivamente. Essas três cidades conseguiram expandir seus domínios em praticamente toda a Bacia do México, com extensão da Costa do Golfo até o Pacífico Sudoeste, no espaço geográfico que hoje conhecemos como México (2005, p. 614-615).

Abaixo faremos uma breve relação de como funcionava a divisão territorial, o pagamento de tributos e o exercício de poder nesta aliança. Para isso, primeiramente, faz-se necessário pontuar que, por mais que México-Tenochtitlan tenha sido o *huey altepetl*³⁶ no período em que essa aliança política existiu, a liderança política no Vale do México jamais foi centralizada como a ideia de império ocidental nos faz imaginar. Segundo Charles Gibson, as fontes do período sugerem que existia um imperialismo dominante dos mexicas e acolhuas (1983, p. 24), mas não uma dominação absoluta.

La jerarquía del poder y del status en 1519, en orden descendente aproximado, sería: mexica, acolhuaque, tepaneca, chalca, xochimilca, cuiclahuaca, mixquica, culhuaque, otomies. [...] Pero la Triple Alianza debe ser considerada en cierto sentido como una afirmación de autopreservación tribal del fracaso de los mexica en la dominación absoluta de todos los asuntos del valle o en la exterminación del concepto tribal. (Gibson, 1983, p. 25-26)

Uma característica peculiar da Tríplice Aliança asteca era a forma de controle político e a cobrança de tributos, já que os territórios nos limites geográficos de Texcoco podiam pagar tributos a Nezahualcoyotl e Itzcoatl ao mesmo tempo, e vice-versa (Offner, 1983, p. 93). Offner aponta que, na segunda metade do século XVI, diversas testemunhas de cidades acolhuas alegaram à justiça hispânica que pagavam tributos diretamente a Montezuma. Entretanto,

in the context of the case, it is apparent that although tribute was indeed paid directly to Tenochtitlan, the labor organization centered around Otompan was designed to serve Texcoco and followed Texcocan orders (1983, p. 92)

³⁶ Para Novillo, confederações e alianças podem ser chamadas de “*huey altepetl*” ou “*huey tlatocayotl*”: “*Así como el altepetl se compone de unidades similares en estructura pero menores en escala, la aglutinación de altepetl da lugar también a unidades similares superiores en escala. James Lockhart las ha denominado «altepetl complejo», y las describe como un estado étnico compuesto de altepetl constitutivos, cada uno con su propio tlatoani, como históricamente fueron Tlaxcallan o Chalco (Lockhart 1999: 36 y ss.). Otra posibilidad de aglutinación de altepetl, posiblemente de nivel superior, sería la de las confederaciones o alianzas de ciudades, como la Triple Alianza que conformó el Imperio Mexica [...] Otro término que suele utilizarse para esta escala superior del altepetl viene dado al anteponer a dicho término el modificador huey (grande), así como también se habla de huey tlatocayotl.*” (2005, p. 83).

Novillo também aponta esse caráter multifacetado das divisões territoriais e da coleta de tributos na sociedade asteca do período. Utilizando-se do conceito de *entreveramiento* discutido por Pedro Carrasco, o autor explica que cada *altepetl* podia ser um território não contíguo e ainda possuir terras dentro de outro *altepetl*.

México, Tetzaco y Tlacopan tenían sujetos, cada uno en los territorios de los otros dos y, además, las tres capitales tenían posesiones separadas en varias regiones tributarias [...] Los intercambios de tierras, o sus tributos, entre señores aliados permite decir [...] que México y Tetzaco se tributaban el uno al otro. (Carrasco, 1996, p. 56 *apud* Novillo, 2005, p. 94)

Para o historiador, a principal finalidade da expansão imperial asteca era econômica: apropriar-se das terras e impor tributos era o que dava continuidade ao sistema de privilégios dos *pipiltin*. Para isso, o império criou províncias tributárias e distribuiu assentamentos militares para se proteger dos inimigos — como os tlaxcaltecas e os tarascos. Os tributários costumavam ter a obrigação de participar das campanhas imperiais ou defender as fronteiras (Novillo, 2005, p. 102-103).

Lee comenta que a maioria dos estudos concorda que as três cidades da Tríplice Aliança compartilhavam o poder político, assim como os tributos, baseando-se em uma divisão geográfica. México-Tenochtitlan ficava com a parte centro-sul, Texcoco com a parte nordeste e Tlacopan com a noroeste. Caso conquistassem conjuntamente uma cidade, os impostos eram divididos entre as três. Porém, ele diz que essa visão vem de fontes texcocanas, como os *Memoriales* de Motolinía³⁷, as crônicas de Fernando de Alva e das fontes tlacopanas, como o *Memorial de los pueblos de Tlacopan*³⁸. De acordo com ele, segundo as fontes mexicas,

Tenochtitlan presided over land and tributaries all over the basin. Its tributaries included, for example, Cuauhtitlan, Cuauhacan, and Atotonilco in the Tlacopan domain and Acolman, Tepechpan, and Tepetlaoztoc in the Texcocan region. (Lee, 2014, p. 70)

³⁷ Obra escrita pelo franciscano Toribio de Benavente, mais conhecido como Motolinía, em meados do século XVI, provavelmente na década de 1540. Os *Memoriales* perpassam pela história pré e pós-conquista dos astecas.

³⁸ Teresa Rojas-Rabiela explica que o *Memorial* faz parte do *Código Osuna*: “Este Memorial fue realizado en Tacuba el 8 de enero de 1565 y contiene los registros de las 42 cabeceras de los señoríos de esta antigua cabeza imperial, con indicación de si estaban en la Corona o en encomendero. El corpus conocido como Código Osuna se compone de varios testimonios pictográficos y alfabéticos que los “indios de México” (gobernador, alcaldes y regidores) reunieron para denunciar los abusos de los que fueron víctimas por el virrey Luis de Velasco, los oidores de la Real Audiencia y otros funcionarios españoles ante el visitador de la Nueva España, el licenciado Jerónimo de Valderrama en 1564, cuya misión era moderar los tributos, tomando en cuenta diversas evidencias como estas.” (2014, p. 15).

Baseando-se nos *Anais de Cuauhtitlan*³⁹, o autor afirma que não somente a Tríplice Aliança recebeu tributos, mas as cidades que eram subordinadas a elas também, tornando a política administrativa da época ainda mais complexa e confirmando o *entreveramiento* nos *altepeme*. Logo, as fronteiras políticas de cada uma das três cidades não correspondiam, necessariamente, às suas fronteiras tributárias, já que os territórios subordinados a elas tinham terras em locais que não eram da sua área: “*the Tlacopan subject city Cuauhtitlan had land at Tezoyucan in the Texcocan domain, while the Mexica cities of Colhuacan, Ixtapalapa, and Mexicaltzinco had land and tributaries in Cuauhtitlan in the Tlacopan domain*” (Lee, 2014, p. 70).

De acordo com o autor, Texcoco e Tlacopan “*did not control imperial lands and tribute*”, mas funcionavam como intermediárias de tributos e outras atividades organizadas e encaminhadas a México-Tenochtitlan (2014, p. 71). A hierarquia política e tributária se diferenciava e, diante da hierarquia política, os *altepeme* das províncias eram obrigados a fornecer pessoas e materiais para as guerras, festivais, obras públicas, etc. Segundo sua análise, México-Tenochtitlan detinha o poder da hierarquia tributária e

divided the central basin into seven tributary provinces without regard to the alleged tripartite political division of the Triple Alliance, and it appointed imperial calpixque (tribute collectors) to collect tribute from these areas. In this tribute-collection hierarchy, Mexica calpixque crossed freely back and forth over the political boundaries of the Texcoco and Tlacopan regions to collect tribute for the imperial center. (Lee, 2014, p. 71)

Segundo Townsend, embora as lideranças locais de *tlatoque* tenham permanecido nos *altepeme*, a maior mudança com a Tríplice Aliança foi em relação à economia, já que cada *altepetl* precisava pagar tributos para quem o tivesse dominado. E, não somente isso, assim como explicaram os autores supracitados, ela também cita a complexa administração da coleta desses tributos e como um *altepetl* podia pagá-lo ou prestar serviços para dois territórios. Esses tributos podiam ser pagos com diferentes produtos e várias vezes ao ano. Contudo, pela necessidade pontual da cobrança, foi preciso alinhar os calendários das cidades:

Por necesidad, el calendario se aplicó cada vez con más congruencia en cada vez más territorios, porque los recaudadores de tributos que Itzcóatl enviaba eran puntuales y la gente tenía que estar preparada para recibirlos. Los diferentes pueblos habían adoptado el calendario en diferentes momentos, por lo que un año 1

³⁹ Segundo Townsend, os *Anais de Cuauhtitlan* também são conhecidos como *Códice Chimalpopoca*, sendo escritos provavelmente por um aluno de Sahagún, chamado Pedro de San Buenaventura, entre 1560 e 1580. Os textos tratam da história dos povos do Vale do México, mas principalmente de Cuauhtitlan e México-Tenochtitlan. (2021, p. 291-292).

Ácatl [caña] de un altépetl podía ser un año 2 Tochtli [conejo] de otro y, por consiguiente, se vieron obligados a tratar de sincronizar sus cuentas del tiempo; no obstante, aunque comenzaron a estar alineados, los calendarios nunca estuvieron completamente sincronizados. (Townsend, 2021, p. 78)⁴⁰

Além de enviar os produtos, as regiões dominadas também deviam fornecer pessoas para os sacrifícios religiosos: “*Un tlatoani sabía que ese tributo significaba que se vería obligado a hacer constantemente la guerra contra sus vecinos si quería evitar que los hijos de su propio pueblo fueran a la piedra del sacrificio*” (Townsend, 2021, p. 79). A maioria desses sacrificados eram homens e prisioneiros de guerra (2021, p. 81).

Em relação estritamente à política de conquista, Novillo defende que o modelo de império hegemônico baseado em um domínio direto e indireto combina mais com a Tríplice Aliança. Nesse modelo, o império tinha uma estrutura militar permanente composta de *pipiltin* e *macehualtin*, ao mesmo tempo que permitia a existência de governos locais (Novillo, 2005, p. 114 e 124).⁴¹

Em seguida, o autor debate sobre os procedimentos tomados pela Tríplice Aliança após conquistar os territórios. Ele reflete se os líderes dos *altepeme* continuavam no poder e conclui que, não necessariamente, tudo dependia de como o poder hegemônico iria agir sobre determinado *altepetl*. Após a conquista, as terras eram divididas entre a Tríplice Aliança, deixando reservada terra suficiente para a elite local dos *altepeme* que fazia parte do império (2005, p. 181-189). Logo, como seria possível identificar se houve aliança ou submissão quando uma das cidades era mais poderosa? Para ele, isso é difícil de se distinguir.

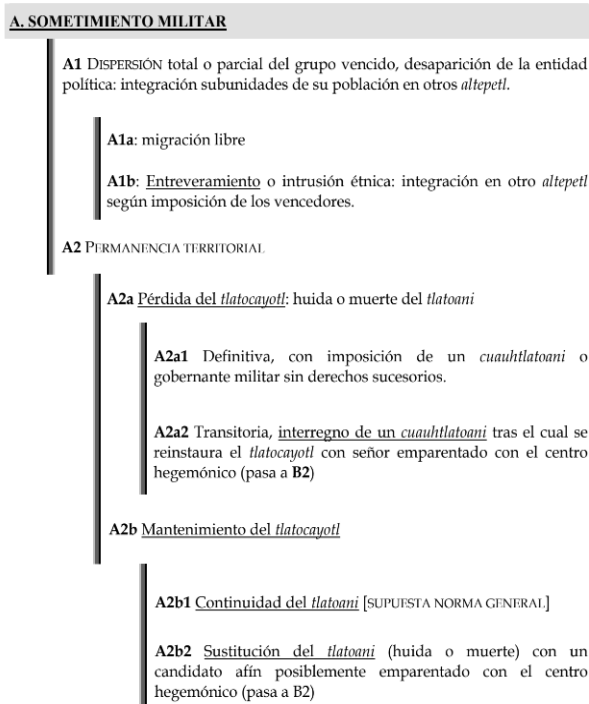
Del mismo modo, cuando un altepetl dice tener una relación de «amistad» con el imperio, al que simplemente entregaba regalos y ofrecía colaboración en distintos servicios, lo interpretamos como una relación de sumisión, aunque en un grado más leve que en otros casos en los que se les imponen obligaciones más estrictas (Hicks 1991). (Novillo, 2005, p. 199)

⁴⁰ Esse apontamento de Townsend sobre a diferença cronológica em cada *altepetl* é muito importante e faz mais sentido quando temos acesso às diferentes fontes pré-hispânicas ou coloniais, pois, embora falem muitas vezes dos mesmos assuntos, possuem divergências temporais — que, na maioria das vezes, os estudiosos não conseguem explicar a motivação.

⁴¹ “*Respecto al ámbito mesoamericanista, algunos autores han establecido una tipología de los sistemas de dominación expansionistas — o imperios — en torno al balance que pueda establecerse, en cuanto a su estrategia básica, entre uso de la fuerza y colaboración de los dominados. Así es como Ross Hassig ha distinguido entre dominación territorial y dominación hegemónica. El primer modelo pondría el énfasis en el uso de la fuerza y del sometimiento directo del territorio por ejércitos invasores. El segundo, también denominado de dominio indirecto, se sustentaría sobre élites locales colaboracionistas con la potencia dominante, cuyos intereses de clase serían entonces comunes al imperio, a cambio de conservar parte de sus prerrogativas como señores locales.*” (Novillo, 2005, p. 48).

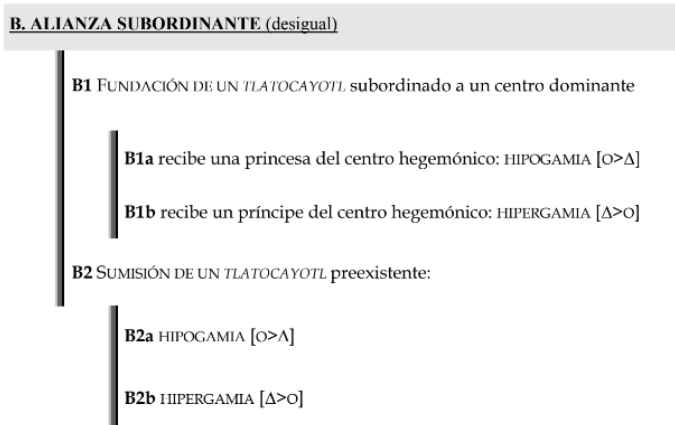
Para compreendermos melhor os modos como a confederação conquistava e controlava os territórios, o autor apresenta dois esquemas: 1. a subjugação militar e 2. a aliança subordinante, replicadas abaixo:

Figura 11 - “Sometimiento militar”.



Fonte: Novillo, 2005, p. 200.

Figura 12 - “Alianza subordinante”.



Fonte: Novillo, 2005, p. 201.

Como discutido acima, a subjugação militar permitiria que o local conquistado continuasse sendo um *tlatocayotl*⁴² ou não, assim como poderia ou não permanecer com o mesmo *tlatoani*. Logo, podemos falar de uma intervenção direta dos conquistadores. Enquanto na aliança subordinante, por mais que haja uma intervenção, é menos direta naquele território, acontecendo principalmente através dos casamentos em um *tlatocayotl* fundado ou pré-existente.

Em relação aos casamentos, eles podiam ser de dois tipos: hipogâmico ou hipergâmico. No primeiro caso, tratava-se da filha de um *tlatoani* poderoso casando-se com um *tlatoani* de um *altepetl* de nível inferior. Os filhos desse casamento iriam suceder o pai. O segundo caso é quando um *tlatoani* poderoso casava-se com uma não nobre ou uma mulher de baixo nível social. Os filhos desse casal só sucediam o trono da cidade da mãe se o matrimônio fosse intradinástico. Caso contrário, não sucederia nenhum dos dois. De acordo com o autor, em México-Tenochtitlan, os casamentos eram intradinásticos para preservar o poder do *altepetl* (2005, p. 87 e 92).

Para o autor, o ciclo completo da pós-conquista ocorria na seguinte sequência: guerra → morte do *tlatoani* do local conquistado → interregno com governo militar → instauração de um *tlatoani* aliado ao centro hegemônico, unindo-se através do laço de parentesco. Contudo, ele cita que nem sempre aconteceu dessa forma e que talvez o casamento interdinástico já encerrava o processo (Novillo, 2005, p. 216).

Uma das estratégias para fazer de um senhor local um colaborador do império era chamá-lo para morar com o *huey tlatoani* em México-Tenochtitlan. Isso significava um teste de fidelidade para o cargo. Porém, tal manobra não aconteceu somente em México-Tenochtitlan, já que Don Hernando Pimentel⁴³ mostrou uma lista de povos tributários de Texcoco, na qual afirmou a existência de residências de senhores locais na capital Acolhua. Ao que parece, essa estadia durava quatro anos (Novillo, 2005, p. 242, 243 e 245). Segundo Novillo,

En conclusión, esta práctica de tener residencia en Tenochtitlan los tlatoque de lugares sometidos al imperio parece hablarnos de un estatus de aliado subordinado, con los matices de servicio y sumisión propios de cada caso, e incluso un cierto sentido de «secuestro» para que, ausente su señor a modo de rehén, el tlatocayotl se mantenga sujeto y pacífico. (2005, p. 247)

⁴² Outro termo para designar uma entidade política independente é o de *tlatocayotl*, uma substantivação de *tlatoani*. Segundo Novillo, é um termo mais político do que *altepetl*: “Puede decirse que un *altepetl* gobernado por un *tlatoani* adquiere el rango de *tlatocayotl*.” (2005, p. 82).

⁴³ Neto de Nezahualpilli. Foi *tlatoani* de Texcoco entre os anos de 1545-1564.

Em síntese, a organização política, econômica e territorial entre os *altepeme* formadores da Tríplice Aliança era algo muito complexo. Embora houvesse uma divisão administrativa desses três âmbitos entre os *altepeme*, a maioria das fontes indica que México-Tenochtitlan se sobressaiu em relação a Texcoco e Tlacopan, o que não apaga a relevância das duas cidades na história do Vale do México.

2.1.3.1 Organização tributária e política em Texcoco

Hicks menciona que os *calpixcazgos* — regiões tributárias — mais próximos do centro político-religioso de Texcoco ficavam encarregados principalmente de fornecer alimentos para o *tecpan*⁴⁴ do *tlatoani* (1982, p. 239). De acordo com suas análises, das 30 regiões obrigadas a prestarem serviços de mão de obra para o *altepetl*, 15 cumpriam o serviço no primeiro semestre do ano e a outra metade no segundo semestre. Segundo ele, “*in general these regions gave domestic service, to the temples as well as to the palace and its dependencies, although they also provided firewood, oak bark, and probably other products*” (1982, p. 239-240). O antropólogo conclui que Texcoco era uma sociedade desenvolvida e estratificada e que seus meios de produção eram controlados por uma aristocracia nobre. Logo, era um Estado centralizado (1982, p. 245).⁴⁵

Segundo Offner, embora Texcoco dividisse tributos com México-Tenochtitlan, Nezahualcoyotl conseguiu ter suas próprias regiões tributárias, que pagavam tributos diretamente a Texcoco. De acordo com o autor, Fernando de Alva menciona que havia seis dessas regiões, mas ele acredita ter existido mais. Além disso, o autor afirma que o *tlatoani* texcocano tinha certa autonomia tributária em relação a México-Tenochtitlan: “*He was thus not entirely dependent on the flow of tribute from Tenochtitlan, upon which no wise man of the time would have relied.*” (1983, p. 97).

Descrevendo a organização de territórios centrais e interioranos do “império texcocano”, Offner analisa o *Mapa Quinatzin*⁴⁶, o qual afirma ser a fonte que mais descreve o reinado de Nezahualcoyotl. No centro deste mapa há 16 figuras sentadas; duas delas são Nezahualcoyotl e Nezahualpilli — que estão na parte superior — e o restante são as principais

⁴⁴ Palácio do *tlatoani*.

⁴⁵ Parece-nos que Frederick Hicks introduz conceitos marxistas em seu artigo. Segundo o autor, em Texcoco havia classe dominante e dominada: “*The process of state formation invariably involves measures to subvert the solidarity of local corporate groups and to make them dependent on the state and its dominant classes for the necessities of life (Cohen 1969).*” (1982, p. 245)

⁴⁶ Segundo Benton, Pedro Carrasco considerou que este mapa foi produzido em 1542. Para ele, “*This document touts the combination of barbaric Chichimec and cultured Toltec heritage that characterized the Tetzcoeca nobles.*” (Benton, 2014, p. 91).

cidades do império com seus governantes. Nas bordas, são identificadas 20 cidades (ver Figura 13). Segundo o autor, essas figuras centrais são identificadas como os governantes restaurados aos seus respectivos tronos por Nezahualcoyotl após a Guerra Tepaneca, como descrito na crônica de Fernando de Alva (1983, p. 98). Pelas evidências do mapa analisadas pelo antropólogo, 13 cidades cumpriam suas obrigações com Texcoco no começo do ano e outras 13 na outra metade — número diferente do que Hicks afirmou. Segundo ele, “*These twenty-six towns provided firewood (a form of tequitl or labor service) for two braziers in the palace of the ruler, for periods of either twenty or twenty-eight days each.*” (Offner, 1983, p. 104). Tais cidades eram Otompan, Teotihuacan, Cuauhtlatzinco, Ahuatepec, Axapochco, Tepepolco, Coyohuac, Aztaquemecan, Cempoallan, Oztoticpac, Tizayucan, Tlanalapan, Cuatlatlauhcan (Oztotlatlauhcan), Huexotla, Coatlichan, Chimalhuacan, Tepetlaoztoc, Chiautla, Tezoyucan, Acolman, Tepexpan, Chiconautla, Papalotla, Coatepec, Iztapalucan e Xaltocan. Baseando-se em outras fontes, tais como os escritos do frei Motolinía e os *Anais de Cuauhtitlan*, ele mostra as variações de relatos sobre quantas cidades forneciam tributos a Texcoco e conclui fazendo algumas generalizações: 1. os relatos indicam a divisão de prestação de serviços e tributos ao ano por dois grupos de cidades; 2. esses grupos podem ter variado entre 14 e 15 cidades cada e 3. os tributos fornecidos parecem ter sido mais do que o fornecimento de lenha para o *tecpan* texcocano (1983, p. 104-108).

Ainda sobre as descrições do *Mapa Quinatzin*, o autor aponta que a linha vermelha que conecta as cidades de Huexotla, Coatlichan, Chimalhuacan, Tepetlaoztoc, Chiautla, Tezoyucan, Acolman, Tepexpan e Chiconautla indica que elas tinham seus próprios *tlatoque*, diferente de Papalotla, Coatepec, Iztapalucan e Xaltocan (Offner, 1983, p. 109).

Figura 13 - Mapa Quinatzin.



Fonte: *Mapa Quinatzin*, 1891, folha 212 *apud* Chávez; Segura, 2017, p. 227.

Por fim, especificamente sobre Acolhuacan, Lee aponta que o *Codex Mendoza*⁴⁷ indica que Acolman era o principal centro de coleta de tributos da região. Assim como Offner, o autor demonstra que, embora Texcoco dividisse tributos de diversas cidades com México-Tenochtitlan, havia cidades que entregavam diretamente a Texcoco (Lee, 2014, p. 74 e 77). Diante disso, o autor faz um apanhado de cidades descritas como tributárias de Texcoco a partir da obra de Motolinía, do *Mapa Quinatzin*, dos *Anais de Cuauhtitlan*, das crônicas de Fernando de Alva e de Torquemada durante o governo de Nezahualcoyotl e Nezahualpilli (ver Tabelas 1 e 2).

⁴⁷ Criado entre os anos de 1540 e 1550 por indígenas. Acredita-se que foi encomendado pelo vice-rei Antonio de Mendoza, embora Townsend afirme não haver documentos comprovando isso. O códice é composto de pinturas e textos em espanhol descrevendo a história antiga dos astecas (Townsend, 2021, p. 298).

Tabela 1 - Cidades sujeitas a Texcoco segundo Motolinía, *Mapa Quinatzin*, *Anais de Cuauhtitlan* e Fernando de Alva.

TABLE 3.1. Divisions of Texcocan subject towns

Motolinía's "Memorial"		Mapa Quinatzin		Cuauhtitlan Annals		Alva Ixtlilxochitl List I	
Group I: tlatuani towns (14)	Group II: non- tlatuani towns (16)	Group I: tlatuani towns (14)	Group II: towns with huicli (8)	Group I: Texcocan realms (15)	Group II: Texcocan tributaries (46)*	Group I: tlatuani towns (14)	Group II: cal- pixqui towns (16+)
Huexotla	Coatepec	Huexotla	Cuauhtlatzincó	Huexotla	Coatepec	Huexotla	Texcoco
Coatlíchan	Iztapalocan	Coatlíchan	Ahuatpec	Coatlíchan	Iztapalocan	Coatlíchan	Atenco
Chimalhuacan	Papalotla	Chimalhuacan	Axapochco	Chimalhuacan	Papalotla	Chimalhuacan	Cuauhtlatzincó
Otompan	Xaltocan	Tepetlaoztoc	Tepepulco	Otompan	Xaltocan	Tepetlaoztoc	Tetitlan
Teotihuacan	Ahuatpec	Chiauhitla	Coyohuac	Teotihuacan	Ahuatpec	Acolman	Coatepec
Acolman	Oztoticpac	Tezoyucan	Aztaquemecan	Tepetlaoztoc	Oztoticpac	Tepechpan	Iztapalocan
Tepechpan	Cuauhtlatzincó	Teotihuacan	Unidentifiable	Acolman	Axapochco	Chiconauhtla	Tlapechhuacan
Tezoyucan	Axapochco	Otompan	(2)	Tepechpan	Aztaquemecan	Tezoyucan	Tecpilpan
Chiauhitla	Aztaquemecan	Acolman		Tezoyucan	Tizayucan	Otompan	Xaltocan
Chiconauhtla	Tizayocan	Tepechpan		Chiauhitla	Tlallanapan	Teotihuacan	Tepepulco
Tolantzinco	Tlauhnapa	Chiconauhtla		Chiconauhtla	Tepepulco	Chiauhitla	Cempoala
Cuauhchinanco	[Tlallanapan]	Tolantzinco		Tolantzinco	Coyohuac	Tolantzinco	Aztaquemecan
Xicotepec	Tepepulco	Cuauhchinanco		Cuauhchinanco	Achichilacachocan	Cuauhchinanco	Ahuatpec
Pahuatlan	Cempoala	Xicotepec		Xicotepec	+ 33 towns	Xicotepec	Axapochco
	Coyohuac			Pantlan			Oztoticpac
	Oztotlatlahuacan						Tizayocan+
	Achichilacachocan						many
							others

*13 of 46 towns are mentioned at least once as Groups II in the other three sources (table 3.2).

Fonte: Lee, 2014, p. 79.

Tabela 2 - Cidades sujeitas a Texcoco segundo Torquemada e Fernando de Alva.

TABLE 3.2. Torquemada's list and Alva Ixtlilxochitl's list II

Torquemada				Alva Ixtlilxochitl List II		
Group I: 14 towns	Group II: 15 towns	Group III: 6+ towns	Group I: 14 towns	Group II: 14 towns	Group III: 5 towns	Group IV: 8 towns
Texcoco	Otompan	Tolantzinco	Huexotla	Otompan	Calpolalpan	Tolantzinco
Huexotla	Teotihuacan	Xicotepec	Coatlíchan	Teotihuacan	Mazaapan	Cuauhchinanco
Coatlíchan	Aztaquemecan	Cuauhchinanco	Coatepec	Tepepulco	Yahualihcan	Xicotepec
Chiauhitla	Cempoala	Pahuatlan	Chimalhuacan	Cempoala	Atenco	Pahuatlan
Tezoyucan	Axapochco	Tlacuilotepec	Iztapalocan	Aztaquemecan	Tzihuinquilocan	Yauhtepac
Papalotlan	Tlallanapan	Papalotlcpac+	Tepetlaoztoc	Ahuatpec		Tepechco
Tepetlaoztoc	Tepepulco	others	Acolman	Axapochco		Ahuacayocan
Acolman	Tizayocan		Tepechpan	Oztoticpac		Cuauhnahuac
Tepechpan	Ahuatpec		Chiconauhtla	Tizayocan		
Chiauhitla	Oztoticpac		Teyoyocan	Tlallanapan		
Xaltocan	Cuauhtlatzincó		[Tezoyucan]	Coyohuac		
Chimalhuacan	Coyohuac		Chiauhitla	Cuatlatlahuacan		
Iztapalocan	Oztotlatlahuacan		Papalotla	Cuatlaeca		
Coatepec	Achichilacachocan		Xaltocan	Cuauhtlatzincó		
	Tetlitzacan		Chalco			

Fonte: Lee, 2014, p. 80.

Nezahualcoyotl governou Texcoco até 1472, sendo sucedido pelo seu filho Nezahualpilli. O governante texcocano é o personagem histórico mais conhecido do *altepetl* durante o período pré-hispânico. A memória sobre ele foi mantida através do batismo de uma cidade com seu nome em 1963 e até a circulação, entre a década de 1990 e o ano de 2021, de cem pesos mexicanos com o seu rosto (Heraldo de México, 2021). Segundo Benton, esse reconhecimento se dá por ele ser um dos criadores da Tríplice Aliança, além dos constantes elogios, ao longo dos séculos, sobre a cidade de Texcoco ter sido um grande centro cultural e intelectual durante o seu reinado e no de Nezahualpilli (2017, p. 8-9).

Figura 14 - Monumento representando um coioote, animal que era o glifo de Nezahualcoyotl nos documentos pictográficos, e abaixo uma estátua do *tlatoani* na *Ciudad Nezahualcóyotl*.



Fonte: *Heraldo de México*, 2021.

Figura 15 - 100 pesos mexicanos com o rosto de Nezahualcoyotl.



Fonte: *Heraldo de México*, 2021.

2.2 A morte de Nezahualpilli e os conflitos entre irmãos

2.2.1 Nezahualpilli sucede Nezahualcoyotl

Com a morte de Nezahualcoyotl, surgiu no Vale do México mais um conflito entre irmãos pelo cargo de *tlatoani*. Segundo Offner, o *tlatoani* teria deixado claro que queria Nezahualpilli como sucessor. Porém, na época, Nezahualpilli ainda era criança — tendo nascido provavelmente em 1464 ou 1465 —, logo, seu pai apontou Acapiotzin, o Conselheiro de Guerra, como regente até que ele pudesse governar. Não há informações exatas sobre quem era a mãe de Nezahualpilli, porém o autor conclui que é possível dizer que era uma tenochca, filha de um nobre chamado Temictzin (Offner, 1983, p. 228-230).

Nesta época, Axayacatl era o *tlatoani* de México-Tenochtitlan e, ao que parece, interferiu politicamente para que Nezahualpilli fosse o sucessor de Nezahualcoyotl, pois o texcocano tinha muitos irmãos — de acordo com Townsend, Nezahualcoyotl deixou 60 filhos e 57 filhas (2021, p. 106). Offner diz que Axayacatl convocou os três principais rivais de

Nezahualpilli, Ichuantlatohuatzin, Xochiquetzaltzin e Hecahuehuetzin, o futuro herdeiro ao trono e regente de Texcoco a México-Tenochtitlan. Esses três rivais, além de serem meio-irmãos de Nezahualpilli, eram chefes do Conselho Jurídico Supremo, do Conselho de Música, Artes e Ciências, e do Conselho do Tesouro, respectivamente. Neste encontro, o autor afirma que ficou claro para todos que Nezahualpilli seria o governante. No entanto, os irmãos de Nezahualpilli continuaram contra a sua sucessão até ele ter conseguido eliminar essas contestações quando mais velho (Offner, 1983, p. 231-232; Townsend, 2014, p. 103-104).

Segundo Townsend, Axayacatl se esforçou para que Nezahualpilli ocupasse o posto, chegando a acusar um dos irmãos do texcocano de ter cometido crimes, fazendo com que fosse assassinado ainda no reinado de Nezahualcoyotl. Por fim, Axayacatl prometeu apoiar Texcoco, desde que seu candidato fosse o *tlatoani* escolhido (2021, p. 106-107).

después de la muerte del viejo huey tlatoani, Axayácatl envió de inmediato tanto guerreros como sobornos a Texcoco: la mayoría de los medios hermanos aceptaron ser sobornados, pero unos cuantos, que nacieron en los primeros años cuando Nezahualcóyotl se encontraba fugitivo en la región de Tlaxcala, llegaron a hacer la guerra. (Townsend, 2021, p. 106-107)

Em relação às conquistas territoriais, Offner aponta que ele não adquiriu tantas áreas tributárias independentes da Tríplice Aliança quanto seu pai. Segundo o antropólogo, na época de Montezuma, as áreas de conquistas tenochcas eram muito maiores do que as de Texcoco e Tlacopan, e o período sem um *tlatoani* em Texcoco contribuiu para isso (1983, p. 233 e 236). Diversas vezes, Offner defende que o reinado de Nezahualpilli foi o momento em que México-Tenochtitlan alcançou o auge do poder político, militar e tributário da Tríplice Aliança (Offner, 1983).

O autor afirma que México-Tenochtitlan intensificou seu poder sobre Texcoco no governo de Montezuma. Segundo ele, o *tlatoani* tenochca ordenou que os filhos de grandes senhores texcocanos fossem educados em México-Tenochtitlan, interrompeu o pagamento de tributos da chinampa a Texcoco e matou um aliado tenochca de Nezahualpilli como retaliação pelo texcocano ter ordenado a morte de Tezozomoc, sogro de Montezuma, acusado de adultério. Segundo o autor, Nezahualpilli morreu de tristeza e recluso em seu *tecpan* em 1515 (1983, p. 237-238).

2.2.2 Morte de Nezahualpilli e o conflito sucessório

Após a morte de Nezahualpilli, Cacama sucedeu o pai, apoiado por Montezuma, *huey tlatoani* de México-Tenochtitlan. Seu irmão, Ixtlilxochtil II, não aceitou essa sucessão,

acreditando que deveria ser o escolhido. Diante da insatisfação, Ixtlilxochitl II rompeu com seu irmão e seu tio, Montezuma, gerando uma revolta em Texcoco. Ele fugiu para Metiztlan e tomou cidades do norte de Acolhuacan para si. Em algum momento posterior, os irmãos chegaram a um acordo, no qual Ixtlilxochitl II ficou com a liderança das cidades invadidas por ele, Cacama continuou sendo *tlatoani* de Texcoco e Coanacoch — irmão de ambos — ficou ao lado de Cacama, embora também tenha reivindicado o cargo para si (Offner, 1983, p. 139-140; Benton, 2017, p. 26-27; Townsend, 2021, p. 172). Esta divisão de poderes e alianças permaneceu até a chegada dos espanhóis.

Ao que algumas fontes e historiadores indicam, Montezuma interferiu para que Cacama se tornasse *tlatoani*. Alguns relatos mostram que o líder tenochca influenciou Nezahualpilli a ordenar a morte de seu filho mais velho, Huexotzincatzin, sob a acusação de cobiçar a mulher do próprio pai⁴⁸. Townsend afirma que Nezahualpilli teve 11 filhos⁴⁹ e, dentre estes, um era proeminente a ser o herdeiro: Huexotzincatzin. Ele era cantor e narrava histórias, sendo considerado um poeta. Porém, o contexto político fez com que sua arte lhe trouxesse problemas. Ele e uma das mulheres de seu pai faziam poemas um para o outro, algo que desagradou o *tlatoani*. Ademais, Montezuma queria que Cacama fosse o herdeiro do poder político do *altepetl*, pois era seu sobrinho e, segundo Townsend, “*quería que el heredero del huey tlatoani texcocano fuera un pariente cercano suyo, alguien que siempre hiciera lo que él le dijese*” (2021, p. 122). De acordo com a autora, Montezuma incentivou o castigo contra o filho de Nezahualpilli e Huexotzincatzin foi enforcado alguns anos antes da morte do *tlatoani*. Logo após o ocorrido,

dos de los hermanos mayores se presentaron a negociar de inmediato: aceptaron tierras y títulos — que sus hijos y nietos todavía tenían en la década de 1560 —. Los muchachos más jóvenes no eran considerados una amenaza, por lo que Moctezuma los dejó en paz, lo cual fue un error táctico: no muchos años después, uno de ellos sería de los primeros en aliarse con los recién llegados de allende el mar. (Townsend, 2021, p. 122)

Quando Nezahualpilli morreu, por volta de 1515, os irmãos mais novos de Huexotzincatzin ainda estavam insatisfeitos sobre o direito de herança. Conforme Townsend, para tentar amenizar a situação, Montezuma subornou-os, oferecendo novamente terras em

⁴⁸ No entanto, Offner diz que Montezuma implorou para que Nezahualpilli não matasse seu próprio filho, porém o texcocano preferiu ser justo e seguir as leis criadas: “*Nezahualpilli also executed his own son, Huexotzincatzin, allegedly in spite of Motecuhzoma’s pleadings for his life (see Chapter 5), and sentenced and executed Tezozomoc, the ruler of Azcapotzalco, for adultery (see Chapter 2).*” (Offner, 1983, p. 237)

⁴⁹ Fernando de Alva faz duas afirmações sobre a quantidade de filhos de Nezahualpilli: 1. que o *tlatoani* teve 144 filhos, mas apenas 11 legítimos (1892, p. 267) e 2. que ele teve 145 filhos, sendo quatro legítimos (1892, p. 328).

Texcoco. No entanto, esta não foi a solução, já que eles tomaram o norte do *altepetl* (Townsend, 2021, p. 124 e 172).

Segundo Offner, dois filhos de nobres tenochcas brigaram pela sucessão do poder em Texcoco — ou seja, Cacama e Ixtlilxochitl II. De acordo com o autor, Fernando de Alva descreve as mães dos filhos de Nezahualpilli de diferentes formas. No entanto, há uma concordância nos seus relatos de que uma destas esposas teve 11 filhos, entre eles Ixtlilxochitl II (Offner, 1983, p. 238-239; Ixtlilxochitl, 1891, p. 331). Offner afirma que a revolta de Ixtlilxochitl II teve como origem a contestação acerca da subjugação de Texcoco a Montezuma: “*only the royal son Ixtlilxochitl objected to this procedure, which was actually nothing less than the culmination of Motecuhzoma’s subjugation of Texcoco.*” (1983, p. 239). Ele argumenta que a rebelião de Ixtlilxochitl II aparentemente atrasou Cacama a tornar-se *tlatoani* e que isso é perceptível em fontes tenochcas, como, por exemplo, na crônica de Diego Durán. Offner aponta que, diferente dos relatos texcocanos, Durán descreve que dois filhos de Nezahualpilli o sucederam logo após a sua morte. O autor acredita que esses governantes podem ter sido temporários até que Cacama fosse realmente empossado, devido às circunstâncias da rebelião de Ixtlilxochitl II (1983, p. 239-240).

Segundo Durán, após o falecimento de Nezahualpilli, Montezuma pediu para que os senhores texcocanos escolhessem um sucessor com idade para governar. Segundo os senhores, havia cinco filhos de Nezahualpilli que podiam sucedê-lo, dentre eles Ixtlilxochitl II, mas o escolhido como *tlatoani* foi Quetzalaxoyatl. Contudo, ele morreu em poucos dias, sendo eleito seu irmão, Tlauitoltizn, que também morreu em pouco tempo. Por último, o empossado foi Coanacoch, e o cronista menciona que, no seu reinado, chegaram os espanhóis (Durán, 1867, p. 496-498). Percebe-se aqui que Durán, além de errar o período de governo de Coanacoch, também não mencionou Cacama na sucessão em Texcoco.

Enquanto Durán cita o nome de dois filhos de Nezahualpilli que não aparecem em outras fontes, Fernando de Alva menciona que Jorge Yotontzin foi o filho que o *tlatoani* deixou para ser o seu sucessor, pois tinha mais capacidade para governar do que os outros — embora estivesse na 11ª posição da sucessão. No entanto, mesmo contra a vontade de pessoas importantes de Texcoco, Montezuma fez de Cacama o líder do *altepetl* (1891, p. 331-332).

Para Townsend, esse conflito foi uma guerra civil fratricida que abriu caminho para a conquista. Segundo ela, as evidências indicam que essa guerra não foi somente uma briga entre *altepeme* — Texcoco e México-Tenochtitlan —, mas um ódio entre irmãos nascidos de mães diferentes. Ela diz que a versão de Torquemada sobre esse assunto é a mais rebuscada e

que, segundo o autor, “*Cacama was the eldest legitimate son but that Nezahualpilli never actually named him as his heir and in fact seemed to prefer the children of a younger concubine.*” (2014, p. 104). Citando Fernando de Alva, a autora diz que o escritor acreditava que Cacama não merecia o trono, porque ele era filho de uma meia-irmã de origem humilde de Montezuma, enquanto Ixtlilxochitl II era nobre em toda a sua linhagem (2014, p. 105). Segundo as *Obras Históricas*, Ixtlilxochitl II interpretou a escolha de Montezuma como uma traição aos filhos legítimos: “*Ixtlilxochitl [...] no pudo sufrir la tiranía y extorsión que se hacía á la parte legítima*” (Ixtlilxochitl, 1892, p. 330). De acordo com Townsend, os irmãos mais novos de Cacama que contestaram a sua nomeação foram “Yotontzin, Nonohualcatzin, Coanacochtzin e Ixtlilxochitzin” (2014, p. 108).

Tanto para Townsend quanto para Benton, um dos fatores desse conflito foi a poliginia (Townsend, 2014; Benton, 2017, p. 21). Conforme o sistema de casamentos da época pré-hispânica, os filhos de Nezahualpilli com esposas mexicas tinham prioridade em sucedê-lo, já que México-Tenochtitlan era o *altepetl* dominante — o próprio Nezahualpilli era filho de uma nobre mexica. Contudo, as informações sobre as esposas do *tlatoani* texcocano são contraditórias. Segundo Benton, Juan Bautista de Pomar afirma que a esposa principal de Nezahualpilli era filha de Axayacatl, de México-Tenochtitlan, mas que ele não teve filhos com ela, por ter sido condenada à morte por adultério. Já Juan de Torquemada afirmou que o *tlatoani* teve duas esposas principais, sobrinhas do governante Tizoc de México-Tenochtitlan. Fernando de Alva também citou que a esposa legítima do líder era mexica — embora troque seu nome e parentesco nos textos — e Chimalpahin relatou que a mãe de Cacama era mexica. Para Benton, o fato é que os três afirmaram que a legítima esposa de Nezahualpilli era proveniente de México-Tenochtitlan (2017, p. 22-25). Também vale destacar que,

the Nahuas of central Mexico allowed for both lineal succession — from father to son, for example — and co-lateral succession — from brother to brother. Thus, in addition to the competing claims of the children of a deceased ruler, the ruler's surviving siblings were also potential claimants to the throne. (Benton, 2017, p. 25)

Segundo cita Offner, Torquemada afirma que o sucessor da nobreza tenochca era o filho da mulher legítima, não importando a ordem de nascimento, mas sim suas habilidades. Porém, em Texcoco, Torquemada e Alonso de Zorita seguem o argumento de Motolinía. Segundo este, seria escolhido o filho mais apto da esposa legítima, ou seja, uma tenochca. No entanto, o *tlatoani* texcocano podia escolher o sucessor, que seu pedido seria acatado após o seu falecimento. Aparentemente, isso era feito quando o filho mais velho não atendia aos

requisitos para ser governante. Logo, havia também um critério sobre a ordem de nascimento (Offner, 1983, p. 203-204).

Conforme o texto do antropólogo, Zorita também abordou o processo de sucessão na sociedade asteca em geral. Segundo ele, se o filho mais velho da mulher legítima não pudesse assumir, os outros filhos desse casamento entrariam na disputa. Caso não tivessem mais filhos, os netos da linhagem da esposa principal seriam escolhidos. Dentre os netos, eram priorizados os filhos dos homens. Se não houvesse netos, um irmão do *tlatoani* o sucederia. Não tendo irmãos, seria um parente próximo e, por último, algum nobre, na possibilidade de não haver nenhum sucessor da família (Offner, 1983, p. 204) — esse era o sistema linear e colateral citado por Benton na passagem acima. Em relação a heranças de propriedades e cargos, o autor afirma que,

In summary, then, succession in the Texcocan empire was from father to son, with a preference given to the offspring of the principal wife and — in the absence of sons — to grandsons with emphasis on patrifilial links. Inheritance (male and probably also female) was also from father (parent?) to child (male or female). Property and office seem never to have crossed collateral lines if such transfers could be avoided, and there is no evidence that property could be legally inherited through affinal relationships. (Offner, 1983, p. 206)

Tabela 3 - “Critérios para sucessão ao cargo de *tlatoani* (governante) de Texcoco”

Table 5.6. Criteria for succession to the office of the Texcocan <i>tlatoani</i> (ruler)
<i>Ideal heir</i> : eldest son of the principal wife (from nobility of Tenochtitlan during time of Triple Alliance)
<i>Unless</i> : ruler expresses wish that another son succeed him
<i>If ideal heir is not suitable</i> : most able (with respect to military prowess) of sons, of principal wife
<i>If not suitable or available</i> : other sons, judged on abilities in war
<i>If not available</i> : sons of the sons of the principal wife
<i>If not available</i> : sons of the daughters of the principal wife
<i>If not available</i> : sons of the sons of other wives
<i>If not available</i> : sons of the daughters of other wives
<i>If not available</i> : brothers of the ruler
<i>If not available</i> : relatives of the ruler, reportedly especially nephews of the ruler (sons of sisters as well as brothers?)
<i>If not available</i> : an eligible nobleman

Fonte: Adaptado de Offner, 1983, p. 205.

Assim como demonstram Benton e Offner, Novillo também defende que existiram dois tipos de sucessão no mundo asteca: 1. a herança linear paternal-filial e 2. a sucessão colateral. A primeira era a mais comum entre os povos astecas. Contudo, não se baseava na ideia de primogenitura, pois esse sucessor poderia ser escolhido pelo próprio *tlatoani* ou por um conselho de *pipiltin*. O sistema colateral passava de pai para filho, sucessivamente, e depois seguia para o neto do filho mais velho do *tlatoani*, assim como mostra a tabela de

Offner (ver Tabela 3). Porém, independentemente da forma sucessória que fosse aplicada, a categoria social da mãe do candidato influenciava se ele seria ou não candidato ao cargo (Novillo, 2005, p. 86; Townsend, 2021, p. 65).

Os casamentos podiam ser intradinásticos — o que reforçava o poder interno do *altepetl* —, ou interdinásticos — em que um *altepetl* era superior ao outro. Segundo Pedro Carrasco, os casamentos interdinásticos eram os mais recorrentes, com um *tlatoani* mais poderoso do que o outro concedendo a sua filha para se casar (*apud* Novillo, p. 86 e 88). Além dos casamentos hipogâmicos e hipergâmicos, havia também o isogâmico. Ele consistia no laço matrimonial entre ambas as dinastias poderosas, mas não era comum. Novillo não fornece muitos detalhes sobre o assunto, exceto pela afirmação de que seu funcionamento era muito semelhante ao da hipogamia. De acordo com ele, embora tenhamos conhecimento desses sistemas, pouco se sabe sobre as esposas dos *tlatoque* (Novillo, 2005, p. 87-88).

Novillo aponta que, enquanto em Teotihuacan os *tlatoque* escolhidos eram os filhos de mães texcocanas, fruto de casamentos hipogâmicos — demonstrando a subordinação em relação ao integrante da Tríplice Aliança —, em Texcoco o mesmo sistema ocorria — no entanto, com outro *altepetl* —, pois os *tlatoque* escolhidos eram os filhos de mães tenochcas desde Ixtlilxochitl I (2005, p. 89-90). Segundo o autor, provavelmente essa hipogamia interdinástica era estabelecida em vários níveis sociais, até se chegar aos *tlatoque* inferiores, que mantinham essas relações matrimoniais com os *tetecutin*⁵⁰. Obviamente, assim como apontado por Townsend (2014), “*el sistema es propicio a los faccionalismos, dada la abundancia de candidatos a cada cargo. Tales circunstancias de ruptura se dieron en la historia de los pueblos aztecas en repetidas ocasiones*” (Novillo, 2005, p. 92).

Nesse contexto, Ixtlilxochitl II parece ter sido o irmão que mais se incomodou com a nomeação de Cacama. De acordo com Benton, a partir da obra de Torquemada, Cacama e Coanacoch não reprimiram a rebelião de Ixtlilxochitl II. Em contrapartida, ele também não atacou Texcoco, mas fez uma fronteira entre o território que controlava e o de Cacama, que passava pelas regiões de Acolman, Chiconauhtla, Papalotla, Tecaman, Tzompanco e Huehuetocan. Vendo que Ixtlilxochitl II não o atacou, Cacama sugeriu que o irmão rebelde ficasse com o poder de onde estava, enquanto ele governaria Texcoco e Coanacoch ficaria

⁵⁰ “Senadores” ou principais da cidade: “*Otro rango — este sí incluido en la nobleza — es el de tecutli (plural tetecutin), normalmente traducido por «señor», que solía encontrarse en cargos diversos dentro de la organización estatal, desde el propio tlatoani a otros cargos menores. Les correspondía el mando de la teuccalli, o casa de jefatura, servida por un grupo de vasallos o macehualtin, quienes le debían tributo en mercancías y servicios. En ocasiones ocupaban el puesto de jueces, embajadores o funcionarios tributarios, además de tener a su cargo a la población sujeta a su casa de jefatura.*” (Novillo, 2005, p. 78)

com os afluentes do sul. Segundo Torquemada, assim foi feito. No entanto, Fernando de Alva relata que Montezuma enviou um capitão militar para a área que Ixtlilxochitl II controlava, mas o príncipe continuou no poder. No fim, de acordo com Benton, os dois cronistas concordam que havia rupturas na nobreza texcocana; todavia, o historiador acredita que a chegada de Cortez ao território perturbou o equilíbrio de poder entre Cacama e Ixtlilxochitl II, já que o último viu a oportunidade de estabelecer uma aliança com os espanhóis (Benton, 2017, p. 28).

2.3 O *altepetl* dos bergantins

2.3.1 A chegada dos espanhóis ao Vale do México em 1519: alianças e oposições em Texcoco

Segundo as cartas de Cortez, o Fragmento número 2 do *Códice Ramírez* e as *Obras Históricas*, quando os espanhóis estavam em busca de México-Tenochtitlan, já no Vale do México, Cacama e outros irmãos os receberam com boas-vindas. Cortez relata que, quando estava saindo de Amecamecan em direção a México-Tenochtitlan, foram entre dez a doze principais recepcioná-lo. De acordo com o espanhol:

Otro día por la mañana, ya que me quería partir de aquel pueblo, llegaron fasta diez ó doce señores muy principales, según después supe, y entre ellos un gran señor, mancebo de fasta veinte y cinco años, á quien todos mostraban tener mucho acatamiento, y tanto, que después de bajado de unas andas en que venia, todos los otros le venian limpiando las piedras y pajas del suelo delante él; y llegados donde yo estaba, me dijeron que venian de parte de Mutezuma, su señor, y que los enviaba para que fuesen conmigo, y que me rogaba que le perdonase porque no salia su persona á me ver y recibir; que la causa era el estar mal dispuesto (Cortés, 1866, p. 81, grifo nosso)

Embora Cortez ainda não soubesse quem era o grande senhor que havia ido ao seu encontro, posteriormente ele menciona ser Cacama, quando escreve sobre a revolta do texcocano com a prisão de Montezuma:

En los capítulos pasados, muy poderoso Señor, dije cómo al tiempo que yo iba á la gran ciudad de Tenuxtitan me habia salido al camino un gran señor, que venia de parte de Mutezuma; é según lo que después del supe, él era muy cercano deudo de Mutezuma, y tenia su señorío junto al del dicho Mutezuma; cuyo nombre era Haculuacan [...] es una muy gran ciudad que está junto á esta laguna salada [...] E llámase esta ciudad Tezcuco, y será de hasta treinta mil vecinos. [...] Y este señor, que se dice Cacamazin, después de la prisión de Mutezuma se rebeló. (1866, p. 96-97)

Diferente do *Códice Ramírez* e das *Obras Históricas*, Cortez não menciona ter encontrado outros irmãos de Cacama antes da chegada a México-Tenochtitlan. Na verdade, o espanhol não relata ter passado por Texcoco antes de chegar ao *altepetl* comandado por Montezuma.

Em contrapartida, no Fragmento número 2 do *Códice Ramírez*, o texto se inicia afirmando que, quando os texcocanos ficaram sabendo da chegada dos espanhóis, Ixtlilxochitl II voltou a Texcoco e encontrou Coanacoch, sendo essa a primeira vez que eles se viram desde as dissensões e ambos aceitaram os espanhóis em paz (1987, p. 134-135). Relata-se que, logo após a chegada dos espanhóis, Ixtlilxochitl II foi batizado, recebendo o nome cristão de Hernando, junto de seus irmãos. Essa rapidez incomodou sua mãe, que declarou que o filho havia perdido o juízo por acreditar nos bárbaros. Diante disto, ele se revoltou contra ela, respondendo “*que si no fuera su madre la respuesta fuera quitarle la cabeza de los hombros, pero que lo hazer aunque no quisiese, que importaba la vida del alma*”. Logo em seguida, ele teria ordenado queimar o quarto dela. Após o ocorrido, ela foi batizada e nomeada Maria, por ser a primeira cristã⁵¹ (1987, p. 137). Em seguida ao batismo, Ixtlilxochitl II, Tecocoltzin e Coanacoch firmaram aliança com Cortez, e os dois últimos o acompanharam a México-Tenochtitlan.

De acordo com as *Obras Históricas* (1892), quando os espanhóis ainda estavam em Veracruz, Cacama enviou mensageiros para dar as boas-vindas a Cortez e aconselhá-lo — a pedido de Montezuma — a não ir a México-Tenochtitlan, pois o líder da cidade não poderia recebê-lo. Nesse ínterim, Ixtlilxochitl II enviou seus mensageiros e se ofereceu para ser amigo do espanhol, dizendo querer vingar a morte do pai. Segundo o texto, Cortez se alegrou ao saber das dissidências entre os indígenas. O cronista descreve que:

y en este medio tiempo llegaron otros embajadores de Ixtlilxochitl en competencia contra sus hermanos y el rey Motecuhzoma su tío, a dar la bienvenida á Cortés y á los suyos y á ofrecérsele por su amigo, dándole noticia del estado en que estaban las cosas en el império, y el deseo vengar la muerte de su amado padre el rey Nezahualpiltzintli, y libertar el reino de poder de tiranos, enviándole algunos dones y presentes de oro, mantas de algodón y plumería. De que se holgó infinito Cortés saber las alteraciones y bandos que había entre estos señores (1892, p. 349).

Diante desses relatos, percebemos algumas nuances e concordâncias. Podemos ter um consenso de que, antes de Cortez chegar a México-Tenochtitlan e conhecer Montezuma, ele teve contato com alguns texcocanos. No entanto, não podemos confirmar se foram apenas

⁵¹ Nas *Obras Históricas*, diferente do *Códice*, esses batismos só ocorreram em 1524, com a chegada dos primeiros franciscanos (Ixtlilxochitl, 1891, p. 398-400), exceto o de Tecocoltzin, por falecer antes desta data.

mensageiros ou Cacama e Ixtlilxochitl II. Contudo, ao que veremos no próximo tópico, algumas evidências indicam que, em algum momento durante a revolta de Cacama contra a prisão de Montezuma, as alianças entre espanhóis e texcocanos foram estabelecidas.

A relação entre espanhóis e texcocanos parece ter se transformado de fato após o Massacre do *Templo Mayor*, em 1520, quando Cortez deixou alguns espanhóis de confiança na cidade de México-Tenochtitlan enquanto viajava em direção ao Golfo do México para encontrar Pánfilo de Narváez, que pretendia prendê-lo. Nesse ínterim, Pedro de Alvarado ordenou o assassinato de centenas de indígenas quando estes comemoravam um evento de celebração a alguns deuses⁵². Quando Cortez retornou às proximidades da cidade, percebeu que muitos nativos não estavam mais entregando mantimentos aos espanhóis. Embora tenham conseguido entrar em México-Tenochtitlan, tudo piorou depois que Montezuma foi assassinado (morte que também gerou uma série de versões divergentes). Os espanhóis e seus aliados nativos foram derrotados e tiveram que recuar, evento que ficou conhecido como a *Noche Triste*.

Contudo, os líderes texcocanos são mencionados em algumas fontes antes da *Noche Triste*. Um dos primeiros a ser mencionado nas *Cartas* é Cacama. Pouco tempo depois de Cortez ter sido recebido por Montezuma em México-Tenochtitlan, o capitão decidiu prendê-lo em seu próprio *tecpan*. Isso gerou a revolta de Cacama e, para conter a situação, Cortez também o prendeu. Segundo Cortez, com a prisão de Cacama, o espanhol escolheu Cucuscasin, irmão do texcocano, como *tlatoani* de Texcoco (Cortés, 1866, p. 96-98). Entretanto, os habitantes da cidade já haviam eleito Coanacoch como líder.

⁵² Ainda que existam diversas versões do porquê Alvarado tomou esta atitude, o que nos importa é o fato inegável do massacre.

Figura 16 - Possível representação da coroação de Cucuscasin e a prisão de Cacama.⁵³



Fonte: González, Juan; González, Miguel. **Conquista de México por Hernán Cortés (cena 24)**. 1698. México. Painel, 97 x 53 cm.

Com essa menção, podemos pressupor que a aliança entre espanhóis e texcocanos já estava firmada antes da *Noche Triste*, embora não possamos afirmar quando ela foi estabelecida. Talvez possa ter sido durante a revolta de Cacama, pois, após a sua prisão, Cortez cita que instituiu Cucuscasin como sucessor em Texcoco⁵⁴ — embora este não tenha sido aceito pelos habitantes da cidade. Segundo o espanhol, Cacama foi preso com a ajuda de Montezuma — o mesmo que Fernando de Alva relata (Ixtlilxochitl, 1891, p. 339). Ele diz que Montezuma mandou seus funcionários que viviam em Texcoco prender Cacama sem que ele desconfiasse. A partir de então, ele escolheu, com o consentimento do *huey tlatoani*, o sucessor em Texcoco.

E tomado el parecer de Mutezuma, puse en nombre de V. A. en aquel señorío á un hijo suyo que se decia Cucuzcacin⁵⁵. Al cual hice que todas las comunidades y señores de la dicha provincia y señorío le obedeciesen por señor hasta tanto que fuese V. A. servido de otra cosa. E así se hizo, que de allí adelante todos le tuvieron y le obedecieron por señor, como al dicho Camamazin; y él fué obediente en todo lo que yo de parte de V. M. le mandaba. (Cortés, 1866, p. 98)

⁵³ Na parte superior, a descrição da imagem diz: “Coronacion del- Rey detescoco, y destierro del otro a influensia de Cort3”.

Esta pintura foi encomendada pelo rei Carlos II aos pintores González que residiam na Cidade do México. De acordo com Joaquín Bérchez, os artistas se basearam, ao menos, na *Historia de la Conquista de México*, de Antonio de Solís (Bérchez, s.d.).

⁵⁴ Vale destacar que nem no *Códice* nem nas *Obras Históricas* é mencionado que Cucuscasin substituiu Cacama como *tlatoani* de Texcoco.

⁵⁵ Cucuscasin era irmão de Cacama; no entanto, Cortez diz em suas cartas que era filho.

Após isso, Cortez precisou se ausentar da cidade para combater seu inimigo conterrâneo e retornou a México-Tenochtitlan, passando por Tlaxcala e Texcoco. Durante esse processo, o capitão menciona que, na fuga de México-Tenochtitlan durante a *Noche Triste*, levou consigo um filho e duas filhas de Montezuma, Cacama, Cucuscasin e outros senhores (1866, p. 135-136). No entanto, após a *Noche Triste*, Cucuscasin fugiu para Texcoco e, com medo de uma traição do irmão, Coanacoch o assassinou a mando de Cuitlahuac, posto como *tlatoani* de México-Tenochtitlan após a morte de Montezuma:

Cucascacin, al cual de antes yo, en nombre de V. M. y con parecer de Mutezuma, habia hecho señor desta ciudad de Tesáico⁵⁶ y provincia de Aculuacan, al tiempo que yo llegué á la provincia de Tascaltecal, teniéndolo en son de preso, se soltó y se volvió á la dicha ciudad de Tesáico; y cómo ya en ella habian alzado por señor á otro hermano suyo, que se dice Guanacacin, de que arriba se ha hecho mención, dicen que hizo matar al dicho Cucascacin, su hermano, desta manera: que cómo llegó á la dicha provincia de Tesáico, las guardas lo tomaron, é hiciéronlo saber á Guanacacin, su señor; el cual también lo hizo saber al señor de Tenuxtitan; el cual, cómo supo que el dicho Cucascacin era venido, creyó que no se pudiera haber soltado, y que debia de ir de nuestra parte para desde allá darnos algún aviso; y luego envió á mandar al dicho Guanacacin que matasen al dicho Cucascacin, su hermano, el cual lo hizo así sin lo dilatar. (Cortés, 1866, p. 176-177)

Depois dos ataques, os espanhóis e aliados foram para Tlaxcala, onde se recuperaram por alguns dias e posteriormente se assentaram em Texcoco, dando continuidade à construção de 13 bergantins, empreendimento iniciado em Tlaxcala (Cortés, 1866, p. 142, 154 e 164).

A caminho de Texcoco, o espanhol relata que, ainda em Coatepec (*altepetl* de Acolhuacan), desconfiou que poderia ser atacado, mas alguns principais foram até ele, por ordem de Coanacoch, pedir que não os atacassem, pois tudo o que havia acontecido era culpa dos tenochcas (referindo-se à *Noche Triste*). Cortez menciona que respondeu positivamente. No entanto, muitos espanhóis, tlaxcaltecas e cavalos haviam morrido em Texcoco, além de terem roubado ouro e prata dos espanhóis e que, desta forma, deveriam ser punidos e devolvê-los.

que yo holgaba con toda paz y amistad suya, y que ya que ellos se excusaban de la guerra que me habían dado en la ciudad de Tenuxtitan, que bien sabían que á cinco ó seis leguas de allí de la ciudad de Tesáico, en ciertas poblaciones á ella sujetas, me habían muerto la otra vez cinco de caballo y cuarenta y cinco peones, y mas de trecientos indios de Tascaltecal que venían cargados, y nos habían tomado mucha plata y oro y otras cosas (1866, p. 170, grifo nosso)

⁵⁶ Cortez escreve erroneamente diversos nomes de cidades e pessoas, como será visto ao longo da dissertação. Aqui ele se refere a Texcoco.

Entretanto, o texto indica que Cortez aceitou as desculpas e se hospedou na cidade, ficando em um aposento de Nezahualpilli (1866, p. 169-171). Algumas páginas depois, o espanhol retoma os eventos com mais detalhes. Conforme o relato, dias após estar em Texcoco, ele pediu a alguns espanhóis para buscarem os 13 bergantins de Tlaxcala e para destruir o povoado (ele não diz o nome) que assassinou seus homens e cavalos. Cortez chega a afirmar que os animais foram cozidos pelos habitantes, dando a entender que o ato era reprovável para os espanhóis:

*Dende á tres dias, porque ya sabíamos que los trece bergantines estaban acabados de labrar; y la gente que los habia de traer apercebida, envié á Gonzalo de Sandoval, alguacil mayor, con quince de caballo y docientos peones para los traer, al cual mandé que destruyese y asolase un pueblo grande, sujeto á esta ciudad de Tesáico, que linda con los términos de la provincia de Tascaltecal, **porque los naturales del me habían muerto cinco de caballo y cuarenta y cinco peones, que venían de la villa de la Veracruz á la ciudad de Tenuxtitan, cuando yo estaba cercado en ella**, no creyendo que tan gran traición se nos habia de hacer; y cómo al tiempo que esta vez entramos en Tesáico hallamos en los adoratorios ó mezquitas de la ciudad los cueros de los cinco caballos con sus pies y manos y herraduras cosidos, y tan bien adobados como en todo el mundo lo pudieran hacer; y en señal de victoria, ellos y mucha ropa y cosas de los españoles ofrecidas á sus ídolos, y hallamos la sangre de nuestros campaneros y hermanos derramada y sacrificada por todas aquellas torres y mezquitas, fué cosa de tanta lástima, que nos renovó todas nuestras tribulaciones pasadas.* (1866, p. 183, grifo nosso)

Após o ataque dos espanhóis, alguns habitantes do povoado foram escravizados como punição: “*y mataron muchos, y prendieron y cautivaron muchas mujeres y niños, que se dieron por esclavos*” (Cortés, 1866, p. 184).

No *Lienzo de Tlaxcala*⁵⁷ há um relato que coincide com a reclamação de Cortez e contradiz os encontros pacíficos entre texcocanos e espanhóis, como relatado na maior parte do Fragmento número 2 do *Códice Ramírez*. Na 41ª folha da fonte tlaxcalteca, uma pintura mostra Cortez e os espanhóis sendo recepcionados por Ixtlilxochitl II em Texcoco. No lado superior direito aparece um cavalo sacrificado, enquanto abaixo, na mesma direção, indígenas e espanhóis se enfrentam. Aqui é representada a divisão da cidade entre aliança e oposição que Cortez cita, mas que no *Códice* o segundo tipo de relação é um pouco omitido. Segundo Luis Manuel Vásquez Morales, próximo de Ixtlilxochitl II, está escrito: “*Tetzecoco yavani Ixtlilxochitzin, que significa Ixtlilxóchitl los condujo por las calles de Texcoco.*” (Lienzo..., 2019, p. 217).

⁵⁷ Segundo Morales, o *Lienzo* foi criado entre os anos de 1550 e 1564, pois em 1552 o vice-rei Juan de Velasco autorizou o *cabildo* de Tlaxcala a elaborar um documento que descrevesse a aliança entre os tlaxcaltecas e espanhóis na conquista. De acordo com ele, “*Este testimonio, [...], presenta los nombres de los pueblos que fueron conquistados, así como algunos nombres de personajes importantes.*” (Lienzo..., 2019, p. 23).

Figura 17 - Espanhóis e tlaxcaltecas chegam em Texcoco após a *Noche Triste*.⁵⁸



Fonte: Lienzo de Tlaxcala, 2019, p. 218.

Na *Relación Decimatercera*, Fernando de Alva tem o mesmo relato deste trecho de Cortez e do *Lienzo*. De acordo com ele, após Cortez receber alguns principais texcocanos a mando de Coanacoch em Coatepec, o espanhol respondeu “enojado” que não queria a amizade deles, pois haviam matado 45 espanhóis e 300 tlaxcaltecas. Diante disso, os principais responderam que nem eles nem Coanacoch tinham culpa, já que tudo foi feito pelos partidários de Cacama. Os espanhóis e os aliados continuaram a caminhada até chegar a Texcoco e serem recebidos por Ixtlilxochitl II (Ixtlilxochitl, 1891, p. 342-343).

Segundo Cortez, a expedição teria chegado à cidade no último dia de dezembro de 1520. Nesta mesma noite, os espanhóis se depararam com a fuga de Coanacoch e muitos outros habitantes para México-Tenochtitlan: “*E así, el señor de la dicha ciudad, que yo deseaba como á la salvación haberle á las manos, con muchos de los principales della, se fueron á la ciudad de Tenuxtitan*” (1866, p. 171-172). Após ter assassinado o irmão e ter

⁵⁸ Quando os quatro “índios principais” foram em direção aos espanhóis, após eles saírem de Coatepec, a pedido de Coanacoch, para avisá-los que estavam em paz, Cortez diz que: “*teniendo por mas cierta la guerra, salieron al camino cuatro indios principales con una bandera de oro en una vara, que pesaba cuatro marcos de oro, é por ella daban á entender que venian de paz*” (1866, p. 170, grifo nosso). Segundo o espanhol, ele conhecia um destes principais, mas não cita o nome. Talvez um destes possa ter sido mesmo Ixtlilxochitl II, se considerarmos a descrição de Cortez sobre a “bandera de oro en una vara” e a imagem do *Lienzo* mostrar o texcocano com o mesmo objeto. Além disso, o próprio Cortez relata que Ixtlilxochitl II estava com ele durante a fuga da *Noche Triste* (Cortés, 1866, p. 176), por isso ele pode tê-lo reconhecido.

Além de Cortez, Fernando de Alva, ao citar o *Lienzo*, também descreve a mesma passagem na *Historia Chichimeca*: “*y en la parte referida, Tlepehuacan, le salió á recibir Ixtlilxochitl, dándole en señal de paz y confirmación de la amistad antigua, un pendón de oro, dándole la bienvenida, y rogándole se fuese á la ciudad de Tetzcuco, que allí sería servido y regalado; que le pesaba mucho de sus trabajos, de los bandos y rebeliones que habían causado sus tíos y deudos los señores mexicanos y los que seguían su bando, y que por esta causa hallaba que el rey su hermano y los de su corte tuvieron alguna culpa, pero que los perdonase, que en su nombre venía á disculparlos y ofrecérsele en su servicio.*” (Ixtlilxochitl, 1892, p. 413).

fugido para México-Tenochtitlan, ficou claro o posicionamento de Coanacoch como um aliado dos mexicas.

O capitão e outros espanhóis ficaram na cidade até maio — entre idas e vindas —, quando começaram os ataques a México-Tenochtitlan pelo Lago de Texcoco (1866, p. 208). Cortez relata que, nesse meio tempo, ele tornou Tecocoltzin *tlatoani* do *altepetl*, já que Cuscuscasin havia sido morto por Coanacoch após a *Noche Triste* e este último havia fugido para México-Tenochtitlan.

y aquel don Hernando⁵⁹, hermano de Gacamacin, de que arriba he fecho mención. [...] yo, en nombre de V. M., fice que lo recibiesen por señor. E los naturales desta ciudad, aunque por entonces habia pocos en ella, lo hicieron así, y dende ahí adelante le obedecieron, y comenzaron á venirse á la dicha ciudad y provincia de Aculuacan muchos de los que estaban ausentes y huidos, y obedecían y servían al dicho don Fernando; y de ahí adelante se comenzó á reformar y poblar muy bien la dicha ciudad. (1866, p. 179-180)

Em seguida, Tecocoltzin colocou seu irmão, Ixtlilxochitl II, como capitão dos acolhuas, momento em que o espanhol descreve um número alto de soldados texcocanos para lutar contra os tenochcas:

E á uno dellos que se llama Istrisuchil [...] envióle por capitán, y llegó al real de la calzada con mas de treinta mil hombres de guerra, muy bien aderezados á su manera, y á los otros dos reales irían otros veinte mil. (Cortés, 1866, p. 219-220, grifo nosso).

Por fim, Cortez menciona pela última vez algum texcocano quando cita a morte de Tecocoltzin após a tomada de México-Tenochtitlan e como isso o deixou triste, pois se tratava de um bom e fiel vassalo (1866, p. 270).

Embora utilizemos as *Cartas* de Cortez tanto como fonte de análise para o trabalho quanto para a descrição do período de guerra, cabe salientar que há uma grande divergência entre o tom de escrita dele e dos autores do Fragmento número 2 do *Códice* e das *Obras Históricas*; principalmente no que se refere à atuação das elites indígenas texcocanas. Restall, por exemplo, debate como Cortez se coloca como o articulador de toda a guerra. No entanto, para o historiador,

Podemos entender mejor la guerra hispano-azteca si aceptamos que Cortés no era el amo del juego, sino sólo un jugador dentro de éste (ganando en ocasiones, en otras perdiendo). [...] En realidad, las decisiones se tomaban por muchas personas

⁵⁹ Tanto Ixtlilxochitl II quanto Tecocoltzin foram batizados como “Hernando”. Nesta passagem, Cortez está falando de Tecocoltzin.

—como Xicotencatl de Tlaxcallan, Ixtlilxochitl de Tetzcoco, Pedro de Alvarado, Vázquez de Tapia y Ordaz— e incluso por consejos de nobles y por los grupos de capitanes, por las facciones y las cohortes. Asimismo, esas decisiones eran con frecuencia rápidas reacciones más que estrategias implementadas después de haber sido estudiadas, que quedaban contrarrestadas por el caos e imprevisibilidad de la guerra, y por la necesidad de responder a las iniciativas de otros grupos, ya sea por los españoles o los indígenas, locales o distantes. Sobre todo, los líderes nahuas tuvieron un papel más decisivo de lo que la narrativa tradicional les ha permitido, y estuvieron muy cerca de tener el control —incluso en momentos concretos—, más de lo que estuvo Cortés. (2019, p. 221-222)

Dessa forma, segundo o historiador, ainda que Cortez se caracterize como um “*hacedor de reyes*”, os líderes indígenas, como Ixtlilxochitl II e outros tlaxcaltecas, tomaram muitas decisões das quais os espanhóis tiveram de aceitar (2019, p. 307). Além disso, Restall defende que texcocanos e tlaxcaltecas atacaram cidades já “conquistadas” pelos espanhóis com o intuito de submetê-las aos seus tributos. Para ele, isso faz sentido se considerarmos que “*los nahuas que peleaban esperaban quedarse en casa una vez que la temporada de guerra terminara en abril.*” (p. 309-310).

Oudijk e Restall propõem que a motivação para os indígenas participarem das guerras de conquista não foi somente se livrar da Tríplice Aliança, já que eles continuaram empreendendo essas guerras após a caída de México-Tenochtitlan. Eles apontam que o motivo pode ter sido a divisão de senhorios. Quando havia a conquista de territórios no período pré-hispânico, os *tlatoque* dividiam as terras e colocavam alguns capitães como senhores — assim como afirma Novillo (2006) — e essa prática continuou após a queda de México-Tenochtitlan com outras conquistas (2007, p. 54-66). Segundo eles,

It is evident that indigenous troops took part in the Spanish-allied conquest because they took for granted that they would receive what until then was usually granted after such campaigns. But, when the Spaniards did not respond in the same way as the preconquest lords used to do, indigenous nobles began submitting judicial claims. (2007, p. 56)

Retomando a descrição da participação dos texcocanos nas guerras, no Fragmento número 2 do *Códice Ramírez*, diferentemente das *Cartas*, Cacama não morre na fuga da *Noche Triste*, mas sim ainda preso, sem explicação, contrariando a versão de Cortez do caso: “*y entregado el preso amaneció un dia muerto el desdichado Cacama, postrero Rey y herdero directo del imperio Chichimecatl, de edad de veinticinco años no cumplidos y gentil.*” (Códice..., 1987, p. 142).

Segundo a obra, desde o encontro entre texcocanos e espanhóis, os primeiros não abandonaram a empreitada de vencer México-Tenochtitlan junto aos estrangeiros — exceto

pela revolta de Cacama e por Coanacoch ter ficado ao lado dos mexicas (Códice, 1987, p. 146). Diante disto, o protagonismo de Ixtlilxochitl II se faz presente em todo o discurso, sendo descrito, por exemplo, que ele não suportava mais ver as baixas dos espanhóis e passou a guiá-los, “*de manera que en la conquista desta ciudad siempre llevó la delantera don Fernando.*” (Códice, 1987, p. 148). De acordo com o fragmento, com a ajuda do texcocano, México-Tenochtitlan foi vencida, sendo este um grande aliado dos espanhóis:

y en muchas ocasiones el famoso don Fernando mostraba tanto su valor como se verá en este caso, y fué que llegando al templo mayor [...] comenzó á subir por las gradas dél [...] y el valeroso Cortés [...] llegaron á lo alto, donde estaba el ídolo mayor [...] y echando Cortés mano de la máscara y lo que della pendia, y el don Fernando de los cabellos que solia antes adorar le cortó la cabeza y alzándola en lo alto la comenzó á enseñar y á decir á grandes voces á los mexicanos: “Veis aquí á vuestro falso dios y lo poco que vale; daos por confundidos y vencidos, y recibí el bautismo y la ley de Dios que es la verdadera. (Códice, 1987, p. 148-149)

A crônica de Fernando de Alva também concede a Ixtlilxochitl II o papel de grande conquistador, embora mencione os outros irmãos mais do que no *Códice Ramírez*. Diferentemente do *Códice*, o relato não se inicia com a chegada dos espanhóis em Texcoco. Começa-se a falar dos texcocanos na *Relación Decimatercera*, descrevendo a prisão de Cacama, passando pela fuga de Coanacoch, Tecocoltzin tornando-se *tlatoani* e Ixtlilxochitl II capitão. Segundo o cronista, Tecocoltzin foi o primeiro a ser batizado em Texcoco e não Ixtlilxochitl II (1891, p. 340-345 e 442). Além disso, afirma-se que Tecocoltzin faleceu após a *Noche Triste* e não após a queda de México-Tenochtitlan, como cita Cortez (Cortés, 1866, p. 270). Segundo Fernando de Alva, com o falecimento de Tecocoltzin, Ixtlilxochitl II tornou-se o líder de Texcoco, embora Coanacoch continuasse vivo (1891, p. 345).

De acordo com o cronista, Cuitlahuac e Coanacoch lutaram contra Ixtlilxochitl II, pois este estava ao lado dos cristãos. Para o autor, Ixtlilxochitl II teve esse posicionamento, pois considerava os cristãos filhos do sol, que traziam a luz verdadeira. Além disso, o príncipe texcocano considerava melhor ser aliado destes do que de seus compatriotas e parentes que não o obedeciam (Ixtlilxochitl, 1891, p. 353).

Por último, embora cite muito pouco os texcocanos em comparação com os textos acima, no tomo II da obra *Historia de las Indias de Nueva España e islas de Tierra Firme*, Durán fala rapidamente que Cortez foi de Tlaxcala para Texcoco terminar a construção dos bergantins. Nesse ínterim, o autor cita que Cortez foi muito bem recebido por Ixtlilxochitl II e que a aliança entre espanhóis e texcocanos já estava selada:

En esta jornada vinieron los tezcucanos, como amigos de los españoles y ya confederados con ellos, á levalles las cargas y juntamente llevaron de camino toda la madera que fué menester para los bergantines [...] Llegado que fué alli el Marques y aposentado y bien recibido y servido con mucha reverencia y respecto, especialmente de un hermano del rey Coanacochtzin, que á la sazón reinaba, hijo de Nezauapilli que abía por nombre Ixtlilxochitl, el cual agradó y sirvió al Marques con tanta diligencia (Durán, 1880, p. 55).

Figura 18 - A construção dos bergantins.⁶⁰



Fonte: Adaptado de Durán, Diego, 1880, 30ª folha.

Assim como no *Códice* e nas *Obras Históricas*, Durán também afirma que Ixtlilxochitl II foi um grande companheiro de Cortez na conquista de México-Tenochtitlan, ganhando até uma espada dourada do capitão espanhol. Segundo ele, com essa espada o texcocano tomou o *Templo Mayor* de México-Tenochtitlan (Durán, 1880, p. 56 e 61).

Dito isto, conforme estas fontes coloniais e a historiografia (Benton, 2017; Townsend, 2021; Restall, 2019; Franco, 1974; Gibson, 1983; Lesbre, 2013), nas guerras de conquista Coanacoch lutou do lado oposto de seus irmãos Tecocoltzin e Ixtlilxochitl II. Ao final da guerra, em agosto de 1521, os únicos irmãos vivos eram Coanacoch e Ixtlilxochitl II. O primeiro faleceu em 1525, na expedição para Honduras, e Ixtlilxochitl II, em 1531, sendo o último líder de Texcoco desde o falecimento de seu irmão até a sua morte (Vilella, 2016, p. 707).

⁶⁰ Não há como identificar na imagem se esses bergantins estão sendo construídos em Tlaxcala ou em Texcoco. No entanto, o argumento de Ernesto Sánchez sobre a imagem parece convincente, pois diferentes fontes indicam que a maior parte da construção foi em Texcoco. Inclusive, os espanhóis ficaram cinco meses na cidade. Segundo o autor, “*es difícil asegurar, si el mismo se refiere a la hechura en Tlaxcala o Texcoco, aunque es de suponer que solo fue armado un bergantín a modo de prueba en Tlaxcala y el grueso de los otros en Texcoco, por eso se supone que esta última opción es la representación correcta.*” (Sánchez, 2021, p. 6-7).

2.4 Texcoco durante a colonização espanhola (XVI-XVII)

2.4.1 Administração hispânica e a perda de poder da nobreza indígena

Como vimos anteriormente, algumas fontes coloniais e também textos historiográficos indicam que espanhóis e texcocanos construíram uma aliança política e bélica contra México-Tenochtitlan. Aliança esta que se estendeu durante o processo de colonização na Nova Espanha, possibilitando que os descendentes de Nezahualpilli conseguissem acessar cargos e obter mercês por alguns séculos. Um dos exemplos que evidencia a influência desse pacto é uma pintura do século XVIII que apresenta, mesmo omitindo muitos familiares, a genealogia da nobreza texcocana a partir de Nezahualcoyotl. Nesta imagem, com o passar das gerações, os integrantes se “europeizam” nas vestimentas, demonstrando a distinção social (Bourdieu, 2007) que possuíam.

Figura 19 - Genealogie von Tezcoco.



Fonte: Genealogie von Tezcoco. Séc. XVIII (1ª metade). México. Coleção Carl Adolf Uhde. Aquarela, 72 x 47 cm.

Na pintura, os dois primeiros membros proeminentes da família são Nezahualcoyotl e Nezahualpilli, respectivamente de baixo para cima. Nota-se que ambos, juntamente com suas esposas, estão com roupas nativas, diferente do restante da genealogia. Exatamente acima de Nezahualpilli, no meio da árvore, encontra-se Ixtlilxochitl II, já vestido com roupas típicas europeias. Ao seu lado esquerdo está Coanacoch e, ao direito, Yotontzin. A linhagem continua a partir dos filhos de Coanacoch, ignorando os filhos dos outros dois irmãos⁶¹.

A aquarela mostra que, a partir dos filhos de Nezahualpilli, ocorreu uma mudança na família e, conseqüentemente, também nos costumes e comportamentos. O motivo, aparentemente, teria sido o encontro e a aliança com os espanhóis. A mudança não foi somente nos gestos, mas na herança e prestígio social da família, que mesmo no século XVIII ainda fazia questão de mostrar sua nobreza de sangue e por mérito ao aliar-se e casar-se com espanhóis. Segundo Benton,

This tree ostensibly demonstrates that Tetzco's old ruling family has not been destroyed. They were thriving in the eighteenth century — they dressed as Spaniards, married Spaniards, and had their regal family lineage painted in a thoroughly European style. (2017, p. 164)

Dessa forma, percebemos que a integração da cidade com o mundo hispânico foi um processo iniciado durante a guerra e continuado ao longo do período colonial. Como já mencionado em tópicos anteriores, os primeiros governantes coloniais de Texcoco foram Coanacoch (1520-1525?) e Ixtlilxochitl II (1525?-1531), sendo sucedidos por mais alguns irmãos até 1545, quando um integrante da próxima geração da família assumiu o poder até 1564. A partir de então, o cargo de *tlatoani* na cidade não foi mais ocupado (Benton, 2017). Para compreender essas transformações, devemos observar a organização colonial sob o regime espanhol.

Após a tomada de México-Tenochtitlan, os espanhóis passaram a repartir os territórios do Vale do México e designá-los aos companheiros hispânicos de batalha, processo nomeado de *encomienda*, no qual o colonizador espanhol recolhia tributos dos nativos e explorava as terras. No entanto, sem o consentimento do rei, esse sistema gerou conflitos entre os *encomenderos* e a Coroa, levando à implementação da Audiência Real em 1529 na Nova

⁶¹ Segundo Patrick Lesbre, os herdeiros de Coanacoch tornaram-se uma “‘*dinastia*’ colonial *propria*”, após Hernando Pimentel, filho de Coanacoch, herdar o *cacicazgo* de Texcoco em 1545 e os descendentes destes continuarem a disputar o poder e o controle da riqueza da cidade (2013, p. 147-149). Provavelmente esse seja o motivo para a linhagem de Coanacoch receber destaque na aquarela.

Espanha (Townsend, 2021, p. 200) e, posteriormente, ao início do governo do primeiro vice-rei, Antonio de Mendoza, em 1535 (Bornemann, 1991, p. 21). Embora desde o início da guerra os *pipiltin* aliados aos espanhóis continuassem governando seus antigos territórios, a formação de um governo indígena sistemático durante o período colonial só ocorreu após a chegada do vice-rei. Durante o vice-reinado de Mendoza, foram criados alguns *cabildos* indígenas e seus respectivos cargos, mas, segundo Bornemann, foi com o segundo vice-rei, Luís de Velasco (1535-1564), que os *cabildos* e as repúblicas indígenas se consolidaram (1991, p. 93).

Com a institucionalização e burocratização do governo indígena pelo poder colonial, os *tlatoque* passaram cada vez mais a ter poder somente sobre suas terras particulares, sendo um elo entre a administração real e a população nativa que, ao menos nas primeiras décadas, ainda reconhecia a autoridade indígena (Bornemann, 1991). Embora em cada região o processo de administração ameríndia tenha se transformado em momentos distintos, sabe-se que até meados do século XVI o cargo de *tlatoani* (muitas vezes também chamado de *cacique* e posteriormente de governador) era ocupado pelos *pipiltin* do próprio *altepetl* — ou seja, senhores texcocanos governavam Texcoco e assim por diante —, e obedecia ao modelo sucessório pré-colonial. Além disso, atendia também ao critério vitalício (Lockhart, 1999, p. 50 e 52). No entanto, após a segunda metade do século, esse caráter foi sendo enfraquecido tanto pela pressão do controle hispânico quanto pelas disputas internas nativas nos territórios.

Em relação propriamente a Texcoco, de acordo com Franco, Cortez tinha muito interesse na cidade, por ter sido uma de suas aliadas. Baseando-se em um arquivo do período, a autora afirma que, quando a Coroa repartiu os *pueblos*, em 1524, Cortez pediu para ficar com o território de Tlaxcala, mas mudou de ideia e preferiu Texcoco. Segundo ela, entre 1522 e 1529, Cortez tinha *encomiendas* em Tetzcuco, “*formada por cuatro pueblos: Huexotla, Chiautla, Tezayuca y Coatlinchan*”. Porém, quando, em 1525, o espanhol estava na expedição para o Sul, os capitães que ele deixou em Texcoco passaram o território para a Coroa. No ano seguinte, Cortez pediu novamente a posse da cidade. No entanto, quando ele se tornou marquês, em 1529, Texcoco não fazia parte de seu marquesado. Embora tenha sido durante o governo da Segunda Audiência que a cidade tenha oficialmente começado a ser administrada pela Coroa, Cortez cobrou tributos do local até provavelmente 1541, “*año en que el virrey don Antonio de Mendoza señaló que los tributos de Tetzuco; así como su trabajo, serian otorgados a la iglesia y monasterio de la Orden de San Agustín de la ciudad de México.*” (Franco, 1974, p. 31-33).

Outro ponto importante da colonização espanhola foi a introdução da evangelização católica com a chegada dos franciscanos. Em outubro de 1523, chegaram os três primeiros franciscanos em Texcoco: Juan de Tecto, Juan de Ayora e Pedro de Gante (Franco, 1974, p. 138), já que a Cidade do México estava sendo reconstruída. Em maio do ano seguinte, chegaram mais 12 franciscanos na Nova Espanha. Embora Fernando de Alva tenha afirmado que estes foram diretamente para Texcoco, López considera que essa versão não é verdadeira, pois nenhum outro autor menciona isso. Estando na Cidade do México, os franciscanos “*empezaron la organización de la evangelización de manera sistemática al dividir el territorio el 2 de julio de 1524 en cuatro ciudades indígenas de gran importancia: México, Tezcoco, Tlaxcala y Huejotzinco.*” (López, 2017, p. 125-130).

A partir de então, o frei Pedro de Gante estabeleceu um centro educativo religioso em Texcoco para os nobres indígenas, conhecido como *Capilla de la enseñanza*. De acordo com López, em 1525, o *Templo Mayor* e os antigos centros cerimoniais da cidade foram derrubados com a ajuda dos alunos indígenas do franciscano (López, 2017, p. 130-131). Segundo Franco, a escola foi fundada no palácio de Nezahualpilli — embora depois tenha sido transferida para uma capela —, sendo considerada a primeira da Nova Espanha, tornando-se mais tarde a Catedral de Texcoco. Nesta escola, os indígenas aprendiam canto, aritmética e a tocar instrumentos musicais. Posteriormente, Gante fundou outras escolas e, entre 1526 e 1527, foi para a Cidade do México continuar seu trabalho educativo e evangelizador (Franco, 1974, p. 140-141).

Tanto Franco quanto López citam que a primeira cerimônia pública de casamento indígena nos moldes cristãos aconteceu em Texcoco, no dia 14 de outubro de 1526, onde reuniu o casamento de oito nobres, incluindo Hernando Pimentel, futuro *tlatoani* da cidade (Franco, 1974, p. 145-147; López, 2017, p. 130-131). No entanto, López esclarece que o primeiro matrimônio cristão entre indígenas foi feito em Huexotzinco, privadamente. Sem citar a data, o autor menciona não haver muitas informações sobre o ocorrido (2017, p. 131).

Todavia, o poder franciscano trouxe outro acontecimento inédito para Texcoco, envolvendo a morte de um nobre indígena. Em novembro de 1539, um dos irmãos de Ixtlilxochitl II, don Carlos Ometochtzin, foi morto na fogueira, condenado pela Inquisição por heresia ao continuar com costumes pré-hispânicos e incentivá-los entre a população local. O processo de julgamento contra o *pilli* foi bem rápido, sendo iniciado em junho e finalizado em agosto. Embora diferentes autores demonstrem que o processo inquisitorial contra don Carlos se deva mais a questões políticas no âmbito familiar da nobreza texcocana e também exterior

em relação à Coroa, o fato é que nenhum outro indígena na Nova Espanha foi sentenciado como o texcocano, tornando-se um caso de grandes repercussões para a época (Medrano, 2014; Benton, 2017).

Tratando-se da situação econômica da cidade durante o primeiro século do período colonial, Leslie Lewis considera que Texcoco era mais um subúrbio da capital (Cidade do México) do que uma província independente, possuindo uma relação socioeconômica muito dependente com a última. Um exemplo disso é que, embora existissem propriedades importantes em Texcoco, a maioria de seus donos morava na Cidade do México. Segundo a autora, como a distância entre as cidades durava menos de um dia, tornava-se vantajoso para os proprietários morar na capital. Dessa forma, ela argumenta que a falta de serviços e bens na região afastava os habitantes, atraindo lucros para a cidade vizinha. Apesar disso, Texcoco tinha uma economia de exportação baseada em produtos frescos (incluindo o cacau e o milho), produção pecuária e as *obrajes* (manufaturas), na qual espanhóis, negros, mestiços, mulatos e indígenas participavam ativamente. Em síntese, a autora defende que, embora tenha havido algumas mudanças entre os séculos XVI e XVII, a relação entre Texcoco e a Cidade do México continuou a mesma: Texcoco se expandia à medida que a capital da colônia se transformava (Lewis, 1976, p. 125-135).

Contudo, embora o avanço do poder colonial hispânico seja inegável com o passar dos anos, o protagonismo indígena não foi anulado, mas sim transformado. Após a morte de Ixtlilxochitl II, Texcoco viveu sob os governos de don Jorge Yoyontzin (1532-1533), don Pedro Tetlahuehuetzquititzin (1534-1539), don Antonio Pimentel Tlahuitoltzin (1540-1545) — filhos de Nezahualpilli — e don Hernando Pimentel Ihuian (1545-1564) — neto do antigo *tlatoani* —, sendo os mais proeminentes os dois últimos (Benton, 2017).

Pouco se sabe sobre o governo de Ixtlilxochitl II, Jorge e Pedro. No entanto, como já apontado no capítulo anterior, através da pesquisa de alguns litígios durante a década de 1530 em Acolhuacan, Vilella percebeu que Ixtlilxochitl II se envolveu em disputas territoriais com *encomenderos* e outros líderes indígenas em ao menos duas regiões. A primeira foi em Axapochco, uma vila que não tinha *tlatoani* e era *encomienda* de Francisco de Santa Cruz, membro do conselho da Cidade do México. Em 1534, o espanhol acusou o cacique de Otumba, don Francisco, de cobrar tributos dos moradores de Tepatepec e Tlamapan ilegalmente. O *encomendero* disse que Cortez havia instalado um mordomo em Axapochco com a bênção de Ixtlilxochitl II, cuja base de poder era Otumba. A partir disso, ele pediu que o local fosse considerado autônomo em relação à Otumba, mas a justiça foi favorável ao

cacique. O segundo caso foi propriamente em Texcoco, envolvendo a comunidade de Tequisistlan. O *altepetl* pertencia ao governo de Nezahualcoyotl, embora tivesse seu próprio *tlatoani*. Porém, após a conquista, virou *encomienda* do conquistador Juan de Tovar. Tudo começou entre 1530 e 1531, quando Ixtlilxochitl II invadiu duas terras próximas de Tequisistlan, Ixtapan e Nexquipayac, cobrando tributos. Segundo o cacique de Tequisistlan, Ixtlilxochitl II matou o líder da cidade e roubou os habitantes. Desde então, para o cacique, os texcocanos ficaram naquelas terras tiranamente, porque, ainda que a população local devesse tributos a Texcoco, as terras eram de patrimônio imemorial do *tlatoani* de Tequisistlan. O que sabemos é que essas disputas ocasionaram a prisão de Ixtlilxochitl II (na qual o autor não cita a data) e posterior a sua morte, ao ficar doente em 1531. Com a morte do texcocano, a resolução dos litígios ficou sob responsabilidade de seus familiares (Villella, 2016, p. 707-710).

Em relação ao governo de Jorge, não encontramos informações além dos anos em que ele ficou no poder. Contudo, sobre Pedro, sabemos que foi logo após a sua morte que ocorreu a condenação de Carlos por heresia. Segundo Medrano, Pedro ungiu Carlos como seu sucessor; entretanto, os parentes não aceitaram essa decisão. A partir daí, um sobrinho de Carlos, de Chiconautla, o denunciou por não obedecer às regras católicas, tendo como testemunhas de acusação a irmã e o cunhado do texcocano. A viúva de Pedro, inclusive, acusou Carlos de tentar abusá-la. Para a autora, a explicação mais convincente para esse processo é que alguns parentes de Carlos aproveitaram que ele talvez estivesse conspirando contra o poder espanhol para se livrarem dele (Medrano, 2014, p. 171-174). Benton discorda de que Carlos morreu como *tlatoani* ou cacique de Texcoco, mas sim como um dos pretendentes ao cargo, que foi ocupado por Antonio Pimentel. Porém, o historiador concorda que Carlos irritou sua família com as pretensões ao cargo, fazendo com que não tivesse nenhum testemunho a seu favor (Benton, 2014, p. 184-185; 2017, p. 40-44).

Para Benton, após a crise que sucedeu à morte de Pedro, Antonio restabeleceu uma estabilidade política em Texcoco. Em cinco anos de governo, o *tlatoani* reforçou a aliança da nobreza texcocana com a administração espanhola e os costumes cristãos, deixando claro em seu testamento que seu sucessor, Hernando Pimentel, seu sobrinho e filho de Coanacoch, deveria consolidar a mesma política. Antonio também é conhecido por ter investido em diversos documentos pictográficos visando restaurar propriedades da sua família e contribuir para a imagem poderosa de Texcoco (Benton, 2014, p. 183-192). Quando o *tlatoani* faleceu, os líderes locais espanhóis reconheceram a tradição pré-hispânica e reuniram seis filhos de

Nezahualpilli para saber quem o sucederia. De acordo com Benton, havia um problema, pois existiam tios, irmãos e primos (filhos de Antonio e Ixtlilxochitl II) de Hernando que poderiam reivindicar o cargo. De toda forma, o desejo do falecido foi respeitado. O autor cita uma carta na qual indica que alguns parentes (provavelmente irmãos de Hernando) se sentiram injustiçados com a indicação do sobrinho. Além disso, disseram que essa seleção foi coagida pelo guardião franciscano deles, Juan de San Francisco. Os descontentes chegaram a menosprezar a mãe de Hernando, dizendo que ela nunca teve um marido, na tentativa de mostrar que ele era ilegítimo (Benton, 2017, p. 63-67).

Durante o governo de Hernando, Texcoco recebeu, em 1551, o título de *ciudad*, posto ocupado por poucas regiões na Nova Espanha, tais como México-Tenochtitlan e Tlaxcala, por exemplo. Com a ajuda de Motolínia, por intermédio de don Antonio Alfonso Pimentel, conde de Benavente, Hernando solicitou o título ao rei, que foi aceito. Baseando-se em Antonio Peñafiel (1979), Benton afirma que, junto ao título de *ciudad*, Texcoco recebeu seu próprio brasão (Benton, 2017, p. 68-69). No entanto, María Castañeda de La Paz (2022) fez uma análise crítica das diversas versões do brasão de Texcoco e argumenta que a primeira versão encontrada do documento possui referências estilísticas do século XVII e que, provavelmente, tenha sido Fernando de Alva que o produziu para enaltecer a história da cidade.

Segundo ela, as referências mais antigas sobre o brasão estão nos escritos de Fernando de Alva, enquanto a versão mais antiga da imagem consta no livro do padre José Francisco de Isla, de 1701, chamado *Buelo del imperial águila tetzcocana*. No entanto, o documento enviado com o título de *ciudad* não foi acompanhado do brasão. Ela argumenta que os brasões da primeira metade do século XVI seguem o padrão de elementos visuais espanhóis, enquanto o brasão de Texcoco vai pela direção contrária. Para ela, isto é estranho, pois o brasão texcocano exalta Nezahualcoyotl (com a imagem de um coioote, símbolo que representava o *huey tlatoani*), um senhor pré-hispânico, em vez de fazer jus aos senhores do período da colonização. Logo, a historiadora sugere que Fernando de Alva é o autor, baseada em três argumentos: 1. a diferença do estilo deste brasão para os do século XVI; 2. o tema central do brasão é uma história pré-hispânica e 3. todos os elementos que adornam o brasão são descritos na obra do cronista (Castañeda de La Paz, 2022, p. 164-183).

Figura 20 - Versão mais antiga do brasão de armas da cidade de Texcoco.



Fonte: Castañeda de La Paz, 2022, p. 175 *apud* Francisco Isla, 1701.

Independentemente de a cidade ter tido ou não seu brasão oficial, o fato é que Texcoco foi reconhecida pela participação na guerra hispano-indígena. Além disso, Hernando conseguiu ter o seu próprio escudo de armas, sendo autorizado a utilizar o mesmo que o do conde de Benavente, seu auxiliar na solicitação ao rei (Benton, 2017, p. 68-69).

Entre as décadas de 1550 e 1560, Hernando enviou cartas ao rei da Espanha, chegando ao menos quatro destas no outro lado do Atlântico. Segundo Benton, na primeira, de 1554, ele pediu uma permissão de viagem para a Espanha a fim de falar pessoalmente com o rei, mas não foi atendido. Em 1556, ele solicitou, com os líderes indígenas da Cidade do México, Tlacopan, Coyoacan e Iztapalapa, que o rei nomeasse Bartolomé de Las Casas como protetor dos nativos. Na terceira carta, de 1561, ele escreveu junto a conselheiros, *alcaldes*, *regidores* e principais de Texcoco a um frade, para que ele falasse com o rei sobre algumas queixas da nobreza texcocana. Na última, de 1562, produzida junto a caciques e governadores da Cidade do México e Tlacopan, o líder reclamou sobre os tributos, obrigações trabalhistas dos *macehualtin*, problemas com *encomiendas* em Tlacopan e os danos da pecuária espanhola nas propriedades indígenas. Em uma quinta, que está fragmentada, ele mostrou a vastidão do território texcocano antes da conquista (2017, p. 73-76). Embora essas correspondências evidenciem a importância de Hernando e o quanto ele sabia se aproveitar da burocracia

colonial, vale notar que a nobreza texcocana não teve a permissão de visitar o rei, diferentemente dos líderes tlaxcaltecas que viajaram seis vezes até a corte entre 1527 e 1583 (Gibson, 1952, p. 167).

Após mais de duas décadas de um governo hereditário estável da nobreza texcocana, essa trajetória se rompeu. Com a morte de Hernando, em 1564, outra intriga familiar foi vivenciada entre os descendentes de Nezahualpilli: quando a nobreza se reuniu para escolher o próximo *tlatoani*, Francisco Pimentel, filho do falecido, reclamou à audiência da Cidade do México que não havia necessidade de eleição, já que ele era o herdeiro legítimo de seu pai, tanto para o cargo de *tlatoani* quanto para o de cacique. Essa disputa se estendeu até 1593, quando o cargo de *tlatoani* foi extinto em Texcoco (Benton, 2017, p. 139). Todavia, para compreender essa transformação senhorial da nobreza texcocana em seu próprio território, devemos nos atentar a diferentes fatores que a afetavam desde o início da década de 1520.

Nos anos iniciais da colonização, os *tlatoque* continuaram a receber tributos diretos de seus respectivos vassalos. No entanto, com o passar do tempo, a população comum já não conseguia mais prover tributos ao *tlatoani* e ao vice-reino simultaneamente, devido, principalmente, à mortandade em razão das epidemias. A alta cobrança de impostos, que podia envolver tanto moedas como alimentos, somada ao grande declínio populacional e à exploração da mão de obra nativa, fazia com que muitas vezes o *cabildo* indígena não conseguisse recolher os tributos que devia repassar ao vice-rei, causando fragilidades no governo local (Townsend, 2021, p. 224-240). Segundo Bornemann, “*Desde las instrucciones enviadas a la segunda audiencia, así como las instrucciones dadas al virrey Mendoza en 1535, se perfila una tendencia a reducir el tributo percibido por los señores naturales de los macehuales.*”. Depois da visita de Jerónimo de Valderrama, em 1564, os indígenas *terrazgueros* (os que alugavam terras dos senhores indígenas) foram liberados dos seus senhores naturais ao receberem terras e se tornarem tributários do rei. Ou seja, entre 1550 e 1564, a colonização reduziu tanto o tributo quanto a mão de obra dos senhores nativos (1991, p. 100-101). Para garantir o pagamento dos impostos reais, entre 1546 e 1560, a administração colonial passou a repartir terras entre os *macehualtin*, determinando as terras para exploração coletiva e as dos *cabildos* indígenas, numa tentativa de igualar *macehualtin* e *pipiltin*, eliminando a diversidade social e ocupacional anterior. Conforme a historiadora, “*el proceso de redistribución de la tierra se efectuó en detrimento de las propiedades de la élite indígena, quien se vio desposeída por orden de las propias autoridades virreinales.*” (Bornemann, 1991, p. 182).

A riqueza da nobreza texcocana baseava-se em trabalho, terra e tributos, mas, à medida que o século XVI avançava, o acesso a essas fontes ficava mais difícil. Nas décadas de 1570 e 1580, os espanhóis tiveram mais controle sobre a arrecadação de tributos e os texcocanos morriam cada vez mais. Em contrapartida, a presença de espanhóis aumentava na cidade em busca de terras para plantar e criar gado. Diferente do sistema tributário anterior, no período colonial a maioria dos *altepeme* que enviavam tributos a Texcoco passou a encaminhar diretamente aos espanhóis. Mesmo assim, no início do período, os governantes locais indígenas podiam recolher tributos na região central de Acolhuacan e administrá-los. Porém, com o passar dos anos, os espanhóis começaram a controlar as recolhas das taxas, excluindo a nobreza texcocana do processo. Benton cita que, dos 14 *altepeme* anteriormente sujeitos a Texcoco, dez passaram a ser *encomiendas* dos espanhóis conquistadores⁶² (Benton, 2017, p. 81-85).

O historiador argumenta que era comum o pagamento de funcionários do governo espanhol e indígena com os cofres da arrecadação de tributos. Porém, os espanhóis não conseguiam saber exatamente a porção da receita tributária que os nobres texcocanos ficavam para si. Mas, a partir de 1544, a interferência direta dos espanhóis na arrecadação de impostos na cidade começou: eles simplificaram o pagamento dos tributos em milho e dinheiro, e no ano de 1556 somente em milho. Sendo assim, os líderes indígenas seriam pagos com o cereal e, segundo essa lógica, isso faria com que eles cuidassem melhor das plantações. Em 1582, o vice-rei ordenou que os líderes indígenas de Texcoco, Cuautitlan, Toluca e Chalco enviassem um registro da colheita de milho à audiência e que eles não poderiam gastar, vender ou distribuir os milhos até ter permissão espanhola para isso. Com isso, o governo tentou barrar a chance de os nobres nativos lucrarem com a venda do milho. Esse controle mais direto afetou os rendimentos da elite indígena e fez com que eles se afastassem da tarefa de recolha de tributos, pois não conseguiam mais se sustentar com eles. Além disso, os nobres texcocanos tiveram suas terras ameaçadas com a invasão de espanhóis entre 1570 e 1590. Ao mesmo tempo em que muitos espanhóis iam para a zona central da Nova Espanha e se espalhavam pelos arredores, a população indígena de Texcoco diminuía. Isso fez com que a nobreza da cidade tivesse que recorrer aos tribunais para defender os seus direitos de posse, embora nem sempre tenha conseguido obter êxito, resultando no aumento da pecuária e agricultura hispânica na região (Benton, 2017, p. 86-105).

⁶² Segundo Franco, Chiautla, Coatlichan, Tezayuca e Huexotla continuaram a pagar impostos a Texcoco (1974, p. 48).

Outro ponto essencial para compreender essas mudanças na vida socioeconômica dos *pipiltin* é a divisão territorial feita pelos espanhóis, principalmente no que tange às *cabeceras* e *sujetos*. Segundo Gibson, na Espanha, *cabecera* significava uma capital eclesiástica ou secular de um distrito (1983, p. 36). O autor explica que:

En suma, en todas las jurisdicciones los pueblos tlatoani de tradición firme y unitaria se convirtieron en cabeceras. Los pueblos de tradición tlatoani interrumpida o dividida, o con antecedentes de cierto grado de subordinación, se convirtieron en cabeceras en algunos casos y en sujeto en otros.

[...]

Un sujeto puede definirse como una comunidad que debe tributos, servicios y otras obligaciones a los funcionarios de la cabecera. (1983, p. 49).

Entretanto, essa divisão não foi aceita por muitos *sujetos*, pois, muitas das vezes, os espanhóis não compreendiam o sistema de governo de um *altepetl* complexo, que compunha mais de um *altepetl*, sendo um deles uma espécie de capital e o restante possuindo um pouco de autonomia, mas tendo o dever de prestar homenagens e tributos ao *huey tlatoani*. Isso gerou diversos conflitos entre *cabeceras* e *sujetos*, nos quais os segundos não aceitavam mais se subordinar às primeiras, buscando independência. Tratando-se de Texcoco, isso não foi diferente.

Segundo Gibson, 12 *altepeme* de Acolhuacan se tornaram *cabeceras* porque anteriormente tinham *tlatoque*, sendo esses Texcoco, Chimalhuacan, Atenco, Coatlichan, Huexotla, Chiautla, Tepletaoztoc, Tezayuca, Tepexpan, Chiconauhtla, Acolman, Otumba e Teotihuacan. Porém, Chiautla, Coatlichan, Tezayuca e Huexotla tiveram dificuldades em se manter como *cabeceras*, já que Texcoco reivindicava os territórios como seus *sujetos* (1983, p. 44). Ele cita que Texcoco reclamou que todos os acolhuas eram *sujetos* do senhor de Texcoco antes da conquista. Entre 1551 e 1552, a cidade entrou com uma reclamação formal na audiência contra Huexotla, Chiautla, Coatlichan e Tezayuca, territórios que eram governados por *tlatoque* e viraram *cabeceras*. Esta campanha foi mais intensa contra Huexotla, que se defendeu afirmando que sempre foi independente e a sua obrigação com Texcoco se reduzia a trabalhos em obras públicas. Huexotla reclamava que o poder exercido por Nezahualcoyotl e Nezahualpilli era diferente das relações entre *cabecera-sujeto*. Em 1555, o vice-rei favoreceu Texcoco e alguns funcionários indígenas de Huexotla passaram a ser escolhidos pelos texcocanos. Gibson aponta que, posteriormente, Huexotla conseguiu sair dessa situação, mas não esclarece quando. Segundo ele, “*Esencialmente, los indígenas de Texcoco negaron la ecuación colonial de sede tlatoani y cabecera.*” (1983, p. 54-55).

Dessa forma, percebemos que a cidade fazia parte de um contexto conturbado, com muitas mudanças políticas, socioeconômicas e espaciais, que contribuíram, juntamente com a disputa familiar, para a diminuição do poder dos descendentes da nobreza indígena na região, acentuando-se com a disputa pelo poder da cidade em 1564. Benton aponta que vários parentes ficaram contra Francisco ao se sentirem ameaçados de serem desapropriados dos bens do *cacicazgo*, já que

These properties had been used in precontact times to support the altepetl's hereditary nobility. [...] But under Spanish rule, the tlatoani's patrimonial holdings were recognized as private property that could be used according to his personal preferences. (Benton, 2017, p. 138)

Entretanto, apesar de muitos familiares estarem contra Francisco, um parente muito importante foi seu aliado: seu primo, Juan Bautista de Pomar. Neto de Nezahualpilli e conhecido por escrever a *Relación de Tezcuco* em 1582, como resposta ao questionário real de Felipe II, sendo um mestiço que transitava muito bem entre o mundo hispânico e nahua.

A disputa pelo posto se estendeu por quase 30 anos, não tendo ocupantes no cargo durante esse período. Quando a disputa foi resolvida, em 1593, o cargo de *tlatoani* deixou de existir. Enquanto isso, “*Decisions regarding local government devolved to the Spanish-style office of gobernador, which continued in the tlatoani's absence.*” (Benton, 2017, p. 139). No entanto, a ocupação do cargo de governador também foi instável, pois as autoridades da Cidade do México interviram para indicar indivíduos do seu interesse e os vice-reis não estavam mais interessados em manter a família nobre no poder. Além disso, o papel dos indígenas não nobres na política local também cresceu. Desde a década de 1570, Benton nota que a maioria dos membros do *cabildo* não usava o título de “don”. Com a chegada dos governadores estrangeiros em Texcoco⁶³, no final do século XVI, a cidade deixou de arrecadar tributo suficiente. De acordo com o autor, esses governantes provavelmente não conseguiam legitimidade com a população. Diante disso, a Fazenda Real responsabilizava os membros do *cabildo* indígena (em sua maioria nobres) pela falta de arrecadação dos tributos, mesmo sendo culpa dos governadores (Benton, 2017, p. 140-142).

Segundo Benton, após a conquista, o *cacicazgo* foi considerado propriedade privada do *tlatoani*, sendo uma importante fonte de renda. Porém, as propriedades não podiam ser vendidas, pois eram vinculadas à nobreza, sendo a coleta de tributos a melhor forma de pagar o que a cidade devia à Coroa; mas, ao mesmo tempo, o declínio demográfico era muito forte.

⁶³ É neste contexto que Fernando de Alva torna-se governador de Texcoco, entre 1612 e 1613.

Entretanto, Pomar teve algumas ideias para resolver o impasse. Ele solicitou ao Tesouro Real que ficasse com o controle do *cacicazgo* para arrecadar o dinheiro necessário. A partir disso, ele administrou essas propriedades por seis anos sem a intervenção de seus parentes e pagou o que a cidade devia à Coroa através dos aluguéis e vendas de produtos das terras do *cacicazgo*. Porém, em 1588, o texcocano pagou novamente dívidas do *cacicazgo*, pois o *cabildo* não conseguiu arrecadar. Conforme Benton, Pomar não arrecadou os tributos da forma tradicional e pode ter usado a pecuária para esse fim (Benton, 2017, p. 141-144).

Dessa forma, o *cacicazgo* ficou separado da família real texcocana por muitos anos após os ouvidores determinarem que nenhum lado da disputa poderia utilizar as propriedades ou recursos do *cacicazgo*. Com essa decisão, a família ficou em uma situação precária, mas continuou tentando lucrar com as propriedades, mesmo com a proibição judicial ou sob o controle de Pomar. Após processarem alguns parentes, Pomar e Francisco ficaram com a posse do *cacicazgo*; porém, como Francisco era *tlatoani* em Tlaxcala⁶⁴, Pomar ficou com a totalidade da propriedade. Benton considera que “*Pomar became the most influential and wealthy resident of Tetzaco in the 1580s*”, embora seja irônico pelo fato de ele nunca ter ocupado um cargo público. Entretanto, a posição de Pomar começou a mudar em 1593, quando um dos familiares envolvidos no processo faleceu. No mesmo ano, ele abriu mão do controle de algumas propriedades, passadas para a família desse parente. A parte da família que estava em disputa com Pomar ficou com propriedades em áreas centrais de Texcoco, onde habitavam inquilinos espanhóis. Mesmo assim, Pomar e Francisco provavelmente ficaram com a maioria das propriedades do *cacicazgo*. Segundo Benton, mesmo que as propriedades ainda estivessem com a nobreza texcocana, elas não se caracterizavam mais como “uma única propriedade senhorial”, como nos períodos pré-coloniais (Benton, 2017, p. 145-149).

Em meio a tantas mudanças, na ausência do *tlatoani*, o cargo de governador se tornou o mais importante. Porém, perdeu o prestígio entre a nobreza quando o *cacicazgo* se tornou uma propriedade privada de alguns membros da família e os tributos cobrados eram mais difíceis de pagar. Nas eleições de 1594 para governador e *alcaldes* em Texcoco, a família nobre foi eleita, mas se recusou a assumir os cargos. Diante disso, o *alcalde mayor* espanhol foi obrigado a nomear *macehualtin* para os cargos, incomodando o vice-rei, pois os

⁶⁴ Segundo Gibson, Francisco se casou com María Maxixcatzin, tornando-se genro de Buenaventura de Paz, líder de Ocotelulco. Com a morte do sogro, ele se tornou governante da *cabecera* em 1591. Em 1596, Leonardo Xicotécatl, governante de Tizatlán, faleceu. Nesse mesmo tempo, Maria, esposa de Francisco, também faleceu e ele se casou com Francisca de la Cerda, viúva de Leonardo. Como ela era mulher, Francisco herdou o governo de Tizatlán, tornando-se governante de duas *cabeceras* em Tlaxcala na década de 1590. (Gibson, 1952, p. 99-101).

considerava desqualificados para os cargos. Ao abandonarem cargos públicos, a nobreza texcocana se concentrou nas propriedades privadas do *cacicazgo*, levando a embates familiares pelo controle até o fim do período colonial. Contudo, segundo Benton, os que se saíram melhor e puderam desfrutar de conforto foram o ramo principal da família, o que levou a muitos outros a trabalharem em campos e viverem humildemente. Ainda assim, os menos favorecidos ainda tinham a oportunidade de ocupar cargos governamentais e receber salários. O historiador cita que “*The most successful hereditary nobles withdrew into a private life of affluent leisure, while less powerful relatives, commoners, outsiders, and even Spaniards stepped in to fill the positions they left vacant.*” (Benton, 2017, p. 150-153). Um fato que evidencia que alguns descendentes da nobreza da cidade continuaram tendo muito prestígio é um processo iniciado em 1855, no qual dois ramos da família disputaram novamente propriedades do *cacicazgo*, utilizando a pintura *Genealogie von Tezcoco* (ver Figura 19) como prova, mesmo o México já sendo uma república independente há décadas (Benton, 2017, p. 2-3; 161-164).

2.5 Conclusões: o estabelecimento e as transformações de Texcoco através dos séculos XV-XVII

Ao longo do capítulo, fizemos um apanhado geral sobre a localização geográfica de Texcoco, algumas de suas características territoriais, administrativas, econômicas e políticas entre os séculos XV e XVII, período que compreende desde a formação da Tríplice Aliança até o primeiro século de colonização espanhola. Nesse ínterim, pudemos visualizar as alianças e tensões políticas entre Texcoco e México-Tenochtitlan e como as relações matrimoniais na sociedade nahua no período pré-colonial eram importantes para a sucessão ao cargo de *tlatoani*, podendo gerar, inclusive, faccionalismos nas famílias nobres. Após uma contextualização dos governos de Nezahualcoyotl e Nezahualpilli, abordamos as narrativas acerca da participação dos texcocanos na guerra hispano-indígena, com destaque ao protagonismo de Ixtlilxochitl II e seus irmãos, seja como aliados ou opositores dos espanhóis. Por fim, encerramos o capítulo ao discutir as mudanças e permanências durante os primeiros 100 anos de colonização na cidade, observando como a nobreza texcocana se comportou e sofreu interferências do governo espanhol.

A partir da exposição e reflexão das articulações e mudanças políticas da cidade e da nobreza durante esses três séculos, nosso objetivo foi contextualizar a história de um *altepetl* pouco conhecido dentre os estudos mesoamericanos no Brasil. Para compreender melhor a

participação texcocana na guerra de conquista, é importante visualizar a formação da Tríplice Aliança e a importância da cidade no Vale do México entre o século XV e princípios do XVI. Por outro lado, não há como analisar as representações de Texcoco e Ixtlilxochitl II sem notar as transformações do mundo acolhua durante os séculos XVI e XVII, período em que os descendentes diretos de Nezahualpilli foram perdendo o poder senhorial, mas, por outro lado, uma nova geração da família ascendia socialmente por meio da interação com o mundo espanhol (os mestiços ou *castizos*, como Pomar), através dos casamentos (como Fernando Pimentel, que se tornou *tlatoani* em Tlaxcala) ou mudando-se de Texcoco (como, por exemplo, a família de Fernando de Alva).

Essa longa trajetória do território foi documentada em diferentes códices nahuas e fontes hispânicas, relações, crônicas e histórias, a fim de preservar a memória e reivindicar poder no período colonial. No entanto, ainda que Texcoco tenha recebido o título de cidade em 1551 e tenha tido *tlatoani* até 1564, isso não impediu as transformações econômicas, políticas e religiosas que ocorreram, sendo uma delas o enfraquecimento do *cacicazgo*. A nobreza, por sua vez, sentia-se cada vez mais como os *macehualtin*, chegando até a desistir de ocupar cargos administrativos no território devido à dificuldade para arrecadar tributos. Ainda assim, a produção de narrativas — escritas, faladas ou cantadas — sobre a grandeza da região não cessou. Na verdade, foi uma das principais estratégias da nobreza e de seus descendentes na busca por cargos, títulos e terras. É nesse contexto que a exaltação de Texcoco e Ixtlilxochitl II como pilares da queda de México-Tenochtitlan floresce, validando os pedidos do título de cidade, o brasão de armas de Hernando Pimentel e até os cargos ocupados por Fernando de Alva, como, por exemplo, o de governador de Texcoco no início do século XVII.

CAPÍTULO III. OS INDÍGENAS NAS GUERRAS DE CONQUISTA: QUEM FORAM OS CONQUISTADORES?

“It is not a question of who is telling the truth and who is lying. In history, everybody tells the truth and everybody lies, at least in some way.”

(Matthew; Oudijk, 2007, p. 317)

3.1 Texcocanos e tlaxcaltecas: um conflito

Ao longo da análise documental, um ponto de observação recorrente foi a diferença representacional entre Texcoco e Tlaxcala, principalmente nos textos de tradição histórica texcocana. Nestes escritos, Texcoco é representada como o principal *altepetl* aliado aos espanhóis e responsável pela queda de México-Tenochtitlan, enquanto os tlaxcaltecas são identificados como covardes e coadjuvantes superestimados na história da conquista. Assim, os tlaxcaltecas, considerados desde o momento posterior à conquista como os maiores aliados dos espanhóis, têm o legado de conquistadores contestado pela tradição texcocana, que considera os acolhuas superiores. O embate discursivo nas fontes evidencia uma disputa pelo legado de conquistadores por parte dos texcocanos, em um período no qual as cidades e os *pipiltin* tentavam manter sua relevância diante da colonização hispânica.

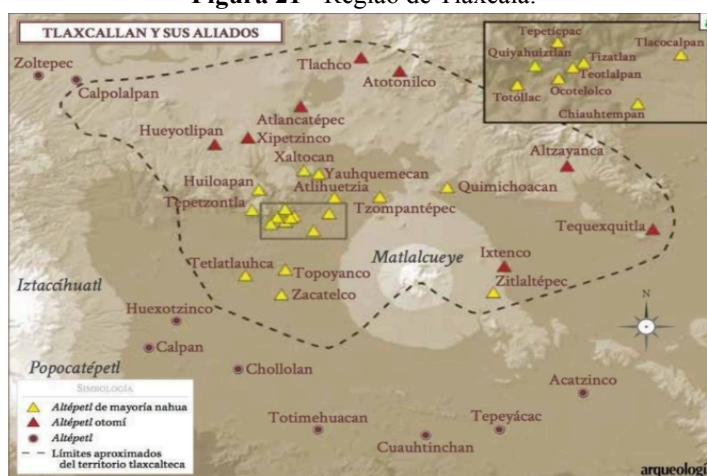
Neste capítulo, analisaremos como as cidades foram representadas nas quatro fontes escolhidas, sendo a principal ou a coadjuvante no processo de conquista. Assim, veremos como essas representações foram construídas e quais as estratégias discursivas os autores empregaram. Mas, antes disso, iremos conhecer um pouco do que foi Tlaxcala no período das guerras hispano-indígenas e da colonização, para então compreendermos o porquê de a cidade ser uma antagonista na história texcocana.

3.1.1 Quem são os tlaxcaltecas?

Localizada no Vale de Puebla-Tlaxcala, a leste do Vale do México, Tlaxcala é classificada por James Lockhart, no período pré-colonial, como um *altepetl* complexo (1991, p. 53), ao possuir quatro *tlatoque*, estabelecidos nas principais cidades de Tepetícpac, Ocotelulco, Tizatlán e Quiahuixtlán, tomando decisões pela província (Gibson, 1952, p. 3). Pedro Ivo da Costa define a divisão política e administrativa de Tlaxcala, durante os séculos

XV e XVI, como uma república ou confederação. Pois, se comparados aos estados mexicas e tepanecas, os centros políticos tlaxcaltecas eram menos centralizados. Segundo ele, fontes do período demonstram que as decisões políticas tomadas em Tlaxcala eram mais coletivas, sendo discutidas entre diferentes líderes locais. No entanto, ele aponta que os *Anales de Cuauhtitlan* citam que já existiu um líder mais centralizador em alguns momentos. Sendo assim, o autor argumenta que o sistema político de Tlaxcala não era normatizado ou estabilizado, e sim em constante transformação (Costa, 2025, p. 29-35).

Figura 21 - Região de Tlaxcala.



Fonte: Costa, 2025, p. 56.

Tlaxcala não tinha diferenças culturais tão díspares em relação aos *altepeme* do Vale do México. Por exemplo, a língua mais falada era o *nahuatl* e a sucessão dinástica era da mesma forma: quando um *tlatoani* falecia, o conselho formado pelos outros três *tlatoque* legitimava o sucessor, podendo seguir o sistema linear ou colateral (Gibson, 1952, p. 1-10).

Segundo Gibson, os dois primeiros séculos de formação de Tlaxcala foram marcados por um processo de expansão do comércio. No entanto, com a formação da Tríplice Aliança, os mexicas se interessaram pelo *altepetl*, iniciando guerras que mudaram o status de Tlaxcala:

Nevertheless, the long struggle waged by Montezuma and his predecessors against Tlaxcala reduced the province from a position of opulence and flourishing trade to a state of comparative poverty and constant military preparedness. Salt became an item of great scarcity, for no salt mines were known in pre-conquest Tlaxcala. Cotton also was a luxury item; cut off from their former trade, the Tlaxcalans were unable to produce this product because of the cold climate. Gold, silver, precious stones, cacao, feathers, and other goods were scarce or unknown to the Tlaxcalan populace in the period prior to 1519. (Gibson, 1952, p. 15)

Conforme Costa,

México-Tenochtitlán, Tlatelolco, Texcoco, a confederação de Chalco, Tlaxcala e Huexotzinco eram as cidades que emergiam como as grandes potências aspirantes à hegemonia na região após a grande guerra contra Azcapotzalco e os domínios tepanecas. (2025, p. 78)

A partir da década de 1440, a confederação de Chalco e os mexicas iniciaram um conflito por hegemonia na região, que perdurou por cerca de 20 anos. Segundo as histórias, embora os chalcas tenham sido derrotados, eles constantemente se revoltavam contra os mexicas e se recusavam a pagar os impostos. Costa considera que o período de resistência de Chalco serviu como um escudo entre a Tríplice Aliança e Tlaxcala, já que geograficamente se tornava inviável chegar até a região. É, principalmente, a partir da perda da rede de comércio com a região da Costa do Golfo para a Tríplice Aliança, no final do século XV, que os tlaxcaltecas ficam sem acesso a uma gama de mercadorias que antes recebiam em abundância (Costa, 2025, p. 78-80; 88-93). Contudo, Costa propõe que as conhecidas “guerras floridas”⁶⁵ entre a Tríplice Aliança e Tlaxcala foram uma narrativa criada pelos primeiros, em especial os tenochcas, para mascarar as tentativas falhas de subordinar os tlaxcaltecas, que sempre conseguiram resistir aos ataques vindos do Vale do México (2025). Posteriormente, passados quase um século de guerras com a Tríplice Aliança, Tlaxcala aliou-se aos espanhóis e outros *altepeme*, contribuindo para a queda de México-Tenochtitlan e o início de um novo mundo mesoamericano.

3.1.2 Aliança entre tlaxcaltecas e espanhóis

A caminho de México-Tenochtitlan, os espanhóis aportaram em Tlaxcala. Embora os habitantes da cidade tenham se tornado aliados dos estrangeiros, no início a recepção não foi pacífica. Diferentes fontes históricas, incluindo as *Cartas y relaciones* de Cortez, citam que os espanhóis foram recebidos com constantes ataques, nos quais os tlaxcaltecas enviavam mensageiros para dizer aos espanhóis que não eram eles que os atacavam, mas sim os otomis, grupo étnico minoritário e subordinado aos tlaxcaltecas na região do Vale de Puebla-Tlaxcala.

Na chegada dos estrangeiros, os líderes tlaxcaltecas eram Maxixcatzin (Ocotelulco), Xicotécatl, o Velho (Tizatlán), Tlehuexolotzin (Tepetícpac) e Citlalpopoca (Quiahuixtlán). Em Tizatlán, embora Xicotécatl, o Velho, fosse o *tlatoani*, por conta de sua saúde debilitada,

⁶⁵ Segundo diversos estudos, a “guerra florida” entre os *altepeme* consistia em uma espécie de guerra planejada e recorrente que fornecia cativos aos integrantes da Tríplice Aliança. Conforme esse argumento, os tlaxcaltecas aceitaram esse acordo com os tenochcas em troca de autonomia; por outro lado, os tenochcas faziam isso para não precisar sacrificar seus próprios habitantes aos deuses. Ver em: Townsend (2021) e Costa (2025).

devido à idade, seu filho, Xicoténcatl, o Jovem, muitas vezes tomava algumas decisões. Além de sucessor do *tlatoani*, Xicoténcatl, o Jovem, também era um líder militar, sendo o responsável pelos ataques contra os espanhóis. O seu plano foi dar boas-vindas aos hispânicos, confundi-los e, depois, atacá-los. No entanto, segundo Gibson, com o passar dos dias, os tlaxcaltecas perceberam que os espanhóis não se rendiam e conquistavam as áreas periféricas da província. Como a guerra não estava funcionando, os líderes militares tlaxcaltecas entraram em conflito: Xicoténcatl, o Jovem, acusou Chichimecatecle (militar de Ocotelulco) de uma má liderança. Logo em seguida, o último se recusou a continuar lutando contra os estrangeiros. Após não conseguir derrotar os espanhóis, os tlaxcaltecas declararam paz, embora Xicoténcatl, o Jovem, não tenha concordado (Gibson, 1952, p. 16-21).

A partir de então, os tlaxcaltecas abrigaram os espanhóis, oferecendo serviços e mulheres. Em seguida, disseram a Cortez para empreender uma conquista a México-Tenochtitlan e propuseram uma expedição a Cholula, na qual promoveram um massacre antes de chegar ao *altepetl* de Montezuma. Segundo Gibson, os tlaxcaltecas só se aliaram aos espanhóis após suas táticas militares falharem. Para ele, parece que a única alternativa foi estabelecer uma aliança militar contra México-Tenochtitlan, decisão tomada também por outros grupos nativos, e que o objetivo maior de Tlaxcala, em 1519, era derrotar os espanhóis e continuar independente de qualquer força estrangeira. O autor inclusive aponta que, por conta disso, Xicoténcatl, o Jovem, era homenageado como herói no século XX, diferente dos outros líderes da região (1952, p. 26-27).

Embora a cidade tenha sido aliada dos espanhóis desde o momento em que acabaram os ataques entre tlaxcaltecas e os estrangeiros — estendendo-se às conquistas além do Vale do México nas décadas de 1530 e 1590 —, durante o empreendimento da tomada de México-Tenochtitlan, Xicoténcatl, o Jovem, tentou acabar com essa aliança. Após a *Noche Triste*, ele tentou consolidar um acordo com os astecas em detrimento dos espanhóis. A partir dessa aliança, os astecas dividiriam o império com os tlaxcaltecas. Contudo, a ideia foi debatida e rejeitada entre os líderes da cidade. Xicoténcatl, o Jovem, se aliou novamente aos espanhóis, mas, durante a reunião no Lago de Texcoco para o ataque final a México-Tenochtitlan, ele sumiu. Os líderes locais consideraram isso uma traição e o assassinaram perto de Texcoco em 1521 (Gibson, 1952, p. 23-26).

Desde os quase dois anos de guerra, os tlaxcaltecas foram considerados os principais conquistadores indígenas. Entretanto, isso não lhes rendeu rapidamente as benesses que eles consideravam justas. Gibson mostra que, embora Tlaxcala tenha sido uma cidade destacada

durante a colonização, a nobreza sempre precisou pressionar as autoridades hispânicas para que os reconhecessem como conquistadores. O historiador aponta que, no começo do século XVI, a política hispânica afastou os espanhóis de Tlaxcala. Todavia, os colonos não obedeciam e se estabeleciam como *vecinos*, obtendo muito poder sobre as terras e possuindo muita mão de obra. Em 1580, por exemplo, o vice-rei reconheceu que muitos espanhóis viviam em Tlaxcala e não tomou providências para retirá-los (Gibson, 1952, p. 79-84; Szewczyk, 1976, p. 139-140).

Ainda que os tlaxcaltecas se vissem como conquistadores, tiveram de lutar pelos privilégios que acreditavam merecer. Segundo Gibson, existiram relatos entre a população local, durante o século XVI, de que Cortez prometeu privilégios aos tlaxcaltecas logo na chegada dos espanhóis à cidade ou após a *Noche Triste*. Essas promessas incluíam recompensas em espólios, como isenção de impostos, divisão do território conquistado e distribuição igualitária dos saques entre os exércitos. Não obstante, os espanhóis nunca relataram os termos dessas promessas de forma homogênea e, no meio do século XVI, os tlaxcaltecas começaram a falar sobre as promessas de Cortez acerca das isenções de impostos de diversas cidades em Tlaxcala. Muitos conquistadores disseram que não sabiam desses acordos, enquanto outros poucos alegaram ter visto Cortez se comprometendo com os nativos. De toda forma, posteriormente a Audiência confirmou com o rei alguns desses acordos, concedendo privilégios e isenção de impostos para Tlaxcala em 1585 (Gibson, 1952, p. 159-160).

Conforme Gibson, os pedidos de mercês eram mais efetivos se solicitados pessoalmente ao rei. Sendo assim, entre 1527 e 1583, diferentes nobres tlaxcaltecas viajaram seis vezes até a Espanha. Nesse intervalo de quase seis décadas, Tlaxcala conseguiu o título de cidade e o brasão de armas em 1535, enquanto seis *principales* tlaxcaltecas receberam seus próprios escudos. Entretanto, o historiador revela que essas conquistas eram contraditórias à realidade na cidade. Ainda que existisse uma cédula real de 1585 isentando a cidade de impostos, a verdade é que os tlaxcaltecas pagavam tributos em dinheiro, espécie e serviço. Segundo ele, o fato de os soldados não serem remunerados pode indicar, por exemplo, o pagamento de tributo através do trabalho (Gibson, 1952, p. 164-170).

O tributo civil, pago pelos *macehualtin*, começou a ser cobrado em 1522, enquanto os nobres eram isentos e, em 1585, a cidade recebeu a isenção. Mas, após seis anos, foi decretado que o *altepetl* devia pagar 8.000 pesos por ano para o tesouro real. Revoltados, os indígenas pararam de pagar em 1594, alegando haver uma regra, estabelecida por um vice-rei

anterior, de que eles pagariam somente por dois anos. Os habitantes apelaram ao rei e o processo ficou pendente até 1599 (Gibson, 1952, p. 170-177).

Gibson aponta que, durante todo o século XVI, os tlaxcaltecas tentaram evitar o pagamento dos três tipos de tributos (espécie, dinheiro e serviço), mas todas as tentativas não obtiveram êxito. O resultado desses embates entre os nativos e o governo hispânico foi o enfraquecimento do governo indígena em 1599, quando o *cabildo* não conseguiu recolher os tributos e o vice-rei assumiu as nomeações dos cargos. Logo, o autor conclui que Tlaxcala nunca conseguiu de fato a isenção (Gibson, 1952, p. 170-181).

Contudo, ainda que a cidade não tenha conseguido extinguir os tributos, o sistema político indígena foi preservado por bastante tempo. Por exemplo, a nobreza dos quatro principais *altepeme* da província continuou exercendo o posto de liderança. Gibson cita que, em 1540, governantes dessas quatro *cabeceras* ocupavam o *cabildo* como *regidores* perpétuos, enquanto os outros postos eram eleitos pela população. Segundo o autor, no período pré-colonial, um dos quatro governantes dos principais *altepeme* tornava-se superior aos outros, e, até 1545, os líderes de Ocotelulco e Tizatlán se revezavam no cargo de governador. No entanto, a partir desse ano até o fim do século XVI, os líderes de Quiahuixtlán e Tepetícpac também passaram a liderar. Foi acordado que cada um seria o governador de Tlaxcala por dois anos, formando um ciclo de oito anos entre as quatro *cabeceras* (Gibson, 1952, p. 103-106).

No entanto, para garantir esses privilégios, Gibson e Federico Navarrete (2019, p. 44) mostram que o governo e a nobreza indígena tlaxcalteca incentivaram entre a população uma espécie de patriotismo e manutenção da memória sobre a conquista. Gibson menciona tanto a produção dos textos de Tadeo de Niza⁶⁶, de 1548, quanto o *Lienzo de Tlaxcala*, de 1552, que contam a história da cidade, além de cerimônias civis. Um exemplo dessas cerimônias foi a recepção do vice-rei, em 1585, na qual a população se vestiu como o exército espanhol e os *tlatoque* da cidade no período da conquista, encenando a aliança entre os dois grupos (Gibson, 1952, p. 146-147).

Com isso, como já vimos no Capítulo 2, ao passar do tempo, cada vez mais a nobreza e o governo indígena perdiam força frente aos espanhóis. Porém, isso não significa que os nativos não tenham encontrado maneiras de resistir e criar novas formas de preservar, manipular e propagar a história dos seus respectivos *altepeme*, seja pela escrita, pintura, rituais, títulos ou história oral. Tlaxcala não fez diferente e reclamou sobre todos os direitos

⁶⁶ Tadeo foi membro do *cabildo* de Tlaxcala, mas seus textos se perderam. Todavia, foram mencionados nas obras de Fernando de Alva (Gibson, 1952, p. 146).

que considerava merecedora, tendo êxito em alguns momentos. Essa tendência de requerimentos ao governo espanhol, por parte das nobrezas e seus descendentes, tornou-se recorrente após a década de 1520, com a consolidação das instituições coloniais e a aprendizagem dos indígenas em relação ao sistema de mercês. Dessa forma, os tlaxcaltecas não são considerados, até os dias atuais, como os maiores aliados dos espanhóis somente pelas versões externas, mas também porque eles mesmos reforçaram essa memória. Entretanto, como vimos no início do capítulo, ao menos duas fontes de tradição texcocana fazem um contraponto a essa tradicional visão.

Em meio a essas disputas narrativas e tentativas de hegemonia entre os *altepeme*⁶⁷ no período colonial, veremos no próximo tópico como Texcoco e Tlaxcala são representadas nas quatro fontes selecionadas para a pesquisa, com ênfase para o Fragmento número 2 do *Códice Ramírez* e as *Obras Históricas*, nas quais possuem narrativas de oposição ao protagonismo dos tlaxcaltecas, a fim de enfatizar a superioridade dos texcocanos antes, durante e depois da conquista.

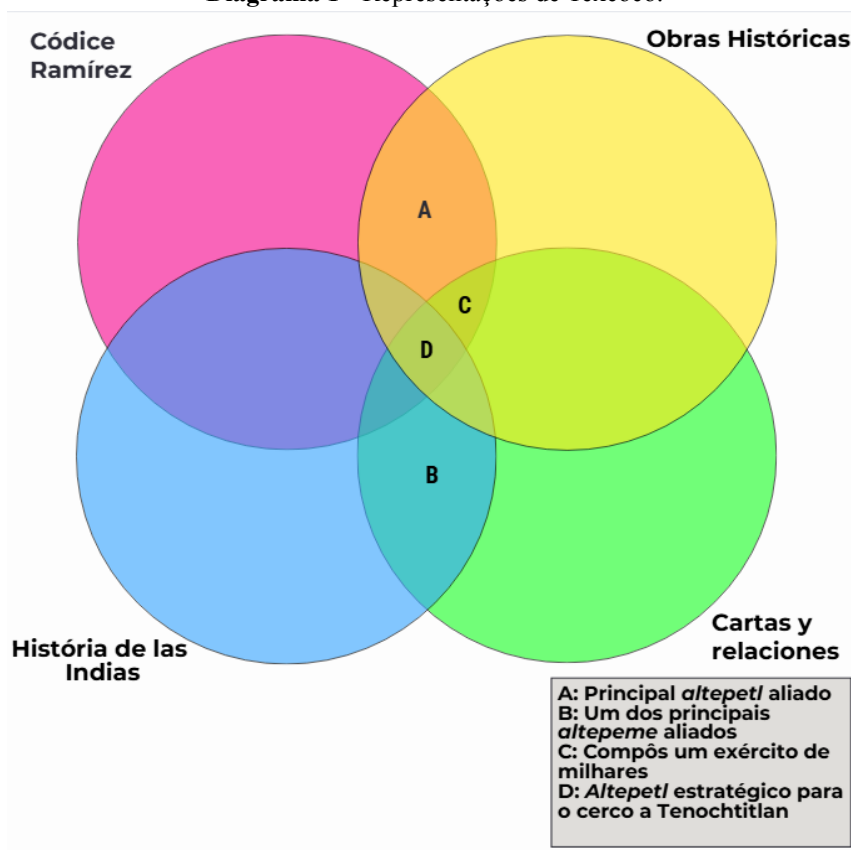
3.1.3 Representações discursivas sobre o legado de protagonismo na conquista: Texcoco e Tlaxcala

Compreendido o papel de Tlaxcala durante e após as guerras hispano-indígenas, analisaremos os discursos representacionais sobre Texcoco e Tlaxcala nas fontes selecionadas. O objetivo principal desse exercício é identificar como e a partir de quais referenciais simbólicos as cidades são representadas. Para explorar os documentos, os questionamentos centrais foram: 1. qual *altepetl* foi representado como o principal aliado dos espanhóis? e 2. segundo os textos, como as cidades atuaram durante as guerras? Através dessa investigação, identificamos que ambas as cidades são citadas como aliadas importantes dos espanhóis nas quatro fontes. No entanto, no *Códice* e nas *Obras Históricas*, Texcoco destaca-se como a protagonista da queda de México-Tenochtitlan. Além disso, nos respectivos textos, os autores caracterizam Tlaxcala como uma antagonista que não possuía as mesmas qualidades de Texcoco, a autêntica conquistadora.

⁶⁷ Cada *altepetl* construía uma narrativa histórica sobre seu povo. Segundo Gibson, “Cada tribu tenía su punto de partida tradicional [...] Hay pruebas de que había surgido una rivalidad en la creación de leyendas a principios del siglo XVI y de que la relativa antigüedad de una migración, real o supuesta, servía como fuente de orgullo local.” (1983, p. 13). Bruno Baendereck reafirma o mesmo aspecto que Gibson, apontando que “No México indígena, as tradições históricas não eram homogêneas por todo o território, e até fins do século XVI estavam vinculadas a seu *altepetl* (cidade-estado) de origem. A partir de lá, se identificava e se legitimava a linhagem de seus governantes e população, estabelecendo-se os direitos exclusivos sobre o território.” (2010, p. 19).

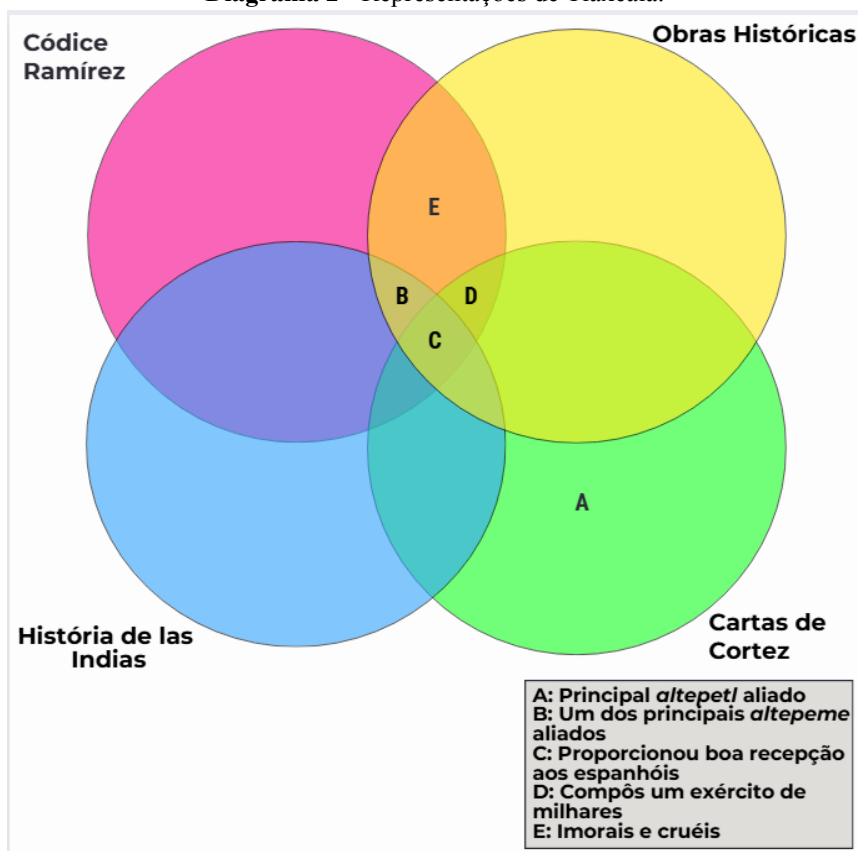
Para decodificar os discursos e suas respectivas representações, elaboramos um diagrama de Venn que explicita o posicionamento de cada discurso acerca das cidades, analisados ao longo do capítulo.

Diagrama 1 - Representações de Texcoco.



Fonte: De autoria própria.

Diagrama 2 - Representações de Tlaxcala.



Fonte: De autoria própria.

Com a sistematização desses dados, percebemos que as representações de Texcoco acontecem da seguinte maneira:

1. o *Códice Ramírez* e as *Obras Históricas* defendem Texcoco como o principal *altepetl* aliado aos espanhóis;
2. a *Historia de las Indias* e as *Cartas y relaciones* revelam a importância de Texcoco, mas não consideram a cidade como a principal aliada;
3. as *Cartas*, o *Códice* e as *Obras* citam milhares de soldados texcocanos;
4. todas as fontes consideram a cidade uma região estratégica para o cerco a México-Tenochtitlan.

No que se refere a Tlaxcala, os textos indicam que:

1. Tlaxcala é o principal *altepetl* aliado aos espanhóis, de acordo com Cortez;
2. embora a *Historia de las Indias*, o *Códice* e as *Obras* reconheçam a importância de Tlaxcala, a cidade não é a principal aliada;
3. todas as fontes consideram que Tlaxcala proporcionou boa recepção aos espanhóis;
4. as *Cartas*, o *Códice* e as *Obras* citam os milhares de soldados de Tlaxcala;

5. conforme o *Códice* e as *Obras*, os tlaxcaltecas eram imorais e cruéis.

Dessa forma, dentre os quatro textos analisados, dois possuem clara associação à tradição histórica texcocana, expondo um favorecimento discursivo em relação à cidade, ao representá-la como peça-chave na guerra contra os tenochcas. Além disso, para posicioná-la com a devida importância, os autores associam a Tlaxcala aspectos negativos em relação à atuação nas guerras, embora não ignorem o grau de participação desse *altepetl*. Por outro lado, as obras de Cortez e Durán não possuem esse embate discursivo sobre o protagonismo de ambas as cidades, já que o objetivo central desses autores não era a defesa de um território em específico ou uma etnia nativa.

A partir dessas informações, nossa hipótese é a de que, através do *Códice* e das *Obras*, autores filiados à tradição texcocana tenham reivindicado o protagonismo de Texcoco como conquistadora, usando de diferentes estratégias discursivas, como, por exemplo, considerar a cidade como a principal aliada dos espanhóis e ser o lar do indígena mais importante do evento, Ixtlilxochitl II. Para esse capítulo, nos debruçaremos sobre o primeiro aspecto, o qual revela a propaganda regional de Texcoco enquanto deprecia Tlaxcala e recria a narrativa tradicional sobre as guerras hispano-indígenas.

3.1.3.1 Quem foi o principal *altepetl* aliado?

Seguindo uma ordem cronológica das fontes, como mencionado acima, após examinarmos as *Cartas y relaciones*, consideramos que Cortez representa Tlaxcala como sua principal aliada, enquanto Texcoco é uma das cidades mais importantes. Chegamos a essa conclusão ao percebermos que o espanhol cita inúmeras vezes os tlaxcaltecas, muito mais do que Texcoco. No entanto, não somente as incontáveis citações corroboram para essa inferência, mas também como ele se refere à cidade: tlaxcaltecas estão presentes em praticamente todos os eventos entre 1519 e 1521, desde o momento em que os espanhóis e os nativos se aliaram.

Cortez relata, em diferentes passagens, a ajuda que Texcoco proporcionou aos espanhóis durante os dois anos de guerra, como, por exemplo, os acordos com alguns nobres da cidade. Segundo o espanhol, ao menos três filhos de Nezahualpilli tornaram-se seus parceiros, sendo eles Cucuscasin, Tecocoltzin e Ixtlilxochitl II. Ele afirma que o primeiro substituiu Cacama com o aval de Montezuma, enquanto o segundo tornou-se *tlatoani* quando Cucuscasin faleceu e o último serviu como capitão dos acolhuas durante o governo de

Tecocoltzin. Os dois últimos são citados por Cortez como os principais articuladores na reunião de soldados acolhuas e na construção dos bergantins na cidade.

Conforme o relato, após a *Noche Triste*, os espanhóis se abrigaram e se recuperaram em Tlaxcala por um tempo. Nesse ínterim, o capitão solicitou reforços a outros espanhóis e começou a construção de 12 bergantins⁶⁸ (Cortés, 1866, p. 154). Contudo, as embarcações foram terminadas em Texcoco e utilizadas no cerco a México-Tenochtitlan, a partir de maio de 1521. Segundo Cortez, em dezembro de 1520, ele avisou aos tlaxcaltecas que estivessem prontos para quando ele desse as ordens para irem a Texcoco, pois dali atacariam os mexicas:

Otro día siguiente, que fué día de san Juan Evangelista, hice llamar á todos los señores de la provincia de Tascaltecal; y venidos, dijeles que ya sabían cómo yo me habia de partir otro día para entrar por la tierra de nuestros enemigos, y que ya veían cómo la ciudad de Tenuxtitan no se podía ganar sin aquellos bergantines que allí se estaban haciendo; que les rogaba que á los maestros dellos y á los otros españoles que allí dejaba, les diesen lo que hobiesen menester, y les ficiesen el buen tratamiento que siempre nos habían fecho, y que estuviesen aparejados para cuando yo, desde la ciudad de Tasáico, si Dios nos diese victoria, enviase por la ligazón y tablazón y otros aparejos de los dichos bergantines. (1866, p. 166)

Nos últimos dias de dezembro de 1520, ele se instalou em Texcoco, saindo apenas em maio de 1521, com tudo planejado para atacar México-Tenochtitlan. Ao chegar a Texcoco, na véspera de Ano Novo, Cortez ficou hospedado na casa de Nezahualpilli. Foi nesse período que o capitão relata que nomeou Tecocoltzin, seu aliado, como líder da cidade, pois, ao chegar na região, os espanhóis descobriram que Coanacoch havia fugido em direção a México-Tenochtitlan (1866, p. 167-184). Sobre Tecocoltzin, ele diz que o texcocano,

cómo era muchacho, imprimió mas en él nuestra conversación y tornóse cristiano, y pusimosle nombre don Fernando; y al tiempo que yo partí de la provincia de Tascalteca para estas de Méjico y Tenuxtitan⁶⁹, déjele allí con ciertos españoles (1866, p. 177)

O marquês relata que, já em abril, estava invadindo as cidades ao redor do Lago de Texcoco como uma estratégia para enfraquecer México-Tenochtitlan e fazer alianças com outros *altepeme*. De acordo com a terceira carta, no dia 5 de abril de 1521, ele foi a Chalco com mais de 20 mil texcocanos:

⁶⁸ Primeiro o espanhol relata 12, depois 13 bergantins. O consenso de outras fontes e discussões historiográficas é de que 13 bergantins foram construídos e usados no ataque a México-Tenochtitlan.

⁶⁹ Após retornar de Cempoala, antes da *Noche Triste*.

El viernes siguiente, que fueron 5 de abril del dicho año de 521, salí desta ciudad de Tesáico con los treinta de caballo y los trecientos peones que estaban apercebidos, y dejé en ella otros veinte de caballo y otros trecientos peones, y por capitán á Gonzalo de Sandoval, alguacil mayor. Y salieron conmigo mas de veinte mil hombres de los de Tesáico; y en nuestra ordenanza fuimos á dormir á una población de Calco que se dice Talmanalco (1866, p. 192-193)

Após passar por Xochimilco, Tacuba e ter visitado diversas outras cidades à margem do lago e ter retornado a Texcoco para apressar a construção dos bergantins, Cortez detalha a engenharia para que as embarcações pudessem ser usadas. Além disso, revela um alto número de texcocanos trabalhando nas construções:

Después de haber dado vuelta á las lagunas, en que tomamos muchos avisos para poner el cerco á Tenuxtitan por la tierra y por el agua, yo estuve en Tesáico, forneciéndome lo mejor que pude de gente y de armas, y dando priesa en que se acabasen los bergantines y una zanja que se hacia para los llevar por allá fasta la laguna; la cual zanja se comenzó á facer luego que la ligazón y tablazón de los bergantines se trujeron en una acequia de agua, que iba por cabe los aposentamientos fasta dar en la laguna. [...] y en esta obra anduvieron cincuenta dias mas de ocho mil personas cada dia de los naturales de la provincia de Aculuacan y Tesáico (1866, p. 205, grifo nosso)

Terminada toda a construção em 28 de abril, ele convocou os habitantes de Guajucingo e Cholula para irem a Texcoco, em até dez dias, para começar os ataques a México-Tenochtitlan (1866, p. 206). Segundo ele, pelas contas dos espanhóis, 50 mil tlaxcaltecas foram para Texcoco. Ao chegarem à cidade, ocorreu uma reunião entre os espanhóis e aliados para organizar os ataques:

El segundo dia de Pascua mandé salir á toda la gente de pié y de caballo á la plaza desta ciudad de Tesáico, para la ordenar y dar á los capitanes la que habian de llevar para tres guarniciones de gente que se habian de poner en tres ciudades que están en torno de Tenuxtitan (1866, p. 207)

A partir desta organização, ficou acordado que Pedro de Alvarado iria para Tacuba, Cristobal de Olid para Coyoacán e Gonzalo de Sandoval para Iztapalapan. No dia 10 de maio, os primeiros homens saíram de Texcoco (Cortés, 1866, p. 207-208). Chegando à entrada de México-Tenochtitlan, o espanhol enfatiza a importância dos bergantins por todo o lago. De acordo com ele, quando os mexicas os viram,

comenzaron á pelear con nosotros. Pero cómo los bergantines estaban de la una parte y de la otra, ganámosela sin fuera imposible sin ayuda dellos. E cómo comenzaron á desamparar el albarrada, los de los bergantines saltaron en tierra, y nosotros pasamos el agua, y también los de Tascaltecal, y Guaxocingo, y Calco, y Tesáico, que eran mas de ochenta mil hombres. (1866, p. 217, grifo nosso)

Logo, sem os bergantins, que começaram a ser feitos em Tlaxcala e terminados em Texcoco, e a aliança dos texcocanos, seria muito difícil a invasão a México-Tenochtitlan após a derrota da *Noche Triste*. Com os inúmeros aliados indígenas, as embarcações e o ataque estratégico no lago, a conquista da cidade tornou-se mais favorável. Dessa forma, embora Texcoco não seja a principal aliada, segundo Cortez, ele não nega a sua contribuição, principalmente nos últimos meses de guerra. No entanto, Tlaxcala se sobressai tanto em número de soldados quanto pelas participações em todos os eventos. Um exemplo é quando Cortez cita, nominalmente, apenas os tlaxcaltecas como aqueles que os defenderam durante a *Noche Triste*:

*Después des acabados aquellos ingenios, luego otro día salí para les ganar ciertas azoteas y puentes, yendo los ingenios delante, y tras ellos cuatro tiros de fuego y otra mucha gente de ballesteros y rodeleros, y **mas de tres mil indios de los naturales de Tascaltecal**, que habian venido conmigo y servían á los españoles* (1866, p. 130, grifo nosso)

Ainda que outros grupos indígenas já estivessem aliados aos espanhóis quando ocorreu a *Noche Triste* e outros eventos durante as guerras, a ênfase de Cortez nos tlaxcaltecas tornou-se o pontapé para a historiografia, produzida desde os anos iniciais da colonização, corroborar para a defesa de que eles foram o principal grupo nativo que propiciou o recuo dos mexicas.

Na *Historia de las Indias*, apesar de Durán basear-se em fontes nahuas para compor sua obra, o texto não tem tanto enfoque nas ações dos nativos, dando mais ênfase ao protagonismo espanhol, embora também não mencione Cortez com tanta frequência como em outras fontes. Em sua obra, Durán manifestou seu desprezo pelos *encomenderos*. Mas, além disso, as poucas menções ao capitão se devem ao fato de que o manuscrito do dominicano foi rasurado em várias partes nas quais ele narrou a conquista, principalmente em trechos nos quais ele criticou Cortez. Silva expôs os respectivos trechos e quais foram as substituições no Anexo II de sua dissertação. Em uma das rasuras, por exemplo, retiraram a menção a Cortez durante o Massacre do *Templo Mayor* (Silva, 2014, p. 23; 151-152).

Em relação a Texcoco, notamos a importância da cidade pelas poucas, mas significativas, menções que o autor faz a Ixtlilxochitl II como um aliado destemido e próximo de Cortez (analisadas no próximo capítulo). Logo, a representação da cidade se concentra mais na figura do texcocano como o principal líder regional. Contudo, isso não garante a

Texcoco o posto de principal aliada, mas é inegavelmente descrita como uma cidade estratégica para o cerco a México-Tenochtitlan.

Os texcocanos começam a ganhar espaço no texto de Durán após a *Noche Triste*. Segundo o autor, Cuauhtémoc soube que os espanhóis se preparavam para atacar novamente a cidade, trazendo com eles os texcocanos:

Cuauhtemoc supo como los españoles se iban multiplicando y como el Marques abía enviado por socorro y que se apercebían y aparejaban para volver á México, y ya los tetzcoanos se abían dado y declarado por amigos de los españoles (1880, p. 53)

Algumas páginas depois, o autor descreve a construção dos bergantins, o plano de atacar México-Tenochtitlan a partir do Lago de Texcoco e a estadia dos espanhóis por meses na cidade. Para ele, o plano de atacar os tenochcas a partir do lago foi a causa principal da vitória dos espanhóis e aliados:

Viendo el Marques que no les queria admitir ni condecender á ellos, determinó de venir á Tetzcuco para tratar de poner en obra los bergantines con que por la laguna entrasen en México, el cual parecer y consejo no fué de poco efeto, pues entiendo que fueron la principal causa de ganar á México, por ser toda agua y acequias y remansos grandes de agua que en la ciudad abía, a cuya causa no se podían aprovechar de los caballos: y así partió Don Fernando Cortes de Tlaxcala con toda su gente, y con el mucha compañía de tlaxcalteca amigos y de vejotzingas y cholulteca todos enemigos de los mexicanos. En esta jornada vinieron los tezcucanos, como amigos de los españoles y ya confederados con ellos, á llevalles las cargas y juntamente llevaron de camino toda la madera que fué menester para los bergantines, con la cual madera y hato dicen que iban mas de diez mil indios cargados.

[...]

Allí estuvo el Marques algunos dias y meses hasta que acabo los bergantines (1880, p. 55-56, grifo nosso)

A respeito de Tlaxcala, também acreditamos que Durán representa a cidade como uma das mais importantes nas guerras, no entanto, não a protagonista, já que o autor menciona, quase sempre, diferentes grupos nativos. Em outras palavras, normalmente, quando o dominicano menciona os tlaxcaltecas ou texcocanos, ele não exclui outros grupos, como os huexotzincas e cholultecas, por exemplo. Obviamente, alguns grupos se sobressaem, mas, ao que os discursos nos indicam, o escritor não centraliza a participação dos indígenas em um povo. Por isso, não consideramos que, em sua obra, haja uma cidade principal.

Desde a chegada dos espanhóis a Tlaxcala, Durán relata que os habitantes forneceram muitos *tamemes*⁷⁰ e mulheres para os servirem. Embora o texto do dominicano não foque em

⁷⁰ *Tamemes* eram nativos cuja função era transportar cargas de diferentes tipos. Eles foram essenciais na sociedade nahua e também durante a chegada dos espanhóis.

citar números de guerreiros indígenas, em uma passagem temos uma demonstração de que muitos tlaxcaltecas acompanhavam os espanhóis, pois o autor menciona que esse grupo foi o mais atacado durante a *Noche Triste*. Segundo ele: “*donde ningun tlaxcalteca perdonaban de los que á las manos podían aber, los cuales estaban en tanto aprieto como los españoles, y después fueron los que llevaron la peor parte, pues muy pocos de ellos volvieron á Tlaxcala*” (1880, p. 46).

Sendo assim, podemos dizer que o protagonismo das cidades, de uma maneira geral, fica equilibrado na obra de Durán, ainda que o texto tenha influência da tradição histórica texcocana, por estar baseado em alguns relatos da região. No entanto, essa influência não toma conta do discurso a ponto de tornar Texcoco o principal *altepetl* aliado ou depreciar Tlaxcala em favorecimento aos primeiros, diferentemente do *Códice Ramírez* e das *Obras Históricas*.

Apesar das diferenças entre a *Historia de las Indias* e o *Códice*, muito do que se representa sobre Texcoco no segundo texto também se concentra na ênfase a Ixtlilxochitl II. É, principalmente, a partir da união entre ele e os espanhóis que a história se desenvolve. Contudo, podemos observar algumas passagens que descrevem melhor a contribuição da cidade como um todo durante as guerras.

Em primeiro lugar, um dos aspectos textuais que já demonstra o protagonismo de Texcoco na obra é o nome do título do Fragmento número 2: “*Noticias relativas a la conquista desde la llegada de Cortés a Tetzcuco hasta lá toma del Templo Mayor de México*”. Além de o título focar na chegada dos espanhóis nesta cidade e não na Península de Yucatã (região do México na qual os espanhóis desembarcaram), o texto começa narrando a recepção dos estrangeiros em Texcoco e mostrando que a passagem pela cidade se deu antes de os espanhóis conhecerem México-Tenochtitlan, embora essa versão não seja defendida nas outras três fontes. Ou seja, o autor já indica que a conquista de México-Tenochtitlan teve início e fim a partir de Texcoco.

Segundo o texto, além da parceria entre Ixtlilxochitl II e os espanhóis, muitos texcocanos foram responsáveis por reconstruir as pontes quebradas pelos mexicas após o Massacre do *Templo Mayor*, permitindo o retorno de Cortez e alguns companheiros a México-Tenochtitlan, com mais de 50 mil soldados texcocanos:

Quisiera [Cortez] partirse luego, pero don Hernando le detuvo hasta otro dia y le dió mas de 50 mil hombres. [...] reparaban los tezcucanos las puentes y gastaron en esto tres dias, y no cesaban los asaltos de la casa fuerte por aquesto (Códice..., 1987, p. 144)

Percebe-se, neste fragmento, um elevado número de soldados acolhuas, dispostos não somente a lutar fisicamente contra os mexicas, mas também a oferecer serviços mais técnicos (reconstruir pontes) que foram fundamentais aos espanhóis. Mas, acima disso, um aspecto peculiar encontrado tanto no *Códice* quanto nas *Obras* é um ataque discursivo aos tlaxcaltecas. Conforme o texto, quando os espanhóis seguiram para Texcoco após a *Noche Triste*, acompanhados dos tlaxcaltecas, um acontecimento definiu os verdadeiros conquistadores. Segundo o autor, após os tlaxcaltecas queimarem o palácio de Nezahualpilli, Ixtlilxochitl II se zangou, e Cortez, para conter a situação, puniu os responsáveis e expulsou os tlaxcaltecas. Dessa forma, Ixtlilxochitl II, o líder de Texcoco, e seus soldados venceram os tenochcas:

*y en sua ausencia [Ixtlilxochitl II] algunos tlaxcaltecas, por algun odio antiguo, pusieron fuego á los palacios del Rey Netzahualpitzintli, [...] y viniendo don Fernando y sabiendo lo que pasaba, quiso castigar á los tlaxcaltecas, mas Cortés rogó por ellos, y con todo eso mató dos ó tres que habian sido caudillos, por la qual se amotinaron los demas y se volvieron á Tlaxcallan; **por donde queda probado que no fueron ellos los que ganaron á México, sino don Fernando Ixtlilxuchitl con 200 mil vasallos suyos, ayudando á los españoles** (1987, p. 147, grifo nosso)*

Com isso, percebemos que, para além do protagonismo da cidade, representando Texcoco como o principal *altepetl* nas guerras, o autor utilizou uma estratégia discursiva ao reconstruir a tradicional narrativa histórica de que os tlaxcaltecas foram os grandes aliados dos espanhóis e conquistadores de México-Tenochtitlan. Todavia, retoricamente, isso não significa que Tlaxcala não tenha sido importante. De acordo com a obra, os tlaxcaltecas sempre receberam bem os espanhóis, fornecendo abrigo, soldados e “*mucho amor y llanto de las mujeres tlaxcaltecas.*” (1987, p. 145). Além disso, foi neste *altepetl* que os bergantins começaram a ser construídos:

Y así habiéndolo tratado con los señores tlaxcaltecas, y ellos ofreciéndose à ayudarle por verse libres de la esclavonía de los mexicanos, les pidió que para hazer unos navíos le diesen de allí los materiales, tablas y clavazon, y ellos se lo prometieron (1987, p. 146)

Portanto, mesmo que Texcoco seja representada de forma superior a Tlaxcala em relação à aliança e à finalização da guerra, a contribuição de Tlaxcala não é apagada, mas o discurso torna a cidade uma coadjuvante e, pode-se dizer, perdedora, se comparada a Texcoco, pois não conquistou México-Tenochtitlan.

Do mesmo modo, mas desenvolvido em mais páginas, o protagonismo de Texcoco nas *Obras Históricas* é inegável, principalmente considerando que o escritor dos textos tinha como objetivo central defender a nobreza de sua genealogia, originária da cidade. Contudo, embora o personagem central durante a conquista também seja Ixtlilxochitl II, assim como no *Códice*, a representação de Texcoco como a principal aliada dos espanhóis não se concentra somente na figura do personagem. Além disso, ainda assim Tlaxcala é descrita como uma das cidades mais importantes nas guerras.

Conforme Fernando de Alva, a importância de Texcoco para os espanhóis é mostrada de diferentes formas, até mesmo em algumas atitudes de nobres que não se aliaram aos estrangeiros. Um desses exemplos é o relato de que Cacama foi o maior incentivador para Montezuma aceitar os espanhóis em México-Tenochtitlan, pois

era bajeza de Príncipes no recibir los embajadores de otros, especialmente el de los cristianos, que según ellos decían era el mayor del mundo, como en efecto lo era el emperador nuestro Señor [Montezuma], aunque esto antes de ahora estaba ya edificado (1891, p. 337)

Logo, ainda que posteriormente o texcocano tenha sido um inimigo dos espanhóis, ele foi o responsável por abrir-lhes as portas do Império Asteca e favorecê-los. O autor cita que, em outro momento, antes de ser preso, Cacama também forneceu ouro e joias aos espanhóis. Mesmo assim, Cortez o prendeu. Esse relato contraria a versão do espanhol, a qual aponta que o texcocano foi preso devido a uma revolta contra os espanhóis, ao saber que Montezuma estava encarcerado (Ixtlilxochitl, 1891, p. 338-339; 438-439). Assim, o autor apresenta uma nova perspectiva, atenuando um dos conflitos entre um líder texcocano e os hispânicos.

Fernando de Alva vai além ao narrar o auxílio dos texcocanos. Ao contar sobre a construção dos bergantins — aspecto comentado em todas as fontes —, o autor pontua que a cidade também produziu armas e munições para o exército hispânico:

Y en el tiempo que estuvo el Ejército en el Pueblo de Texcuco, el Capitán Cortés mandó que se hiciesen ciertos bergantines para dar guerra á México por la laguna, y los naturales de Texcuco cortaron toda la madera que fué menester para los bergantines, y la mucha cantidad de carpinteros y naturales del Pueblo haciendo los bergantines hasta que los acabaron, y otros muchos naturales de Texcuco por mandado de Cortés hicieron mucha cantidad de colchas de algodón, de que se hicieron muchas armas para los Españoles, y asimismo se hizo mucha cantidad de munición para ballestas, y se aderezó todo el Ejército de Españoles de todo lo que habían menester para la guerra de Mexico. (1891, p. 442- 443)

De acordo com as *Obras*, a parceria entre texcocanos e espanhóis é tão significativa que Ixtlilxochitl II é chamado de “*íntimo amigo*” de Cortez (Ixtlilxochitl, 1892, p. 394). Inclusive, segundo o cronista, foi o líder texcocano quem subiu no *Templo Mayor* de México-Tenochtitlan e destruiu Huitzilopochtli na companhia de Cortez (1891, p. 360).

Na *Historia de la nación chichimeca*, novamente o cronista cita o apoio fundamental que os nobres texcocanos forneceram aos espanhóis durante os ataques a México-Tenochtitlan. Segundo ele, enquanto os espanhóis e aliados já estavam em Iztapalapan atacando a cidade no mês de maio, Ixtlilxochitl II, Tecocoltzin e outros irmãos ficaram em Texcoco para prover insumos, suprimentos e soldados aos exércitos:

Ixtlilxochitl, Tecocoltzin y sus hermanos se quedaron en Tetzcuco, para juntar la más gente que pudiesen para ir en seguimiento de Cortés, y aviar de todo lo necesario su ejército, entrando ordinariamente por agua y por tierra la comida y los bastimentos necesarios, en que andaban yendo y viniendo más de veinte mil personas de carga, y por la laguna más de mil canoas, [...] que no fué lo menos que hizo en servicio de su majestad, proveyendo de todo lo necesario tan poderoso ejército, y todo á su costa y mención y de sus hermanos, deudos y demás señores. (1892, p. 439, grifo nosso)

Outras marcas discursivas que o autor imprime no texto para enaltecer a grandeza e a importância de Texcoco são as citações de um alto número de soldados acolhuas, ultrapassando outras cidades. Em um desses exemplos, na *Relación Decimatercera*, o autor explica que, mesmo que os espanhóis tivessem os tlaxcaltecas, cholultecas e huexotzincas como aliados contra os mexicas, eles não teriam êxito, já que eram poucos soldados em relação ao que Texcoco oferecia, tornando a cidade a peça-chave para a vitória.

porque la ciudad de Texcuco y sus reinos y provincias, que era lo más importante y de mucho poder y fuerzas, era de la parte de los cristianos con Tlaxcalan, Huexotzihco y Chotula; aunque esto era lo de menos, que como no fuese Texcuco como tengo dicho en su favor; era muy poca la gente que podían dar estas provincias, en comparación de las tres cabeceras de Texcuco, Mexico y Tlacopan, que no sería de ningún efecto; y así claro parece en las historias que fué importantísima cosa la ayuda que tuvieron de Texcuco dichos Españoles, que después de Dios, Ixtlilxcuhtl y los demás sus hermanos y deudos suyos, Señores y caudillos que ellos eran, se plantó la ley evangélica y se ganó la ciudad de Mexico y otras partes con menos trabajo y costa que lo que podía costar, si no fuera por Texcuco sus reinos y provincias, como está declarado. (Ixtlilxochitl, 1891, p. 354)

Nesse discurso, o autor não diminui somente os tlaxcaltecas, mas também outros grupos, para exaltar a participação de Texcoco e posicionar a cidade como o motivo da queda de México-Tenochtitlan, o que lhe garantia, no campo argumentativo, mais motivos para o rei lhe conceder as mercês as quais ele solicitava. Comportamento típico das elites indígenas e

mestiças a partir da segunda metade do século XVI, ao perder prestígio e terras, como visto no Capítulo 2 e no tópico 3.1.2.

Outro destaque é quando, enquanto os bergantins são produzidos, Cortez e Ixtlilxochitl II decidem observar México-Tenochtitlan a partir do lago e então seguem por Xaltocan. Com isso, o autor relata que, enquanto os espanhóis iam em centenas, os texcocanos eram 60 mil e os tlaxcaltecas 20 mil. Ou seja, havia 200 vezes mais texcocanos do que espanhóis e o triplo se comparado aos tlaxcaltecas. Com esse número, os texcocanos poderiam, inclusive, expulsar os espanhóis e tlaxcaltecas e dar outro rumo à história. Sendo assim, a escolha para essa descrição propicia ao leitor conceber os texcocanos como os mais poderosos naquele contexto.

acordaron Cortés é Ixtlilxuchitl y los demás Señores, que en el interín que se hacía la zanja de ir á dar una vista á México [...] y así Ixtlilxuchitl tomo hasta sesenta mil hombres de sus vasallos, y Cortés hasta trescientos Españoles y los veinte mil Tlaxcaltecas, y fueron por Xaltocan (1891, p. 346)

Segundo o autor, na segunda vez que eles decidiram espiar novamente México-Tenochtitlan, Texcoco forneceu 24 mil homens (1892, p. 425). Mas um dos números mais impressionantes, embora menor do que o trecho acima, foi a guarnição de 40 mil texcocanos que ajudou a atacar México-Tenochtitlan por Iztapalapan (1892, p. 436). Dessa forma, fica perceptível que Fernando de Alva representa Texcoco como a principal aliada dos espanhóis, sendo uma região estratégica para o cerco a México-Tenochtitlan, além de ter o maior exército indígena. Por outro lado, o autor não ignora a presença de outros grupos, ainda que os inferiorize em favor de Texcoco. Com isso, Tlaxcala é uma coadjuvante, mas ainda importante.

Como exposto no Diagrama 2, o cronista pontua que Tlaxcala sempre deu boa recepção aos espanhóis. Segundo ele, os tlaxcaltecas abrigaram os hispânicos após a *Noche Triste* (1891, p. 342) e, além disso, deram a Cortez o estandarte de México-Tenochtitlan:

Llegado que fué á Hueyotlipan, [...], otro día seguinte le fué á recibir en nombre de la señoría Maxixcatzin: en recompensa de su buena voluntad, ofrecimiento y consuelo que le hizo, le dió el estandarte real de Mexico que estimó él mucho, y puso por una de sus armas. (1892, p. 401-402)

Nesta passagem, ele seguiu a descrição da lâmina 29 do *Lienzo de Tlaxcala*, que mostra um líder tlaxcalteca dando o estandarte mexicana a Cortez (Morales, 2019, p. 184).

Dessa forma, vemos que Fernando de Alva não ignora a história do *altepetl*, ainda que, segundo ele, Texcoco seja superior.⁷¹

Em outro momento, o autor cita novamente o bom acolhimento dos tlaxcaltecas aos hispânicos, além de revelar mais de 50 mil habitantes aliados:

Habiendo descansado Cortés y los suyos en Hueyotlipan, Maxixcatzin con otros muchos señores y más de cincuenta mil hombres de los amigos, le apresuraron la ida á Tlaxcalan, en donde los cuatro señores principales con toda la señoría le salieron á recibir, y llevaron á su ciudad con muy gran regocijo en donde le curaron y regalaron muy bien (1892, p. 403)

Por diversas vezes, Fernando de Alva menciona os milhares de soldados tlaxcaltecas, além de nomear os líderes da cidade. Em um desses exemplos, depois de os espanhóis e os aliados indígenas atacarem Iztapalapan e voltarem a Texcoco, o autor escreve que os tlaxcaltecas chegaram em Texcoco com os bergantins: “*Llegados que fueron los tlaxcaltecas con la tablazón y ligazón de los bergantines, (en donde venían de carga más de ocho mil, de guerra más de veinte mil*” (1892, p. 420, grifo nosso). Mais adiante, já durante a reunião em Texcoco acerca da organização dos ataques a México-Tenochtitlan, o cronista nomeia diversas lideranças tlaxcaltecas — algo que ele não fez nem com os texcocanos:

Los tlaxcaltecas eran cinco mil hombres de guerra, y iban por sus caudillos Quauhxaycatzin, Meztliymatzin, Tenamazcuicuitzin, Tecuanitzin, Acxotecatl, Acamayotzin, Teyanquiztlatotzin, Zeyecatecuhti, Tepilzacatzin, Chiahuatecoletzin, Cuitlizcatl, Cocomintzin, Tzicuhcuacatl, Michcuatecuhtli, Tlachpanquizcatzin, Tizatemoctzin, Chiquacen, Mazatl, Ixconauhquitecuhtli y Tlahuihuiztli, que cada uno de ellos tenía la divisa según la dignidad y preeminencia de su oficio (1892, p. 434)

Conforme as *Obras Históricas*, Texcoco e Tlaxcala são representadas pelo cronista como as principais cidades aliadas dos espanhóis, fornecendo abrigo, mantimentos, armas, bergantins e soldados. No entanto, Texcoco se sobressai, quando em diferentes passagens o autor enfatiza que, sem os texcocanos, o cristianismo não seria implementado na Nova Espanha, ou mesmo sendo Cacama o responsável por convencer Montezuma a aceitar os espanhóis, como se a decisão ou o destino do que aconteceu estivesse nas mãos dos texcocanos.

Dessa forma, ao analisar a representação de ambas as cidades em relação à aliança com os espanhóis nas quatro fontes, percebemos algumas semelhanças e diferenças.

⁷¹ Ao longo das obras, o autor menciona que algumas de suas fontes são relações e pinturas de Tlaxcala. Ver em: O’Gorman, 1975, p. 47-85.

Primeiramente, todas as fontes consideram Texcoco a cidade estratégica para o cerco a México-Tenochtitlan com os ataques a partir do lago. Além disso, em todos os textos é citada a boa recepção e parceria dos tlaxcaltecas com os espanhóis, sendo o protagonismo das cidades o aspecto mais divergente.

Nas *Cartas*, Tlaxcala se sobressai — ainda que Texcoco seja bastante mencionada. Cortez cita inúmeras vezes a companhia dos tlaxcaltecas, evidenciando o protagonismo do *altepetl*. Com isso, segundo o discurso do espanhol, Tlaxcala foi a principal aliada. Por outro lado, a *Historia de las Indias*, possuindo uma base discursiva advinda de fontes de diferentes grupos indígenas, narra, de forma mais equilibrada, os protagonismos ameríndios. Sendo assim, consideramos não haver uma discrepância representacional entre as duas cidades, enquadrando alguma delas como protagonista ou não, sendo as duas importantes para a tomada de México-Tenochtitlan. Todavia, no *Códice* e nas *Obras Históricas*, a narrativa muda.

As duas fontes, de viés texcocano, celebram o protagonismo da cidade em detrimento de Tlaxcala. Com isso, o *Códice* descredibiliza Tlaxcala como conquistadora, apagando a participação da cidade no cerco a México-Tenochtitlan, enquanto as *Obras*, ainda que mencionem aspectos positivos sobre Tlaxcala, posicionam Texcoco como superior e essencial para os espanhóis, mais do que qualquer outro *altepetl*.

Portanto, ao analisarmos as representações da cidade no âmbito da aliança com os espanhóis e observarmos como esse aspecto aparece, peculiarmente, nas fontes com base na tradição histórica texcocana, no próximo subtópico nos aprofundaremos em outra estratégia discursiva do *Códice* e das *Obras*. Notamos que, além de os textos apresentarem uma diferenciação protagonística entre as cidades, este discurso é endossado pela demonstração de que os tlaxcaltecas possuíam valores inferiores aos texcocanos, sendo os primeiros cruéis, covardes e raivosos.

3.1.3.2 Crueldade X piedade

Nesta última etapa da análise sobre as cidades, teremos como objeto as particularidades dos discursos do Fragmento número 2 do *Códice Ramírez* e da *Relación Decimatercera* e da *Historia de la nación chichimeca*, presentes nas *Obras Históricas*. Segundo esses textos, Tlaxcala não foi a principal aliada dos espanhóis — não necessariamente pelo número de soldados da cidade, mas, principalmente, pelos aspectos imorais de seu povo. De acordo com o *Códice*, Tlaxcala nem ao menos esteve presente na

tomada da capital asteca, dando espaço somente a Texcoco. Por outro lado, as *Obras* não anulam a participação da cidade na conquista, mas relatam diferentes atitudes reprováveis dos tlaxcaltecas em contraste com os texcocanos. Desta forma, consideramos que ambos os textos, ao conterem uma defesa a Texcoco, buscam anular ou depreciar Tlaxcala, considerada a maior aliada dos espanhóis, numa tentativa de apresentar uma nova versão da conquista de México-Tenochtitlan.

Diferentemente das *Obras*, no *Códice* essa estratégia de depreciação dos tlaxcaltecas só é descrita uma vez, quando os tlaxcaltecas põem fogo no palácio de Nezahualpilli e são expulsos de Texcoco por Cortez. O autor afirma que, por conta disso, Ixtlilxochitl II, o líder texcocano, foi o conquistador de México-Tenochtitlan. Vejamos novamente:

y en sua ausencia [Ixtlilxochitl II] algunos tlaxcaltecas, por algun odio antiguo, pusieron fuego á los palacios del Rey Netzahualpitzintli, [...] y viniendo don Fernando y sabiendo lo que pasaba, quiso castigar á los tlaxcaltecas, mas Cortés rogó por ellos, y con todo eso mató dos ó tres que habian sido caudillos, por la qual se amotinaron los demas y se volvieron á Tlaxcallan; por donde queda probado que no fueron ellos los que ganaron á México, sino don Fernando Ixtlilxuchitl con 200 mil vasallos suyos, ayudando á los españoles (1987, p. 147, grifo nosso)

O texto indica que, pela impulsividade e covardia — pois se aproveitaram da ausência de Ixtlilxochitl II —, demarcado pela suposição “*por algun odio antiguo*”, os tlaxcaltecas prejudicaram seu próprio povo e a trajetória como conquistadores encerrou-se antes mesmo dos ataques a México-Tenochtitlan. Logo, os texcocanos souberam superar as diferenças e a antiga rivalidade entre as cidades, diferente dos tlaxcaltecas, que esperaram pela ausência de Ixtlilxochitl II para incendiar o palácio de seu pai já falecido. Ou seja, uma atitude covarde, incompatível com conquistadores. Dessa forma, ainda que o *Códice* tenha somente um trecho de depreciação a Tlaxcala, a passagem chama a atenção ao subverter a tradicional versão da conquista.

Uma das passagens mais emblemáticas nas quais Fernando de Alva associa covardia e crueldade aos tlaxcaltecas, no contexto das guerras hispano-indígenas, é durante o Massacre do *Templo Mayor*. Segundo o autor, os culpados desse ato foram os tlaxcaltecas, pois, ao lembrarem que eram sacrificados durante a festa que ocorria, disseram a Pedro de Alvarado que os tenochcas matariam os espanhóis, resultando na reação do capitão que substituiu Cortez:

Los Tlaxcaltecas que había en la ciudad, acordándose de los tiempos atrás que siempre en estas fiestas les solían sacrificar millaradas de ellos, se fueron al capitán

Alvarado, y levantaron un falso testimonio á los Mexicanos, diciendo que aquello hacían para juntarse y matarlos. (Ixtlilxochitl, 1891, p. 340)

*y estando en lo mejor de su fiesta y muy descuidados de la celada que se les aparejaba, y fué que **ciertos tlaxcaltecas** [...], **por envidia**, lo uno acordándose que en semejante fiesta los mexicanos solían sacrificar gran suma de cativos de los de la nación tlaxcalteca y lo otro que era mejor ocasión que ellos podían tener para poder henchir las manos de despojos y harta su codicia y vengarse de sus enemigos [...] fueron con esta intención al capitán Pedro de Alvarado, que estaba en lugar de Cortés, [...]; y así en breve espacio mataron todos los más que allí hallaron, y **cargaron ellos y los tlaxcaltecas de muy grandes despojos y riquezas** (Ixtlilxochitl, 1892, p. 393-394, grifo nosso)*

De forma parecida com o *Códice*, que descreve “*un odio antiguo*” como motivo para a covardia, Fernando de Alva também retrata a vingança dos tlaxcaltecas em referência ao passado recente — no qual eles eram atacados pelos integrantes da Tríplice Aliança —, além da inveja. No entanto, em ambos os textos, essas vinganças não acontecem de uma forma que o outro grupo possa se defender, demonstrando a covardia dos tlaxcaltecas. Enquanto no *Códice* eles se aproveitaram da ausência do líder mais poderoso de Texcoco, na *Relación Decimatercera* e na *Historia de la nación chichimeca* eles mentem aos espanhóis sobre os mexicas.

Battcock e Vásquez Galicia também destacam essa acusação em seus artigos e pontuam que o cronista desacredita os tlaxcaltecas, que disputavam com Texcoco o posto de aliados dos espanhóis, como um recurso discursivo. Segundo os autores, ele qualificou os tlaxcaltecas como interesseiros, ladrões, ambiciosos e mentirosos, além de responsabilizá-los pelo Massacre do *Templo Mayor* (2022, p. 173). Eles argumentam que:

Este recurso es todavía más significativo si tomamos en cuenta que el autor conocía obras que plasmaban una imagen favorable de Tlaxcala, como el Lienzo de Tlaxcala y la Historia de la conquista de Tadeo de Niza de Santa María. (2022, p. 174)

Isto é, como argumentamos acima, o cronista recria, a partir de fontes espanholas e tlaxcaltecas, uma nova abordagem da conquista, reposicionando Texcoco como a protagonista nas guerras.

Em outra passagem, na qual Fernando de Alva reclama da falta de menções a Ixtlilxochitl II nas histórias espanholas, ele menciona que os tlaxcaltecas roubavam e aterrorizavam as populações por onde passavam, diferente dos texcocanos, que se compadeciam e clamavam misericórdia pela vida dos idosos, mulheres e crianças:

*Y asimismo nadie se acuerda de los Aculhuas Texcucanos, y los Señores y capitanes, aunque es toda una misma casa, si no es de los Tlaxcaltecas, los cuales, según todos los historiadores dicen, que más aínas venían á robar que á ayudar, como claro parece, que aun en la ciudad de Texcuco y otras partes, que eran amigos y de la parte de los cristianos, robaron las casas, especialmente los palacios de Nezahualpiltzintli, y quemaron los mejores cuartos que había dentro de ellos, y parte de los Archivos Reales, que fueron los primeros destruidores de las historias de esta tierra, de los cuales, según opinión de todos, hay muchas memorias de ellos, porque **procuraron mucho, en cualquiera parte que llegaban, robar y quitar cuanto hallaban**, y de todo el oro que cogían se lo daban á los Españoles; sea como fuere, ellos tomaron cuanto pudieron y vinieron en favor de los cristianos, **lo cual no hicieron los Aculhuas y demás provincias y lugares sujetos, porque se compadecían de las mujeres, niños y viejos que defendían sus haciendas, rogándoles que se las dejasen y se contentasen con quitar la vida de sus maridos ó padres, ó hijos**. (Ixtlixochitl, 1891, p. 362-363, grifo nosso)*

Ao expressar indignação pelo silenciamento de historiadores sobre o protagonismo de Texcoco, o cronista recorda-se do grupo nativo aliado mais citado: os tlaxcaltecas. Mas, em vez de confirmar a versão histórica tradicional de que eles foram os principais aliados indígenas dos espanhóis, o autor escreve que todos os historiadores os consideraram ladrões, que atrapalhavam mais do que ajudavam. Logo, ao enfatizar a violência citada por todos os autores, Fernando de Alva desqualifica a participação dos tlaxcaltecas e os reduz a cruéis. Por outro lado, os texcocanos, aqueles esquecidos pela historiografia da época, segundo o autor, eram os verdadeiros merecedores do posto de principais aliados, já que conseguiram conquistar México-Tenochtitlan sem violentar os indefesos. Dessa forma, o autor retira a responsabilidade dos texcocanos pelas mortes de inocentes, culpando os tlaxcaltecas e espanhóis. Esse contraste moral entre os dois povos é representado em vários momentos pelo autor, sendo esse “jogo de contrários” um de seus recursos discursivos já apontados por Héctor Martínez (2018, p. 90) e Dayane Pereira (2018, p. 77-78), criando uma identidade tanto para os texcocanos quanto para os tlaxcaltecas (Chartier, 1991; 2002), através da inversão e comparação (Hartog, 1999).

Algumas páginas adiante, já no final do cerco a México-Tenochtitlan, Fernando de Alva detalha que, devido a Cuauhtémoc se recusar a encontrar Cortez para um acordo, o espanhol autorizou uma invasão na cidade que resultou em mais um ato cruel dos tlaxcaltecas:

Hiciéronse este día unas de las mayores crueldades sobre los desventurados Mexicanos que se han hecho en esta tierra. Era tanto el llanto de las mujeres y niños que quebrantaban los corazones de los hombres. Los Tlaxcaltecas y otras naciones que no estaban bien con los Mexicanos, se vengaban de ellos muy cruelmente de lo pasado, y les saquearon cuanto tenían. Ixtlixuchitl y los suyos, al fin como eran de su patria, y muchos sus deudos, se compadecían de ellos y estorbaban á los demás que tratasen á las mujeres y niños con tanta crueldad, que lo mismo hacía Cortés con sus Españoles. (1891, p. 377, grifo nosso)

Novamente, o autor enfatiza as mesmas atitudes tomadas pelos tlaxcaltecas: crueldade, vingança pelo passado e saques, enquanto os texcocanos se entristeciam pelas vítimas. Segundo o discurso do cronista, o ódio dos tlaxcaltecas era tanto que, mesmo após a tomada de México-Tenochtitlan, eles continuaram, covardemente, saqueando as cidades enquanto retornavam ao seu *altepetl*, quando os habitantes não podiam se defender:

Asimismo se fueron á sus tierras ricos y contentos, y de camino los Tlaxcaltecas saquearon la ciudad de Texcuco y otros lugares, robando á los vecinos de noche sin ser sentidos, y á tiempo que no se pudiesen defender y librar sus haciendas de ellos. (1891, p. 380, grifo nosso)

Embora ele descreva que os tlaxcaltecas pediram desculpas a Ixtlilxochitl II depois que o texcocano os repreendeu (Ixtlilxochitl, 1891, p. 380), a repetição dos mesmos atos pelos inimigos históricos da Tríplice Aliança chama a atenção no discurso do cronista, que sempre está opondo a imagem ruim do outro à de seu povo fiel, empático e justo.

Mediante esses discursos, buscamos identificar de que maneira Texcoco foi representada em contraponto a Tlaxcala no Fragmento número 2 do *Códice* e nas *Obras Históricas*. Durante a leitura das fontes, percebemos a peculiaridade dos textos, ao desqualificarem os tlaxcaltecas de diversas formas: ladrões, covardes, cruéis, mentirosos, invejosos, vingativos e até não conquistadores de México-Tenochtitlan. Logo, uma das estratégias discursivas para representar Texcoco como a protagonista foi comparar as ações das cidades e, também no caso do Fragmento, apagar a presença dos tlaxcaltecas no ato final da conquista. Conforme Hartog argumenta, um dos elementos da retórica da alteridade é sustentar que a narrativa do outro é mentirosa, para assim desacreditá-lo e fortalecer a sua própria versão:

Jamais uma narrativa é um aparecimento original. Ela é sempre tomada de uma outra narrativa

[...]

Essa narrativa anterior é uma peça entre as mãos do narrador, no jogo da persuasão. Com efeito, **uma forma de fazer crer na própria narrativa é indicar o que, na narrativa do outro, é “incrível”, “mentiroso” ou “mítico”**. (1999, p. 302, grifo nosso)

[...]

A mentira ou o *mythos* têm, pois, uma dupla função: são produtores de narrativas e permitem que as narrativas proliferem, na medida em que escrevo para denunciar a narrativa do outro. Portanto, mentira e *mythos* fazem escrever. Fazem também crer, posto que designar a narrativa do outro como ficção é, ao mesmo tempo, da parte do narrador, validar sua própria narrativa como séria (1999, p. 304, grifo do autor)

Dessa forma, a tradição histórica texcocana criticou e apresentou uma nova perspectiva sobre os indígenas conquistadores, reivindicando Texcoco como a protagonista e principal aliada dos espanhóis, ao passo que Tlaxcala é revelada como uma cidade superestimada, que, embora tenha sido uma das grandes aliadas dos espanhóis, foi também uma das principais causadoras de massacres e roubos.

3.2 Conclusões: a disputa que se estende aos discursos

Neste primeiro capítulo sobre a análise das fontes, tivemos como principal objetivo investigar a representação do protagonismo de Texcoco nos quatro documentos escolhidos. Ademais, identificamos e examinamos como o protagonismo de Texcoco foi construído nas fontes de tradição histórica acolhua em relação a Tlaxcala. Esse exercício nos possibilitou observar não somente os discursos de tradição texcocana contrários a Tlaxcala, mas também refletir, em um contexto mais amplo, como a rivalidade entre as cidades transpassou o período de guerras entre ambos os *altepeme* e se estendeu nas representações da conquista, já na segunda metade do século XVI e início do XVII. No entanto, tais embates discursivos, originários décadas após a conquista, já não se restringem somente a rivalidades pré-hispânicas, mas, principalmente, pela busca de Texcoco e de sua elite indígena e descendentes em defender a cidade como a maior aliada dos espanhóis para embasar pedidos de títulos e mercês.

Em primeiro lugar, iniciamos o capítulo contextualizando, brevemente, o que era Tlaxcala, sua relação política com a Tríplice Aliança, sua participação na conquista e a sua posição no primeiro século do período colonial. Mesmo que a cidade não faça parte do tema central da pesquisa, julgamos importante contextualizá-la para que fique clara a relação com Texcoco e o porquê de as análises a seguir mostrarem um embate discursivo sobre o protagonismo de ambas. Neste tópico, vimos, por exemplo, que Tlaxcala, desde a publicação das cartas de Cortez, foi considerada a principal cidade aliada dos espanhóis, tendo como um de seus privilégios a permissão para que alguns nobres da região fossem seis vezes se encontrarem diretamente com o rei.

A seguir, analisamos as representações de ambas as cidades nas quatro fontes. Com esse estudo, concluímos que Texcoco é representada como a principal cidade aliada dos espanhóis no *Códice Ramírez* e nas *Obras Históricas*. No entanto, nas *Cartas y relaciones* e na *Historia de las Indias*, Texcoco não é a maior aliada, ainda que seja classificada como a cidade estratégica para o cerco a México-Tenochtitlan e uma das mais importantes naquele

contexto. Consideramos que, pelas inúmeras citações dos tlaxcaltecas e a descrição da participação deles na maioria dos eventos entre 1519 e 1521, Cortez os representou como os maiores aliados indígenas, ao passo que Durán traz um equilíbrio na participação dos grupos nativos, não centralizando em nenhuma cidade o papel de protagonista indígena. Entretanto, as duas primeiras fontes revelam um aspecto diferente em relação a Tlaxcala. A comparação entre as fontes mostra a diferença no discurso criado pela tradição histórica texcocana em relação ao seu protagonismo e ao de Tlaxcala, destoando da narrativa derivada da escrita espanhola.

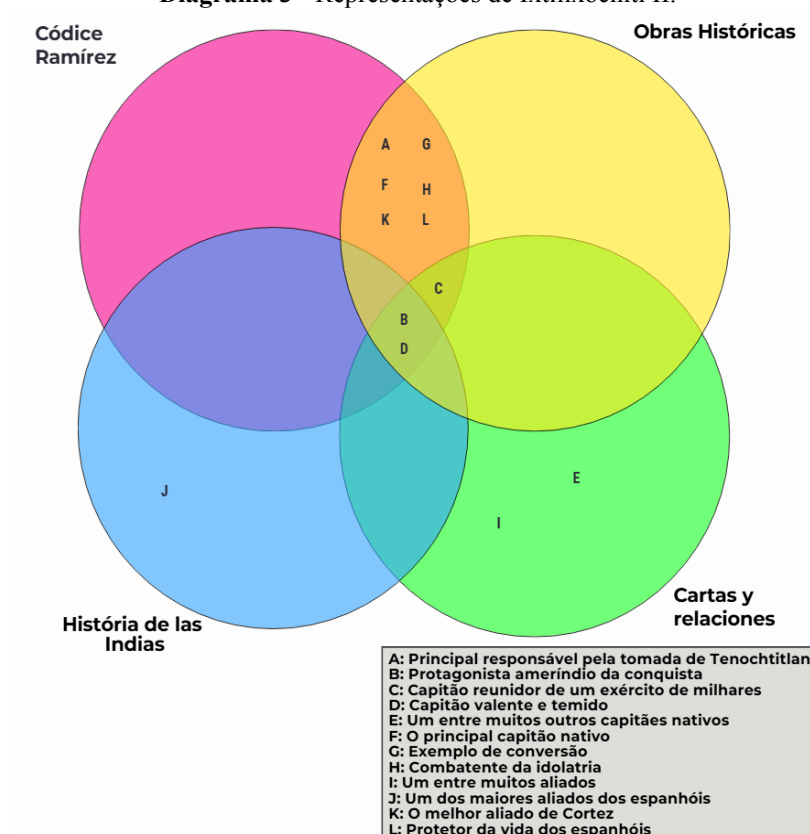
Na terceira parte do capítulo, nos aprofundamos nas estratégias discursivas que os autores — ou o autor — empregaram para tornar Texcoco a cidade mais influente durante as guerras hispano-indígenas. A partir da análise do discurso, constatamos que os tlaxcaltecas são apresentados como imorais, cruéis, ladrões, vingativos e até ausentes do cerco a México-Tenochtitlan, aspectos totalmente opostos aos texcocanos, apontados como exemplos de compaixão, justiça e lealdade. Dessa forma, acreditamos que essa característica discursiva foi uma das estratégias desses autores — ou autor — favoráveis à tradição texcocana, a fim de legitimar a importância da cidade, desqualificando os tlaxcaltecas. Com isso, foi criada uma nova versão da conquista, rivalizando o protagonismo das cidades e posicionando Texcoco como a conquistadora, em um contexto no qual quanto mais os *pipiltin* provavam o destaque de sua genealogia e importância na conquista, mais chances teriam para usufruir de privilégios, tais como brasão de armas, títulos de *ciudad*, além de cargos na administração colonial com indicação da própria Coroa espanhola.

CAPÍTULO IV. PROTAGONISTA OU COADJUVANTE? REPRESENTAÇÕES DE IXTLILXOCHITL II NAS GUERRAS DE CONQUISTA

*“Se a história é tão-somente a estória contada
pelos vencedores, como é que eles chegaram a
vencer? E por que nem todos os vencedores
contam a mesma estória?”*

(Trouillot, 2016, p. 26)

Neste capítulo, analisaremos como Ixtlilxochitl II foi representado nas fontes históricas selecionadas. Após nos debruçarmos sobre as obras, percebemos que sua atuação é descrita de maneira semelhante em alguns textos. Sendo assim, para evidenciar melhor esses discursos, criamos categorias representacionais sobre o texcocano, separando-as em: 1. o protagonismo; 2. a atuação nas guerras; 3. o combate à idolatria e 4. a fidelidade aos espanhóis. Além disso, assim como no capítulo anterior, também elaboramos um diagrama de Venn para demonstrar os resultados encontrados nos documentos.

Diagrama 3 - Representações de Ixtlilxochitl II.

Fonte: De autoria própria.

A partir desses dados, conseguimos identificar que a construção da imagem de Ixtlilxochitl II possui algumas convergências e divergências nas fontes. Vemos que o *Códice* e as *Obras Históricas* concentram a maior diversidade de representações sobre ele, posicionando-o como o personagem principal da história da conquista, atuando tanto como conquistador quanto como precursor do cristianismo. Já nas *Cartas* e na *Historia de las Indias*, Ixtlilxochitl II não é o personagem central, mas um dentre os muitos aliados indígenas dos espanhóis. Entretanto, quando comparamos ambos os textos, percebemos que Durán evoca a importância do personagem como um grande amigo de Cortez, enquanto o próprio capitão, em suas cartas, dá mais ênfase à atuação de Ixtlilxochitl II nas guerras à frente do exército acolhua e não em algum tipo de relação mais próxima entre os dois. Por fim, os quatro discursos convergem em um aspecto: independentemente do grau de participação na conquista, não há como negar a relevância de Ixtlilxochitl II, principalmente na ajuda militar, na qual todas as fontes deixam explícitos seus esforços.

4.1 O protagonismo

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que, para analisar a categoria de protagonismo, criamos duas subcategorias: principal responsável pela tomada de México-Tenochtitlan e protagonista indígena. Essa diferenciação foi necessária ao compreender que, embora o personagem possa ser um protagonista em todas as histórias, tal aspecto possui nuances ao comparar os textos. Enquanto no *Códice* e nas *Obras Históricas* Ixtlilxochitl II é o personagem principal da conquista, sobrepondo-se até a Cortez, nas *Cartas* e na *Historia de las Indias* ele se configura como um protagonista ameríndio. Ou seja, mais um aliado indígena dentre muitos outros, ainda que tenha destaque em alguns âmbitos do evento. Acreditamos que esse contraste reflete as tradições históricas nas quais esses textos se basearam, sendo os dois primeiros mais influenciados por discursos indígenas, especificamente texcocanos, do que os dois últimos, aspecto essencial que diferencia a ênfase ou não na figura de Ixtlilxochitl II durante a conquista.

4.1.1 Principal responsável pela tomada de México-Tenochtitlan

Como discutido no capítulo 1, embora não saibamos quem é o autor do Fragmento número 2 do *Códice*, é inegável a forte influência texcocana no texto. Ixtlilxochitl II é claramente o protagonista da conquista, com seu nome aparecendo no título de oito dos 13 capítulos. Além disso, o personagem sempre participa de momentos importantes e atua em diferentes frentes: nas batalhas, no abrigo aos espanhóis, na construção dos bergantins, no incentivo ao evangelho e na tomada de México-Tenochtitlan. Tais características também estão presentes nas *Obras Históricas*. Embora o *Compendio* dê muito mais ênfase à figura de Ixtlilxochitl II do que na *Historia de la nación chichimeca*, o personagem sempre está destacado como figura central durante a guerra hispano-indígena, de forma que, sem a sua ajuda, nada poderia ter tido êxito.

No *Códice*, existem dois momentos em que a atuação de Ixtlilxochitl II como conquistador é ressaltada. No primeiro, o texcocano é descrito como uma liderança que guia as ações dos espanhóis quando Cortez não consegue encontrar táticas para vencer os mexicas. De acordo com o texto, o indígena, cansado de ver as baixas espanholas durante o cerco a México-Tenochtitlan, instrui os espanhóis a entrarem na cidade. Além disso, o discurso enfatiza o protagonismo de Ixtlilxochitl II ao afirmar que ele sempre esteve à frente durante as batalhas:

*Lo qual visto por don Fernando le dijo á Cortés que advirtiese que tenia vergüenza de lo poco que hacian; y que mirase que los españoles se apocaban; que le parecia que él entraria por aquellas calles y sus españoles detras, y como fuesen ganando casas las fuesen echando por el suelo y cegando acequias, si no fuese las necesarias para los bergantines y que con esto veria lo que pasaba. Parecióle bien este consejo á Cortés y así se hizo, **de manera que en la conquista desta ciudad siempre llevó la delantera don Fernando.** (1987, p. 148, grifo nosso)*

Dessa forma, diferentemente da tradicional visão de Cortez liderando todos os ataques aos mexicas, aqui revela-se um ameríndio, de outro *altepetl*, coordenando os ataques e dando ordens para derrubar as casas e tapar as valas, impedindo a locomoção de embarcações que auxiliassem os tenochcas. Destaca-se o advérbio “sempre”: don Hernando sempre esteve à frente na conquista, sempre foi o líder. Segundo o autor, Ixtlilxochitl II foi mais do que um participante; ele foi o conquistador.

É curioso observar que, nas *Cartas*, há um relato muito parecido com o trecho acima. Porém, não é Ixtlilxochitl II o homem que coordena os ataques, e sim Cortez. O espanhol relata que, mesmo impedindo a passagem de água potável e comida aos mexicas, eles não paravam de lutar, até que ele teve a seguinte ideia:

*E yo, viendo que el negocio pasaba desta manera, y que habia ya mas de cuarenta y cinco días que estábamos en el cerco, **acordé de tomar un medio para nuestra seguridad y para poder mas estrechar á los enemigos**, y fué que **como fuésemos ganando por las calles de la ciudad, que fuesen derrocando todas las casas dellas del un lado y del otro; por manera que no fuésemos un paso adelante sin lo dejar todo asolado, y lo que era agua hacerlo tierra firme, aunque hoviese toda la dilación que se pudiese seguir.** E para esto yo llamé á todos los señores y principales nuestros amigos, y díjeles lo que tenia acordado; por tanto, que hiciesen venir mucha gente de sus labradores, y trajesen sus coas, que son unos palos, de que se aprovechan tanto como los cavadores en España de azada; y ellos me respondieron que así lo harian de muy buena voluntad, y que era muy buen acuerdo; y holgaron mucho con esto, porque les pareció que era manera para que la ciudad se asolase; lo cual todos ellos deseaban mas que cosa del mundo. (Cortés, 1866, p. 241, grifo nosso)*

Logo, percebe-se que o autor do Fragmento número 2 tem como base o discurso de Cortez, mas ele transforma o texcocano no responsável pela coordenação dos ataques. Ou seja, não foi o espanhol quem ordenou aos soldados indígenas que atacassem os tenochcas, e sim Ixtlilxochitl II, quem planejou e determinou a ação dos espanhóis, que estavam se acovardando na guerra. Dessa forma, observa-se nesta passagem do Fragmento uma relação de sentido (Orlandi, 2016, p. 39) com as *Cartas*, já que o autor se baseia na descrição de Cortez, mas constrói outro sentido ao inserir outro sujeito como protagonista das ações.

Seguindo a lógica de defesa de Ixtlilxochitl II como o conquistador de México-Tenochtitlan, o Fragmento número 2 se encerra com uma narração incompleta, mas

muito emblemática. Trata-se de um momento simbólico da guerra: a tomada do *Templo Mayor* e a derrubada de Huitzilopochtli, o deus patrono dos mexicas. A partir do texto, nota-se que Ixtlilxochitl II sempre vai à frente, e, neste caso, não é diferente. Ele sobe no templo acompanhado de Cortez e de um tio seu. A narração faz com que o leitor interprete o personagem como o orquestrador do ato.

y en muchas ocasiones el famoso don Fernando mostraba tanto su valor como se verá en este caso, y fué que llegando al templo mayor, [...], llegó el don Fernando al pié del templo y comenzó á subir por las gradas dél llevando á su lado á su tio don Andres Achcatzin, capitán famoso, señor de Chiyautla, que capitaneaba 50,000 hombres, y el valoroso Cortés [...], y así aunque con mucho trabajo, golpes y heridas, llegaron á lo alto, donde estaba el ídolo mayor [...], y echando Cortés mano de la máscara [...], y el don Fernando de los cabellos [...] le cortó la cabeza y alzándola en lo alto (Códice..., 1987, 148-149)

Nota-se que o autor do texto escreve que “*don Fernando*” estava “*llevando á su lado*” Cortez, indicando a liderança do texcocano, que superava a atuação do capitão espanhol. Além disso, foi ele quem arrancou a cabeça do ídolo, enfatizando a imagem de um homem forte e destemido, determinado a transformar os modos de vida dos indígenas em favor de uma nova era. Com isso, a cena evoca o poder que ele emanava dentre os espanhóis e outros aliados ameríndios, tornando-se a peça central na conquista.

Nas *Obras Históricas*, assim como no *Códice*, vemos que diversas passagens apontam que Ixtlilxochitl II possuía muitos soldados. Podemos destacar, por exemplo, uma passagem das *Obras* em que Fernando de Alva afirma que seu trisavô tinha um exército 60 vezes maior do que o de Cortez. O autor destaca que esses homens foram recrutados para lutar em Chalco durante os ataques a México-Tenochtitlan: “*y así fué necesario ir personalmente Cortés con trescientos compañeros y treinta de á caballo, é Ixtlilxuchitl con más de veinte mil hombres de sus vasallos y algunos Tlaxcaltecas que allí se hallarón á mano*” (Ixtlilxochitl, 1891, p. 348). Esta descrição não destaca apenas a quantidade de soldados acolhuas, mas a superioridade de Ixtlilxochitl II e seus companheiros em relação aos espanhóis, que necessitavam de sua ajuda.

Em outros dois trechos, o historiador narra dois episódios de liderança do seu trisavô que se assemelham bastante ao escrito no *Códice*. O primeiro se trata da subida do texcocano ao *Templo Mayor* junto a Cortez. Segundo Fernando de Alva:

especialmente en la capilla mayor donde estaba Huitzilopochtli, que llegaron Cortés é Ixtlilxuchitl á un tiempo, y ambos embistieron con el ídolo. Cortés cogió la máscara de oro que tenía puesta este ídolo con ciertas piedras preciosas que estaban engastadas en ella. Ixtlilxuchitl le cortó la cabeza (1891, p. 360)

Embora a passagem não afirme que Ixtlilxochitl II levou Cortez — mas coloca ambos quase no mesmo patamar, chegando juntos —, destaca-se a importância do texcocano, pois novamente vemos ele sendo o responsável por destruir a representação física do deus patrono tenochca.

A última descrição, também semelhante ao *Códice*, porém mais detalhada, enfatiza a participação de Ixtlilxochitl II, alegando que ele esteve presente nos 80 dias de guerra contra México-Tenochtitlan (entre maio e agosto de 1521) e que foi graças ao texcocano e seu povo que a conquista teve sucesso.

y Ixtlilxuchitl desde que salieron de Texcuco Cortés y los demás vino con ellos, y se halló personalmente en todos los ochenta días que duró la guerra de México, sin faltar uno tan sólo, siendo el primero en todas ocasiones, como buen capitán, arriesgando su vida muchas veces por librar á los Españoles de sus enemigos los Mexicanos, que si no fuera por él y sus hermanos, deudos y vasallos, hubo ocasiones en que podían matarlos sin que quedara uno tan sólo, si no fuera por él y los suyos, como tengo referido; y me espanta de Cortés, que siendo este Príncipe el mayor y más leal amigo que tuvo en esta tierra, que después de Dios, con su ayuda y favor se ganó, no diera noticia de él ni de sus hazañas y heroico hechos (1891, p. 362, grifo nosso)

Muito semelhante ao descrito no *Códice* (1987, p. 148), nas *Obras Históricas* Ixtlilxochitl II também sempre foi o primeiro em todas as ocasiões da guerra. Entretanto, impressiona o escritor que Cortez, após obter tanto proveito da liderança de seu antepassado, não tenha falado sobre seus “*heroico hechos*”. A intervenção do autor no texto mostra que ele utilizou, assim como praticamente todos os que escreveram sobre a Nova Espanha, as *Cartas* do espanhol. No entanto, outras fontes históricas — principalmente acolhuas — mostram que a história tradicionalmente já conhecida, desde a década de 1520, não destaca outros agentes, ou até mesmo o que ele considerava como o verdadeiro protagonista, don Hernando Ixtlilxochitl.

Através desses trechos, nota-se que tanto o Fragmento número 2 quanto as *Obras Históricas* identificam o personagem texcocano como o líder da conquista. Isso fica claro quando os autores criam estratégias discursivas que posicionam Cortez como coadjuvante na cena, sendo um acompanhante de Ixtlilxochitl II ou recebendo os seus conselhos e ajuda. Essa estratégia também evidencia uma modificação do discurso do espanhol para favorecer a tradição acolhua, como apontamos no trecho semelhante entre o Fragmento número 2 e as *Cartas*.

Nesse subtópico, vimos a representação do *tlatoani* texcocano como o grande conquistador de México-Tenochtitlan. No entanto, como apontamos, dividimos a categoria de

protagonismo em dois subtópicos: o de principal responsável pela tomada de México-Tenochtitlan e o de protagonista indígena. Essa diferenciação foi necessária, pois percebemos que em todas as fontes o personagem se encontra como um protagonista indígena. Porém, somente em duas ele é o personagem principal, mesmo quando se faz presente a figura dos espanhóis, especialmente a de Cortez.

4.1.2 Protagonista indígena

Como exposto no Diagrama 3, Ixtlilxochitl II é inegavelmente um protagonista indígena em todas as fontes. Embora esse aspecto esteja presente nos textos, cada um apresenta perspectivas diferentes. Nas *Cartas* e na *Historia de las Indias*, por exemplo, temos duas e três menções, respectivamente, ao texcocano. Em contrapartida, o *Códice* e as *Obras Históricas* configuram o personagem como protagonista, seja na conquista em geral, comparado aos espanhóis, ou na atuação como um aliado indígena dos estrangeiros.

Dessa forma, ao longo de toda a análise sobre as representações de Ixtlilxochitl II, trabalharemos com duas menções que Cortez faz a ele. No entanto, para esse tópico, abordaremos somente uma (que será muito recorrente ao longo do capítulo), pois ela destaca a importância e contribuição do texcocano. Nela, conseguimos observar o seu protagonismo como aliado indígena, sua atuação nas guerras e a fidelidade aos hispânicos.

Em sua terceira carta, ao narrar a guerra de conquista, Cortez faz uma regressão temporal para dizer que, nesse meio tempo, o *tlatoani* de Texcoco, aliado aos espanhóis, Tecocoltzin, nomeou Ixtlilxochitl II, seu irmão, como capitão dos acolhuas. Em seguida, o marquês descreve algumas características do líder e aponta o número de soldados que ele conseguiu reunir:

E á uno dellos que se llama Istrisuchil, que es de edad de veinte y tres ó veinte y cuatro años, muy esforzado, amado y temido de todos, envióle por capitán, y llegó al real de la calzada con mas de treinta mil hombres de guerra, muy bien aderezados á su manera, y á los otros dos reales irían otros veinte mil. E yo los recibí alegremente, agradeciéndoles su voluntad y obra. (Cortés, 1866, p. 220)

O espanhol relata que, além de reunir mais de 30 mil soldados, Ixtlilxochitl II era muito esforçado e temido, e que ele o agradeceu muito pela atuação. Logo, embora Cortez praticamente não cite Ixtlilxochitl II, quando o faz, não hesita em demonstrar a sua importância no exército indígena que venceu os tenochcas. Contudo, é somente uma vez que podemos ver o texcocano como um líder indígena nas cartas do espanhol. A outra referência a ele não destaca sua atuação, apenas afirma que, durante a fuga na *Noche Triste*, alguns nobres

acolhuas estavam junto aos espanhóis, como Ixtlilxochitl II (Cortés, 1866, p. 176). Ou seja, segundo a ótica de Cortez, não há como classificá-lo como um conquistador, mas sim como um aliado indígena importante, já que o protagonismo da conquista cabe somente ao espanhol.

Na obra de Durán, por sua vez, o religioso destaca repetidamente a força e coragem de Ixtlilxochitl II. Um ponto em comum entre o seu discurso e o de Cortez é a menção de que o texcocano era alguém muito temido.

Conseguimos destacar, ao menos, dois trechos nos quais vemos uma imagem de grande protagonista indígena ligada ao personagem. No primeiro, o dominicano destaca a aliança entre o texcocano e Cortez e a importância da atuação do aliado indígena após o espanhol se aposentar em Texcoco no final de dezembro de 1520.

Llegado que fué alli el Marques y aposentado y bien recibido y servido con mucha reverencia y respeto, especialmente de un hermano del rey Coanacochtzin, que á la sazón reinaba, hijo de Nezaualpilli que abía por nombre Yxtlilxochitl, el cual agradó y sirvió al Marques con tanta diligencia, que tomándole el Marques grandísimo amor y afición no le permitía apartar de sí y honrándole, [...], preciose mucho el Marques de honralle y de llevarle consigo á México, á quien dió una espada dorada que Don Hernando Cortes traya y una rodela, con la cual en la conquista de México el dicho Yxtlilxochitl hizo maravillas, tantas y tan señaladas, que al nombre de Ixtlilxochitl á su apellido huían los mexicanos y todos los de la ciudad, como el demonio al apellido de Jesucristo; donde después el Marques, viendo sus grandezas y proezas y lo mucho que le abía ayudado en la conquista de México, por muerte de Coacochtzin su hermano, le hizo Señor de Tezcuco y le hizo merced del Señorío y reinado; y supuesto el modo que los naturales en aquellos tiempos tenían, fué legítimo Señor y le venía de derecho. (Durán, 1880, p. 55-56)

Como dito acima, Durán afirma que Ixtlilxochitl II era tão temido que os mexicas, ao ouvirem o seu nome, fugiam como o diabo foge do nome de Jesus Cristo. Embora o autor não represente a atuação do texcocano como um cristão, podemos identificar que essa menção não se trata somente do suposto temor que Ixtlilxochitl II causava aos inimigos, mas também de uma alusão entre a sua aliança e o cristianismo. Ou seja, a figura de um nativo aliado estava diretamente ligada ao combate ao paganismo e a todos os seus aspectos negativos. Enquanto os tenochcas são interpretados como o diabo ou o inimigo, Ixtlilxochitl II é associado ao cristianismo e a Jesus Cristo.

No final do relato, o autor acrescenta que, após tantos feitos na guerra, Ixtlilxochitl II tornou-se o *tlatoani* de Texcoco através de uma mercê. Em outras palavras, o líder teria obtido este título por meio de seus méritos, relacionados ao fato de ter permanecido ao lado dos espanhóis e combatido os mexicas. Mesmo assim, Durán não deixa de mencionar que ele

tornou-se senhor por direito. Isto é, embora ele tenha tido o apoio dos espanhóis, isso não apaga o fato de que ele herdou esse cargo mediante um sistema anterior à conquista.

No segundo trecho, o dominicano traz um relato muito parecido com o presente no *Códice* e nas *Obras Históricas*, acerca do papel central do texcocano na tomada do *Templo Mayor* dos mexicas. Segundo o autor, as lutas de conquista estavam cada vez mais difíceis. Diante disso, Cortez pediu para que os tlaxcaltecas, texcocanos e chalcas tentassem entrar na cidade, mas eles não conseguiam, até que,

Ellos, con este favor, tomaron ánimo y corazón y tomando la delantera del ejército, y con ellos Ixtlixochitl Señor de Tezcuco con su espada dorada en la mano, entrando con tanta furia entre los mexicanos, ayudándoles los españoles con sus arcabuces y artillería y ballestas, que cegando muchas puentes y haciendo pasage ganaron el Cu grande de la ciudad y se aposentaron en él y en las casas que antes habían desamparado. (Durán, 1880, p. 61)

Percebe-se que, embora ele cite outros grupos indígenas, somente Ixtlixochitl II é nomeado, dando destaque à bravura do personagem.

Outro ponto que vale salientar é o fato de o dominicano ser repetitivo ao descrever a trajetória de Ixtlixochitl II. No primeiro trecho, o autor afirma que Cortez deu uma espada dourada ao texcocano, com a qual ele teria alcançado grandes façanhas. Esse objeto volta a ser destacado na segunda passagem. Embora não seja possível saber se Durán retirou esse relato de um códice, *lienzo* ou dos contos de anciões — e também não encontramos, até o momento, nenhum outro documento que mencione essa espada dourada —, muito provavelmente essa história seja de origem indígena; especificamente, texcocana.

Em primeiro lugar, já é de conhecimento dos especialistas na área que Durán se baseou nas histórias das três cidades da Tríplice Aliança e teve contato com diferentes fontes históricas de Texcoco, indo a cidades de Acolhuacan em busca de anciões. Dessa forma, ao compararmos as fontes, percebemos que a repetição do relato sobre Ixtlixochitl II tomar o *Templo Mayor* pode indicar uma narrativa compartilhada entre os texcocanos após a guerra hispano-indígena, como uma das estratégias para construir o personagem como o conquistador de México-Tenochtitlan. No entanto, embora autores como Fernando Ramírez apontem que a obra de Durán é, em muitos momentos, favorável aos indígenas, não devemos esquecer que a sua intenção ao fazer o livro era descobrir e compartilhar os costumes desses povos para a evangelização ter mais sucesso. Além disso, mesmo que o autor tenha utilizado muitas fontes indígenas, sua escrita ainda estava orientada pela Bíblia e pela tradição hispânica (Silva, 2014). Sendo assim, não categorizamos a representação de Ixtlixochitl II por

Durán como a de principal responsável pela tomada de México-Tenochtitlan, já que o dominicano enfatiza que o texcocano era um aliado, auxiliando os espanhóis, e não aquele que tomava as rédeas dos ataques contra os mexicas. Dessa forma, podemos destacar o personagem como um importante protagonista indígena, mas não o principal, como abordado no item anterior.

Assim como na *Historia de las Indias*, no *Códice Ramírez* vemos uma passagem que também enfatiza o medo que os mexicas tinham de Ixtlilxochitl II. Segundo o texto, quando Cortez voltou do encontro com Narváez, o capitão espanhol foi para Texcoco e Ixtlilxochitl II o ajudou a voltar para México-Tenochtitlan, que estava tomada pela revolta após o Massacre do *Templo Mayor*. Neste ínterim, o autor diz que “*sabiendo los mexicanos que era Ixtlilxuchitl el que los defendia desmayaron de manera que se fueron retirando adentro de la ciudad*” (1987, p. 144). Embora este texto não faça alusão entre o nome do texcocano e o de Jesus Cristo — como Durán —, temos novamente uma representação do líder indígena como um conquistador temido entre aqueles que antes eram seus aliados. Dessa forma, Ixtlilxochitl II não foi importante na conquista somente pelo número de soldados que recrutou, mas também pelo medo que impunha aos inimigos. Vale ressaltar que não há citações como essa que demonstrem o suposto medo dos mexicas ao ver os espanhóis, o que confere ainda mais ênfase ao texcocano.

Um dos momentos mais emblemáticos do *Códice*, no qual vemos Ixtlilxochitl II como conquistador indígena de México-Tenochtitlan, é quando, após a *Noche Triste*, Cortez e os tlaxcaltecas vão a Texcoco, enquanto o líder estava em Otumba recrutando mais soldados. Nesse ínterim, os tlaxcaltecas põem fogo no palácio de Nezahualpilli. Ao saber do ocorrido, Ixtlilxochitl II quis se vingar, mas Cortez não permitiu e tomou as rédeas da situação, matando alguns tlaxcaltecas e expulsando o restante. Segundo o texto, fica provado que não foram os inimigos históricos da Tríplice Aliança os conquistadores, e sim don Hernando Ixtlilxochitl II, com seus 200 mil homens:

y en sua ausencia algunos tlaxcaltecas, por algun odio antiguo, pusieron fuego á los palacios del Rey Netzahualpitzintli, [...], y visto por don Cárlos se lo dijo á Cortés y fueron á matar el fuego con algunos principales, y dicen que Cortés les dijo este dia por lengua de la moza Marina, que no tuviesen miedo pues tenian consigo á don Fernando su Rey, hijo de Netzahualpitzintli, que representaba su misma persona; y con esto se sosegaron, y viniendo don Fernando y sabiendo lo que pasaba, quiso castigar á los tlaxcaltecas, mas Cortés rogó por ellos, y con todo eso mató dos ó tres que habian sido caudillos, por la qual se amotinaron los demas y se volvieron á Tlaxcallan; por donde queda probado que no fueron ellos los que ganaron á México, sino don Fernando Ixtlilxuchitl con 200 mil vasallos suyos, ayudando á los españoles (1987, p. 147, grifo nosso)

Assim como já demonstramos no capítulo anterior, evidencia-se uma tensão entre as tradições texcocana e tlaxcalteca ao falar da conquista, ao menos em textos associados à primeira. Para que Ixtlilxochitl II se destaque como conquistador indígena, o *Códice* recorre à estratégia de construir uma nova narrativa: a de que os tlaxcaltecas, por consequência de seus próprios atos descompensados, não estavam presentes na conquista. Essa versão dá liberdade para o autor inserir um novo protagonista, Ixtlilxochitl II. Isso significa que a reconstrução histórica feita por esse discurso desconstrói não só a tradição espanhola, mas também a tlaxcalteca.

O Fragmento número 2 do *Códice* é tão enfático sobre Ixtlilxochitl II que, dentro desta reconstrução histórica, apresenta o personagem como figura central em todos os âmbitos. Notamos que, diferente das *Cartas*, das *Obras Históricas* e até de outras fontes pictográficas que relatam sobre o período, esta obra não descreve que Tecocoltzin foi *tlatoani* enquanto Ixtlilxochitl II era capitão. Isto é, transforma a relação de hierarquia entre os irmãos, retratando Tecocoltzin como subordinado a Ixtlilxochitl II. Um exemplo é quando o texto descreve que Ixtlilxochitl II deu ordens a Tecocoltzin durante a construção dos bergantins, invertendo a posição de ambos. Quando os bergantins estavam prontos, Ixtlilxochitl II:

hizo la zanja para la laguna, por donde los bergantines entrasen, que acabados y puestos en el agua no habia mas que ver. Repartió sus compañías y dejando á Tecocoltzin su hermano en la ciudad por guarda y para que les favoreciese de bastimentos, comenzaron su jornada los bergantines por la laguna con mucho números de canoas, de quien era capitan general don Cárlos; don Fernando y Cortés (1987, p. 147)

Nesse aspecto, podemos considerar que Ixtlilxochitl II é interpretado mais como o principal responsável pela tomada de México-Tenochtitlan, estando presente e ordenando todos os mínimos detalhes, no *Códice* do que nas *Obras Históricas*. Embora Fernando de Alva dedique centenas de páginas à importância texcocana na conquista, com ênfase em Ixtlilxochitl II, o autor não deixa de mencionar que Tecocoltzin foi *tlatoani* e seu trisavô, capitão. Temos dois exemplos disso. Na *Relación Decimatercera*, o autor afirma que, após a *Noche Triste*, Tecocoltzin tornou-se *tlatoani* e concedeu a Ixtlilxochitl II o título de general dos acolhuas (Ixtlilxochitl, 1891, p. 344). Neste trecho, ficam claras as posições de ambos. No entanto, na *Historia de la nación chichimeca*, embora Fernando de Alva mencione novamente o fato de Tecocoltzin ter sido *tlatoani* durante a conquista, ele expõe que Ixtlilxochitl II era considerado pelos texcocanos o verdadeiro chefe indígena:

*y Ixtlilxochitl se holgó y hizo que todos lo reconociesen y respetasen [Tecocoltzin], pues su hermano el rey [Coanacoch] había desamparado la ciudad, y á él no le estaba á cuento, conforme á su reputación y honra, gobernarla estando vivo su hermano, porque le tendrían por tirano; **mas con todo, el reino siempre á él le reconoció por cabeza principal.** (1892, p. 414-415, grifo nosso)*

Logo, mesmo que mencione Tecocoltzin como governante de Texcoco, Fernando de Alva não deixa de salientar que Ixtlilxochitl II tinha uma reputação mais consolidada e respeitada entre os súditos se comparado ao irmão. Outro ponto que chama a atenção é o autor insinuar que, de certa forma, a liderança de Tecocoltzin ocorreu porque Ixtlilxochitl II permitiu, pois este tinha muitos motivos para governar, mas preferiu não ser tirano.

Após esta afirmação, o texto aborda, análogo ao *Códice*, a construção dos bergantins e das valas em Texcoco. Embora não haja menção a Ixtlilxochitl II ordenando Tecocoltzin a ser um guarda da cidade, existe uma omissão sobre o segundo. Se ele era o *tlatoani*, por que Ixtlilxochitl II estava coordenando até a construção das embarcações? A todo momento, o discurso apresenta Ixtlilxochitl II como o aliado indígena mais importante dos espanhóis.

Estuvo Cortés pertrechándose en la ciudad de Tetzcucó de todo lo necesario para sitiar y sujetar la ciudad de Mexico; y hizo traer la tablazón y ligazón que había dejado en la ciudad de Tlaxcala para los bergantines, [...]: y para poderlos sentar en la laguna, por traza y orden de Cortés, mandó hacer Ixtlilxochitl una zanja profunda que tenía más de media legua de longitud, con la profundidad necesaria, que corría desde dentro de los jardines y palacios del rey Nezahualcoyotzin su abuelo, hasta dentro de la laguna; y para esta obra mandó, que en cincuenta días que duró, trabajasen un xiquipil, que son ocho mil hombres cada día (Ixtlilxochitl, 1892, p. 415-416)

Há também, em muitos momentos, intervenções do autor na narração para enfatizar que, sem a ajuda de seu trisavô, nada seria possível:

*y así claro parece en las historias que fué importantísima cosa la ayuda que tuvieron de Texcuco dichos Españoles, **que después de Dios, Ixtlilxuchitl y los demás sus hermanos y deudos suyos, Señores y caudillos que ellos eran, se plantó la ley evangélica y se ganó la ciudad de Mexico y otras partes con menos trabajo y costa que lo que podía costar, si no fuera por Texcuco, sus reinos y provincias, como está declarado.** (Ixtlilxochitl, 1891, p. 354, grifo nosso)*

Durante essa estadia em Texcoco, espanhóis, texcocanos, tlaxcaltecas e outros grupos visitaram diferentes *altepeme* ao redor do Lago de Texcoco, buscando fazer novas alianças e enfraquecer México-Tenochtitlan. Em uma dessas ações, Fernando de Alva narra que Ixtlilxochitl II era um dos chefes militares. Ainda que o autor não silencie a participação e a

importância dos tlaxcaltecas, nomeando até um de seus chefes, Ixtlilxochitl II permanece como um pilar para a conquista:

mientras duraba la obra [dos bergantins] quiso dar una vista Cortés á la ciudad de México por su comarca [...] salió con veinticinco de á caballo, tescientos cincuenta de á pie, seis tiros pequeños de campo y treinta y dos mil amigos de los tlaxcaltecas y tetzcucanos: iban por caudillos principales, Chichimecatlecuhtli de los tlaxcaltecas y Ixtlilxochitl de los aculhuas tetzcucanos (1892, p. 420, grifo nosso)

Diferente do subtópico anterior, este buscou explorar como Ixtlilxochitl II foi representado como um protagonista indígena. Entendemos que, ao ser interpretado dessa forma, ele não foi necessariamente descrito como a peça-chave na conquista, mas como um grande ou principal aliado nativo dos espanhóis. Essa diferenciação se faz importante, pois podemos compreender as nuances dos discursos sobre o texcocano. Mesmo em uma obra na qual ele é considerado, indiscutivelmente, o conquistador de Tenochtitlan, ainda assim ele também aparece como um grande aliado dos espanhóis, tomando iniciativas em conjunto. Além disso, esta categoria é uma das mais encontradas nas *Cartas* e na *Historia de las Indias*, já que, nestas obras, o personagem é um entre os muitos chefes indígenas aliados aos espanhóis; não o principal, e muito menos o grande conquistador, pois esse posto pertence a Hernán Cortez ou aos espanhóis no geral.

Sendo assim, compreendemos que, ao explorar o protagonismo de Ixtlilxochitl II nas fontes, podemos encontrar discursos distintos sobre o personagem, que revelam uma mudança essencial sobre as narrativas da conquista, expondo um indígena texcocano como o conquistador, ou salientam a contribuição dele no evento como um subordinado aos espanhóis.

4.2 A atuação nas guerras

Após analisarmos o protagonismo de Ixtlilxochitl II na conquista de forma mais geral, a partir de agora veremos como o texcocano atuou na guerra, no combate à idolatria e como um fiel escudeiro dos espanhóis.

Começando pelo primeiro aspecto, temos representações do guerreiro Ixtlilxochitl II nas quatro fontes. Como trabalhamos praticamente com apenas um trecho do *tlatoani* nas *Cartas*, veremos novamente o mesmo discurso citado no tópico anterior, mas por outra ótica. Vejamos:

*E á uno dellos que se llama Istrisuchil, que es de edad de veinte y tres ó veinte y cuatro años, muy esforzado, amado y temido de todos, envióle por capitán, y **llegó al real de la calzada con mas de treinta mil hombres de guerra, muy bien aderezados á su manera, y á los otros dos reales irían otros veinte mil.** E yo los recibí alegremente, agradeciéndoles su voluntad y obra.* (1866, p. 219-220, grifo nosso)

Quando Cortez afirma que Ixtlilxochitl II levou mais de 30 mil guerreiros para os acampamentos de guerra planejados para atacar México-Tenochtitlan, é importante termos em mente que o capitão espanhol evidencia a superioridade militar que o texcocano exercia em relação a ele. Embora não seja novidade para os pesquisadores da área que a quantidade de indígenas superava a dos espanhóis (Restall, 2004; 2019; Navarrete, 2019), ponderamos que, ao escrever isso, Cortez considerou Ixtlilxochitl II como um importante guerreiro da conquista. O que não faltava eram nomes de líderes indígenas para mencionar, e um desses foi o texcocano, além de pontuar o grandioso número de soldados acolhuas.

Por outro lado, mesmo que Cortez faça essa menção, Ixtlilxochitl II não aparece mais em seus relatos. Vale ressaltar que esse apagamento não deve ser considerado uma evidência de irrelevância sobre o personagem na conquista, mas uma escolha do autor, que preferiu dar mais protagonismo a si. De toda forma, é possível identificar a atuação do texcocano como um grande capitão.

Assim como Cortez, Durán faz poucas menções ao personagem, mas os trechos em sua obra dão muita ênfase ao aspecto guerreiro do *tlatoani*. Ainda que não haja detalhes sobre a quantidade de soldados que Ixtlilxochitl II reunia — ponto retratado nas outras fontes —, a todo momento o dominicano destaca a valentia que o texcocano tinha e o temor que ele causava aos inimigos.

preciose mucho el Marques de honralle y de llevarle consigo á México [Ixtlilxochitl II], á quien dió una espada dorada que Don Hernando Cortes traya y una rodela, con la cual en la conquista de México el dicho Yxtlilxochitl hizo maravillas, tantas y tan señaladas, que al nombre de Ixtlilxochitl á su apellido huían los mexicanos y todos los de la ciudad, como el demonio al apellido de Jesucristo (Durán, 1880, p. 56, grifo nosso)

Como dito anteriormente, todas as vezes que Durán escreve sobre Ixtlilxochitl II, ele menciona uma espada dada ao texcocano por Cortez. Segundo o autor, foi com essa espada que o acolhua conseguiu fazer tantas proezas. Contudo, seu discurso também denota que a bravura de Ixtlilxochitl II era o ponto principal, sendo a espada uma auxiliar para a sua coragem. Ao que parece, o texcocano era tão bravo que os mexicas fugiam só de ouvir o seu nome, demonstrando sua imponente como capitão do exército acolhua.

Essa altivez também é ressaltada no momento da tomada do *Templo Mayor*, quando o autor diz que “Ellos [grupos indígenas aliados], *con este favor, tomaron ánimo y corazón y tomando la delantera del ejército, y con ellos Ixtlilxochitl Señor de Tezcuco con su espada dorada en la mano, entrando con tanta fúria entre los mexicanos*” (Durán, 1880, p. 61, grifo nosso). De acordo com esse discurso, esta fúria foi o que propiciou ao texcocano vencer mais uma batalha.

No texto da *Historia de las Indias*, destaca-se a atuação de Ixtlilxochitl II como um guerreiro, mas não como alguém que organizava exércitos, invasões e ataques. A ênfase se restringe à sua atuação no plano individual e de combate, não indicando a sua habilidade intelectual, algo demarcado pelas outras fontes, nas quais o líder reúne pessoas, planeja e executa ações com as ordens ou não dos espanhóis.

Certamente, as fontes que mais detalham a quantidade de soldados texcocanos que lutavam junto a Ixtlilxochitl II são o *Códice* e as *Obras Históricas*. Embora o *Códice* seja curto, podemos analisar algumas passagens que ressaltam esse tema. De acordo com o texto, ao ajudar Cortez a retornar a México-Tenochtitlan após o Massacre do *Templo Mayor*, o texcocano coordenou mais de 50 mil soldados:

Caminando Cortés con su nueva y lucida compañía vuelta de México llegó á Tezcuco un día á ocasion que don Hernando acababa de llegar de las fronteras que tenia de la otra parte de México, donde ahora es Guadalupe, de socorrer á los cristianos para que picando por aquella parte á los de México aflojasen en el combate del fuerte (aunque los cristianos no lo podian saber respecto de estar tomados los puertos) y la causa de su venida á Tezcuco era para juntar mayor poder y entrar por la parte de Iztapalapan, y assí quando le vido [...] le dió razon de lo que pasaba. Quisiera partirse luego, pero don Hernando le detuvo hasta otro día y le dió mas de 50 mil hombres (Códice..., 1987, p. 144)

Os números do exército de Ixtlilxochitl II são sempre muito altos e impressionantes. Uma das maiores quantias descritas é quando o autor afirma que foi o texcocano quem conquistou México-Tenochtitlan com seus 200 mil homens (Códice..., 1987, p. 147). Não há menção se esse número de soldados tomou México-Tenochtitlan simultaneamente ou se essa quantia se refere ao total de texcocanos que lutaram ao lado dos espanhóis entre 1520 e 1521. Independentemente do que de fato aconteceu — pois não há como ter acesso a essas informações —, é importante observar como o autor engrandece tudo o que está relacionado ao personagem.

Ao prosseguir a narração sobre a volta de Cortez a México-Tenochtitlan, o *Códice* relata que, após os tenochcas descobrirem que Montezuma estava morto, os espanhóis só

puderam estar a salvo por conta de Ixtlilxochitl II: “*y si don Fernando no se hallara en México con su ejército, sin duda que murieran todos.*” (1987, p. 145). O discurso demonstra que a vida dos espanhóis dependeu, em muitos momentos, dos texcocanos — em especial de Ixtlilxochitl II, que comandava um exército incomparavelmente maior do que o dos hispânicos.

Em relação à abundância de soldados que Ixtlilxochitl II fornecia para a guerra, as *Obras Históricas* também mencionam sempre centenas ou milhares, como, por exemplo, quando o texcocano:

- Reuniu até 60 mil homens para ir por Xaltocan espiar o México-Tenochtitlan (Ixtlilxochitl, 1891, p. 346);
- Lutou com mais de 20 mil soldados em Chalco durante o cerco a México-Tenochtitlan (Ixtlilxochitl, 1891, p. 348);
- E saiu com mais de 24 mil texcocanos em outra visita às cidades nas margens do Lago de Texcoco (Ixtlilxochitl, 1892, p. 425).

Ao longo de centenas de páginas, o autor faz repetidas menções ao elevado número de soldados que acompanhavam Ixtlilxochitl II. No entanto, nossa intenção não é mencionar cada uma dessas passagens, mas demonstrar, a partir de algumas delas, que a representação do líder texcocano nessa obra salienta sua contribuição nas conquistas como um capitão reunidor de um grande exército, denotando seu poder como conquistador. Além disso, as *Obras Históricas* trazem outro elemento do personagem nas guerras de conquista, o de guerreiro indomável.

Fernando de Alva construiu o personagem de seu trisavô como um homem destemido e bravo desde o início da vida. Segundo o autor, aos três anos Ixtlilxochitl II matou sua ama de leite, pois a viu sendo adúltera. Aos sete, já havia reunido um exército e, aos 12, matado soldados do *tecpan* de seu pai que tentaram ceifar sua vida, pois havia uma profecia de que o príncipe seria causador da destruição de seu povo (Ixtlilxochitl, 1891, p. 332-333; 1892, p. 302-303). Na sua vida adulta, tudo foi confirmado e o príncipe continuou tendo o ímpeto guerreiro e corajoso. Segundo o autor, o capitão texcocano matou muitos inimigos com suas próprias mãos. Em Iztapalapan, por exemplo, “*se señaló mucho Ixtlilxuchitl, que iba por general de los Aculhuas, y mató con su propia persona á muchos capitanes*” (Ixtlilxochitl, 1891, p. 344). Por conta dessa valentia, Cuauhtémoc e Coanacoch mandaram prender o capitão acolhua, tarefa que ficou a cargo de um principal de Iztapalapan. Ao saber dessas ordens, Ixtlilxochitl II o desafiou a lutar e o queimou vivo:

Ixtlilxuchitl fué avisado cómo aquel valeroso capitán de Iztapalapan había dado la palabra á los Señores de llevarlo preso á México, de lo cual se sintió mucho, y lo envió á desafiar, y en los campos de Iztapalapan salieron á pelear los dos tan solos sin que ninguno de los soldados de los ejércitos se entremetiese, y dióse tan buena maña Ixtlilxuchitl que venció á su contrario, y lo ató de pies y manos, y después mandó traer mucho carrizo seco y se lo echó encima y lo quemó vivo, y dijo á los Mexicanos que dijeran á su Señor Cuauhtemoc y á su hermano Cohuanacochtzin, que así lo había de hacer primeiro antes que lo prendiesen como había hecho á su capitán. (Ixtlilxochitl, 1891, p. 345)

Depois, durante os assaltos a México-Tenochtitlan, “***Ixtlilxuchitl prendió en esta ocasión con sus propias manos casi cien hombres***, y mató á otros muchos, y entre ellos casi veinte capitanes” (Ixtlilxochitl, 1891, p. 374, grifo nosso).

Diferente da *Historia de las Indias* e do *Códice*, Fernando de Alva dá muito destaque a como Ixtlilxochitl II capturou e matou muitos capitães indígenas inimigos. Não há menções a algum tipo de temor que o texcocano causava, mas deixa claro que ele não tinha receio de ninguém e que conseguia vencer todos que estivessem em seu caminho.

Como demonstramos visualmente no Diagrama 3, a atuação de Ixtlilxochitl II nas guerras hispano-indígenas é representada em diferentes categorias. Nas *Cartas*, no *Códice* e nas *Obras Históricas*, percebemos que a figura de um capitão reunidor de um grande exército é presente, enquanto a de valente e temido se encontra em todas, com ênfase para a *Historia de las Indias*, o *Códice* e as *Obras Históricas*.

4.3 Um combatente da idolatria?

Durante o estudo das fontes, percebemos uma característica presente no *Códice* e nas *Obras Históricas* que não se encontra nas *Cartas* e na *Historia de las Indias*. Notamos que uma das grandes diferenças da representação do texcocano entre as fontes era a apresentação de Ixtlilxochitl II como um indígena que engajou a evangelização entre outros nativos, sejam eles aliados ou não. Acreditamos que essa particularidade não esteja presente nos textos de Cortez e de Durán porque o objetivo desses autores, diferente de Fernando de Alva e do escritor anônimo do Fragmento número 2 do *Códice*, não era debruçar-se sobre a atuação dos indígenas durante as guerras — embora encontremos nativos sendo conquistadores junto aos espanhóis na *Historia de las Indias*, como Ixtlilxochitl II. Cortez, embora tenha endereçado elogios a alguns nativos, via estes como súditos que ainda estavam aprendendo a ser cristãos.

Segundo Pereira, “Os conceitos de pecado e idolatria também eram usados nas crônicas nativas para destacar e diferenciar as atitudes dos antepassados.” (2018, p. 42). Logo,

identificamos que esse ponto peculiar nos textos de tradição texcocana denota que um dos recursos discursivos para enaltecer Ixtlilxochitl II é torná-lo um combatente da idolatria, estratégia retórica comum das elites indígenas e descendentes a partir da segunda metade do século XVI.

No Fragmento número 2 do *Códice*, além de Ixtlilxochitl II ser o personagem central e conquistador de México-Tenochtitlan, o texto mostra que, desde a primeira vez que ele encontrou os espanhóis, rapidamente decidiu se batizar, tornando-se um exemplo para outros nativos, inclusive seus irmãos. Como já dito no capítulo anterior, a chegada dos espanhóis, segundo o Fragmento, se inicia em Texcoco, tendo uma clara omissão do percurso anterior. Dessa forma, de acordo com a história, antes de chegar a México-Tenochtitlan, os espanhóis permaneceram em Texcoco e, nesse ínterim, ocorreram muitos batismos, começando por Ixtlilxochitl II:

[Cortez] *Declaróles el misterio de la creacion del hombre y su caida, el misterio de la trinidad y el de la encarnacion para reparar al hombre, y el de la pasion y resurreccion, y sacó un crucifixo y enarbolándole se hincaron los crhistianos de rodillas, á lo qual el Iztlilxuchitl y los demas hizieron lo proprio, y declarándoles luego el misterio del bautismo [...], y pidiéndoles la respuesta, **respondióle Iztlilxuchitl llorando y en nombre de sus hermanos que él habia entendido muy bien aquellos misterios y daba gracias á Dios que le hubiese alumbrado, que él queria ser cristiano y reconocer su emperador, y pidió luego el cristo y le adoró, y sus hermanos hizieron lo proprio con tanto contento de los cristianos que lloraban de placer, [...], y el Cortés y clérigo que allí habia le dijeron le instruirian mejor y le darian personas que los instruyesen, y él respondió que mucho norabuena aunque les suplicaba se le diesen luego, porque él desde luego condenaba la idolatría [...] y luego vestidos Ixtlilxuchitl y su hermano Cohuanacotzin con sus hábitos reales dió principio á la primicia de la ley evangélica, siendo él el primero y Cortés su padrino por lo qual le llamó Hernando*** (Códice..., 1987, p. 136-137, grifo nosso)

Em primeiro lugar, ao ler o trecho, o autor afirma que Ixtlilxochitl II não apenas aceitou, mas compreendeu a religião cristã de forma muito rápida, ansiando pelo batismo, pois “*pidió luego el cristo y le adoró*”. Para justificar esse desejo, o cronista relata que Ixtlilxochitl II condenava a idolatria. Ou seja, isso o diferenciaria de outros grupos indígenas. Embora o texto não deixe explícito, podemos inferir que um desses grupos era o mexica, pois, no final do Fragmento, o personagem discursa sobre a presença da idolatria em México-Tenochtitlan. Para simbolizar ainda mais a importância do personagem, o texto argumenta que ele foi o primeiro nativo a se tornar cristão e que isto deu início à lei evangélica.

Após o personagem e seus irmãos aceitarem a religião, Ixtlilxochitl II foi até a sua mãe para fazer com que ela se batizasse, ao que a mesma lhe respondeu “*que debia de haber*

perdido el juicio, pues tan presto se habia dejado vencer de unos pocos de bárbaros como eran los cristianos” (Códice..., 1987, p. 137). Recebendo esta negativa, o texcocano ficou furioso, replicando “*que si no fuera su madre la respuesta fuera quitarle la cabeza de los hombros*” (1987, p. 136). Mesmo dizendo isso, sua mãe dispensou o batismo. Insatisfeito, ele mandou pôr fogo nos aposentos dela, “*aunque otros dicen que porque la halló en un templo de ídolos*” (1987, p. 137). Após a queima dos quartos,

Finalmente ella salió diciendo que queria ser cristiana y llevándola para esto á Cortés con grande acompañamiento la bautizaron y fué su padrino el Cortés y la llamaron doña María por ser la primera cristiana. (1987, p. 137)

Desde o início da narrativa do Fragmento, Ixtlilxochitl II é representado como um combatente da idolatria, ameaçando até a própria mãe para que ela se tornasse cristã. Outro ponto interessante é o texto descrever que sua mãe foi a primeira mulher indígena a se converter. Ainda que não especifique se ela foi a primeira cristã em Texcoco ou no que hoje conhecemos como México, o texto busca convencer o leitor sobre a importância de Ixtlilxochitl II — principalmente dele — e de sua família na propagação da religião.

Depois do abrigo em Texcoco, Cortez seguiu para México-Tenochtitlan com Tecocoltzin e Coanacoch, enquanto Ixtlilxochitl II reuniu soldados nas fronteiras para ajudar os espanhóis. Nesse ínterim, o texcocano retornou à sua cidade e queimou os templos e os ídolos:

Ido Cortés á México, don Hernando Ixtlilxuchitl contentíssimo de haber recebido la ley de Dios y fervoroso en ella [...], dexando bastante guarda en Tezcuco salió á recorrer las fronteras y á apercibir sus amigos y vasallos para si se le ofreciese á Cortés alguna necesidad, y hecho esto muy á gusto suyo se volvió á la ciudad donde se ocupaba en el cumplimiento de nuestra santa fé católica, de manera que si hubiera sacerdotes se bautizaran todos, y derribó y quemó los templos y deshizo los ídolos y puso las cosas en tal punto que era cosa de espanto. (Códice..., 1987, p. 139, grifo nosso)

Não há menção no texto de que algum espanhol tenha feito esse pedido a Ixtlilxochitl II, demonstrando que, aparentemente, ele teve essa atitude por conta própria, devido ao seu “fervor” em relação à lei de Deus.

Outro momento que chama bastante a atenção é quando Cacama é morto pelos espanhóis e Ixtlilxochitl II se zanga com Cortez. No entanto, ao invés de se incomodar pelo espanhol ter matado seu irmão, sua maior ira foi por ele ser morto sem batismo:

y el don Fernando y todos hizieron grandísimo sentimiento, y en particular por parte de don Fernando, que se quejó de Cortés al capitan Zúñiga, no tanto por su muerte, quanto porque le habia muerto sin el baptismo; aunque pasó por ello respecto del amistad de su ley y de la que ya debia á su nuevo emperador. (Códice..., 1987, p. 143)

Novamente, a fé do personagem é descrita como algo tão importante que, diante da morte de seu irmão, o que mais lhe incomodou foi saber que ele não seria salvo. Embora bravo com Cortez, ele não se revoltou, pois respeitava a amizade e as leis do novo império. A imagem que o discurso traz de Ixtlilxochitl II é a de um vassalo muito fiel, que compreende a importância da guerra mesmo quando seus familiares são atingidos por ela.

Para finalizar a narrativa do Fragmento, retomamos a passagem acerca da tomada do *Templo Mayor* de México-Tenochtitlan. Como já havíamos dito anteriormente, esse momento sinaliza uma representação de protagonismo de Ixtlilxochitl II, mas não somente isso, pois identificamos que a dimensão de combatente da idolatria também está presente. Após subir no *Templo* e arrancar a cabeça de Huitzilopochtli, o personagem discursa aos mexicas dizendo: “*Veis aquí á vuestro falso dios y lo poco que vale; daos por confundidos y vencidos, y recibí el baptismo y la ley de Dios que es la verdadera.*” (Códice..., 1987, p. 149). Em outras palavras, além de conquistador, Ixtlilxochitl II também foi propagador do cristianismo.

A representação do personagem como um exemplo de conversão também é exposta nas *Obras Históricas* em diversas passagens. Embora classifiquemos a estratégia discursiva do autor em representar Ixtlilxochitl II como o combatente da idolatria e um exemplo de conversão, Battcock e Galicia nomearam o mesmo recurso de “*la exaltación del apóstol*”, ao construir uma história teleológica conectando as ações do texcocano à propagação do cristianismo (Battcock; Galicia, 2022, p. 175-177). Na *Relación Decimatercera*, por exemplo, o autor argumenta que, se não fosse pelo ímpeto de seus antepassados — com ênfase para Ixtlilxochitl II —, a lei evangélica não teria se propagado tão facilmente (Ixtlilxochitl, 1891, p. 354). De forma muito semelhante ao Fragmento do *Códice*, Fernando de Alva descreve que Ixtlilxochitl II foi batizado com seus irmãos e ameaçou sua mãe por ter se recusado ao batismo. Entretanto, diferente da fonte anterior, segundo o cronista, isso ocorreu somente em 1524, quando Texcoco recebeu os 12 franciscanos, episódio aparentemente inventado pelo autor, como vimos no Capítulo 2 (p. 90).

y así, cuando oyeron esta primera misa bien sabían lo que era, de lo cual Ixtlilxuchitl se derretía en lágrimas que ponía devoción y espanto á los religiosos y Españoles que presentes estaban. El P. Fr. Martín de Valencia sabiendo por el P. Gante que Ixtlilxcuchitl y los demás Señores sus deudos y vasallos sabían la

doctrina, y pedían el bautismo, dió principio con eso á bautizar á los de la ciudad de Texcuco, que fué la primera parte donde se plantó la ley evangélica. El primero que se bautizó fué Ixtlilxuchitl, y se llamó D. Fernando por el Rey católico;

[...]

La Reina Tlacoahuatzin su madre, como era Mexicana y algo endurecida en su idolatría, no se quería bautizar, y se había ido á un templo de la ciudad con algunos Señores. Ixtlilxuchitl fué allá y le rogó que se bautizase: ella le riñó y trató muy mal de palabras, diciéndole que no se quería bautizar, y que era un loco, pues tan presto negaba á sus dioses y la ley de sus pasados. Ixtlilxuchitl, viendo la determinación de su madre, se enojó mucho y la amenazó que la quemaría viva si no se quería bautizar, diciéndole muchas razones buenas, hasta que la convenció y trajo á la iglesia con los demás Señores para que se bautizasen, y quemó el templo en donde ella estaba, y echóle por el suelo. Esta Reina, que fué la primera que se bautizó, se llamó Doña María. Fué su padrino Cortés. (Ixtlilxochitl, 1891, p. 399-400, grifo nosso)

Segundo Battcock e López, este trecho demonstra uma exaltação narrativa das emoções do personagem, que chega a um clímax narrativo com a ameaça contra a própria mãe, demarcando a fidelidade à religião e aos espanhóis (Battcock; López, 2022, p. 61).

Assim como o trecho no qual Ixtlilxochitl II toma o *Templo Mayor*, este também segue não somente o mesmo discurso, mas também quase as mesmas palavras do Fragmento número 2 do *Códice*. Isso nos leva a pensar que, se o Fragmento não for o rascunho da *Relación Decimatercera*, como supõem Centeno e Zavala (2024), ao menos serviu de base para a escrita da obra. Aqui também é descrito que foi a partir do batismo dos filhos e parentes de Nezahualpilli que a lei evangélica se iniciou na Nova Espanha, sendo a mãe de Ixtlilxochitl II a primeira indígena batizada. Em relação a ela, o texto indica que era uma mexicana e, por conta disso, não queria se batizar, pois era idólatra. A argumentação traz um contraste entre os texcocanos e os mexicas: enquanto os primeiros são favoráveis ao cristianismo, os últimos são idólatras que se recusavam ao evangelho. O discurso sublinha uma tensão entre a identidade texcocana e mexica, pois, ao explicar como são os texcocanos, o autor diferencia-os dos mexicas, deixando subentendido que os primeiros eram cristãos e sempre foram contra a idolatria, enquanto os outros não. Essa retórica da alteridade aproxima os texcocanos — principalmente Ixtlilxochitl II — dos espanhóis e os afasta dos tenochcas. Além disso, esse argumento também serve como justificativa para a conquista, já que os mexicas negavam o cristianismo. Baendereck, por exemplo, aponta que, por meio da inversão e descrição, Fernando de Alva defende uma maior dignidade texcocana em relação à mexica (2010, p. 114-118).

É importante destacar que, nas *Obras Históricas*, os trechos que exemplificam Ixtlilxochitl II como um indígena a serviço do cristianismo estão inseridos em anos imediatamente posteriores à guerra hispano-indígena que tinha como objetivo a tomada de

México-Tenochtitlan. Ou seja, ultrapassam o marco temporal de 1519-1521, assim como o trecho do batismo de Ixtlilxochitl II e sua família. No entanto, acreditamos que, independentemente do recorte temporal, essa representação se faz necessária para compreender a construção do personagem na lógica da conquista, principalmente tendo em mente que, quem narra sobre ele é o seu trineto, que buscava mercês e o reconhecimento da sua linhagem nobre. Para isso, defender a imagem de Ixtlilxochitl II como exemplo de um indígena converso é mostrar que ele era um bom vassalo, aumentando as chances da aprovação real acerca de seus pedidos. Dessa forma, as passagens que se seguirão fazem parte de representações sobre os anos posteriores à tomada de México-Tenochtitlan, momento de reconstrução da cidade e formação da Nova Espanha.

No final de 1524, depois de Cortez e aliados irem ao encontro de Cristobal de Olid em Hibueras, Fernando de Alva relata que os espanhóis começaram a maltratar os indígenas e a se revoltar contra os católicos, que tentavam proteger os nativos. Sabendo disso, Ixtlilxochitl II mandou que qualquer religioso que se sentisse perturbado pelos conquistadores e colonizadores fosse para Texcoco.

é Ixtlilxuchitl envió á decir á Izquiquani su gobernador; que si los religiosos recibían pesadumbre por los Españoles, que se fuesen á la ciudad de Texcuco, y que allí les diese todo lo que habían menester; sin que se entremetiesen con ellos los Españoles, y que pusiese mucha gente de guardia de noche y de día para la seguridad de sus personas; lo cual oído Alonso Izquiquani, hizo lo que su Señor le mandó con toda puntualidad; y los religiosos, que no pudieron sufrir ni tolerar las maldades de los Españoles, se fueron á Texcuco, en donde con los que estaban primero, estuvieron con ellos servidos y bien tratados de los naturales [...]; y estuvieron en Texcuco hasta que vino Cortés é Ixtlilxuchitl. (Ixtlilxochitl, 1891, p. 404-405)

Esta passagem é interessante ao mostrar que, segundo o autor, embora Ixtlilxochitl II também fosse um conquistador, ele não compactuava com todos os feitos dos espanhóis. Inclusive, defendeu e protegeu os missionários católicos, resguardando assim, ao mesmo tempo, o evangelho na Nova Espanha. A atitude do texcocano exemplifica a sua diplomacia, ao intervir no problema sem atacar os espanhóis. Isto é, em nenhum momento ele traiu a Coroa e nem o cristianismo.

Se no Fragmento número 2 do *Códice Ixtlilxochitl* II se incomoda com Cortez pela morte de Cacama, na *Relación Decimatercera* o mesmo ocorre pela morte de Coanacoch. Durante a expedição para Hibueras, o autor relata que, em 1525, Cortez tentou matar Coanacoch enforcado, ao ser informado de que ele e outros *tlatoque* tentariam matar os espanhóis. No entanto, durante o ato, Ixtlilxochitl II interveio e estava preparado para atacar

Cortez. Porém, ele não atacou ao se lembrar das coisas boas e da fé que recebeu. Logo após, ele conseguiu resgatar o irmão e fez as pazes com Cortez, mas Coanacoch faleceu dias depois em decorrência do enforcamento:

El día siguiente, [...], año de 1525, [...], fué llamando á los Reyes y Señores por su orden, sin que uno supiese del otro, ni nadie, [...] y los fué ahorcando de uno en uno; [...] mas Ixtlilxuchitl, que á esta ocasión fué avisado que los Reyes estaban ahorcados, y que á su hermano lo estaban ahorcando, salió de presto del aposento y empezó á dar voces y apellidar su ejército contra Cortés y los suyos; lo cual visto Cortés en el aprieto en que estaba él y los suyos, y no hallando otro remedio, llegó de presto y cortó el cordel con que estaba colgado Cohuanacochtzin, que ya estaba boqueando, y empezó á rogar á Ixtlilxuchitl que lo oyese, que le quería dar la razón por qué había hecho aquello, y que si no le pareciese que fué muy justo, que entonces hiciese lo que quisiese; é Ixtlilxuchitl mandó al ejército que se estuviese quedo, que ya todos estaban aparejados para hacer pedazos á los Españoles si pudiesen. Oyó atentamente Ixtlilxuchitl á Cortés, el cual le mostró la pintura que pintó Coxtemexi, y le dijo: que Cuauhtemoc y Cohuanacochtzin los demás Señores los querían matar á él y demás Españoles, [...], y que el que más culpa tenía era su hermano Cohuanacochtzin, y que de industria no lo había querido ahorcar antes, por si se recordaba (ó despertaba), para que él propio sentenciase; y como vió que dormía tanto, por no darle pesadumbre, y porque no se alborotase la gente, que era ya tarde, lo había mandado ahorcar el último, [...], las cuales oídas por Ixtlilxuchitl, aunque con harta pena, se apaciguó, acordándose de muchas cosas y la fe que tenía recibida; y que haciendo él otra cosa se perdería todo, y la ley evangélica no pasaría adelante, y sería causa de muchas guerras, echándolo todo á buena parte, y disimulando cuanto pudo esta traición; y así que ya era de día, y hechas las paces entre Cortés é Ixtlilxuchitl, tomaron la vuelta para Iztancamac, y mandó Ixtlilxuchitl llevar á su hermano en unas andas, que iba enfermo de la garganta del cordel con que le habían querido ahorcar, el cual de allí á pocos días murió de unas cámaras de sangre que le sobrevinieron de pesadumbre y tristeza. (Ixtlilxochitl, 1891, p. 416-417, grifo nosso)

Fernando de Alva deixa claro que, por mais que Ixtlilxochitl II tenha entendido o ato como uma traição por parte de Cortez, ele preferiu não matar os espanhóis, pois geraria uma guerra que impediria o avanço do cristianismo. Ou seja, o texcocano fez mais um sacrifício em nome da lei de Deus, o que significa que seus descendentes mereciam toda a glória possível. Para reiterar o caráter fiel do líder, o autor mostra na *Historia de la nación chichimeca* que o ímpeto cristão de Ixtlilxochitl II já era algo predestinado — aspecto percebido também por Bruno Baendereck (2010, p. 104) —, ao nascer no mesmo ano do rei Carlos V, sendo os dois exemplos da força do catolicismo:

Cierto que son muy de notar y considerar las maravillosas obras de Dios nuestro señor; y el muy gran orden y misterio que en sí tiene, y para qué fin las hace y dispone: entre las cuales son muy de notar los nacimientos tan extraños de algunos príncipes como fué el de este infante Ixtlilxochitl, que fué casi á los dos meses primeros del año de mil y quinientos, al tiempo y cuando en la ciudad de Gante nació el felicísimo y poderosísimo emperador D. Carlos (de gloriosa memoria) nuestro Señor; pues ambos fueron instrumento principal para ampliar y dilatar la santa fe católica. (Ixtlilxochitl, 1892, p. 301)

Todas as atitudes do texcocano já provavam sua fidelidade às Sagradas Escrituras e à Coroa, mas, para enfatizar a importância de sua ajuda aos espanhóis, o escritor o coloca praticamente no mesmo patamar do rei, pelo menos em termos de expansão do catolicismo na Nova Espanha. Isto é, tendo um trisavô conquistador e propagador do evangelho, não haveria motivações para o vice-reino ou mesmo a Coroa recusar mercês a Fernando de Alva e sua família. Esse aspecto já havia sido notado por Loaeza, no qual argumenta que o cronista afirmou que Quetzalcoatl profetizou sobre o início do cristianismo no Vale do México, profecia que posteriormente foi reafirmada por Nezahualcoyotl e concretizada com Ixtlilxochitl II. Segundo o literato, *“It could not have been otherwise because it was ordained not by divine providence but by the genealogical scaffolding of Alva Ixtlilxochitl’s historiography, which connects the past to the present one king at a time.”* (Loaeza, 2014, p. 226). Dessa forma, o autor destaca outra estratégia discursiva do cronista: justificar o presente por meio da sua genealogia. Acima da profecia ou de uma predestinação, estava o poder de sua linhagem, capaz de prever e concretizar a propagação do cristianismo, diferente dos idólatras mexicas.

Ao focarmos no aspecto religioso desempenhado por Ixtlilxochitl II, percebemos que a imagem dele como um exemplo de indígena converso e combatente da idolatria está presente no Fragmento número 2 do *Código* e nas *Obras Históricas*, textos com muita influência da tradição histórica acolhua. A partir dessas representações em torno do catolicismo, identificamos que a defesa do personagem como alguém que lutou a favor do progresso do cristianismo é uma das estratégias discursivas que constrói Ixtlilxochitl II como personagem principal nas guerras hispano-indígenas, trazendo um elemento diferente, ao apontar que sua atuação não se deu somente no âmbito dos combates militares, mas também da conquista religiosa. A leitura das obras busca convencer os leitores de que um líder indígena tão respeitado e temido como Ixtlilxochitl II, ao se converter, já faria com que muitos vassalos seguissem os seus passos, mas ele foi além, ao derrubar templos e ídolos, persuadir familiares e até mesmo ignorar fissuras na sua relação com Cortez em favor da religião. No fim, de acordo com os textos, a sua resiliência e coragem possibilitaram não somente a tomada de México-Tenochtitlan, mas também as milhares de almas salvas para o reino dos céus.

4.4 A fidelidade aos espanhóis

Ao longo dos três tópicos acima percebemos a inegável importância do texcocano neste processo histórico. Até a sua morte, Ixtlilxochitl II permaneceu aliado aos espanhóis, falecendo justamente após ser preso por iniciar perseguições a lideranças indígenas em Acolhuacan com o apoio de Cortez (Vilella, 2016, p. 707-710). Para finalizar as análises sobre a sua atuação, nos aprofundaremos na forma como a fidelidade de Ixtlilxochitl II aos espanhóis foi retratada nas fontes.

Em primeiro lugar, cabe notar que, assim como em outros aspectos, as *Cartas* diferem das outras fontes analisadas. Embora Cortez cite a importância do texcocano e a reunião de milhares de soldados acolhuas feita por ele, a maior menção ao capitão indígena está presente somente em um trecho da terceira carta (Cortez, 1866, p. 220), que não é capaz de nos fornecer mais detalhes do relacionamento entre ele e os espanhóis. Neste trecho, o líder espanhol cita o personagem como um dentre os muitos aliados nativos, não cabendo a ele um papel de protagonismo ou mesmo como um dos principais companheiros dos hispânicos. Como já afirmamos, a imagem de Ixtlilxochitl II para Cortez é usada para mostrar, principalmente, a capacidade do espanhol em reunir muitos nativos contra os tenochcas em favor da Coroa Hispânica. Já que a intenção principal das *Cartas* não era discutir a ação dos indígenas — embora elas sejam citadas —, essas lideranças são diluídas em meio ao protagonismo e a aparente engenhosidade de Cortez.

Diferente de Cortez, Durán indica que o personagem foi um dos maiores aliados dos espanhóis, enquanto Fernando de Alva e o autor anônimo do Fragmento número 2 do *Códice* apontam o texcocano como o maior aliado e, além disso, protetor da vida dos espanhóis. No Tomo I da *Historia de las Indias*, Durán descreve que, devido à fidelidade e grandes façanhas de Ixtlilxochitl II durante a guerra, ele se tornou *tlatoani* de Texcoco. Segundo o autor:

y luego venido el marqués, sucedió en el reynado el quarto hijo que se llamaba Ixtlilxuchitl, puesto que el Marqués del Valle, de buena memoria, por las grandes açañas que, con una espada que el marques le dio, hizo en la tomada de México (Durán, 1867, p. 498).

O dominicano sublinha que o texcocano só alçou a sucessão do trono por conta da interferência política de Cortez, em razão da sua aliança com o espanhol. Independentemente desta subordinação implícita que o autor demonstra sobre Ixtlilxochitl II, em todos os momentos nos quais ele é citado fica evidente a sua fidelidade aos hispânicos por fornecê-los abrigo e lutar com coragem. Em reconhecimento a isso, Cortez o presenteia com uma espada

— sempre mencionada pelo autor — e um escudo, além de o capitão espanhol sentir “*grandísimo amor y afición*” pelo líder texcocano (Durán, 1880, p. 55-56).

Essa fidelidade fica ainda mais evidente no Fragmento número 2 do *Códice* e nas *Obras Históricas*, justamente por Ixtlilxochitl II ser o personagem principal de ambas narrativas. De acordo com o *Códice*, Ixtlilxochitl II não somente ameaçou sua mãe de morte caso ela não se batizasse, como também entregou Coanacoch e Tecocoltzin, seus irmãos, como reféns a Cortez quando o capitão espanhol seguiu caminho para México-Tenochtitlan. Segundo o texto,

Habido su consejo Cortés con don Hernando sobre su partido á México [...], y así acompañado de don Pedro su hermano y don Hernando Tecocoltzin gran amigo de Cortés y entrambos á dos por rehenes de reconocimiento que de vasallaje habia el don Hernando hecho al emperador (como dieron el día de su baptismo), fueron aquel día todos á Iztapalapan (Códice..., 1987, p. 138)⁷²

A vassalagem e fidelidade de Ixtlilxochitl II também ficam evidentes durante a morte de Cacama, quando ele decide não se revoltar contra Cortez, mesmo não concordando com o assassinato do irmão sem o batismo (Códice..., 1987, p. 143). Sua atitude não foi somente pela preocupação com a religião cristã, mas também pelo respeito ao rei e ao pacto que havia feito com os espanhóis, mesmo que isso envolvesse aceitar a morte ou a falta de liberdade de seus familiares.

Por várias vezes a aliança do texcocano é posta à prova quando ocorre algum evento envolvendo seus parentes. Outro momento no qual podemos analisar isso é quando ele impede Coanacoch de persuadir os texcocanos contra os espanhóis após a *Noche Triste*:

porque su hermano don Pedro [Coanacoch], en ausencia suya vino desde México á Tezcuco y procuró persuadir á los Tezcucanos fuesen á ayudar á su tío Cuiclahualzin contra los cristianos, y hizo tanto que si el don Fernando no viniera con tiempo; juntara á su devocion más de 200 mil hombres; pero como luego que lo supo vino luego y tenia tan buena persuasiva, persuadióles lo contrario y así le dejaron solo (Códice..., 1987, p. 146)

Embora o texto não indique enfrentamento físico entre os irmãos, Ixtlilxochitl II escolheu um lado, e esse não foi o de seus familiares aliados aos tenochcas, algo que também é descrito por Fernando de Alva.

⁷² Ao que parece, a prática de oferecer parentes como reféns era comum. Segundo as *Obras Históricas*, Cacama, Ixtlilxochitl II e Coanacoch deram a Cortez vários irmãos e irmãs como reféns após Cacama e Montezuma serem presos (Ixtlilxochitl, 1892, p. 388).

Além dos sacrifícios em relação à sua família, Ixtlilxochitl II também é representado como um protetor dos espanhóis, salvando-os antes e durante a *Noche Triste* (Códice..., 1987, p. 144-145), em especial de Cortez, embora, segundo o autor, isso não tenha sido reconhecido pelos hispânicos:

Viéndose Cortés con el agua á la garganta, como dizen, afligido y que no tenia otro socorro debajo del cielo que el de don Fernando, el qual era tan grande que quando él estaba en el mayor fuego de la guerra cortado le socorría con picar á los mexicanos por la parte de san Anton, de manera que los hazia que acudiesen allí y dejasen de cargar á los del fuerte (aunque esto callan los españoles no sé por qué) [...] Y entendido por don Fernando lo sucedido despues de haber tenido una gran batalla con Cuytlahuatzin su tio, que ya era Rey despues de la muerte de Motecuzuma, dió aviso á sus fronteras para que le diese á Cortés toda el ayuda necesaria que quisiese, y aunque les venian algunos mexicanos dando alcance, los de don Fernando se les oponian y detenian. (Códice..., 1987, p. 145, grifo nosso)

Neste trecho, muito semelhante às *Obras Históricas*, o escritor, além de descrever como Ixtlilxochitl II se arriscou e salvou a vida de Cortez, faz uma intervenção no discurso manifestando indignação pelo silêncio acerca da contribuição histórica do texcocano. Essa manifestação no discurso valida nossa hipótese acerca da afiliação do escritor com a tradição histórica texcocana, ao haver claramente uma defesa e reivindicação pelo reconhecimento da história de Texcoco e de seu conquistador, don Fernando Ixtlilxochitl.

Como destacamos anteriormente, nas *Obras Históricas* o personagem também é posto como o maior aliado de Cortez e protetor da vida dos espanhóis, escolhendo, na maioria das vezes, os hispânicos em vez de seus familiares, assim como no *Códice*. Ao mencionar estes aspectos, evidenciamos um recurso discursivo presente em ambos os textos: a fidelidade do texcocano ultrapassava os laços sanguíneos ao nunca abandonar os espanhóis por ser leal à Coroa. O escritor relata, por exemplo, que o texcocano lutou contra seu irmão, Coanacoch, a favor dos espanhóis:

y enviaron [Coanacoch e Cuauhtémoc] á reprender mucho á Ixtlilxuchitl de estas y otras cosas, porque favorecía á los hijos del sol y era contra su propia patria y deudos, el cual les respondía siempre que más quería ser amigo de los cristianos que le traían la luz verdadera, y su pretensión era muy buena para la salud del alma, que no ser de la parte de su patria y deudos, pues no le querían obedecer, y que no tan solamente les favorecería y ayudaría en todo, sino que también perdería la vida por ellos, con otras muchas razones (Ixtlilxochitl, 1891, p. 353-354, grifo nosso)

Em trechos seguintes, o autor continua reforçando o quanto Ixtlilxochitl II lutou contra seus parentes porque preferia a amizade dos cristãos:

Demás, de que muchos de ellos tenían dentro de la ciudad de Mexico muchos deudos y parientes, y aun había algunos de ellos que tenían sus padres, tíos ó hermanos con quien peleaban; especialmente Ixtlilxuchitl, sus hermanos y los demás Señores, que peleaban con sus propios hermanos, tíos y deudos; y aun muchas veces aconteció estar Ixtlilxuchitl peleando con alguno de sus parientes, y desde las azoteas deshonrarle sus tíos llamándole de traidor contra su patria y deudos [...]; mas Ixtlilxuchitl callaba y peleaba, que más estimaba la amistad y salud de los cristianos que todo esto (Ixtlilxochitl, 1891, p. 363, grifo nosso)

Ainda na *Relación Decimatercera*, Fernando de Alva narra que a lealdade do líder era tão inquestionável que ele mesmo prendeu Coanacoch e o entregou a Cortez (Ixtlilxochitl, 1891, p. 372). No entanto, a prisão mais emblemática foi a de Cacama, retratada na *Historia de la nación chichimeca*. Segundo a obra, após Cacama ficar revoltado com a prisão de Montezuma, Ixtlilxochitl II e Coanacoch enganam o irmão e o levam até os espanhóis. De acordo com o autor, ninguém conseguiria prendê-lo a não ser Ixtlilxochitl II, pois Cacama era um rei muito poderoso.

Cacama (que estaba muy seguro de lo que después le sucedió), se puso en manos de Ixtlilxochitl y Cohuanacochtzin sus hermanos; y habiéndose embarcado en la canoa fué preso llevado á México y entregado á Cortés, con cuya hazaña se atajaron muy grandes inconvenientes y estorbos á los designios de Cortés y prosecución de la entrada de nuestra santa fe católica; porque el rey Cacama era esforzado, atrevido y de muy gran valor; y Cortés y su tío Motecuhzoma no fueran bastantes para atajarle sus pasos y designios, si no fuera por la amistad que Ixtlilxochitl siempre tuvo á Cortés y á los españoles. (Ixtlilxochitl, 1892, p. 385, grifo nosso)

Percebe-se que, além de enfatizar a parceria do texcocano com os espanhóis ao emboscar o próprio irmão, o autor destaca a atuação na figura de Ixtlilxochitl II, mesmo Coanacoch também sendo responsável pela captura. Quanto mais Fernando de Alva sublinhava os sacrifícios de seu trisavô, mais motivações a administração colonial tinha para honrar sua família.

Segundo a *Historia de la nación chichimeca*, quando Ixtlilxochitl II descobriu que Coanacoch não queria receber os espanhóis após a *Noche Triste* e ainda havia matado dois mensageiros texcocanos que Cortez enviou, ele

se vino á la ciudad de Tetzcuco, sólo á fin de oponerse y favorecer á Cortés [...] y en la parte referida, Tlepehuacan, le salió á recibir Ixtlilxochitl, dándole en señal de paz y confirmación de la amistad antigua, un pendón de oro, dándole la bienvenida, y rogándole se fuese á la ciudad de Tetzcuco, que allí sería servido y regalado; que le pesaba mucho de sus trabajos, de los bandos y rebeliones que habían causado sus tíos y deudos los señores mexicanos y los que seguían su bando, y que por esta causa hallaba que el rey su hermano y los de su corte tuvieron alguna culpa, pero

que los perdonase, que en su nombre venía á disculparlos y ofrecérsele en su servicio. (Ixtlilxochitl, 1892, p. 413)

Conforme o autor, “*Ixtlilxochitl procuraba siempre traer á la devoción y amistad de los cristianos, no tan solamente á los del reino de Tetzcuco, sino aun á los de las provincias remotas, enviándoles á decir que todos se procurasen dar de paz al capitán Cortés*” (Ixtlilxochitl, 1892, p. 423). A partir das diversas descrições de ajudas constantes por parte de Ixtlilxochitl II, ele é referenciado como “*más leal amigo*” e “*íntimo amigo*” de Cortez (Ixtlilxochitl, 1891, p. 362; 1892, p. 394). No entanto, mesmo sendo tão fiel e devoto aos espanhóis e ao cristianismo, aparentemente o texcocano foi traído por Cortez, que provavelmente não enviou a sua carta ao rei oferecendo-se como vassalo.

*y Cortés á esta ocasión [após a conquista] despachó á España al Emperador, gran cantidad de oro, plumas, mantas y otras joyas y un tiro de plata; y lo mismo hizo Ixtlilxuchitl y los demás Señores, rogando á Cortés escribiese en nombre de ellos, ofreciéndole sus servicios, reinos y vasallos para lo que les quisiese mandar. Cortés dijo que así lo haría, y que Su Majestad estaba de todo ello muy enterado y agradecido del bien que de ellos en su nombre había recibido; [...] Si Cortés escribió en nombre de ellos, (especialmente de **Ixtlilxuchitl, mediante quien después de Dios se plantó la ley evangélica, como se ha visto y es notorio**) ó no, él lo supo; mas Ixtlilxuchitl no recibió ninguna respuesta; y si Su Majestad le envió algunos recados, no fueron por vía de Cortés, sino por los religiosos de San Francisco, y á tiempo que era ya muerto* (Ixtlilxochitl, 1891, p. 401, grifo nosso)

Já ao fim do livro, após narrar todos os desafios e riscos corridos pelo seu trisavô, Fernando de Alva afirma que, depois de Deus, foi por conta de Ixtlilxochitl II que a lei evangélica adentrou na Nova Espanha. A comparação, que anteriormente foi feita ao rei Carlos V (Ixtlilxochitl, 1892, p. 301), agora passa a ser ao Criador, concedendo, ao mesmo tempo, um poder e uma predestinação ainda mais inabalável ao texcocano.

Diante dos trechos, é possível identificar que, em todas as fontes, a fidelidade de Ixtlilxochitl II aos espanhóis é explicitada positivamente, embora a dimensão desta aliança seja mais enfatizada em alguns textos do que em outros. A partir dessas nuances, concluímos que, embora o texcocano seja representado como um indivíduo importante para a conquista, o discurso sobre ele presente nas *Cartas* o denota como um dentre muitos outros aliados de Cortez, enquanto na *Historia de las Indias* ele é um dos indígenas mais importantes que esteve ao lado dos espanhóis. Essa fidelidade é ainda mais notável no *Códice* e nas *Obras Históricas*, pois, além de ser considerado o protagonista das guerras, ele luta contra a sua própria família a favor dos hispânicos, salvando-os muitas vezes da morte e tornando-se amigo íntimo e leal de Cortez. Dessa forma, sendo os discursos produtos da relação entre

sujeito e história, acreditamos que essa diferença no tom de engajamento representacional da fidelidade de Ixtlilxochitl II se deve às afiliações a tradições históricas distintas. Por exemplo, em textos como os de Cortez e Durán, o engajamento na fidelidade de Ixtlilxochitl II é menor — embora maior no segundo do que no primeiro —, nos indicando que a tradição histórica texcocana, favorável ao personagem, não prevaleceu nessas histórias, mesmo que seja evidente a incorporação de relatos texcocanos na obra do dominicano. Por outro lado, no *Códice* e nas *Obras Históricas*, o cenário muda completamente, tornando Ixtlilxochitl II o principal articulador da conquista ao lado dos espanhóis, sendo claramente duas histórias de cunho texcocano, com evidências já comprovadas em relação à segunda, enquanto da primeira especula-se que seja um rascunho da mesma (Centeno; Zavala, 2024).

Em síntese, assim como as demais categorias representacionais discutidas anteriormente, deter-se ao caráter fiel de Ixtlilxochitl II aos hispânicos foi importante para percebermos que, ao representá-lo como um dos ou o mais importante aliado do exército estrangeiro, a *Historia de las Indias*, o *Códice* e as *Obras Históricas* articulam uma estratégia discursiva para recriar a história da conquista, inserindo nesse debate outro protagonista. A partir das fontes históricas de tradição texcocana, esses textos abrem espaço para que a versão desse *altepetl* não seja esquecida e, acima disso, tratando-se da última obra, para que, a partir da história de Texcoco, os descendentes de Ixtlilxochitl II sejam recompensados pela monarquia espanhola em um período no qual a nobreza indígena perdia cada vez mais espaço de poder na sociedade colonial.

4.5 Conclusões: os protagonismos de Ixtlilxochitl II

Neste último capítulo, analisamos, a partir de quatro categorias, como Ixtlilxochitl II foi representado nas *Cartas y relaciones* de Hernán Cortez, na *Historia de las Indias* de Diego Durán, no Fragmento número 2 do *Códice Ramírez* de autoria desconhecida e nas *Obras Históricas* de don Fernando de Alva Ixtlilxochitl, trineto do líder conquistador texcocano. Sendo assim, investigamos a representação do personagem no âmbito do protagonismo, na atuação durante as guerras, no combate à idolatria e em relação à sua fidelidade aos aliados espanhóis. A partir das análises, baseadas no conceito de representação e nas metodologias da análise de conteúdo e análise do discurso, criamos um diagrama de Venn que demonstra, visualmente, as semelhanças e particularidades dessas representações nas fontes. Com isso, constatamos que a interseção de todas as obras indica que Ixtlilxochitl II foi protagonista indígena da conquista, além de um capitão valente e temido. Por outro lado, a interseção do

Códice e das *Obras Históricas* demonstrou que essas duas fontes possuem mais especificidades representacionais sobre o texcocano, devido a ele figurar como protagonista em geral dos acontecimentos entre 1519 e 1521. Dessa forma, sendo protagonista indígena ou se sobressaindo em relação à atuação dos espanhóis, todas as fontes destacam a importância de Ixtlilxochitl II, em algum âmbito, na conquista de México-Tenochtitlan.

Baseando-se no aporte teórico-metodológico, evidenciamos que essas representações não foram por acaso, mas escolhas autorais, baseadas em tradições históricas distintas. Conforme apontado no primeiro capítulo, ao discutir a produção e as bases históricas de cada fonte, percebe-se que, ao menos a *Historia de las Indias*, o Fragmento número 2 do *Códice* e as *Obras Históricas* fundamentam-se em relatos e documentos texcocanos. Mesmo que não usem somente fontes desta cidade, mas também a Bíblia, as cartas de Cortez, relatos de outros *altepeme* e autores espanhóis, há passagens em que fica clara a fundamentação na história texcocana, como quando a cidade ou Ixtlilxochitl II são representados como essenciais para a conquista. O texto de Durán, por exemplo, embora enuncie os espanhóis como os verdadeiros conquistadores, não deixa de indicar a importância dos indígenas no processo de tomada de México-Tenochtitlan, sendo Ixtlilxochitl II um personagem com muito destaque. Fernando de Alva, descendente do conquistador texcocano, molda-o como a peça principal nas guerras e nos jogos de influência, ainda que cite a importância dos espanhóis para a criação de um novo mundo no Vale do México. O Fragmento número 2, provável rascunho da *Relación Decimatercera* de Fernando, segue o mesmo viés, mesmo que em pouquíssimas páginas: Ixtlilxochitl II e Texcoco são o centro narrativo da história da conquista. Ainda que essas duas obras admitam que a derrocada do “Império Asteca” tenha começado com a chegada dos espanhóis, ela só foi concretizada com a ação dos texcocanos, principalmente de Ixtlilxochitl II.

Por último, Cortez menciona Ixtlilxochitl II, assim como outros indígenas aliados, tanto para agradecê-los pela ajuda quanto para demonstrar o poder que exercia sobre o território e o impacto da chegada dos espanhóis e do cristianismo na vida dos nativos, capaz de salvá-los da idolatria e tirania imposta pelos tenochcas. O espanhol recorre à sua própria memória para escrever os relatos, nos quais podemos observar a influência da tradição hispânica e cristã, sendo ele o protagonista dos eventos, recebendo a ajuda de Deus e dos indígenas. Desta forma, Ixtlilxochitl II é apresentado como um entre muitos aliados, sem espaço para mais do que duas citações breves, sendo um coadjuvante na conquista

orquestrada pelo marquês, aspecto divergente dos textos escritos pelo descendente do texcocano.

Nesse sentido, além das disputas narrativas, encontramos lutas de representações nos textos, denotando a cada personagem identidades, seja de protagonista ou coadjuvante, a depender de quem e por que tenha escrito. Além disso, o aspecto múltiplo e complexo sobre as representações de Ixtlilxochitl II indica a importância da conquista para diferentes sujeitos nas dinâmicas do mundo moderno, seja para aqueles que se consideravam conquistadores (Cortez), religiosos (Durán) ou os que buscavam a reafirmação de suas linhagens em troca de mercês (Fernando de Alva).

CONSIDERAÇÕES FINAIS. ENUNCIÇÕES E SILÊNCIOS: UM JOGO DE PODER

Para esta pesquisa, tivemos como objetivo analisar as representações da cidade de Texcoco e Ixtlilxochitl II no contexto da conquista de México-Tenochtitlan (1519-1521) em quatro fontes coloniais, produzidas em espanhol, na Nova Espanha, durante o início do século XVI até o XVII. A análise baseou-se no aporte teórico-metodológico da análise do discurso e análise de conteúdo, além da noção de representação, para que assim pudéssemos identificar e explorar as diferentes representações da cidade e do personagem e quais estratégias discursivas foram empregadas em cada texto.

Dividida em quatro partes, a dissertação se inicia com um capítulo que introduz um debate historiográfico breve acerca da cidade e do personagem — visto que praticamente não há estudos em língua portuguesa sobre o tema —, além da apresentação, discussão e justificativa das fontes. Na primeira parte do capítulo, apresentamos que, embora haja um número considerável de trabalhos recentes sobre Texcoco no período colonial, em comparação a México-Tenochtitlan, torna-se uma região ainda pouco explorada. Todavia, vale ressaltar que os recentes estudos demonstram a importância da cidade para o estabelecimento da política no centro do Vale do México antes da chegada dos espanhóis e na tomada de México-Tenochtitlan. Por outro lado, ainda que a cidade tenha ganhado mais destaque ao longo dos últimos 40 anos, Ixtlilxochitl II, citado como o grande líder guerreiro do *altepetl* durante as guerras hispano-indígenas em diversas fontes, não figura como objeto de pesquisa, tornando a escrita sobre o personagem ainda mais difícil.

Em relação às fontes, primeiramente discutimos sobre quais tipologias textuais lidamos, tais como cartas relatórias, crônicas e histórias, e quais as suas características naquele contexto. A partir disso, nos aprofundamos melhor sobre as *Cartas y relaciones*, a *Historia de las Indias*, o Fragmento número 2 do *Códice Ramírez* e as *Obras Históricas*. Ao apresentar os autores e o tema das obras, analisamos o contexto de produção, a narrativa empregada e seus objetivos, para que assim o leitor compreendesse, ao longo da análise discursiva, as escolhas dos autores e a influência das tradições históricas nos textos. Além disso, justificamos o uso das fontes, pois todas possuem menções a Texcoco e Ixtlilxochitl II, denotando a eles uma relevância para a conquista. Contudo, as representações são contrastantes ao comparar os discursos, tornando a análise ainda mais rica ao perceber como os processos discursivos diferem conforme as tradições históricas.

No segundo capítulo, contextualizamos a história do *altepetl* desde a formação da Tríplice Aliança, no século XV, até os primeiros anos do século XVII. Nosso objetivo foi apresentar a trajetória da cidade até o período colonial, já que, como apontado no capítulo anterior, não há trabalhos em português sobre a região. Logo, julgamos importante um capítulo reservado a isso para que os leitores conhecessem melhor o tema e compreendessem a importância e a participação da cidade durante a conquista e as transformações no período colonial. Para isso, discutimos os aspectos geográficos, econômicos, políticos e sociais do *altepetl* em relação a outros *altepeme*, tais como Azcapotzalco, México-Tenochtitlan ou outros territórios de Acolhuacan. Diante disto, pudemos observar as relações conflituosas no Vale do México, a ascensão e disputas internas e externas durante a Tríplice Aliança, a importância dos casamentos e do sistema de sucessão. Seguimos para a crise em Texcoco, que gerou a revolta de Ixtlilxochitl II, a aliança da cidade com os espanhóis e as posteriores consequências da colonização. Por fim, concluímos que a região foi muito importante para a história pré-colonial e colonial, sendo a segunda mais poderosa da Tríplice Aliança e uma das principais aliadas dos espanhóis, o que rendeu à cidade e à nobreza indígena e seus descendentes alguns privilégios. Logo, a partir dessa contextualização, conseguimos compreender a construção da aliança entre os texcocanos e espanhóis, a situação da nobreza indígena e mestiça durante a colonização — em especial, em Texcoco — e como isso influenciou a produção de histórias e crônicas, como as de Fernando de Alva.

Após toda a discussão bibliográfica, documental e histórica sobre o tema, iniciamos as análises das fontes no Capítulo 3, no qual investigamos as representações sobre o protagonismo de Texcoco e como a construção desse protagonismo no *Códice* e nas *Obras Históricas* revela uma depreciação a Tlaxcala. De início, contextualizamos o que foi Tlaxcala, sua relação política e econômica com a Tríplice Aliança, a união com os espanhóis e as mudanças no primeiro século de colonização. Com isso, foi possível entender a rivalidade histórica entre as cidades e o fato de Tlaxcala ser considerada a maior aliada dos espanhóis. Feitas essas observações, primeiramente analisamos se Texcoco foi considerada a principal aliada dos hispânicos nas fontes. Por conseguinte, percebemos que a cidade foi representada como a principal aliada pelo *Códice* e pelas *Obras Históricas*, enquanto nas *Cartas* e na *Historia de las Indias* não, ainda que seja uma das cidades mais importantes. Segundo a narrativa cortesiana, Tlaxcala se sobressai, ao passo que Durán descreve sempre muitos grupos indígenas, o que nos fez considerar que não há a representação de uma cidade principal no texto do dominicano. No entanto, podemos considerar que Texcoco e Tlaxcala

são classificadas como fundamentais para a conquista a partir das representações sobre as constantes ajudas e fornecimento de exércitos de ambos os *altepeme*.

O segundo ponto do capítulo foi analisar a peculiaridade dos discursos do *Códice* e das *Obras*. Ao longo da pesquisa, percebemos que o processo discursivo de ambas as fontes produz uma contraposição entre uma imagem de Texcoco protagonista e Tlaxcala coadjuvante. Mais do que isso, Texcoco não é somente a conquistadora de México-Tenochtitlan, como também mais justa, leal, empática e moral do que Tlaxcala, a cidade que rouba, mente, se vinga, é covarde e nunca se satisfaz. Com isso, começamos a perceber, ainda mais, a influência da tradição histórica texcocana na defesa de Texcoco como protagonista das guerras, inserindo nos textos uma nova versão da conquista: Tlaxcala não foi a principal aliada dos espanhóis. Ao supostamente desmentir e recriar a perspectiva tradicional do evento, os escritores — ou o escritor — retiram Tlaxcala do posto de conquistadora e põem Texcoco, mediante à estratégia discursiva de desacreditar a rival histórica e reelaborar a memória sobre a conquista, em um contexto no qual Fernando de Alva buscava a legitimação de si e de sua família por meio dos antepassados texcocanos.

No quarto e último capítulo, desenvolvemos o exame das representações de Ixtlilxochitl II nas mesmas fontes. Com isso, analisamos como o personagem é descrito nos textos a partir das categorias de protagonista, da atuação nas guerras, do combate à idolatria e da fidelidade aos espanhóis. A partir de então, concluímos que o personagem é protagonista da conquista no *Códice* e nas *Obras Históricas*, enquanto nas *Cartas* e na *Historia de las Indias* ele é um protagonista ameríndio. Ou seja, dentre os indígenas, ele torna-se um dos atores mais importantes, mas, em comparação com os espanhóis, ele é um dentre os muitos aliados nativos.

Em relação à atuação nas guerras, todas as fontes descrevem o texcocano como um guerreiro valente e que possuía um grande exército. Por outro lado, somente o *Códice* e as *Obras* detalham como ele combateu a idolatria e foi defensor do cristianismo. E, por fim, todas as fontes também apresentam que Ixtlilxochitl II foi fiel aos espanhóis. Todavia, no *Códice* e nas *Obras* esse aspecto é muito mais enfatizado, relatando por diversas vezes como o texcocano salvou a vida dos espanhóis, prendeu seus irmãos e até lutou contra seus parentes, sem nunca abandonar os estrangeiros.

Sendo assim, novamente a influência da tradição histórica se mostrou fundamental para a compreensão de como o texcocano foi representado nos textos. Enquanto nas *Cartas* o personagem é mencionado de forma relevante somente uma vez, na *Historia de las Indias* ele

aparece mais vezes, sendo descrito como um grande guerreiro e amigo de Cortez. Já no *Códice* e nos textos das *Obras* que narram a conquista, ele é o grande personagem, sendo o verdadeiro conquistador de México-Tenochtitlan, que, em um dos momentos mais emblemáticos, subiu no *Templo Mayor* da cidade e destruiu Huitzilopochtli, deus pagão e patrono dos mexicas, com Cortez.

Ao longo da dissertação, vimos que o sistema político e social no Vale do México era marcado por conquistas, conflitos, alianças e guerras. O fato de que indígenas se aliaram aos espanhóis não deveria ser surpreendente, dada a natureza multifacetada dessa realidade. No entanto, a existência dessas alianças ainda gera discussões, muitas vezes mobilizadas para desacreditar as identidades étnicas indígenas. Como apontado por John Manuel Monteiro, “Há, desde longe, um binômio clássico que opõe um tipo de índio resistente a um colaborador.” (Monteiro, 1999, p. 239). Sendo assim, pretendemos nos afastar de uma interpretação dual ao analisar as representações coloniais da participação de Texcoco e Ixtlilxochitl II nas guerras de conquista.

Além da mais conhecida aliança entre os espanhóis e tlaxcaltecas, Eduardo Natalino dos Santos cita que os maias cakchiquéis propuseram uma aliança com os espanhóis ao verem a oportunidade de se livrar de seus inimigos quichés. No entanto, esses acordos não aconteceram somente fora dos povos mexicas, já que eles também atuaram ao lado dos espanhóis após a queda de México-Tenochtitlan (2014, p. 225 e 227). Logo, concordo com o historiador quando o mesmo argumenta que “parece-nos fundamental perceber que as cidades e entidades políticas mesoamericanas não foram vítimas de um processo levado a cabo apenas pelos castelhanos e suas instituições.” (2014, p. 230). Todavia, cabe ressaltar que essa percepção não exclui o processo violento e complexo de colonização que, ao mesmo tempo, concedia privilégios e diminuía o poder dos indígenas, principalmente dos nobres.

Matthew Restall, por exemplo, critica a visão dos espanhóis como os únicos conquistadores. No terceiro capítulo do livro *Los Siete Mitos de la Conquista Española*, o autor se concentra em mostrar trajetórias de homens negros, livres e escravos que também foram conquistadores, além dos espanhóis e indígenas (2004, p. 82-106). Estes últimos, inclusive, pelo menos no primeiro século, formavam a maioria do contingente militar nas lutas de conquista.

Estranha-se muitas vezes quando falamos sobre guerras entre indígenas ou de como indígenas e europeus conquistaram, ombro a ombro, territórios americanos. No entanto, o mesmo não ocorre quando tratamos de guerras europeias. Não é comum, nesse âmbito,

encontrarmos discussões que considerem os europeus povos homogêneos. Em outras palavras, isso também é uma maneira de desumanizar os indígenas. Nessa perspectiva, Miguel Alberto Bartolomé (2006) demonstra, por meio do conceito de etnogênese⁷³, como as culturas são fluídas e adaptáveis. Refletir sobre diferentes povos, não como seres completamente formados e fixos em seus espaços e costumes, faz com que ampliemos nossos olhares para compreendermos melhor as dinâmicas coloniais. Dessa forma, compactuo também com as palavras de Fredrik Barth, quando ele argumenta que:

Em primeiro lugar, torna-se claro que as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções entre categorias étnicas não dependem da ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, apesar das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, estas distinções são mantidas. [...] Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais mas, ao contrário, são freqüentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos. A interação dentro desses sistemas não leva à sua destruição pela mudança e pela aculturação: as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias. (2000, p. 26)

Sendo assim, Ixtlilxochitl II não foi menos nahua, asteca, texcocano e indígena quando atravessou a fronteira étnica dos europeus. Além disso, pertencer a uma determinada etnia e cultura não o impediu de fazer a sua escolha política como sujeito. De toda forma, o texcocano tomou partido na disputa sucessória da cidade bem antes da chegada dos espanhóis. Justamente por iniciar uma revolta em seu *altepetl* entre 1515 e 1516, Ixtlilxochitl II não parece ter sido manipulado por Cortez, como Tzvetan Todorov acredita ter ocorrido com todos os indígenas durante a conquista de México-Tenochtitlan (2003). Assim como Restall aponta, Cortez aportou em terras que estavam vivenciando guerras civis antes mesmo de sua chegada (2004, p. 83-86).

Dessa forma, percebemos como a participação texcocana nas guerras reverberou durante o primeiro século do período colonial. Ao escolher analisar as narrativas sobre Ixtlilxochitl II e Texcoco, observamos como ambos se tornaram pilares da tradição histórica texcocana para viabilizar uma série de conquistas legais à nobreza local ou a seus

⁷³ Segundo o debate de Bartolomé, o conceito de etnogênese já é utilizado na antropologia desde, pelo menos, a década de 1970 (2006, p. 52). O conceito pode significar diferentes fenômenos culturais, por isso ele escreve no plural. Desse modo, etnogênese pode ser utilizada para nomear configurações de coletividades e emergências étnicas, como o ressurgimento de grupos já considerados extintos ou o surgimento de novos. No fim, “A etnogênese, ou melhor, as etnogêneses referem-se ao dinamismo inerente aos agrupamentos étnicos, cujas lógicas sociais revelam uma plasticidade e uma capacidade adaptativa que nem sempre foram reconhecidas pela análise antropológica. Na verdade, a etnogênese foi e é um processo histórico constante que reflete a dinâmica cultural e política das sociedades anteriores ou exteriores ao desenvolvimento dos Estados nacionais da atualidade.” (Bartolomé, 2006, p. 40).

descendentes e perpetuar uma memória específica sobre a conquista, estratégia comum de lideranças nativas a partir da maior centralização hispânica na Nova Espanha após a segunda metade do século XVI. Vivendo sob novas regras, nobres indígenas descobriram formas de adaptar-se a um ambiente no qual perdiam arrecadações, terras e poder político. Sendo assim, aprenderam a transmitir suas histórias também por meio da língua espanhola e das convenções cristãs ocidentais.

A comparação entre textos de diferentes tradições históricas nos possibilitou identificar não somente a diferença no grau de intensidade e recorrências de citações à cidade e ao personagem, mas também a construção de discursos enaltecedores ou não a ambos. Ainda que todas as obras descrevam o mesmo evento, nos textos com uma base discursiva mais tipicamente hispânica (*Cartas e Historia de las Indias*), a cidade e o personagem não são centrais na narrativa, embora na *Historia de las Indias* ambos tenham mais destaque, pelo fato de Durán ter se baseado consideravelmente em fontes nahuas, incluindo texcocanas. Por outro lado, o Fragmento número 2 do *Códice* e as *Obras Históricas*, essencialmente texcocanas, destacam Texcoco como a principal cidade indígena conquistadora, tendo Ixtlilxochitl II como o seu maior expoente, atuando em todas as frentes da conquista. Indo além, as duas últimas fontes ainda debatem a participação de Tlaxcala, de forma a diminuir ou, em certos momentos, negar a participação desta cidade e de seus habitantes na conquista, transmitindo uma nova história da conquista, sendo Texcoco o centro da vitória, a cidade merecedora de atenção e recompensas durante a colonização.

Conclui-se, nesse sentido, que a conquista de México-Tenochtitlan foi utilizada, mesmo após quase um século de sua ocorrência, como conteúdo central em algumas histórias como forma de justificar a importância de um *altepetl* ou etnia na obtenção de privilégios. Isto posto, essas disputas memorialísticas sobre um passado recente evidenciam as lutas de representações entre diferentes agentes na Nova Espanha. Portanto, textos de tradição histórica texcocana também fizeram parte desse conjunto de fontes que consideraram a tomada de México-Tenochtitlan uma conquista indígena, especificamente texcocana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

Códice Ramírez. In: Tezozomoc, H. A. D. **Crónica mexicana**. Orozco y Berra, Manuel (org.). México, DF: Editorial Porrúa, 1987.

Cortés, H. **Cartas y relaciones de Hernan Cortés al emperador Carlos V**. Gayangos, don Pascual de (org.). Paris: Imprenta Central de los Ferro-Carriles A. Chaix y Ca, 1866.

Durán, Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e islas de Tierra Firme**: Tomo I. Ramírez, José Fernando (org.). México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1867.

Durán, Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e islas de Tierra Firme**: Tomo II. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1880.

Durán, Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e islas de Tierra Firme**: Atlas. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1880.

Ixtlilxochitl, D. F. A. **Obras históricas de Don Fernando de Alva Ixtlilxochitl**. Tomo I: Relaciones. Chavero, Alfredo (org.). México: Oficina Tip. de la Secretaria de Fomento, 1891.

Ixtlilxochitl, D. F. A. **Obras históricas de Don Fernando de Alva Ixtlilxochitl**. Tomo II: Historia Chichimeca. Chavero, Alfredo (org.). México: Oficina Tip. de la Secretaria de Fomento, 1892.

Sites/Links

¿Cuál fue el origen de Ciudad Neza, el municipio más unido de México?. **Heraldo de México**, 22 de abr. de 2021. Disponível em: <https://heraldodemexico.com.mx/nacional/2021/4/22/cual-fue-el-origen-de-ciudad-neza-el-municipio-mas-unido-de-mexico-fotos-287609.html>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

Así es el NUEVO billete de 100 pesos; te decimos cuál saldrá de circulación. **Heraldo de México**, 3 de fev. de 2021. Disponível em: <https://heraldodemexico.com.mx/economia/2021/2/3/asi-es-el-nuevo-billete-de-100-pesos-te-decimos-cual-saldra-de-circulacion-252577.html>. Acesso em: 10 de jan. 2025

Bérchez, Joaquín. González, Miguel. **Museo Nacional del Prado**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/artista/gonzalez-miguel/d788612a-7a16-498a-a127-656e1baed2bf>. Acesso em: 20 de set. 2025.

Códice Ramírez. [XVI]. (Manuscrito). Disponível em: <https://bibliotecadigital.inah.gob.mx/janium-bin/detalle.pl?Id=20251222161525>. Acesso em: 16 de out. 2025.

Ixtlilxochitl, Fernando de Alva; Chimalpahin, Domingo de San Antón Muñón. **Códice chimalpahin**. [XVI-XVII]. (Manuscrito). Disponível em: <https://www.codicechimalpahin.inah.gob.mx/index.php>. Acesso em: 16 de out. 2025.

López, Analú. The Codex Zempoala: Asserting Indigenous Rights, **The Newberry**, 12 de mai 2021. Disponível em: <https://www.newberry.org/blog/the-codex-zempoala-asserting-indigenous-rights>. Acesso em: 06 de out. 2025.

Sánchez, Ernesto S. El sitio de los bergantines de 1521 en Texcoco. Una revisión bibliográfica de su ubicación. **Texcoco en el Tiempo**, n.º 002, 19 de abr. 2021. Disponível em: <https://www.texcocoeneltiempo.org/el-sitio-de-los-bergantines-de-1521-en-texcoco-una-revisi-on-bibliografica-de-su-ubicacion/>. Acesso em: 10 de jun. 2024.

Series of the Conquest of Mexico, **Museo del Prado**. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/series-of-the-conquest-of-mexico/c7b8fe6e-4e5f-4064-a394-9247ba6ee10a?searchid=817e8fc0-a108-1022-5643-c90f9fa8036e>. Acesso em: 20 de set. 2025.

Tovar, Juan de. **Historia de Mexico with the Tovar calendar**. Coleção Elizabeth Philipps e Jay I. Kislak Collection. 1830. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/2007581897>. Acesso em: 16 de out. 2025.

Bibliografia

Añón, Valeria; Battcock, Clementina (eds.). **Se debe leer con gran cautela**. Compendio histórico de los reyes de Tetzco de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. México: Secretaría de Cultura, INAH, 2023.

Baendereck, Bruno. **Os mexicas em época de Conquista**: Enunciações de sua alteridade pelos espanhóis e tezcocanos. 2010. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

Barros, José D. **Os Conceitos**: seus usos nas ciências humanas. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

Barth, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Lask, Tomke (org.). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. (Coleção Typographos).

Bartolomé, Miguel Alberto. As etnogêneses: velhos atores e novo papéis no cenário cultural e político. **Mana**, vol. 12, n. 1, 39-68, 2006.

Battcock, Clementina; López, Jhonnatan Alejandro Zavala. Las disputas por las memorias de la conquista: la crónica de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Memoria Americana. Cuadernos de Etnohistoria**, v. 30, n. 1, p. 46-66, jun. 2022.

Battcock, Clementina; Vásquez Galicia, Sergio Ángel. El protagonismo de Tetzco en la Conquista a través del lente de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. **Estudios de Historia Novohispana**, [S.l.], ano 41, n. 66, p. 153-184, fev-jun. 2022.

Battcock, Clementina; Vargas, Paloma. El manuscrito. In: Battcock, Clementina; Vargas, Paloma. **El Códice Ramírez**: Hallado, casi perdido, publicado (1493-1892). México: Fondo de Cultura Económica; Conahcyt. 2024. (Colección Antropología). p. 11-44.

Baudot, Georges; Todorov, Tzvetan. (Orgs.). **Relatos astecas da conquista**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

Benton, Bradley. Beyond the Burned Stake: The Rule of Don Antonio Pimentel Tlahuitoltzin in Tetzaco, 1540–45. In: Lee, J; Brokaw, G. (eds). **Texcoco**: Prehispanic and colonial perspectives. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014. p. 183-200.

Benton, Bradley. **The lords of Tetzaco**: The transformation of indigenous rule in postconquest Central Mexico. New York: Cambridge University Press. 2017. (Series Cambridge Latin American studies).

Bornemann, Margarita M. **Del Señorío a la República de indios**. El caso de Toluca: 1500-1600. Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 1991. (Serie Estudios).

Bourdieu, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

Brian, Amber. The Alva Ixtlilxochitl Brothers and the Nahua Intellectual Community. In: Lee, J; Brokaw, G. (eds). **Texcoco**: Prehispanic and colonial perspectives. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014. p. 201-218.

Brian, A.; Benton, B.; Loaeza, P. G. (Eds). **The Native Conquistador**: Alva Ixtlilxochitl's Account of the Conquest of New Spain. Latin American Originals. University Park: Pennsylvania State University Press, 2015.

Cardoso, Ciro F. Introdução: uma opinião sobre as representações sociais. In: Cardoso, Ciro F.; Malerba, Jurandir (orgs.). **Representações**: Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000. (Coleção Textos do Tempo). p. 9-39.

Castañeda de la Paz, María. The Texcoco Coat of Arms. **Etnohistory**, v. 69, no 2, p. 163-195, 2022.

Centeno, Andrés; Zavala, Jhonnatan. Un atado de manuscritos: los fragmentos 1 y 2 del Códice Ramírez. In: Battcock, Clementina; Vargas, Paloma. **El Códice Ramírez**: Hallado, casi perdido, publicado (1493-1892). México: Fondo de Cultura Económica; Conahcyt. 2024. (Colección Antropología). p. 55-67.

Chartier, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

Chartier, Roger. Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: Chartier, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Portugal: Difel, 2002. (Coleção Memória e Sociedade). p. 13-28.

Chávez, Raúl García; Segura, Natalia Moragas. Historia y arqueología de la formación del *altepetl* en la Cuenca de México durante el Posclásico Medio. **Revista Española de Antropología Americana**, v. 47, p. 219–238, 16 out. 2018.

Costa, Pedro Ivo Prado da. **Los Enemigos de Casa**: A disputa por hegemonia entre a Tríplice-Aliança encabeçada pelos mexica e a confederação tlaxcalteca (c.1400-1519). 2025. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

Couch, N. C. Christopher. The Codex Ramirez: copy or original? **Estudios de Cultura Náhuatl**, v. 21, p. 109-125, 1991.

Diel, Lori B. The *Mapa Quinatzin* and Texcoco's Ideal Subordinate Lords. In: Lee, J; Brokaw, G. (eds). **Texcoco**: Prehispanic and colonial perspectives. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014. p. 117-146.

Fernández-Carrión, Miguel Héctor. Antonio Solís y Rivadeneyra. **Real Academia de la Historia**, 2022. Disponível em: <https://historia-hispanica.rah.es/biografias/42086-antonio-solis-y-rivadeneyra>. Acesso em: 22 de set. 2025.

Franco, Glorinela Gonzalez. **Tetzcuco**: un siglo de vida Novohispana. 1974. 248 f. Tese (Licenciatura) — Curso de História, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autonoma de Mexico, D. F., 1974.

Gibson, Charles. **Tlaxcala in the Sixteenth Century**. New Haven: Yale University Press. 1952.

Gibson, Charles. **Los aztecas bajo el dominio español (1519-1810)**. 7ª ed. México: Siglo Veintiuno. 1983.

Hartog, François. **O Espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

Hicks, Frederic. "Tetzcuco in the early 16th century: the state, the city, and the *calpolli*". **American Ethnological Society**, v. 9, n.o 2, p. 230-249, 1982.

Horcasitas, F. Los descendientes de Nezahualpilli: Documentos del cacicazgo de Tetzcuco (1545-1855). **Estudios de Historia Novohispana**, [S. l.], v. 6, n. 006, pp. 145-185, 1978.

Leal, Luis. El Códice Ramírez. **História Mexicana**, vol. 3, nº 1, p. 11-33, jul. - aug., 1953.

Lee, J.; Brokaw, G. Texcocan Studies Past and Present. In: Lee, J; Brokaw, G. (eds). **Texcoco**: Prehispanic and colonial perspectives. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014. p. 1-24.

Lee, J. Aztec Triple Alliance: A Colonial Transformation of the Prehispanic Political and Tributary System. In: Lee, J; Brokaw, G. (eds). **Texcoco**: Prehispanic and colonial perspectives. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014. p. 63-92.

Lesbre, Patrick. Indígenas de Tezcoco en el primer siglo de la colonización. In: Máynez, Pilar. (ed.). **El mundo indígena desde la perspectiva actual**. Vol. II. Aproximación multidisciplinaria. México: Editorial Grupo Destiempos, 2013, p. 140-169.

Lewis, Leslie. In Mexico City's Shadow: Some Aspects of Economic Activity and Social Processes in Texcoco, 1570-1620. In: Altman, Ida; Lockhart, James. (eds.). **Provinces of Early Mexico: Variants of Spanish American Regional Evolution**. Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications; University of California. 1976. (UCLA Latin American Studies), p. 125-136.

Lienzo de Tlaxcala. Morales, Luis Manuel Vásquez (ed.). Tlaxcala: Sociedad de Historia, Educación y Cultura de Tlaxcala A.C., 2019.

Loaeza, Pablo García. Fernando de Alva Ixtlilxochitl's Texcocan Dynasty Nobility, Genealogy, and Historiography. In: Lee, J; Brokaw, G. (eds). **Texcoco: Prehispanic and colonial perspectives**. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014. p. 219-242.

Lockhart, James. **Los nahuas después de la conquista**: Historia social y cultural de los indios del México central, del siglo XVI al XVIII. México: Fondo de Cultura Económica. 1999.

López, Javier Eduardo Ramírez. Tezcoco en el proyecto lingüístico e histórico de los Franciscanos y jesuitas, 1523-1634. In: López, Javier Eduardo Ramírez (coord.). **De Catemahco a Tezcoco: origen y desarrollo de una ciudad indígena**. Texcoco: Diócesis de Texcoco A. R., 2017. p. 119-160.

López, Javier Eduardo Ramírez. Cacicazgo, religión y sociedad mestiza de Tezcoco, 1600-1790. In: López, Javier Eduardo Ramírez (coord.). **De Catemahco a Tezcoco: origen y desarrollo de una ciudad indígena**. Texcoco: Diócesis de Texcoco A. R., 2017. p. 219-260.

Martínez, Héctor A. Costilla. **Fernando de Alva Ixtlilxóchitl y la reconstrucción de la grandeza texcocana**. Escritura híbrida y discurso épico en Historia de la nación chichimeca. Puebla, México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, Facultad de Filosofía y Letras. 2018.

Matthew, Laura E.; Oudijk, Michel R. (eds.). **Indian Conquistadors: Indigenous Allies in the Conquest of Mesoamerica**. EUA: University of Oklahoma Press; Norman, 2007.

Medrano, Ethelia Ruiz. Don Carlos de Tezcoco and the Universal Rights of Emperor Carlos V. In: Lee, J; Brokaw, G. (eds). **Texcoco: Prehispanic and colonial perspectives**. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014. p. 165-182.

Mignolo, Walter. El Metatexto Historiográfico y la Historiografía Indiana. **MLN**, v. 96, nº. 2, p. 358-402, 1981.

Mignolo, Walter. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: Íñigo-Madrigal, Luis (coord.). **Historia de la Literatura Hispanoamericana**. Tomo I: Época colonial. Madrid: Cátedra. 1982. p. 57-103.

Monteiro, John Manuel. Armas e armadilhas. In: Novaes, Adauto (org.) **A outra margem do Ocidente**. São Paulo. Companhia das Letras, 1999, p. 237-250.

Montoya, Alejandra Dávila. **La conquista de Mexico en la relacion del origen de los indios que habitan en esta Nueva España segun sus historias, del Padre Juan de Tovar**. 2005. 192 f. Tesis (Licenciatura) - Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2005.

Navarrete, Federico. Las historias tlaxcaltecas de la conquista y la construcción de una memoria cultural. **Iberoamericana**, vol. 19, no. 71, pp. 35-50, 2019.

Navarrete, Federico. **¿Quién conquistó México?** Ciudad de México: Penquin Random House Grupo Editorial, 2019. *Ebook*. Disponível em: https://www.amazon.com.br/gp/product/B07ZJYBSNZ/ref=ppx_yo_dt_b_d_asin_title_351_o03?ie=UTF8&psc=1. Acesso em: 27 de mar. 2025.

Novillo, Carlos Santamarina. **El sistema de dominación azteca**: el império tepaneca. 2005. 643 f. Tese (Doutorado) — Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2005.

O’Gorman, Edmundo. Estudio introductorio. In: Ixtlilxóchitl, Fernando de Alva. **Obras Históricas**. Tomo I. O’Gorman, Edmundo (ed.). México: Universidade Nacional Autónoma de México. 1975. p. 1-257.

O’Gorman, Edmundo. Apéndice documental. In: Ixtlilxóchitl, Fernando de Alva. **Obras Históricas**. Tomo II. O’Gorman, Edmundo (ed.). México: Universidade Nacional Autónoma de México. 1985. p. 267-402.

Oudijk, Michel R.; Restall, Matthew. Mesoamerican Conquistadors in the Sixteenth Century. In: Matthew, Laura E.; Oudijk, Michel R. (eds.). **Indian Conquistadors**: Indigenous Allies in the Conquest of Mesoamerica. EUA: University of Oklahoma Press; Norman, 2007. p. 28-63.

Orlandi, Eni P. **Análise de discurso**: Princípios & Procedimentos. 10ª Ed. São Paulo: Pontes, 2012.

Offner, Jerome A. **Law and politics in Aztec Texcoco**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

Pereira, Dayane Menezes de Oliveira. **Poder e adaptações culturais nas crônicas de Fernando de Alva Ixtlilxóchitl**: a legitimação social e política das elites indígenas de Texcoco (final do século XVI e início do XVII). 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

Reed, H. S. Ixtlilxochitl II e Cempoallan: A Preliminary Study of a Mexican Picture-Chronicle. **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 18, Nº. 1, pp. 66-75, Fev. 1938.

Reis, Anderson Roberti dos.; Fernandes, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. **Ideias**, vol. 13, n. 2, p. 25-41, 2006.

Restall, Matthew. **Los Siete Mitos de la Conquista Española**. Barcelona: Paidós, 2004.

Restall, Matthew. The New Conquest History. **History Compass**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 151-160, fev. 2012.

Restall, Matthew. **Cuando Moctezuma conoció a Cortés**: La verdad del encuentro que cambió la historia. México: Taurus. 2019. *Ebook*. Disponível em: <https://www.penguinlibros.com/es/tematicas/44587-ebook-cuando-moctezuma-conocio-a-cortes-es-9786073178266/fragmento>. Acesso em: 28 de jul. 2023.

Rojas-Rabiela, Teresa. Una lectura histórica del mapa de Azcapotzaltongo de 1578. **Agua y Territorio / Water and Landscape**, [S. l.], n. 5, p. 10-25, 2015.

Santos, Eduardo Natalino dos. As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha: guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. **História Unisinos**, vol. 18, n. 2, p. 218-232, mai./ago. 2014.

Serralta, Frédéric. Nueva biografía de Antonio de Solís y Rivadeneyra. **Críticón**, Toulouse, no 34, pp. 51-157, 1986.

Silva, Renato Denadai da. **As quimeras do cronista**: frei Diego Durán e a produção de uma crônica de Índias. 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

Spitler, Susan. The Mapa Tlotzin: preconquest history in Colonial Texcoco. **Journal de la Société des Américanistes**, v. 84, no 2, p. 71-81, 1998.

Steward, F.; Dufrenoy, J. Prof. H. S. Reed. **Nature**, v. 166, p. 586–587, 7 de out. 1950.

Szewczyk, David. M. New Elements in the Society of Tlaxcala, 1519-1618. In: Altman, Ida; Lockhart, James. (eds.). **Provinces of Early Mexico**: Variants of Spanish American Regional Evolution. Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications; University of California. 1976. (UCLA Latin American Studies), p. 137-153.

Todorov, Tzvetan. **A Conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Trouillot, Michel-Rolph. **Silenciando o passado**. Curitiba: Huya, 2016.

Townsend, Camila. Polygyny and the Divided Altepetl e Tetzcoacan Key to Pre-conquest Nahua Politics. In: Lee, J; Brokaw, G. (eds). **Texcoco**: Prehispanic and colonial perspectives. Boulder, Colorado: University Press of Colorado, 2014. p. 93-116.

Townsend, Camila. Introduction: The Evolution of Alva Ixtlilxochitl's Scholarly Life. **Colonial Latin American Review**, v. 23, no 1, p. 1-17, 2014.

Townsend, Camila. **El quinto sol**. Una historia diferente de los aztecas. México: Grano de Sal, 2021. *Ebook*. Disponível em: https://www.amazon.com.br/El-quinto-sol-historia-diferente-ebook/dp/B09DGR52HJ/ref=tm_m_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=&sr=. Acesso em: 01 de mar. de 2024.

Villar, Ernesto de la Torre. Diego García Panes y el Theatro de Nueva España. In: Yuste, Carmen. (coord.). **La diversidad del siglo XVIII novohispano**: homenaje a Roberto Moreno de los Arcos. México: Universidad Nacional Autónoma de México; Instituto de Investigaciones Históricas, 2000, p. 73-118.

Villella, Peter B. “For So Long the Memories of Men Cannot Contradict It”: Nahua Patrimonial Restorationism and the Law in Early New Spain. **Etnohistory**, v. 63, n. 4, p. 697-720, out. 2016.